

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia,
Letras & Ciências
Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-
Graduação em História
Social

*Cinema, Ideologia e
Representação: (Neo)
conservadorismo, Resistências
e Belicismo nos Estados
Unidos (1980 – 1990)
Michel Gomes da Rocha*

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras & Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Social

***Cinema, Ideologia e Representação: (Neo) conservadorismo, Resistências
e Belicismo nos Estados Unidos (1980 – 1990).***

Michel Gomes da Rocha

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R672c Rocha, Michel Gomes da
Cinema, Ideologia e Representação: (Neo)
conservadorismo, Resistências e Belicismo nos
Estados Unidos (1980 - 1990). / Michel Gomes da Rocha
; orientador Robert Sean Purdy. - São Paulo, 2015.
207 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. História dos Estados Unidos. 2. Direitos civis.
3. Representação da cidadania. 4. Ativismo Anti
guerra. 5. Neoconservadorismo e neoliberalismo. I.
Purdy, Robert Sean , orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: ROCHA, Michel Gomes da.

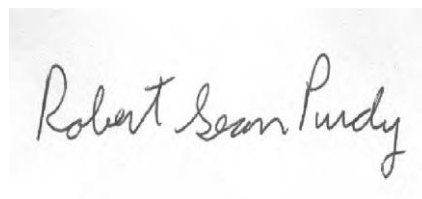
Título: *Cinema, Ideologia e Representação: (Neo) conservadorismo, Resistências e Belicismo nos Estados Unidos (1980 – 1990).*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social.

Área de concentração: História da Cultura

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

De acordo:



Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*À aquela que no filme da minha vida,
me deu os primeiros protagonistas.
Encenou em todas as alegrias,
estive firme ao meu lado em todas as tristezas.
Me ensinou valores como honra, justiça,
solidariedade, companheirismo e amor.
As circunstancias da vida só me mostraram,
que sem sombra de dúvidas, ela é
a atriz principal dessa história.*

*Nosso cinema conquistou o primeiro lugar no mundo.
Ele reflete nossa civilização para o estrangeiro.
As ideias, as aspirações e os ideais
de um povo livre e da própria liberdade.
Franklin Delano Roosevelt*

*O mito americano,
que tanto se aproveitou do acidente histórico,
é peculiarmente vulnerável a história.
Certamente que essa é uma das razões pelas quais
os americanos sempre recorreram à ameaça do juízo final
como um meio de revitalização social.
Sacvan Bercovitch*

*Michael Corleone: Vi uma coisa interessante hoje.
Um rebelde foi detido pela polícia militar.
Para não ser preso, ele explodiu uma granada que trazia na jaqueta.
Ele se matou e levou um capitão da polícia militar com ele.
Mas pensei: os soldados são pagos para lutar, os rebeldes não.
Hyman Roth: O que isso quer dizer?
Michael Corleone: Eles podem vencer.
O poderoso Chefão parte II – 1974.*

Agradecimentos

Finalizar este escrito foi uma realização pessoal tamanha. Como todo grande desafio, os percalços e limitações trouxeram superação e maturidade, me fazendo crer na filosofia de Heráclito, a vida é movimento, e nesse barco encontramos outros passageiros, que ora nos promovem oportunidades que sozinhos não conseguiríamos criar, ou nos falam às palavras que nos trazem alento para continuar a caminhada. Minha família foi um ponto de partida, o caminho e o porto seguro no qual tive por toda vida, e que foram essenciais estando tão longe fisicamente nesta experiência, mas tão perto e tão forte no coração, mas não posso simplesmente agradecer a eles, certa vez ouvi que amor não se agradece, se retribui. Então desejo saúde, e uma formidável trajetória onde nossos caminhos continuem com o elo que o forja.

Sou muito grato aos professores que tive oportunidade de conhecer e obter saberes na trajetória da pós graduação, ao meu orientador; o professor Sean Purdy, que além da orientação, leitura e críticas me abriu as portas da Universidade de São Paulo. Tenho grande carinho aos professores Eduardo Morettin e Mauricio Cardoso pelas contribuições no exame de qualificação, bem como ao professor Jorge Nóvoa que junto a Mauricio compuseram a banca de defesa do trabalho, e me deram algo tão singelo e único, reconhecimento. Agradeço aos que tive oportunidade de cursar disciplinas e me apresentaram novos horizontes; Zilda Iokoi, Ismail Xavier, Mary Junqueira, bem como aos professores de outras instituições, que em congressos além de indicações/ disponibilização de textos, me incentivaram, entre eles a professora Ana Paula Spini, Alexander Vianna, Flávio Trovão e de forma especial a Cecília Azevedo, que me aproximou de seu grupo de excelência com quem tenho mantido profícuos diálogos, de forma especial agradeço a Roberto Moll, Pedro Pinheiro e Alexandre Cruz.

Sou grato pelas trocas aos meus colegas de orientação Nanci, Michelly, Aline e de forma especial ao Alex, com quem tanto aprendi. Lembro ainda de pesquisadores que tanto me ajudaram; Flávio Francisco, Rodrigo Candido e Guilherme Vieira. Aos colegas de disciplinas, que para além do compromisso dos debates em sala, nutri a amizade, bem como aos que tive o prazer de conhecer na moradia da Universidade e nos espaços lúdicos desta, de forma especial ao Bruno, Thiago, Rafael, Sarah, Suzana, Simone, Yasmin, Otávio, Jean, Fernanda, Ivan, Samia, Jéssica, Fábio, Jurandir, Alexandre, Braian, Daniel, Mateus, Pedro e Vanessa. Guardo também com grande carinho os amigos de Recife, que sempre me recebiam de forma calorosa nas viagens de férias e sempre se mostraram preocupados e dispostos a me ajudar nos percalços da vida, de forma especial; José Marcelo, Josué, Pablo, Mariana, Cleide, Deise, Fred, Bruno, Henrique, Dayvson, Diego, Edmar, Pereira, Brayner, Hugo, e os grandes mestres que me incentivaram a voar para o sudeste; Christine, Lourival e Michel.

Resumo

Esta dissertação analisa o contexto político dos Estados Unidos e a representação da cidadania entre as décadas de 1980 e 1990. Através de quatro narrativas fílmicas produzidas em Hollywood, são elas: *Mississippi em chamas* (1988) do diretor Alan Parker; *Nascido em 4 de julho* (1989) do diretor Oliver Stone; *Um dia de fúria* (1993) do diretor Joel Schumacher e *Clube da luta* (1999) do diretor David Fincher, pretende-se conduzir o estudo do contexto político do país através dos seus produtos culturais. A primeira narrativa representa problemáticas acerca da segregação racial e a conquista dos direitos civis por negros, tema latente nos anos 1960, que são evocados mediante o contexto de crise desses movimentos sociais e a desarticulação do Estado de bem estar social nos anos 1980. A segunda narrativa representa a experiência do veterano da guerra do Vietnã e o ativismo político oriundo desta experiência, as culturas políticas em efervescência no período, bem como uma leitura que traga um novo lugar de memória para o veterano do Vietnã. A terceira narrativa representa o contexto de crise econômica proveniente do projeto de nação dos neoconservadores e neoliberais que ascenderam ao poder e como resultado de suas políticas houve um aumento da violência urbana, polarização social, bem como a tematização da crise do homem WASP. A quarta e ultima narrativa foi contemporânea de um movimento de diretores e intelectuais afinados com o liberalismo, que se aproximaram da representação da guerra e do sentido de identidade que este fenômeno forja para criticar a postura bélica que os governos anteriores empreenderam, fracassando, pela apropriação conservadora que estas narrativas também proporcionavam, foi visto nos Estados Unidos uma contundente crítica aos ideais do American Way of life e neste sentido, *Clube da luta* é uma destas produções, por trazer em suas imagens elementos da representação da cidadania no período.

Palavras chave: Direitos civis; Representação da cidadania; Ativismo antiguerra; Neoconservadorismo e Neoliberalismo; Crítica ao American way of life.

Abstract

This dissertation analyzes the US political context and the representation of the citizenship between the 1980s and 1990s. Through four filmic narratives produced in Hollywood, they are: *Mississippi Burning* (1988), director Alan Parker; *Born on the 4 of July* (1989), director Oliver Stone; *Falling down* (1993), director Joel Schumacher and *Fight Club* (1999), director David Fincher, it is intended to conduct a study of the political context of the country through its cultural products. The first narrative presents the problematic of the racial segregation and achievements of African-American Civil Rights movement, latent theme in the 1960s, which are evoked by the crisis of those social movements and the disarticulation of the welfare state in the 1980s. The second narrative is about a Vietnam war veteran experience and political activism arising from this experience, the effervescence of political cultures in the period, as well as a reading that brings a new place of memory to the Vietnam veteran. The third narrative represents the context of economic crisis coming from the national project of the neoconservatives and neoliberals who ascended to power and, as the result of their policies, there was an increase in urban violence, social polarization, and the theming of WASP man crisis. The fourth and final story was contemporary of a movement of officers and intellectuals sympathetic to liberalism, which approached the representation of war and sense of identity that this phenomenon forges to criticize the war posture that previous governments have undertaken, failing, for the conservative appropriation these narratives also afforded, it has been seen in the United States a scathing critique of the ideals of the American way of life and therefore, *Fight Club* is one of these productions, by bringing in its images elements of representation of citizenship in the period.

Keywords: Civil Rights; Representation of citizenship; Antiwar Activism; Neoliberalism and neoconservatism; Criticism to the American way of life.

Lista de Figuras

Figura 1: Mississippi em chamas - Jim Crow	94
Figura 2: Mississippi em chamas - Detetives	96
Figura 3: Mississippi em chamas - Investigação	98
Figura 4: Mississippi em chamas - Supremacia branca.....	98
Figura 5: Mississippi em chamas - KKK.....	99
Figura 6: Mississippi em chamas - Protestos	100
Figura 7: Mississippi em chamas - Prisões.....	100
Figura 8: Nascido em 4 de Julho - A infância de Ron.....	112
Figura 9: Nascido em 4 de Julho - A guerra como missão.....	113
Figura 10: Nascido em 4 de Julho - A escolha de Ron	115
Figura 11: Nascido em 4 de Julho - O front no Vietnã.....	115
Figura 12: Nascido em 4 de Julho - O suplicio no hospital.....	117
Figura 13: Nascido em 4 de Julho - O ativismo de Ron.....	120
Figura 14: Nascido em 4 de Julho - Ron e os liberais	121
Figura 15: Um dia de fúria - Vendedor Coreano.....	147
Figura 16: Um dia de fúria - Crise do multiculturalismo	147
Figura 17: Um dia de fúria - O pico da crise	149
Figura 18: Um dia de fúria - Crise de saúde.....	153
Figura 19: Um dia de fúria - Veterano de guerra	154
Figura 20: Um dia de fúria - Economicamente inviável	155
Figura 21: Um dia de fúria - Belicismo reaganista.....	156
Figura 22: Clube da luta - Narrador em sua casa com insônia	173
Figura 23: Clube da luta - Narrador no grupo de auto-ajuda.....	173
Figura 24: Clube da luta - Narrador e Tyler Durden	174
Figura 25: Clube da luta - Tyler	176
Figura 26: Clube da luta - "Temos que fazer isso mais vezes"	176
Figura 27: Clube da luta - Queimadura química	178
Figura 28: Clube da luta - As muralhas de Jericó.....	182

Lista de Siglas

AEI: American Enterprise Institute: Instituto Empresarial Americano

AIDS: Síndrome da Imunodeficiência adquirida

AFDC: Aid to Families with Dependent Children: Ajuda as Famílias com Crianças Dependentes.

BPOs: Business Policy Organizations: Organizações Políticas Empresariais.

CCC: Civilian Conservative Corps: Corpos Civis de Conservação.

CIO: Congress of Industrial Organizations: Congresso das organizações industriais.

CORE: Congress of Racial Equality: Congresso pela Igualdade Racial.

CWA: Civil Works Administration: Gestão de Trabalhos Civis.

ERA: Equal Rights Emendment: Emenda de Direitos Iguais

EUA: Estados Unidos da América

FBI: Federal Bureau of Investigation

FEPA: Fair Employment Practices Act: Lei de Práticas Trabalhistas Justas.

FERA: Federal Emergency Relief Administration: Gestão Federal de Socorro Emergencial.

FOR: Fellowship of Reconciliation: Sociedade de Reconciliação.

HIV: Vírus da Imunodeficiência humana

HUAC: House Special Committee on Un-American Activities: Comitê Especial da Câmara para Atividades Anti-Americanas.

KKK: Ku Klux Klan

LGBT: Lésbicas, gays, Bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. (LGBTTTT)

NAACP: National Association for the Advancement of Colored People: Associação nacional para o avanço de pessoas de cor.

NYA: National Youth Administration: Gestão Nacional de Jovens.

OEO: Office of Economic Opportunity: Secretaria de Oportunidade Econômica.

PIB: Produto Interno Bruto

POW: Prisoner of War: Prisioneiro de guerra.

PWA: Public Works Administration: Gestão de Trabalho Público.

SCLC: Christian Leadership Conference: Conferência das Lideranças Cristãs do Sul.

SNCC: Student Nonviolent Coordinating Committee: Comitê de Coordenação Estudantil sem Violência.

UAW: United Auto Workers: União dos Trabalhadores do automóvel.

WASP: White, Anglo-saxon and Protestant: Branco, anglo-saxão e protestante.

Sumário

Introdução	13
1. Capítulo - As transformações do Liberalismo e as políticas de promoção social no século XX	40
1.1 - A Cidadania no limiar do século XX, a condição do negro e o movimento Progressista.....	40
1.2 - O New Deal e o legado de promoção social	55
1.3 - A Grande Sociedade como grande projeto político nos anos 1960.....	65
2. Capítulo - Culturas Políticas em efervescência por Direitos Civis	74
2.1 - Nacionalismo e cultura política negra nos Estados Unidos dos anos 1960-70..	74
2.2 - Cultura política e dissenso; movimento gay e feminista nos anos 1960-80.....	83
2.3 - Percorso fílmico: Mississippi em Chamas	91
2.4 - Percorso fílmico: Nascido em 4 de julho	105
3. Capítulo - Cinema, Ideologia e Representação – (Neo) conservadorismo, resistência(s) e nacionalismo(s) nos anos 1980.....	123
3.1 - A formação do pensamento Neoconservador e a Política no limiar de 1980 ..	123
3.2 - <i>Reaganomics</i> e a desarticulação do Liberalismo.....	132
3.3 - A crise dos programas de assistência social e as consequências para as comunidades negras.....	136
3.4 - A perpetuação do Neoconservadorismo no Governo George Bush.....	141
3.5 - Percorso fílmico: Um dia de fúria	145
4. Capítulo - Cinema, Ideologia e Representação – Belicismo, política intervencionista e nacionalismo nos anos 1990.....	158
4.1 - Esperança de mudança; O Governo Bill Clinton e uma agenda popular	158
4.2 - Na sombra do Vietnã; o cinema e os episódios de glória da nação	163
4.3 - Percorso fílmico: Clube da luta	169
Considerações finais	183
Referencias Filmograficas	187
Referências Bibliográficas.....	189

Introdução

Em *Batman O cavaleiro das trevas ressurgue* (2012) o diretor Christopher Nolan encerra sua trilogia sobre o homem morcego. Nesta narrativa, os eventos se passam oito anos após a morte de Harvey Dent. Ressuscitando a Liga das Sombras, organização que preza pelo equilíbrio mundial e que julgou Gotham como corrompida, e que portanto, tinha que ser destruída, o diretor traz luz a um implacável vilão – Bane. Bruce Wayne vivia recluso desde que deixou de ser o Batman e passava por momentos difíceis também com sua empresa, ao encerrar um projeto de pesquisa com energia limpa, quando toma conhecimento que seu reator pode ser transformado em uma bomba atômica. Mesmo com a insistência de uma de suas diretoras que acredita no projeto, Miranda Tate, Wayne acredita que o perigo não compensa a continuidade da pesquisa.

Bane sequestra o cientista que anunciou a comunidade acadêmica a possibilidade de tornar o reator uma bomba, toma posse do reator, e se apresenta a Gotham como seu libertador, utilizando como argumento a espoliação dos ricos aos pobres, bem como o Ato Dent que prendeu infratores através de uma mentira formulada pelo comissário junto ao Batman que assumiu os atos criminosos de Dent, e assim os liberta. Bane não só traz à vilania, ele diz que irá ativar a bomba se alguém tentar entrar ou sair da cidade tornando-a sitiada. Ao apresentar a situação aos cidadãos da cidade, o terrorista alerta que *“o gatilho da bomba será acionado por um cidadão, por um deles”*.

Wayne que tinha decidido retornar à ativa estava bastante machucado após uma luta contra Bane, e foi levado para uma prisão no mundo antigo que consistia em um fosso. Ao fugir e retornar a Gotham, Wayne logo volta a ser o Batman, e unindo forças com a polícia contém Bane, e o questiona onde possa estar o detonador, que ele lhe entregue, pois ele difundiu um blefe, *“uma vez que um cidadão não destruiria sua própria cidade”*. Neste momento Batman é surpreendido por Miranda que o esfaqueia dizendo ser na verdade Talia, filha de Ra's Al Ghul, seu mestre morto - quando da primeira tentativa da Liga de destruir Gotham, e que *“por mais que ele não compreenda, sendo ela uma terrorista, para Gotham ela é uma cidadã e irá ativar a bomba”*. Com um helicóptero especial, Batman consegue levar a bomba até o oceano e salva a cidade voltando a ser visto como um herói. Os motins são contidos e a ordem é restabelecida; para a cidade, o Batman deu sua vida em uma espécie de altruísmo e se findou com a bomba no oceano. Temos esta visão, até Alfred - que sonhara com o futuro do patrão fora de Gotham, vendo-o em um café em Florença recomeçando a vida.

Segundo Slavoj Žižek os *blockbusters* de Hollywood são indicadores precisos da situação ideológica da nossa sociedade.¹ E como tal, produzem imagens dos Estados Unidos que é vendida ao mundo, e de maneira muitas vezes incólume não se é problematizado o quanto do seu ficcional traz elementos constitutivos de seu imaginário político e social, bem como parte de uma representação do real. Ou mesmo quantos países possuem suas gerações criadas em uma cultura fílmica de um povo que se enxerga como excepcional no mundo.

Quando pensamos em estudar as representações da cidadania no cinema produzido em Hollywood nos despertou como o enlace em diversas narrativas se constrói em torno desta categoria social, os valores que são depositados em torno dela, como aquele dito pelo Batman, *que um cidadão não explodiria uma bomba em sua própria cidade*, cabendo tamanho ato, a agentes externos que devem ser contidos. Neste sentido, narrativas como esta delimitam uma postura que cabe ao cidadão, bem como estipulam os que estão de fora, e são assim indicadores ideológicos como apontou Žižek. Percorrer o itinerário das representações da cidadania se coloca assim como uma tarefa complexa, pois se trata de uma noção que não é estanque, e que pode ser abstraída das formas mais distintas por grupos de interesse.

Nosso intuito neste trabalho é compreender como o cinema foi palco de lutas e de representações da cidadania de sujeitos que procuraram pelo usufruto e ampliação desta nos Estados Unidos. Elegendo o cinema como documento de seu tempo e como fonte privilegiada, pensamos que sua análise, aliada a fontes secundárias, nos trará uma noção mais precisa das manifestações culturais do período que compreende os anos de 1980 e 1990 para a história do país. Elegendo a noção de representação, pensamos que algumas narrativas evocam questões que estavam na ordem do dia, erigindo assim um estudo historiográfico através das imagens que esta sociedade produziu. É neste sentido que os historiadores Steven Mintz e Randy Roberts nos alertam que o cinema foi mediador na formação de uma dada imagem da sociedade americana e teve papel importante na junção de símbolos de uma sociedade multifacetada em seus diversos aspectos como gênero, raça e religião.²

É necessário situar nosso leitor que os valores que atribuímos à cidadania e sua

¹ ŽIŽEK, Slavoj. *Dictatorship of the Proletariat in Gotham City*. Disponível em: blogdaboitempo.com.br. Acesso: 22/07/15.

² MINTZ, Steven; ROBERTS, Randy. *Hollywood's America. United States History Through Its Films*. Nova York: Brandywine Press, 1993.

representação no cinema, possuem um carácter moderno, dando a noção de cidadania aspectos universalistas. Como defendeu T. H. Marshall a cidadania consiste em uma “igualdade humana básica associada a uma pertença completa do individuo a uma comunidade”.³ O autor hoje considerado clássico para os estudos do gênero, discutiu como a cidadania inglesa, criada pelo Estado de formas diferentes, ao longo dos anos, se tornou mais alargada e profunda. Mais alargada, porque estendeu o círculo de membros da comunidade. Mais profunda, por que alargou os direitos de cidadania às liberdades políticas de associação no século XIX, e a desejos de um apoio social no século XX. Marshall acrescenta ainda que a conquista dos direitos de cidadania decorre da luta por direitos civis no século XVIII, por direitos políticos no século XIX e direitos sociais no século XX.

J. M. Barbalet defende que a cidadania não se define a partir de seu conteúdo; afinal o conteúdo da cidadania nunca foi fixo, dando margem a pensar a mesma como um constructo que foi se alargando mediante as lutas sociais, e as concepções de cada tempo, uma vez que “sociedades diferentes atribuirão direitos e deveres diferentes ao status de cidadão, pois que não existe qualquer principio universal que determine os direitos e deveres inalienáveis da cidadania em geral”.⁴

Cidadania significa, acima de tudo, igualdade perante a lei, igual acesso aos direitos. A participação política é fundamental na definição da nacionalidade/cidadania e vice-versa, e é por isso que, ao longo da história, sempre houve tanta disputa para decidir quem fazia parte da polis. Definir quem pode ser um cidadão é uma das questões mais importantes para a vida política de um determinado país. Em se tratando de países que se pretendem democráticos, a decisão é ainda mais importante, porque define quem vai participar do processo político. Sendo também uma questão de distribuição de direitos, a definição de cidadania envolve uma luta política em torno de determinados objetivos bastante concretos.⁵

A definição de quem faz parte dos nós, de quem é nacional e, portanto, cidadão, é fundamental para a atribuição de determinados direitos. Até o momento, é

³ MARSHALL, T. H. *Citizenship, Class and Status*. In: SHAFIR, Gershon (org.) *The citizenship debates*. Minneapolis, University of Minnesota, 1998.

⁴ BARBALET, J. M. *A cidadania*. Trad. Gonçalves de Azevedo, m. f. Lisboa. Editora Estampa, 1989.

⁵ REIS, Rossana Rocha. *Construindo fronteiras: políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998)*. Tese de doutorado no Programa de Pós Graduação em Ciências Políticas, FFLCH-USP, São Paulo, 2002. p. 32.

fundamentalmente o próprio “nós” quem define sua natureza.⁶ A cidadania é um bem social, logo um objeto de valor que como tal está sujeito à disputa entre interesses divergentes. Ela é um bem valioso, sobretudo porque através dela o indivíduo tem a garantia de que pode se estabelecer no território e participar ele também do “trabalho e do dialogo” que define a natureza do “nós”. Enquanto ele não fizer parte do nós, ele é parte do outro, não importa quantos direitos sociais ou civis ele tenha.⁷

A noção moderna de cidadania possui uma historicidade que a aproxima das ideias em torno do nacionalismo⁸, uma vez que as nações são o cenário espacial e simbólico no qual a cidadania pode ser definida e manifestada.⁹ As nações e os nacionalismos surgiram de projetos sociais, políticos, culturais e econômicos, que viam neste constructo legitimidade. As práticas nacionalistas de cunho cultural e administrativo que autenticam as nações são “tradições inventadas” na modernidade como apontam Eric Hobsbawn e Terence Ranger¹⁰. Os autores entendem por tradição inventada, práticas de natureza ritual ou simbólica, reguladas pelo Estado ou ainda pela sociedade civil e que têm por objetivo projetar valores e normas de comportamento, que possam parecer a muito instituídas, todavia tomam caráter natural e obrigatório a todos os membros da comunidade. Para Elias Palti, a nação é uma entidade “inventada”, por que se constitui como um produto de fenômenos relativamente recentes, como a burocracia, a secularização, a revolução industrial e o capitalismo. O passado que os nacionalistas apelam, se assegura, em um mito, existe apenas em suas mentes.¹¹

Tomando a perspectiva da nação como uma “comunidade imaginada”, Benedict Anderson acrescenta que as nações são construídas e imaginadas, pelo elo estabelecido entre os participantes que compartilham de um passado ancestral comum, com símbolos e imagens coletivas, que independentemente dos membros não se conhecerem como um todo, nutrindo e dividindo um sentimento de comunhão nacional. O sentimento de comunidade imaginada estimulou os homens a buscarem uma identidade e definirem

⁶ Idem. p. 33.

⁷ Idem, ibidem.

⁸ ALVES, José Augusto Lindgren. *Os Direitos humanos na Pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 44.

⁹ JANOSKI, Thomas. *Citizenship and society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

¹⁰ HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹¹ PALTÍ, Elías José. Nación; El enfoque genealógico de La nacion y sus descontentos: el dilema hobsbawniano. In: *Aporias: tiempo, modernidad, historia, sujeto, nacion, ley*. 1º Ed. Buenos Aires: alianza, 2001. p. 194

seus direitos e obrigações na nação.¹²

Para Craig Calhoun, o nacionalismo consiste para além do sentimento de pertença e de comunidade imaginada, em um modo de falar, escrever e pensar sobre a cultura, a política e o papel dos membros de uma comunidade no mundo. Os discursos nacionalistas buscam os termos retóricos e a definição da identidade nacional nas narrativas históricas da nação. Desta forma, constroem uma identidade coletiva e a nação se mostra como agente coletivo.¹³

Como tantas outras nações, os Estados Unidos possui uma mitologia em torno de seu momento fundacional e um conjunto de simbolismos advindo dos sujeitos que forjaram a ideia de cidadania e de seus participantes, que se confundem com a realidade. Portanto, entendemos que erigir alguns elementos simbólicos mediara uma compreensão maior do quanto o cinema se apropria de uma serie de informações constitutivas deste universo e as reproduz muitas vezes resignificando para o contexto no qual seu produtor tem interesse. Neste sentido, inicialmente mito e religião são condutores para aqueles que viam o novo mundo como uma experiência de renovação.¹⁴ Há desta forma, a criação de uma cultura política que tem como essência o momento fundacional, ora tendo momentos litúrgicos, ora vivendo provações.¹⁵

Nesta seara, desde os Puritanos Peregrinos que referiam a si próprios como os novos hebreus que atravessavam o Atlântico em direção à Terra Prometida. Afirmando que tal qual o povo eleito do velho testamento bíblico, libertavam-se da tirania. Com uma diferença: agora se libertavam da tirania inglesa e das amarras da Igreja Anglicana que não lhes permitira exercerem a sua fé religiosa como queriam.¹⁶ Estabeleciam símbolos como o *Mayflower*, o navio que os conduziu nesta viagem redentora, e durante a viagem instituiu-se que as decisões que afetassem a todos seriam tomadas em conjunto e todos os homens do grupo seriam consultados. Formavam assim uma espécie

¹² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

¹³ CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In: DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹⁴ KARNAL, Leandro. Estados Unidos, Liberdade e cidadania. In: PINSKY, Jamie; PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *História da cidadania*. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁵ POCOCK, J. G. A. America's foundations, foundationalisms, and fundamentalisms. *Orbis*, 49, Nº 1, 2004. p. 37-44.

¹⁶ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte americano*. In: MARGEM, SÃO PAULO, Nº 17, JUN. 2003. P. 163-171. Ver também: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970)*. Tese de doutorado, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

de congregação com o objetivo de obter alguns consensos nas decisões e com a finalidade de construir uma sociedade em termos religiosos.

Um conjunto de elementos como esperança, destino, promessa, bem como a desobediência, o desvirtuar e a queda estão intimamente ligados à ideia de santificação da sociedade através dos exemplos bíblicos pelos Puritanos, que salientavam a possibilidade do castigo iminente caso os valores cristãos, pensados como fundamentos dessa nova sociedade a ser estabelecida em uma nova terra, com um novo tempo, o início de uma experiência sem a tirania da corrompida coroa inglesa fossem ignorados ou desrespeitados.¹⁷

Nessa seara é apropriada uma peça retórica, uma forma narrativa, nos púlpitos religiosos, que possui seu conteúdo político, e que tem o papel de trazer a tona os elementos mitológicos, o sentido de missão e destino do povo eleito. A Jeremiada – Jeremiad¹⁸ consistia em uma fala que condenava a degradação moral e a apostasia do povo, anunciando o castigo iminente, bem como mostrando o caminho para os valores edificadas pelos Puritanos em torno de uma nação cristã e eleita. A Jeremiad tem como referencia as admoestações do Profeta Jeremias aos hebreus, alertando para o desregramento moral em que viviam e a iminência da vingança divina.¹⁹

Em meio às contingências do novo mundo, a vontade de solidificar um reino de felicidade – tema que será posto até mesmo na escrita da Constituição, será contrastado com o juízo divino, bem como com os males de caráter apocalíptico. Essa mitologia permanecerá ao longo da história estadunidense como valor que erige a mesma como terra de um povo eleito, excepcional, com virtudes, bem como tendo a missão de levar à razão e liberdade em enfrentamento à tirania e terror. Neste sentido, lembrando a perspectiva de Joseph Campbell em torno do mito, a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se aquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a leva-lo para trás.²⁰

A interpretação quanto a essa preleção no que diz respeito à postura dos Estados Unidos frente ao mundo será vista em duas chaves, uma isolacionista que toma sua

¹⁷ BERCOVITCH, Sacvan. *A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América*. In: SACHS, Viola. (Et. All.). Brasil e Estados Unidos: Religião e identidade nacional. Rio de Janeiro: Grall, 1988.

¹⁸ BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Wiconsin: University Wiconsin Press, 1978.

¹⁹ AZEVEDO, Cecília. *A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos Estados Unidos*. In: Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 6. Nº 11, Rio de Janeiro: 7 letras/Ed UFF, 2002. P. 111 – 129.

²⁰ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de mil faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007. p. 21

excepcionalidade como itinerário do isolamento perante as demais nações, bem como outra que partindo da perspectiva de povo eleito julga-se como bastião dos valores mais nobres, e se necessário irá intervir para que a liberdade não seja cessada. Esta segunda, é uma das bases de uma filosofia que ficou conhecida como Destino Manifesto, e que irá trilhar a argumentação ideológica para que os Estados Unidos venham até os dias de hoje interferir em assuntos além de suas fronteiras. É aí que reside um dos sentidos dado à ideia de missão.

Atualmente, reconhecem-se pelo menos quatro escolas domésticas de política externa: a **jeffersoniana**, defensora da posição isolacionista em assuntos internacionais; a **wilsoniana**, defensora do predomínio do Direito Internacional sobre os interesses dos Estados nacionais, incluindo os Estados Unidos, e do respeito aos regimes multilaterais; a **jacksoniana** defende a ação unilateral dos Estados Unidos em defesa de seus interesses no cenário internacional, com recurso à força se preciso for; e por último, a **hamiltoniana**, herdeira dos princípios condutores da política externa britânica do século XIX, de caráter essencialmente pragmático, podendo adotar posições unilaterais ou multilaterais de acordo com as circunstâncias de cada momento e as relações de custo e benefício derivadas da adoção de diferentes cursos de ação.

Ainda sobre a Jeremiad, Cecília Azevedo nos alerta que esta modalidade retórica dos ingleses do século XVII, em seu contexto americano, mantinha sua estrutura de alerta quanto ao pecado do povo e anúncio do castigo divino, porém, com a influência de um novo começo, em um novo lugar – a América. A Jeremiad apresentava um tom diferenciado, além do já citado alerta quanto às consequências que sofreriam aqueles que se desviassem dos valores cristãos e nobres. Esta tinha o papel de rememoração dos valores de missão e papel histórico; desta forma era uma teleologia. Reconfigurada, a Jeremiad teria adquirido, ao lado do sentido de lição moral, um caráter de celebração²¹, concebendo estes como um povo diferenciado que tinham as chaves do futuro nas mãos. Segundo Ernst Cassirer, a palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. Em todas as cosmogonias míticas, por mais longe que remontemos em sua história, sempre volvemos a deparar com esta posição suprema da palavra.²²

Essa Jeremiad é uma das referências da ideia de sonho americano, bem como de

²¹ AZEVEDO, Cecília. *A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos Estados Unidos*.

²² CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 64.

mito da América.²³ Por mais que haja um curso de permanência, há aí também a perspectiva de mudança, pois as experiências orientam o povo para seu destino. Tãmanha ideia pode ser vista no discurso do presidente Bill Clinton que na posse de seu primeiro mandato, no ano de 1993 acrescenta que: “Quando nossos fundadores proclamaram audaciosamente a independência da América ao mundo e nossos propósitos ao todo-poderoso, eles sabiam que a América, para durar, teria que mudar. Não mudar por mudar, mas mudar para preservar os ideais da América – a vida, a liberdade, a busca da felicidade”²⁴.

Com o fim do conflito que trouxe a Independência dos Estados Unidos em 1776, a construção do mito da nação, a certeza de que eram um povo excepcional, e que haviam criado uma sociedade como nenhuma outra na face da terra se fez mais do que necessário. Esta filosofia não só trazia as bases do nacionalismo daquele povo, mas nutria a forma como viviam e se enxergavam perante os outros.²⁵ Um forte elemento utilizado para construir uma unidade nacional é imaginar um passado comum. Com os estadunidenses não foi diferente: eles procuraram uma origem única para uma sociedade diversificada. É neste contexto pós-Independência que surgiram textos, sermões, artigos de jornais que afirmavam que os estadunidenses descendiam diretamente dos puritanos, chamados pela nação recém-independente de pais peregrinos.²⁶

Segundo Mary Junqueira, este esforço viria a sanar lacunas no que diz respeito à ideia de unidade, pois a colonização inglesa nas Américas foi estabelecida em treze colônias com administrações diferentes. Embora falassem a mesma língua e tivessem contato umas com as outras, eram entidades distintas, com alguma autonomia: cada colônia possuía a sua própria moeda, formava a sua própria milícia, e comercializava com quem interessasse. Sendo entidades distintas, o mito aparece como artifício para unificar, tornar um aqueles grupos que coexistiam no território que ainda haveria de ser expandido. Aos poucos foi se criando uma versão da história norte americana, na qual alguns temas foram selecionados e outros relegados ao segundo plano. Por exemplo, essa versão que escolhe os puritanos da Nova Inglaterra como centrais na formação da cultura norte-americana exclui a contribuição do Sul dos Estados Unidos na formação

²³ BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Wiconsin: University Wiconsin Press, 1978.

²⁴ www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=46366. Acesso em 26/02/15.

²⁵ GREENE, Jack P. *Identidades dos estados e identidade nacional à época da Revolução Americana*. In: DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 100.

²⁶ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte americano*.

da nação. Ao recuperar apenas os puritanos ortodoxos de Massachusetts e Connecticut, os homens do período diminuíram a atuação não só de outras regiões do país, mas de vários outros grupos de religiosos.²⁷

Essa versão da história situava os estadunidenses como uma sociedade exclusiva e excludente. Segundo essa perspectiva, eles criavam não só uma sociedade única, mas um modelo de organização universal, que deveria ser seguido por todos; qualquer outra alternativa estaria caminhando na direção errada. Seu modelo de sociedade se construiu profundamente excludente, pois no plano doméstico eram excluídos índios, negros, católicos, judeus e imigrantes.²⁸ É nesta seara que é erigido o cidadão ideal e genuíno: ele é Branco, Anglo-saxão e Protestante, notadamente conhecido pela sigla da expressão no inglês – WASP.²⁹

O termo no meio acadêmico possui sua primeira reflexão feita pelo sociólogo Andrew Hacker que viu a necessidade de tratar do recorrente uso do jargão no vocabulário, abordando a questão em discussão na década de 1950. Com os projetos de multiculturalismo no século XX, e muito antes, de reconhecimento cívico já encenado na 13ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos de 1863, que findou a escravidão no país, e abriu terreno para conquista de direitos dos sujeitos negros em emendas ratificadas posteriormente, estes, não pensados anteriormente no plano da cidadania, problematizaram uma ancestralidade para alguns cidadãos e exclusão de tantos outros.

A nomenclatura se mostrou problemática ainda, pois dando fim à condição de cativo, esses sujeitos foram incorporados à nação, todavia em um contexto de segregação.³⁰ É daí que uma parcela dos sujeitos negros irá pensar uma narrativa da Nação onde vejam seus antepassados incluídos, para também terem seu espaço, bem como aqueles que irão pensar no Pan-africanismo e defender o segregacionismo dos negros em relação aos brancos, alguns, defendiam o retorno de onde seus antepassados foram retirados. Há de se pensar ainda nos migrantes, notadamente os católicos, judeus

²⁷ Idem, *ibidem*.

²⁸ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte americano*.

²⁹ HACKER, Andrew, "Liberal Democracy and Social Control". In: *American Political Science Review*, 1957, vol. 51, p. 1011. Para uma compreensão da formação da nação e de como o WASP faz parte deste imaginário ver: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970)*. Tese de doutorado, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; AZEVEDO, Cecília. *Em nome da "América": os corpos da paz no Brasil (1961-1981)*. Tese de doutorado – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999; GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. Princeton and Oxford, Princeton University Press. 2001.

³⁰ FREDRICKSON, George M. *The Black Image in the White mind. The debate on Afro-American Character and destiny, 1817 – 1914*. Hanover: Wesleyan University Press, 1987.

e orientais, estes últimos, tiveram no contexto de expansão leis restritivas para seu ingresso³¹, bem como os indígenas que realizaram uma resistência persistente pela conservação de sua cultura³² e valores erigindo a categoria de *Native Americans*³³ onde pensavam uma história própria. No que diz respeito ao plano internacional, os estadunidenses também se mostravam excludentes, pois a ideia de povo e de sociedade exclusiva que montavam tornou difícil reconhecer culturas diferentes da protestante.³⁴

O tema da fronteira é marcante no imaginário da formação da nação e da cidadania nos Estados Unidos. Mary Junqueira se debruçou sobre o tema trazendo elementos intrínsecos ao mito da fronteira, como os espaciais e imaginários que fazem parte deste universo. Para a autora, fronteira, Oeste e *Wilderness* possuem sentidos sobrepostos, imbricados e relacionados.³⁵ Acrescenta ainda que os norte-americanos possuem a palavra *border* para designar as fronteiras com outros países e a palavra *frontier*, cujo sentido real e imaginário é mais amplo.

Fronteira significa(va) para os norte-americanos o limite, a linha imaginária e móvel que separava o mundo civilizado dos espaços que eram considerados selvagens e chamados de *wilderness*, especialmente no século XIX, embora existissem referências à fronteira desde o período colonial nos Estados Unidos. Essa linha foi sendo deslocada continuamente dos Apalaches ao Pacífico. Era na linha da fronteira que o norte-americano se tornava um homem forte, ágil e de mente simples; era no Oeste que se criava o *self made man*, pronto para a prática democrática.³⁶ O mito da fronteira ofereceu também legitimidade às ações que poderiam ser rejeitadas nas regiões

³¹ NGAII, Mae. *Impossible Subjects: illegal aliens and the making of modern America*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2004.

³² STOUT, Mary. *Native American Boarding Schools*. Santa Barbara: Greenwood, 2012.

³³ AZEVEDO, Cecília. *Culturas Políticas e lugares de memória: batalhas identitárias nos Estados Unidos*. p. 482.

³⁴ No que diz respeito a controvérsias do homem WASP, a questão chama atenção até os dias atuais, em recente pesquisa sobre o perfil religioso e étnico nos Estados Unidos publicada no jornal *Washington Post*, em 22 mapas onde se destrincham etnias, religião, idade, sexo e região do país, a matéria assevera que os cidadãos WASP não são mais uma maioria, bem como nas palavras de Robert P. Jones, CEO da PRRI: "Nós já sabíamos que há algum tempo a América está no meio de uma mudança radical religiosa, étnica e cultural, mas até agora não tínhamos uma ferramenta para capturar essas mudanças de forma adequada". Na matéria é colocado ainda que: "No ano passado, pela primeira vez na história, os protestantes perderam seu status de maioria em uma pesquisa anual realizada pelo Instituto de Pesquisa de Religião Pública. Apenas 47 por cento da América se identifica como protestante, com taxas tão elevadas quanto 81 por cento no Mississippi e a um valor tão baixo quanto 10 por cento, em Utah". CHOKSHI, Niraj. *The religious states of America, in 22 maps*. In: The Washington Post. 26 de fevereiro. Disponível em: www.washingtonpost.com/blogs/govbeat/wp/2015/02/26/the-religious-states-of-america-in-22-maps/?tid=sm_fb. Acesso 02/03/15.

³⁵ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970)*. p. 64.

³⁶ Idem, *ibidem*.

consideradas civilizadas do Leste, pois a fronteira era o espaço, no qual vigorava a ausência de regras ou de hierarquias. O poder central estava longe e as regras deveriam ser estabelecidas de acordo com a ocasião e a necessidade.³⁷

O mito da fronteira e o Oeste, citando ainda Mary Junqueira, foram os temas de alguns escritores na primeira metade do século XIX, na segunda metade há a consagração dos típicos homens da fronteira e a adição do cowboy e do fora da lei, povoando o imaginário em torno do Oeste. Portanto foi a literatura, a ficção, que construiu e reforçou o mito da fronteira. A lenda de Daniel Boone (desbravador do Kentucky) escrita pelo cartógrafo John Filson, possivelmente inspirou os conhecidos romances de James Fenimore Cooper - o primeiro escritor profissional norte-americano, chamados de *Leatherstocking Tales* (Contos dos Desbravadores). Cooper foi um sucesso absoluto no período e foi lido também fora dos Estados Unidos.

Filson e Cooper foram os escritores que iniciaram a versão romanceada da Conquista do Oeste. Eram romances que tratavam do estabelecimento do homem branco, geralmente anglo saxão, na zona da fronteira e do encontro com o índio. Uma das obras mais conhecidas deste último, que ganhou também uma versão cinematográfica, muito bem recepcionada pela crítica e pelo público é “*O último dos Moicanos*”.³⁸ Em Cooper há o constante conflito entre a admiração pelo meio ambiente, pela natureza virgem e intocada - *o wilderness*, que fazia a grandeza da jovem nação e a transformação acelerada em nome do progresso.

Necessário acrescentar, que na virada do século XIX, em um congresso em Chicago, o professor de história de Wisconsin, Frederick Jackson Turner, apresentou para um grupo de colegas um artigo curto que condensava uma série de questões que faziam parte do imaginário americano, bem como refutou teses em torno do assunto da fronteira. Com o título de “O Significado da Fronteira na História americana” (*The Significance of The Frontier in American History*)³⁹; o texto causou enorme impacto entre os historiadores do período, pois transformava completamente as duas teses que procuravam explicar o desenvolvimento econômico norte-americano: a primeira que

³⁷ SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of The American Frontier, 1600-1860*. New York: Harper Perennial, 1996.

³⁸ *O Último dos Moicanos* (The last of the Mohicans). Direção: Michael Mann, Roteiro: Michael Mann e Christopher Crowe, Produção: Michael Mann, Gênero: Aventura/épico/drama/romance. Distribuição: Twentieth Century Fox, 117 min. 1992.

³⁹ TURNER, Frederick Jackson. *O Significado da Fronteira na História Americana*. In: *Oeste Americano; Quatro ensaios de História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Trad. Paulo Knauss e Ina de Mendonça. EDUFF: Niterói, 2004.

acreditava que o desenvolvimento devia-se exclusivamente à Guerra Civil, à abolição da escravidão e à vitória surpreendente dos empreendedores nortistas; e a segunda tese que acreditava que o germe da nacionalidade e o engenho americano vinham das florestas alemãs, portanto vinculava o desenvolvimento dos Estados Unidos à origem dos anglo-saxões. Turner acreditava que o desenvolvimento econômico americano não estava no antagonismo Norte-Sul, mas entre o Leste “civilizado e europeizado” e o Oeste selvagem. O autor afirmava que a contínua adaptação do pioneiro norte-americano às situações adversas do Oeste dera a ele músculos e prontidão física.⁴⁰

Segundo o historiador era na fronteira que as levas de imigrantes havia se tornado norte-americano, onde estrangeiros haviam deixado de ser europeus e encontravam a *uniqueness* (singularidade) norte-americana. Além disso, a fronteira era para Turner a área de constituição do individualismo e da democracia. Turner, por um lado, procurava explicar o tempo presente nos Estados Unidos e, por outro, com a sua tese reforçava aspectos que já estavam no imaginário norte-americano: os Estados Unidos se constituíram e se fortaleceram como uma “nação plantada no *wilderness*”, nascida do trabalho do homem branco nos territórios selvagens. As levas de pioneiros iam cobrindo o território e construindo a nação⁴¹: primeiro o índio, depois o *leatherstocking* (desbravador), em seguida o pequeno fazendeiro. Este último era o personagem a quem Turner conferia a maior importância, pois era ele o responsável pela agricultura e outras transformações que viriam do mundo selvagem e bruto.

Conforme a tese de Turner, o avanço rumo ao Oeste aparecia de forma progressiva e harmoniosa, encobrindo a extrema violência, conquista, domínio e genocídio que configurou a conquista do Oeste norte-americano.⁴² Curioso que a tese de Turner rompeu o espaço acadêmico e passou a ser comentada pelo cidadão comum estadunidense. O imaginário da Conquista do Oeste e o mito da fronteira possuem permanência e maleabilidade. São bens simbólicos da cultura norte americana e foram utilizados pela sociedade para reforçar a identidade, para consolidar grupos conservadores e também para a resistência em determinados momentos históricos. Foram construídos por e para uma sociedade agrária, mas se adaptaram com perfeição à

⁴⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970)*; AZEVEDO, Cecília. *Em nome da “América”: os corpos da paz no Brasil (1961-1981)*. p. 35.

⁴¹ SLOTKIN, Richard. *Fatal Environment. Myth of The Frontier in The Age of Industrialization. 1800-1900*. New York, Harper Perennial, 1996.

⁴² TURNER, Frederick Jackson. *O Significado da Fronteira na História Americana*.

nova ordem do mundo industrial e à modernidade.⁴³ Este elemento será verificável em uma das narrativas que analisamos neste trabalho, em *Clube da luta*, o narrador ao descrever uma série de corporações e grandes empresas que dominam o mercado assevera que sua próxima fronteira seria o espaço, metaforizando algo que diversas outras narrativas de ficção já vinham se apropriando.

Mary Junqueira que estudou detidamente os significados em torno do *Wilderness* acrescenta que ligado aos lugares que produzem determinados sentimentos e sensações o *Wilderness* é constantemente usado como adjetivo, todavia a palavra consiste em um substantivo. Seria então um estado mental provocado pela observação de determinado lugar. Com origem teutônica, no inglês arcaico o verbo *to wilder*, significa perturbar, deixar perplexo, desorientar, desencaminhar, extraviar. *To wilder* deu origem a palavra *wilderness* que compreende enquanto espaço; deserto, sertão, solidão, região inculta, imensidão, multidão.⁴⁴

O movimento transcendentalista representado por nomes como Henry David Thoreau e Ralph Waldo Emerson pensava o *wilderness* como espaço da contemplação, da revelação, do encontro com o divino, com uma essência da humanidade, servindo de inspiração para movimentos ecologistas no século XX, bem como os Híppies e os movimentos estudantis que criticaram a postura imperialista de seu país em torno de conflitos externos como os travados no Vietnã. Esse transcendentalismo foi base de uma resposta onde se colocava em cheque hábitos conservadores, consumistas e hedonistas, tomando também como referencia as religiões orientais como budismo e hinduísmo, defendia-se a volta a comunidades agrárias e de dinâmica coletiva, a utilização de drogas pelos Híppies foi defendida no intuito de que trouxessem experiências mentais deslocadas da realidade, e tiveram como lema consagrado “Paz e amor”. O transcendentalismo influenciou ainda o pensamento em torno da desobediência civil que irá inspirar uma ala do movimento por direitos civis na segunda metade do século XX. Pensando o transcendentalismo e sua relação com o *wilderness*, este último, é positivado, como espaço do revigorar, da renovação, do fortalecimento físico e moral, ao contrário de sua associação à desorientação, a solidão que se compõe em outras experiências.

⁴³ JUNQUEIRA, Mary Anne. *O Imaginário da Conquista do Oeste e as Representações sobre a América Latina na revista Seleções do Reader's Digest*. In: VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, nº 23, Jul/00, p.97-108.

⁴⁴ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970)*. p. 54.

O cinema circunscreveu também estas ambivalências, desde o clássico *Apocalypse Now*⁴⁵ de Francis Ford Coppola que adapta a obra de Joseph Conrad, *Coração das trevas* em um contexto que o *Wilderness* é colocado na chave negativa de local da desorientação, da solidão, da perda de referências, por mais que estar no *wilderness* transforme todo aquele que lá se encontre ou esteve. A associação ao Vietnã como tal, foi recorrente quando lembramos que esta foi à guerra em que os soldados nas forças armadas mais usou drogas, cometeu crimes de guerra como estupros e assassinato de civis, havendo difusão em meio a opinião pública, e esteve em uma fronteira bem distante de seu território.⁴⁶

Os percursos fílmicos são amplos, a noção nos será substancial para duas das narrativas analisadas nesta dissertação, em *Nascido em 4 de julho o wilderness* é colocado em uma chave negativa; próxima de *Apocalypse now*, bem como de uma serie de filmes críticos a participação americana no conflito, no filme de Oliver Stone, quando em uma cena de composição metanarrativa, o diretor contracenou no papel de um jornalista que ao entrevistar um militar, o pergunta se a guerra era valida e se havia estimativas de vitória, uma vez que o parque de guerra era tão longe, a cena é vista pelo protagonista; Ron Kovic, que está na sala de casa com a família. Por outro lado, em *Clube da luta* ele está positivado em uma critica ao *wilderness* urbano, a perda da identidade em torno do demasiado consumo, bem como o retorno a valores ancestrais.

Quando nos propomos estudar ***Cinema, Ideologia e Representação: (Neo) conservadorismo, Resistências e Belicismo nos Estados Unidos (1980 – 1990)***, erigimos palavras chaves que julgamos ser um caminho elucidativo para entender o período nos Estados Unidos, através das imagens produzidas nesta sociedade. Desta forma, ideologia e representação serão duas noções conceituais que pautam a análise das narrativas fílmicas que julgamos representar fenômenos contidos no recorte. Aliadas a ideia de (Neo) conservadorismo, um constructo político-filosófico que conduziu um grupo de conservadores a uma leitura de mundo, de nação e cidadania que os levou ao poder na Casa Branca e que lhes autenticaram modificar uma serie de políticas publicas

⁴⁵ *Apocalypse Now*. Direção e Produção: Francis Ford Coppola. Roteiro: John Millius e Francis Ford Coppola. Fotografia: Vittorio Storar. Edição: Lisa Fruchtman, Gerald B. Greenberg, Richard Marks, Walter Murch e Randy Thom. Baseado no livro *Heart of Darkness* de Joseph Conrad. Los United Artists, EUA, Duração: 148 minutos. Colorido, 1979.

⁴⁶ GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. In: Tempo – Revista da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008.

de promoção social que se construiu em torno do século XX⁴⁷.

As Resistências eram uma resposta dos movimentos sociais que se viram fragilizados após o contexto de efervescência que tiveram seu auge entre 1960-70. É preciso ter em mente que um dado projeto político, ainda que claramente hegemônico, é sempre permeado por resistências, por projetos antagônicos. Por ultimo, o belicismo; pensado como política de Estado, com investimentos progressivos e direcionados para o contexto expansivo na política externa, contenção e hegemonia de uma política intervencionista e multilateral, bem como uma resposta ao trauma do Vietnã vivido na década anterior.

Para entender o conceito de ideologia⁴⁸, noção que empregamos até aqui, tomamos de empréstimo a acepção indicada por Terry Eagleton. Para o autor, o termo ganhou um conjunto de definições, progressivamente mais nítidas: 1) Processo material geral de produção de ideias, crenças e valores na vida social. É uma definição política e epistemologicamente neutra; 2) Ideias e crenças (verdadeiras ou falsas) que simbolizam as condições e experiências de vida de um grupo ou classe específico, socialmente significativo; 3) A promoção e legitimação dos interesses de determinados grupos sociais em face de interesses opostos, onde, em uma batalha que tem espaço por excelência no campo discursivo, poderes sociais que se autopromovem conflitam e colidem acerca de questões centrais para a reprodução do poder social como um todo; 4) A ênfase na promoção e legitimação de interesses setoriais, restringindo-a, porém, à atividade de um poder social dominante, não se tratando apenas da imposição de ideias pelos que estão acima, mas de garantir a cumplicidade das classes e grupos subordinados, e assim por diante; 5). Ideias e crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante mediante, sobretudo a distorção e a simulação; e, 6) por fim, ideologia como o conjunto de crenças falsas e ilusórias, as considerando, porém, oriundas não dos interesses de uma classe dominante, mas da

⁴⁷ FINGUERUT, Ariel. *Conservadorismo nos Estados Unidos, um conceito fora de lugar?* In: Sem Diplomacia – Um mundo de equilíbrios precários. (Org.) AYERBE, Luis Fernando. São Paulo: Ed. da UNESP, 2015.

⁴⁸ Chamando a atenção para uma das primeiras reflexões acerca do assunto adotada no clássico “*A ideologia alemã*” de Karl Marx e Friedrich Engels, para quem a ideologia remonta a uma corrente sensualista do pensamento frances. A ideologia seria o estudo da origem e formação das ideias, constituindo-se numa ciência propedêutica das demais. Para Marx e Engels, a questão das ideias se colocava no quadro do sistema de Hegel. Desta forma a ideia é o sujeito, cujo predicado consistia nas suas objetivações (a natureza e as formas históricas da realidade social.). Ver: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

estrutura material do conjunto da sociedade como um todo.⁴⁹

Como o próprio Eagleton acrescenta, a ideologia é muitas vezes depositada de uma carga negativa, desta forma associada também como recurso dos detentores do poder, no sentido em que esses grupos a utilizam para exercer uma espécie de hegemonia, convergindo com o argumento de Theodor Adorno ao pensar a Indústria cultural; como a produção de sentidos e produtos culturais que emanariam do povo em sua proposta, mas na realidade é um mecanismo de controle⁵⁰. Todavia, a ideologia se presta também para difusão de projetos de integração, ou de conscientização de um determinado grupo de resistência.

Pensando os contatos, atritos e supressões entre os diversos grupos que defenderam sua visão de mundo entre 1980 e 1990, Raymond Williams assevera que a hegemonia é caracterizada por um processo ininterrupto em prol da construção de certo equilíbrio entre e intraclasses, base sobre o qual percebemos a margem de consenso. É imprescindível que seja levado em conta os interesses das frações e classes dominadas sobre as quais se exerce hegemonia, bem como que os grupos hegemônicos também sofrem uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Para o autor é necessário acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra-hegemonia e hegemonia à alternativa, que são elementos reais e persistentes na prática.⁵¹

Como aponta Antônio Gramsci, construir a hegemonia significa persuadir os diversos setores sociais e estabelecer alianças em torno de um projeto político, que é fruto da iniciativa de uma classe ou um setor de classe, mas que pretende ser, através do convencimento, um projeto político nacional. Entretanto, a hegemonia é um equilíbrio tênue e instável, portanto precisa ser constantemente construído e sustentado. Para conquistar as diversas frações de classe, o projeto hegemônico precisa representar, atender e criar os interesses e as necessidades das diversas classes e frações de classe que compõem a sociedade. Sobretudo precisa transformar sua ideologia em uma visão de mundo compartilhada pelos diversos grupos sociais que compõem uma nação

⁴⁹ EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Uma introdução. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 39. Um ótimo percurso sobre os sentidos da ideologia pode ser encontrado também na obra de Istvan Meszaros que traz uma reflexão sobre as apropriações do conceito em um âmbito político moderno, se amparando em vasta literatura para traçar os significados do conceito. Ver: MESZAROS, Istvan. *O Poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2012. Ver também: ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem – O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992.

⁵⁰ ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. Trad. Julia Elisabeth Levy; Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida; Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁵¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 115.

imaginada e estão dispostos a defendê-la. Tal como as nações, as ideologias são construções. São visões de mundo construídas, que dão significado à realidade e contribuem para produção e transformação das relações sociais.⁵² É neste sentido que o projeto neoconservador de nação promoveu uma série de mudanças, que foram encenadas no cinema, e de maneira majoritária, este criticou de forma contundente e denunciativa as consequências da implementação deste projeto, demonstrando uma inclinação de diversos diretores de cinema a um projeto liberal.

Embora a disputa entre diferentes projetos políticos tenha acompanhado a formação e expansão da nação desde o século XVIII, expressando não apenas um confronto de ideias políticas, mas lutas sociais concretas, a corrente do consenso dominou por muito tempo a historiografia dos Estados Unidos⁵³. Contribuindo para a solidificação de mitos nacionais como os que apontamos, entre eles o da excepcionalidade da experiência norte-americana, capaz de instituir a liberdade sobre a base de uma sociedade indivisa e livre de conflitos sociais, já que, desde a origem, teria contado com recursos abundantes.⁵⁴

Nesta perspectiva, Steve Martinot aponta que movimentos sociais de natureza diversa nos Estados Unidos – entre eles: sindical, em defesa dos direitos civis, pacifista, feminista, ambientalista, entre outros, forjaram sentidos alternativos de cidadania com base na democracia participativa.⁵⁵ O autor defende o cuidado em diferenciar resistência e protesto. O protesto para ele traria implícito que o diálogo com as esferas de poder é ainda possível, assumindo-se que existe disposição por parte deste em considerar as demandas apresentadas. A ideia de resistência implicaria uma crise de maior proporção, uma vez que exigiria construir um espaço inexistente, criar uma nova ordem onde seria possível vivenciar o que é demandado. Neste processo, novas linguagens e novos sentidos de identidade e de comunidade são produzidos, o que equivaleria à emergência de uma cultura política alternativa.

É neste sentido que elegemos o cinema como fonte imagética que acompanhou e representou o cenário de lutas que forjaram possibilidades de uma cidadania em termos alargados e suas representações nos dispõe: o discurso de grupos de interesses que

⁵² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁵³ STERNISHER, B. *Consensus, Conflict and American Historians*. Bloomington: Indiana University Press, 1975.

⁵⁴ ROBERTSON, James Oliver. *American Myth, American Reality*. New York: Hill & Wang, 1994.

⁵⁵ MARTINOT, Steve and JAMES, Joy. (eds.) *The Problems of Resistance: Studies in Alternate Political Cultures*. In: *Radical Philosophy Today*. V.2. New York: Humanity Books, The Proceedings of the Radical Philosophy Association National Meeting, 1998. p. 6

problematizaram em inúmeras narrativas suas propostas, suas leituras de mundo e do contexto vivido, bem como com a profusão de demandas de diversos grupos, e aqui iremos valorizar quatro temáticas através da análise de quatro narrativas. Na primeira: *Mississippi em chamas* de 1988 do diretor Allan Parker, a representação dos negros que viveram historicamente a segregação racial e contestaram direitos civis como usufruto de sua cidadania. Os negros entraram em rota de colisão com forças conservadoras e racistas havendo a supressão de lideranças de seus movimentos sociais, bem como, com a crise do Estado de bem estar social que os tinha como um dos principais grupos beneficiados e assim os tornaram prejudicados também dos cuidados do Estado; há a experiência do veterano de guerra do Vietnã, que vê no ativismo uma forma de mostrar a experiência da guerra como equívoco, neste sentido analisamos *Nascido em 4 de julho* de 1989 de Oliver Stone.

O cidadão acometido pelas consequências do neoliberalismo e o contexto de polarização e crise econômica que vieram juntos, constituindo a estagflação (estagnação econômica e inflação), o desemprego e a violência urbana, são analisados em *Um dia de fúria* de 1993 de Joel Schumacher. E por ultimo a crise existencial do cidadão americano, encenada em um suspense que problematiza a critica ao *American way of life*, vistos em *Clube da luta* de 1999 de David Fincher. Os filmes pontuam as representações, as problemáticas vividas, bem como as invisibilizações de determinados sujeitos, de forma a representar uma série de elementos que estavam na ordem do dia, ou no caso do movimento negro, os avanços que tiveram e que encontraram uma série de fracassos nas décadas neoliberais pós 1980.

Todavia, explicitado o conteúdo das narrativas, e o conteúdo histórico que se pretende entender a partir delas, se faz necessário também erigir suas inter-relações dentro da cadeia que pretendemos estabelecer neste trabalho. Em *Mississippi em chamas* há a denuncia do paradoxo da liberdade e democracia americana, que proposta como uma sociedade moderna é excludente para com negros. Este tema também será visto em *Nascido em 4 de julho*, uma vez que muitos cidadãos negros, viram na experiência da guerra, a possibilidade da afirmação social⁵⁶, tendo seu reconhecimento

⁵⁶ Dois recentes trabalhos no Brasil se debruçam sobre o tema: FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O NOVO NEGRO EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL; Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese de doutorado em História Social – FFLCH-USP, São Paulo, 2014; NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “Novo” Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis: 1910-1920*. Dissertação de mestrado em História Social – FFLCH-USP, São Paulo, 2015. Sobre a experiência do negro especificamente na guerra

através do esforço nacional. Mas o filme de Stone toma como fio condutor a experiência da guerra como fenômeno que forja a identidade nacional⁵⁷, que outrora, era guiada pelos símbolos que tentamos evocar até aqui. Ainda representando minorias, o filme de Schumacher problematiza a crise do homem WASP ao passo que mostra também a condição degradante de minorias vivendo em um contexto no qual as narrativas anteriores foram produzidas e também representam um contexto de crise econômica que extrapolou a barreira étnica. É neste mesmo sentido que vemos em *Clube da luta* a problematização do homem WASP na desilusão de seu excepcionalismo, e da ideia de progresso e superação advinda do esforço do trabalho. Neste contexto, Fincher constrói seu personagem como um *Yuppie*⁵⁸ em uma espécie de *wilderness* urbano.

Em um âmbito historiográfico, Barbara Weinstein observa que a questão da cidadania, longe de ser uma preocupação para a nova história social nos Estados Unidos, era uma categoria, de certa forma, desprezada, pelo menos no seu sentido tradicional (o cidadão do conceito liberal, o sujeito autônomo, relacionado como indivíduo com o Estado). Erigindo as críticas em torno dos estudos da cidadania americana a autora acrescenta que primeiro, foi considerada como uma identidade que reforçava a noção de "consenso" na história norte-americana e que privilegiava a identidade individual, e assim "escondia" o significado e o peso da *classe social* na história dos Estados Unidos. Segundo, a noção de cidadania tradicionalmente foi utilizada (pelos historiadores do pós-II guerra) sem sentido crítico e sem atenção para os extensos grupos de habitantes dos Estados Unidos, que não gozavam de plenos direitos de cidadania afro-americanos, mulheres, imigrantes não-brancos e homossexuais.⁵⁹

É neste sentido que nos propomos a estudar sujeitos em lutas por cidadania e sua representação no cinema, atentando que diversas relações se estabeleceram por uma

do Vietnã ver: GERSTLE, Gary. *Civil rights, White Resistance, and Black Nationalism, 1960 – 1968*. In: American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century. Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2001. Ver também: ENLOE, Cynthia H. *Ethnic Soldiers: State Security in Divided Societies*. Atlanta: Georgia University Press, 1980; GORHAM, Eric B. *National Service, citizenship and Political Education*. Albany: State University of New York Press, 1992.

⁵⁷ SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana*. Tese de Doutorado, orientadora: Cecília Azevedo, UFF, Rio de Janeiro, 2005.

⁵⁸ **Yuppie** é uma derivação da sigla "YUP", expressão inglesa que significa "Young Urban Professional", desta forma, **Jovem Profissional da cidade**. É usado para se referir a jovens profissionais entre os 20 e 40 anos de idade, geralmente de situação financeira boa, normalmente da classe média. Os *yuppies* em geral possuem formação universitária, trabalham em suas profissões de formação e seguem as últimas tendências da moda. É comum o termo ser utilizado com certa carga pejorativa, pois estes jovens dedicam notável tempo para seu sucesso, abrindo mão de consolidar relações de amizade ou familiares.

⁵⁹ WEINSTEIN, Barbara. *A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural*. In: Revista brasileira de história, 1998, vol. 18, Nº 35, p. 227-246.

perspectiva do dissenso, que em sua complexidade, ora possui grupos que se aproximam no âmbito de um projeto político unificador, ora se definindo como projetos de lados opostos. A perspectiva do dissenso se aproxima mais da representação da teia social por ter como pressuposto a diversidade, a coesão e o conflito de interesses.⁶⁰

Na seara da História cultural, o conceito de representação nos é oportuno para pensar o filme como constituinte do imaginário de uma sociedade. Advindo da crítica a “história das mentalidades” a noção de representação se pauta a apreender e “*identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*”.⁶¹ A identificação desta proposta põe a disposição uma série de possibilidades, sendo uma delas a apreensão dos signos no mundo social que contaria com fatores que disporiam a noção e apreciação da realidade. Tais elementos seriam identificados nas atribuições, divisões e delimitações que as sociedades produzem e compartilham entre si, através de disposições que lhes permitem elaborar formas para dar sentido ao momento que vivem, compreender o outro (alteridade) e interpretar o espaço que lhe circunda.

Para Roger Chartier, a representação nos permite ver o ‘objeto ausente’ (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediatamente pela ‘pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por algumas marcas’ – tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias.⁶² Para Carlo Ginzburg que analisa a arte moderna pelo prisma da representação, converge com o pensamento do autor, identificando a presença através da ausência, bem como, partindo do pressuposto de que aquele que recebe a mensagem já tem pré-concebidas noções acerca da mesma.⁶³

Chartier acrescenta ainda que a apropriação das representações só pode ser estudada se recusarmos a “dependência que relaciona as diferenças nos hábitos culturais a posições sociais dadas a priori, seja em escala de contrastes macroscópicos (entre elites e o povo, entre dominadores e dominados), seja na escala de diferenciações de

⁶⁰ AZEVEDO, Cecília. *Identidades Compartilhadas: a identidade nacional em questão*. In: ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 48.

⁶¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

⁶² CHARTIER, Roger. *Defesa e Ilustração da Noção de Representação*. Tradução: André Dione Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. In: *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 13, n. 23, Jan/Jun, 2011, P. 17.

⁶³ GINZBURG, Carlo. *Representação: a palavra, a ideia, a coisa*. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85-103.

escalas menores, onde se busca a distinção no que parece horizontal”. Deve-se, portanto, a fim de obter uma aproximação maior da forma como tais representações são apropriadas por grupos sociais e reinventadas no decorrer do tempo, observar não só onde se produziram tais discursos, mas também onde e como eles circularam.⁶⁴

A narrativa fílmica potencialmente representa aspectos socioculturais de uma dada sociedade por difundir imagens de personagens com modos de vida, costumes, visões políticas e ideológicas, lugares, momentos e situações do passado, presente e futuro, as obras fílmicas *testemunhariam*, bem como seriam *agentes históricos* dos anseios e projeções de sua época.⁶⁵ O valor de testemunho dos filmes, se atendo ao caráter vestigial que os torna uma fonte para a pesquisa histórica, foi refletido nos idos dos anos 1970, dentro de um processo de ampliação de fontes, olhares e formas de se pensar a pesquisa e o conhecimento histórico. O trabalho do historiador Marc Ferro foi primordial para muitas reflexões sobre a utilização do cinema como fonte, erigindo caminhos, contestou um lugar para o cinema neste cenário de alargamento do campo.

Ferro propôs a crítica interna (elementos constitutivos da narrativa) e externa (elementos como crítica, local de produção) da obra, bem como definindo como percurso possível a *leitura histórica do filme* que busca verificar o conteúdo histórico representado/contido nas narrativas; a leitura do filme à luz do período em que foi produzido, e a *leitura cinematográfica da história* que toma as problemáticas da narrativa como premissa para a pesquisa historiográfica, significa a leitura do filme enquanto discurso sobre o passado. O autor não só institui um lugar para o cinema, mas aponta a complexidade de seu uso, e neste sentido, ao delimitar o universo de eixos ao qual o historiador deveria se debruçar.⁶⁶ Ele também promoveu uma sinergia de reflexões que ao passo que criticavam seus escritos não só apontavam seus possíveis impasses, mas promoviam uma evolução no método de análise com filmes.

A reflexão historiográfica oriunda da crítica a Ferro avançou em um contexto onde incorpora em sua leitura aspectos técnicos e semiológicos.⁶⁷ Desta forma, entender uma série de elementos constituintes do cinema tornou-se também território do

⁶⁴ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e Inquietude*. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2002. p. 68.

⁶⁵ FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade?* In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.) *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 202.

⁶⁶ FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 203.

⁶⁷ MORETTIN, Eduardo V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2007.

historiador que reconhece ao filme o porte de uma linguagem própria⁶⁸, que vão desde aos enquadramentos de câmera⁶⁹, vestuário, iluminação e som, se distanciando assim de uma leitura fechada da obra.⁷⁰

Alcides Freire Ramos chama a atenção que Ferro confiava na suposta neutralidade e objetividade da captação das imagens que se apresentavam como realidade diante da câmera, fazendo crer na primazia do documentário e dos cinejornais diante dos longas-metragens de ficção. Segundo o autor, oferecer um testemunho significa, portanto, registrar mediante a utilização de meios técnicos e neutros aquilo que se apresenta como realidade diante da câmera.⁷¹ Todavia, é amplamente reconhecido que os filmes refletem também as correntes e atitudes existentes numa determinada sociedade, sua política. O cinema não vive num sublime estado de inocência, sem ser afetado pelo mundo; tem também um conteúdo político, consciente ou inconsciente, escondido ou declarado.⁷²

O campo da análise fílmica ganhou fôlego com a inserção de saberes como a semiologia, que procurando entender os signos emitidos e significantes abriria um campo de linguagens utilizadas para composição da obra; da estética; onde se refletiria sobre o processo de concepção, bem como da história do cinema, onde pensar sobre os processos de produção e técnicas, evidenciaria o avanço da produção do filme e dariam ao historiador a noção do impacto de determinadas obras e suas técnicas em seus respectivos períodos de produção.

Como aponta Jorge Nóvoa, não é a obra de arte em si, *nem a história desse gênero artístico que estão em jogo*. Para a análise historiográfica que *não pretende* realizar a *história da arte*, a obra não precisa necessariamente ser considerada na totalidade da relação forma e conteúdo. Isso permite que ele encontre, por aproximações sucessivas, seus conteúdos latentes ou mesmo aqueles que escaparam inconscientemente ao seu realizador. E, assim, o filme transforma-se em documento, em fonte de conhecimento.⁷³

⁶⁸ ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes. Os filmes na história*. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

⁶⁹ MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

⁷⁰ MORETTIN, Eduardo V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*.

⁷¹ RAMOS, Alcides Freire. *Canibalismo dos Fracos. Cinema e História do Brasil*. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

⁷² FURHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. *Cinema e política*. Trad. Júlio Cezar Montenegro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p. 06

⁷³ NÓVOA, Jorge. *Apologia da relação cinema-história*. In: *Cinema-História: Teoria e Representações sociais no cinema*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p. 24.

A historiadora Michele Lagny destacou que o cinema é uma prática social e também um gerador de práticas sociais, na medida em que além de testemunhar sentimentos, pensamentos e ações de uma sociedade também apresenta modelos, veicula representações e suscita transformações.⁷⁴ Se atendo a uma leitura ampliada da fonte fílmica a autora defende a profusão de sentidos que a mesma possui, chamando a atenção para necessidade de se evocar o maior numero de informações acerca do filme.

Neste sentido, Mauricio Cardoso acrescenta que esta operação analítica que contextualiza e interpreta a obra de arte, exige o entendimento de alguns princípios teóricos que articulam as produções culturais e artísticas aos processos sociais, através de um método de interpretação que desvenda a elaboração fílmica inserida nas possibilidades historicamente dadas de representação artística. Estas manifestações são influenciadas (e influenciam) pelos interesses dos grupos que as produzem, procurando impor suas escolhas e condutas diante das demais representações. Um filme, um livro ou uma pintura são, portanto, expressões multifacetadas de grupos sociais e definem, mesmo que não intencionalmente, uma visão de mundo. Assim, a musica, o teatro, a dança, o cinema, a literatura, as artes plásticas, compreendidos como resultado da criação individual ou coletiva revelam aspectos significativos do processo histórico no qual estão inseridos.⁷⁵

O trabalho do historiador que se debruça sobre as manifestações artísticas de uma determinada sociedade precisa equacionar sua análise através de dois movimentos complementares: de um lado, a compreensão do campo artístico num dado tempo e espaço – contexto, condições de produção, debate cultural e estético -, de outro, a análise dos procedimentos de linguagem e da estrutura interna da obra, entendidos como respostas aos problemas apresentados. Entre os dois campos há ainda interlocuções, analogias, incongruências, enfim, um abismo de intenções não realizadas que devem ser interpretadas pela análise.⁷⁶

Ismail Xavier chama a atenção também para o estilo de filme que nos propomos analisar, a ficção que se compõe do melodrama. Ao estudar este estilo, o autor acrescenta que o melodrama teria a vocação de oferecer matrizes aparentemente sólidas de avaliação da experiência, destacando que flexível capaz de rápidas adaptações, o

⁷⁴ LAUGNY, Michele. *Cine e história: problemas y métodos en la investigación cinematográfica*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997.

⁷⁵ CARDOSO, Mauricio. *História e Cinema: Um estudo de São Bernardo (Leon Hirszman, 1972)*. Dissertação de mestrado, FFLCH – USP. São Paulo, 2002. p. 14-16.

⁷⁶ Idem. p. 16.

melodrama formaliza um imaginário que busca sempre dar corpo à moral, *torná-la visível*, quando ela parece ter perdido seus alicerces. Provê a sociedade de uma pedagogia do certo e do errado *que não exige uma explicação racional do mundo*.⁷⁷

O cinema em sua complexidade como fonte, há muito foi contrastado com as fontes tradicionais escritas, muitas das críticas a obra de Ferro se deram justamente pela aproximação que ele estabeleceu.⁷⁸ Neste sentido, Robert Rosenstone traz uma reflexão importante que é pensar o cinema como uma linguagem que possui seus códigos e não tendo o mesmo compromisso da fonte escrita, com uma verdade, podendo trabalhar em outros regimes de comunicação para elucidar o passado histórico⁷⁹, cabendo ao historiador ler as imagens alegóricas, ou ainda as que trabalham no regime de analogias. Esta ideia foi um percurso essencial para entender o papel de *Mississippi em chamas* como um filme que possui um enorme poder por evocar uma série de questões vividas pelos cidadãos negros. Sem necessariamente respeitar a história como de fato foi. Allan Parker evoca um tipo de protagonismo ao FBI que não existiu, todavia sua obra transmite o discurso do paradoxo da cidadania no país, sem necessariamente ser empobrecido pelo argumento da não-verdade. Os percursos teóricos são extensos além daqueles que refletirmos aqui, evidencia a importância e o espaço que vem ganhando no meio historiográfico⁸⁰, bem como a validade do uso de fontes imagéticas.

⁷⁷ XAVIER, Ismail N. *O Olhar e a Cena: Hollywood, Melodrama, Cinema Novo*, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 91.

⁷⁸ MORETTIN, Eduardo V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*.

⁷⁹ ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes. Os filmes na história*.

⁸⁰ SKYLAR, Robert. *História social do cinema norte-americano*. São Paulo: Editora Cutrix, 1978; XAVIER, Ismail N. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977; SCHATZ, Thomas. *Hollywood: critical concepts in media and cultural studies*. vol. 3-4 London: Routledge, 2004; NAPOLITANO, Marcos. *A História depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006; LEBEL, Jean Patrick. *Cinema e ideologia*. São Paulo: Mandacaru, 1989; KORNIS, Monica. *História e Cinema: um debate metodológico*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992; SANTIAGO JR., Francisco das Chagas F. *Cinema e historiografia: trajetória de um objeto historiográfico (1971-2010)*. História da Historiografia, v. 8, Abril, 2012; VALIM, Alexandre Busko - *Imagens vigiadas: uma história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*. Niterói; PEREIRA, Wagner Pinheiro. *Guerra das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin Delano Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade de São Paulo, 2003; MESQUITA, Luciano Pires. *A “Guerra do pós Guerra: O cinema norte Americano e a Guerra do Vietnã”*. Dissertação de mestrado, UFF – Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2004; SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana*. Tese de Doutorado, orientadora: Cecília Azevedo, UFF, Niterói, 2005; TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. 2010. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010; SILVA, Rodrigo Candido. *Programados para matar: Rambo, Reagan e a emergência da nova guerra fria (1981-1988)*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011; SILVA, Michelly Cristina. *Cinema, Propaganda e Política: Hollywood e o Estado na construção de representações da União Soviética e do Comunismo em Missão em Moscou (1943) e Eu Fui um Comunista para o FBI (1951)*. Dissertação de mestrado em Historia Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2013; ESPINOSA, Nanci. *Hollywood e a contenção do “mal”: Propaganda e legitimação das ações de repressão ao comunismo na Era McCarthy, 1947-1954*. Dissertação de mestrado em Historia Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2015.

Nesta dissertação nos propomos discutir as representações da cidadania nos Estados Unidos nos anos 1980 e 1990 e para tanto dividimos o texto em quatro capítulos para elucidar processos históricos que julgamos necessários para compreensão das narrativas e sua análise para assim pensar seu papel como documento de seu tempo. No primeiro capítulo fazemos um percurso desde a virada do século XX, momento onde houve significativas mudanças na concepção de cidadania e se desenvolveu um programa de promoção social que tinha como meta conter possíveis convulsões sociais devido a crescente polarização da sociedade, oriunda do acelerado ritmo de industrialização e modernização do país. A era progressista se deu no final do século XIX e se estendeu até meados da segunda década do século XX, junto a fenômenos como o fim da I Guerra, a crise da década de 1920 e o recrudescimento da abertura do país para os estrangeiros. Muitos cidadãos foram beneficiados com as ações de assistencialismo do programa, todavia, durante o período também se assistiu os paradoxos desta sociedade, como linchamento significativo de cidadãos negros e a supressão de direitos conquistados. É do período também a leitura de um liberalismo que defendia a intervenção estatal para contenção de crises, todavia se mantendo elementos estruturais da filosofia como o progresso e a emancipação, o progressismo teve seu fim em meio à crise da década de 1920, junto a uma crescente xenofobia aos estrangeiros que chegavam e uma concepção mais étnica do que cívica de nacionalismo e cidadania. Estudamos ainda duas iniciativas de promoção social que levaram adiante propostas do progressismo, na década de 1930 o New Deal, como solução proposta à crise econômica do capitalismo que acometeu o país, bem como a Grande sociedade de John F. Kennedy que se propunha acabar com a pobreza. Elucidar estes programas é tido como necessário para compreensão de um projeto de promoção social liberal que será construído em torno do século XX, que defende a divisão das riquezas e promove a realização individual na America, e foi escopo para contestação de minorias que não se viam assistidas no usufruto de seus direitos. Neste contexto, pobres e majoritariamente negros foram acolhidos por estas iniciativas, constituindo a longo prazo, como pano de fundo para a crítica de grupos conservadores que ensejavam um Estado mínimo, tendo como justificativa a leniência e desemprego que estes programas traziam.

No segundo capítulo refletimos como o fim da Grande sociedade, a crise econômica dos anos 1970, e significativamente a guerra do Vietnã e o trauma em torno desta experiência foram elementos que justificaram políticas austeras que acometeram

os grupos assistidos pelos programas do Estado de bem estar social. Neste sentido o percurso nas narrativas de *Mississippi em Chamas* e *Nascido em 4 de julho* serão pensados como fontes para reflexão da produção imagética acerca destes eventos. Nesta discussão pautamos a análise das fontes pensando o período que elas se debruçam e como se comportaram os movimentos sociais em luta.

No terceiro capítulo refletimos inicialmente sobre a desenvoltura de um grupo de interesse, que contrario aos liberais do New Deal e da Grande Sociedade, pensavam a sociedade americana por um prisma conservador. Alguns destes intelectuais irão fazer uma releitura desta filosofia, elegendo traços de vertentes distintas e pensando um conservadorismo que se chamará posteriormente de neoconservadorismo, pelos traços peculiares que irão erigir para defender sua visão de mundo. Estes neoconservadores irão se ver representados por Ronald Reagan, presidente entre os anos de (1981-1988) e pelo seu sucessor George H. W. Bush (1989-1992), que irão desarticular a dinâmica do Estado de bem estar social, bem como promover a implementação de uma releitura do liberalismo, defendendo o pensamento clássico do *deixar fazer* do Estado, promovendo assim o neoliberalismo. Diversas narrativas fílmicas problematizaram as consequências deste projeto político para minorias, que não obstante, eram os grupos mais beneficiados pelas políticas liberais. Desta forma *Um dia de fúria* se fará como percurso fílmico para compreensão do recorte.

No quarto e ultimo capítulo, refletimos como as consequências do projeto neoconservador e neoliberal reverberou na opinião publica um desejo de mudança, e a implementação de uma política publica que sanasse as grandes disparidades existentes no país. A ascensão democrata, na figura de Bill Clinton para muitos se mostrava como uma solução pela proposta de uma agenda mais voltada as questões nacionais e com o intuito de revigorar o papel de diversos programas sociais. Neste período houve também um esforço de uma serie de diretores e historiadores de reviver os episódios de glória do país no cenário externo. Gary Gerstle chama o fenômeno de uma reaproximação dos liberais da guerra e do sentido de identidade nacional que estes eventos forjam. A ação visava entre outras coisas soterrar o trauma do Vietnã que fora encenado no cinema entre as décadas de 1970 e 1980, todavia em uma chave critica. Este esforço falhou, e junto a ele, uma inclinação do governo Clinton a uma política externa efetiva de expansão, bem como de ampliação do neoliberalismo, o fim da década assistiu a uma serie de filmes críticos a sociedade americana em sua essência e a crise do homem

WASP. Para nós *Clube da luta* se constituiu como um destes esforços. Neste sentido, a reflexão aqui proposta, pretende-se como um estudo que parte dos filmes para pensar os contextos políticos que eles problematizaram e como suas imagens possuem as simetrias da história deste povo.

1. Capítulo - As transformações do Liberalismo e as políticas de promoção social no século XX

1.1 - A Cidadania no limiar do século XX, a condição do negro e o movimento Progressista

A cidadania nos Estados Unidos possui uma história que por muito tempo foi pensada na perspectiva do consenso, com simbolismos que unificavam diferenças e corrigia arestas. O processo de expansão foi narrado na literatura com bravura, o oeste aparece como grande desafio para o homem americano da fronteira, todavia, o genocídio indígena, a trilha das lágrimas, que removeu diversas nações de suas terras, a escravidão, bem como a não aceitação de milhares de imigrantes conquistou alguma atenção na historiografia, quando historiadores pensaram uma nova escrita da história, e o dissenso como perspectiva inerente a história dos Estados Unidos.⁸¹

O período da escravidão que perdurou até a Guerra de Secessão foi amplamente marcado pela marginalização do negro em todos os aspectos. De acordo com Eric Foner, em 1860, 90% da população negra do Sul dos Estados Unidos constituía-se de analfabetos, um reflexo das leis que proibiam os negros escravizados de aprenderem a ler e escrever. Após a Guerra Civil, muitos homens e mulheres negras, rumaram para o sul para atuar como docentes e tutores. Para a população liberta, o letramento passou a significar um valor central associado à liberdade.⁸² A respeito da abolição da escravatura em 1863, com a ratificação da 13ª Emenda⁸³, muitos estados do sul, como Mississippi, Louisiana e Geórgia, continuavam ensejando práticas de discriminação e subordinação dos ex-escravos através de legislações conhecidas como *Black Codes*. De um modo geral esses códigos proibiam o casamento entre brancos e negros e reafirmavam a subjugação do negro no trabalho, e conferiam um direito limitado de acesso a cortes, além de negar ao negro o direito de voto. Os *Black Codes* foram, portanto, uma reação da aristocracia branca sulista ao fim da escravidão, representando uma tentativa de controle do processo de emancipação dos ex-escravos a partir da

⁸¹ STERNISHER, B. *Consensus, Conflict and American Historians*. Bloomington: Indiana University Press, 1975.

⁸² FONER, Eric. *Nada além da Liberdade: A emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

⁸³ SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Não diga que não somos Brancos: Os projetos de colonização para Afro-americanos do governo Lincoln na Perspectiva do Caribe, América Latina e Brasil dos anos 1860*. Tese de doutorado em História Social, FFLCH – USP, São Paulo, 2013.p. 35.

negação da igualdade civil, política e social que foram garantidas pelas 14ª Emenda ratificada em 28 de julho de 1868, que garantia o direito de cidadania a todo aquele nascido ou naturalizado em território americano, bem como a 15ª Emenda de 30 de março de 1870 que garantia o sufrágio universal a todo cidadão⁸⁴.

O período posterior a guerra, comumente chamado de Reconstrução, acenava para a possibilidade de ganho de direitos sociais aos negros, para tanto o congresso aprovou o *Civil Rights Act*, estendendo a cidadania norte-americana a todos os negros. O confronto de forças foi uma constante, e com o fim da Reconstrução, o negro sofreu ataques contundentes a sua condição. As práticas de linchamento contribuíram para salientar as profundas diferenças entre parcelas da sociedade. É nesta seara que Rayford Logan descreve o processo de rebaixamento de status social enfrentado pelos negros em significativas partes do território norte-americano tanto no que se refere a procedimentos legais quanto em práticas cotidianas nomeando o período entre 1890 e 1930 de *Nadir*⁸⁵, presenciou-se assim, a privação dos direitos adquiridos pelos antigos escravos e seus descendentes na Lei.

É nesse contexto que uma série de práticas, as Leis Jim Crow⁸⁶, que possuem simetria similar aos Black Codes são instituídas para mitigar, bem como controlar o acesso do povo negro a sua cidadania, consistiam em mecanismo que segregavam o negro em espaços públicos, separando seu usufruto distintamente dos elementos brancos, quando não os privando.⁸⁷ Sua origem e etimologia advém de um número de canto e dança chamado “Jumping Jim Crow”, apresentado pela primeira vez em 1828 por Thomas Dartmouth Rice, popular ator ambulante que é considerado o pai dos espetáculos humorísticos e musicais de “negros e brancos”, os minstrel shows. O apelido Jim Crow, de conotação pejorativa e racista, difundiu-se a partir de então para designar, além do negro pobre e sem instrução, todo um sistema de leis e costumes implantado no sul dos Estados Unidos após a guerra de secessão e a libertação escrava.⁸⁸

⁸⁴Constituição dos Estados Unidos da América, Disponível em: www.archives.gov/exhibits/charters/constitution.html. Acesso em 15/09/15.

⁸⁵LOGAN, Rayford. *The Negro in American Life and Thought: The Nadir*. New York: Dial Press, 1954.

⁸⁶PACKARD, Jerrold M. *American Nightmare: the history of Jim Crow*. New York: St. Martin's Press, 2002.

⁸⁷SMITH, J. Douglas. *Managing White Supremacy: race, politics, citizenship in Jim Crow Virginia*. Chapel Hill: The University Carolina Press, 2002.

⁸⁸WACQUANT, Loïc. *Da escravidão ao encarceramento em massa: repensando a “questão racial” nos Estados Unidos*. In: Contragolpes; seleção de artigos da New Left Review. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 16.

Loic Wacquant define de forma radical as Leis Jim Crow, asseverando que estas consistiam em um conjunto de códigos sociais e legais que determinava a separação completa das raças e limitava acentuadamente as oportunidades de vida dos afro-americanos, ao mesmo tempo em que os prendia aos brancos numa relação de submissão generalizada sustentada pela coação legal e pela violência terrorista. Importado do norte, onde fora experimentado em algumas cidades, esse regime determinava que os negros viajassem em vagões e bondes separados, com salas de espera também separadas; que morassem em cortiços nos “bairros negros” e frequentassem escolas separadas (quando as frequentavam); que prestigiassem estabelecimentos de serviços separados e usassem seus próprios banheiros e bebedouros; que orassem em igrejas separadas, se divertisse em lugares separados e se sentassem em “galerias para negros” nos teatros; que recebessem cuidados médicos em hospitais separados com equipe exclusivamente “de cor”, e que fossem encarcerados em celas separadas e sepultados em cemitérios separados. O mais importante foi que as leis uniram-se aos costumes para condenar o “crime infável” do casamento, da coabitação ou da mera conjunção sexual inter-racial, de modo a defender a “lei suprema da autopreservação” das raças e o mito da superioridade branca inata.⁸⁹

No sul do país, especificamente em Nashville, nos idos de 1867, fora criada a Ku Klux Klan (KKK). Esta se constituía numa organização racista, de extrema direita e reacionária, que atribuía para si à condição de bastião da tradição e moralidade. Tendo como participantes antigos proprietários de escravos que se prontificavam a defender alguns dos ideais sulistas, defendiam a supremacia branca e protestante e utilizaram poderes coercitivos sobre negros e brancos que cometiam delitos com o pretexto de defender a ordem. A Klan foi tratada como organização secreta e misteriosa, marcada por seus membros mascarados e uma estrutura hierárquica fora do comum. Ao longo da sua história de intolerância, a Klan atuou contra negros, imigrantes e comunistas.⁹⁰

A organização foi revivida em 1915 com impulso do hoje clássico filme “O Nascimento de uma nação”, de David W. Griffith, longa-metragem que trazia a narrativa ficcional da redenção do sul norte americano, após a guerra civil, a partir do retorno da Ku Klux Klan. Esta organização revivida por Wilson Simmons, ex-pastor metodista do sul dos Estados Unidos, era uma resposta à ânsia de parcela da população

⁸⁹ Idem. p. 16-17.

⁹⁰ SMITH, J. Douglas. *Managing White Supremacy: race, politics, citizenship in Jim Crow Virginia*.

branca pela restauração de um período de americanismo corrompido pela abolição da escravidão e a chegada em massa de imigrantes nas duas primeiras décadas do século XX. Em um primeiro momento, a Ku Klux Klan preservou o formato de uma sociedade com cerimônias fechadas, mas, com crescimento estrondoso do número de membros, voltaria a protagonizar mais amplamente o terror através de linchamentos e enforcamentos nas cidades em que estava presente.

Esse estado de coisas tornou o sul uma realidade penosa para os negros, e com as notícias de experiências mais brandas, bem como a oportunidade de inserção no prospero mercado de trabalho produzido pela indústria em constante crescimento no norte, incentivou o fenômeno que levou negros esperançosos a migrarem para as grandes metrópoles. O movimento conhecido como Grande Migração - *Great Migration*, tomou forma na última década do século XIX, paulatinamente aumentou, tendo seu ápice com o eclodir da Primeira Guerra Mundial, entre 1914-1918, em que aproximadamente 330.000 afro-americanos teriam deixado o sul do país para ocuparem postos de trabalho abertos nas regiões industrializadas do meio-oeste e nordeste que estavam operando na economia de guerra.⁹¹ Essa dinâmica tendeu a se repetir entre 1940-1960 estimulada pelo advento da segunda grande guerra quando mais cidadãos negros tenderam a migrar para esses centros. Esses afro-americanos procuravam além de inserção social, melhores salários e condições de vida.⁹²

Todavia, como pontua Loic Wacquant, quando esses migrantes vindos desde o Mississippi até as Carolinas, chegaram em multidões às metrópoles do norte, descobriram que aquela não era a “terra prometida” da igualdade e da completa cidadania, mas sim outro sistema de isolamento racial, o gueto, que, embora fosse menos rígido e assustador que aquele do qual fugiram, era não menos abrangente e restritivo.⁹³ O gueto obrigou os afro-americanos a congregarem-se num “cinturão negro” que logo ficou superpopuloso, malservido e eivado de crime, doença e dilapidação, enquanto o “teto empregatício” limitava-os às ocupações mais arriscadas, braçais e mal pagas, tanto no setor industrial quanto no de serviços pessoais.

Os negros tinham entrado na economia industrial fordista, para a qual

⁹¹ NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “Novo” Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis: 1910-1920*. Dissertação de mestrado em História Social, FFLCH – USP, São Paulo, 2015. p. 37.

⁹² SCOTT, Donald. *Great Migration*. In: BROWN, Nikki L. M.; STENTIFORD, Barry M. (eds.). *The Jim Crow Encyclopedia*. V. 1: A-J. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2008, pp. 338-344.

⁹³ WACQUANT, Loïc. *Da escravidão ao encarceramento em massa: repensando a “questão racial” nos Estados Unidos*. p. 17-18.

contribuíram como fonte vital de mão de obra abundante e barata disposta a acompanhar seus ciclos de expansão e queda. Mas permaneceram presos a uma posição precária de marginalidade econômica estrutural e comprometidos com um microcosmo segregado e dependente, com sua própria divisão interna de trabalho, sua estratificação social e seus órgãos de voz coletiva e representação simbólica: “uma cidade dentro da cidade”.⁹⁴ Com o passar das décadas alguns sujeitos conseguiram se destacar e desenvolver uma burguesia negra, todavia, por mais que houvesse um sucesso econômico a cor delimitava sua condição e reconhecimento em determinados espaços ou mesmo atribuição de determinadas funções.⁹⁵

Quanto à educação pública oferecida a estudantes negros, a situação na mesma medida era crítica. No ano de 1896 na Louisiana foi estabelecida na decisão *Plessy v. Ferguson* a doutrina dos “separados mas iguais” - *separate but equal*⁹⁶, contribuindo para difusão da desigualdade e segregação para as novas gerações, que eram levadas a ver a criança negra como inferior. O resultado do caso *Plessy vs. Ferguson* deu força à interpretação de que a separação de negros e brancos no espaço público não violava a igualdade de direitos garantida pela 14ª Emenda da Constituição. O argumento era o de que a segregação seria justa desde que cada grupo racial desfrutasse de serviços públicos na mesma qualidade.⁹⁷

Nessa seara, movimentos sociais compostos por lideranças negras, bem como brancos simpáticos a causa - em sua maioria descendentes de abolicionistas, organizaram movimentos e instituições que denunciavam a precarização das condições de vida das comunidades negras, bem como o desrespeito a direitos conquistados. Ainda em fins do século XIX, um bom exemplo é a *Afro-American League* formada em 1890 por Timothy Thomas Fortune. A organização tinha como lema a solidariedade racial e auto-ajuda, seu efêmero período de duração, devido a escassos financiamentos, notabilizou-se por ter deixado um legado que pode ser visto na criação de instituições e movimentos com caráter similar.

O Movimento Niágara também se constituiu como organização que lutava pelo

⁹⁴ Idem. p. 18.

⁹⁵ McGERR, Michael. *A Fierce Discontent: the rise and fall of the Progressive movement in America, 1870-1920*. New York: Oxford University Press, 2005.

⁹⁶ SYRETT, Harold C. (org.). *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 246.

⁹⁷ KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement: abridged edition of “From Jim Crow to civil rights: the Supreme Court and the struggle for racial equality”*. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

fim da segregação, maior acesso ao voto do negro e principalmente por leis contra a prática do linchamento. Fundado em 1905 por William Edward Burghardt Du Bois e William Monroe Trotter entre outros, o movimento era uma resposta à outra organização em prol da causa negra, o Instituto Tuskegee fundado em 1881 e seu líder, Booker T. Washington. Este possuía uma filosofia gradualista por assim dizer, defendendo o comodismo político, desanimando os negros na luta por seus direitos cívicos e estimulando por outro lado a empregarem suas atenções e esforços na qualificação de mão de obra técnica industrial e estabilidade econômica.⁹⁸

A filosofia empregada por Washington, apresentada em seu discurso realizado na cidade de Atlanta – capital da Geórgia, que ficou conhecido como o *Compromisso de Atlanta*, em 1895, teve como intuito propor a abdicação, mesmo que momentânea, por parte dos negros, de procurarem conquistar maiores direitos civis. Contando desta forma com o apoio da filantropia branca que via essa estratégia como coerente a fim de se evitar qualquer confronto com a estrutura social vigente.⁹⁹ Usando metáforas do corpo humano, Washington afirmou que negros e brancos estavam socialmente separados como os dedos de uma mão, legitimando de alguma maneira a segregação racial. A partir deste princípio, o líder negro passou a defender a ideia de que antes que a população negra lutasse pela integração deveria reforçar as suas instituições, até alcançar o nível do restante da sociedade norte americana.¹⁰⁰

Ativistas como W.E.B. Du Bois, que empreendiam um forte combate à segregação racial, passaram a tratar o discurso de acomodação à situação de Booker T. Washington como um apoio aos racistas. É nesse contexto que o Movimento Niágara dará origem a uma instituição que até os dias atuais luta pela causa das pessoas negras. Mais conhecida por sua sigla a NAACP - *National Association for the Advancement of Colored People*. (Associação nacional para o avanço de pessoas de cor). Em momento inicial, a estratégia da NAACP estava direcionada ao combate aos linchamentos¹⁰¹, que durante longos anos pareciam uma constante nas relações entre brancos e negros,

⁹⁸ SMITH, J. Douglas. *Managing White Supremacy: race, politics, citizenship in Jim Crow Virginia*.

⁹⁹ NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “Novo” Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis: 1910-1920*. p. 64.

¹⁰⁰ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. Dissertação de mestrado em História Social, FFLCH – USP, São Paulo, 2010. p. 119-20.

¹⁰¹ STEPHENS, Judith L. *Racial Violence and Representations: Performance Strategies in Lynching Dramas of the 1920s*. In: *African American Review*, Vol. 33, n. 4 (Winter, 1999), p.655-671.

destacadamente, nos estados do sul da nação.¹⁰² Esta prática, mais comum em estados de fronteira do oeste tinha como principais vítimas pessoas de pele branca em vez de negra. No entanto, em fins dos anos 1880, tal fato toma uma nova característica e se instala de forma preponderante em estados sulistas.¹⁰³

Segundo o historiador W. Fitzhugh Brundage, a proporção de linchamentos ocorridos nos estados pertencentes à região sul do país teve um aumento de 82% para 95% de todos os casos envolvendo esta prática de violência em escala nacional, durante os anos 1880 e 1920. Apresentando dados por motivo de comparação em relação a outras regiões, como o meio-oeste, onde cerca de 181 pessoas brancas e 79 pessoas negras foram linchadas, Brundage apresenta a extraordinária diferença em relação ao sul, em que durante o mesmo período, 723 brancos e 3.220 negros padeceram face a este amargo destino.¹⁰⁴

Em 1900, foi derrotado o ultimo dos republicanos negros sulistas, remanescentes dos dias da reconstrução, e até 1928 mais nenhum negro voltou a ser eleito para o congresso.¹⁰⁵ Com a falência da representação cabia aos militantes como W.E.B. Du Bois e Oswald Garrison Villard, neto de William Lloyd Garrison, um aclamado abolicionista do século XIX, uma critica contundente, onde escreveram juntos o primeiro apelo para o reconhecimento dos negros através da democracia. Todavia, segundo Arthur Ekirch, a maioria dos progressistas continuava a aceitar a política gradualista da educação vocacional e trabalho pesado prescrita por Booker T. Washington. Consequentemente poucas modificações foram feitas no padrão sulista de discriminação e segregação.¹⁰⁶

Simultâneo a este contexto social o país vivia um progresso a saltos nas grandes cidades, trazendo consigo desigualdades latentes. Neste período o liberalismo nos Estados Unidos teve em fins do século XIX intelectuais dispostos a pensar em políticas que combatessem a pobreza, o desemprego e a fome, estendendo um usufruto maior da cidadania e apaziguando as disparidades econômicas entre as classes, estes viam na crise do capitalismo que assolava a economia do país, uma forma de expansão de

¹⁰² MEIER, August; BRACEY Jr., John H. *The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: "To Reach the Conscience of America"*. In: *The Journal of Southern History*, Vol. 59, n. 1 (Feb., 1993), p. 3-30.

¹⁰³ NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o "Novo" Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis: 1910-1920*. p. 65.

¹⁰⁴ BRUNDAGE, W. Fitzhugh. *Lynching in the New South: Georgia and Virginia, 1880-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1993. p. 8.

¹⁰⁵ EKIRCH JR, Arthur. *A democracia americana; teoria e pratica*. Zahar: Rio de Janeiro. 1963. p. 201.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*.

filosofias trazidas da Europa como o socialismo e o anarquismo¹⁰⁷, vistos como alternativa que deveria ser combatida.

Neste sentido, algumas das prerrogativas do liberalismo¹⁰⁸ são reformuladas, entre elas, a necessidade do fortalecimento de instituições tidas como não naturais como o Estado, e seu poder regulador, que antes fora pensado como gerador de obstáculos para o desenvolvimento. Gary Gerstle acrescenta que pelo menos três características do pensamento liberal se mantiveram: emancipação, racionalidade e progresso. Características como o clássico “*deixar fazer*” - *laissez faire*, vieram a ser alterados, almejando um Estado que atenuasse as desigualdades, tamanha noção é imprescindível para entender programas desenvolvidos no século XX e que se propuseram a criar um legado de promoção social na sociedade.

Os liberais concebem daí por diante que o Estado deveria dotar os cidadãos de escolarização, de meios econômicos e sociais para que estes pudessem gozar de sua autonomia e individualidade de forma cada vez mais significativa. Esse liberalismo da virada de século, que mobilizou uma série de intelectuais de distintas perspectivas, muitos destes oriundos de universidades tradicionais, bem como de famílias protestantes - uma vez que havia um apelo moral nas propostas de reformas sociais que eram formuladas, ficou conhecido como liberalismo progressista.¹⁰⁹

Tornou-se lugar comum entre estes intelectuais à ideia de que a intervenção do Estado era necessária para que trabalhadores e agricultores obtivessem progressos, se educassem, diminuindo assim tensões que havia na sociedade. É neste contexto que diversos projetos sociais, econômicos e de assistência são pensados. O ecletismo intelectual gerou projetos de progresso que iam da intervenção racional do Estado – regulando empresas em prol da organização de trabalhadores vista no corporativismo, e no incentivo ao sindicalismo, à concepção de que a saída poderia ser no controle democrático das indústrias pelos grupos trabalhadores levando-se em conta as limitações dos sindicatos e do controle absoluto do Estado.¹¹⁰

Os intelectuais que convergiram seus discursos e práticas com o reformismo progressista obtiveram resultados, entre eles: crescimento no nível educacional e

¹⁰⁷ AZEVEDO, Cecília. *Amando de olhos abertos Emma Goldman e o dissenso político nos EUA*. In: VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38: p.350-367, Jul/Dez 2007.

¹⁰⁸ GERSTLE, Gary. The protean character of American liberalism. *American Historical Review*, Vol. 99, Nº. 4, Out. 1994. p. 03.

¹⁰⁹ STARR, Paul. *Freedom's Power: the true force of liberalism*. New York: Basic Books, 2007. p. 99.

¹¹⁰ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2001. p. 07.

cultural, notadamente em locais mais pobres, através do ensino público, que em suas leituras aliviariam as disparidades sociais promovendo a ascensão social, combatia a pobreza e a criminalidade, bem como diminuía o desemprego. Este último era tido como um problema de mercado, e com um mercado de trabalho mais preparado, consequentemente aumentava-se a riqueza, diminuindo os riscos de convulsões sociais. Houve também uma atenção maior na capacitação da classe trabalhadora, enfatizando o papel da mulher. No que diz respeito às intervenções dos reformadores no campo da saúde, foram também significativas, diminuíram com a iniciativa doenças como a varíola, difteria e tuberculose, que assolavam as crianças e consequentemente veio a reduzir a mortalidade infantil. No Estado de Massachusetts foi criado o primeiro conselho de saúde em 1869, e daí por diante outros Estados criaram entidades que tinham atribuições similares.¹¹¹

Os reformadores progressistas vislumbravam um Estado forte e que acima de tudo trouxesse progresso a todos, para tanto, apoiando a classe trabalhadora tendo como contrapartida maior produção, bem como as indústrias, sanando disparidades, e ainda criando mecanismos que gerassem a equidade para o avanço com aproveitamento de todos envolvidos, dito de outra forma, beneficiava-se um dado setor em vistas do progresso para todos. Ficou conhecido como “discriminações construtivas”¹¹². De maneira prática, o Estado apoiava a classe trabalhadora em sua organização em sindicatos, bem como concedendo direitos que trouxessem maior estabilidade a estes, e por outro lado apoiando a iniciativa privada a galgar maiores percentagens de lucros com incentivos, tamanha prática foi vista de maneira mais significativa no governo de Franklin Delano Roosevelt com o *New Deal*¹¹³, todavia já se desenhava neste período.

Nota-se que este projeto aspirava a uma nova sociedade, e aí o discurso moral enfatizava uma nação renovada e em pleno progresso. A transição de programas que possuíam um caráter de filantropia e caridade para a categoria de direitos reforçou o âmbito de conquistas sociais que o início do século XX teve como avanço neste plano, o intuito de reduzir a dependência e de ponderar as disparidades econômicas marcou o período e se tornou exemplo para sucessivos gestores engajados com o projeto liberal,

¹¹¹ Idem. p. 08.

¹¹² LIMONCIC, Flávio. *A promessa da vida Americana: Herbert Croly, as “discriminações construtivas” e a questão do Estado Norte-Americano*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

¹¹³ PURDY, Sean. *O Século Americano*. KARNAL, Leandro. Et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 191.

os anos 1930 foram expressivos para estes avanços.¹¹⁴

Nesse contexto de significativas mudanças, o nacionalismo de caráter cívico ganha força por ser suporte dos movimentos sociais, políticos e reformadores - que se pautaram em valores de cidadania, e chega a se contrapor em uma nação que se consagrava pela crença em um nacionalismo étnico, que recorre à categoria de raça para pensar em uma história de ancestralidade mítica, monumental e de comunidade imaginada para os descendentes dos pais fundadores. Com a ascensão deste nacionalismo cívico vinculou-se reconhecimento de pertencimento e direito de escolhas de diretrizes do futuro da nação, essas duas formas de pensá-la entram mais do que nunca em atrito, enquanto uma narra a história de um grupo eleito e com bens simbólicos em comum – o nacionalismo étnico, a segunda toma como preleção a ideia de pertencimento, junto a direitos e deveres que este cidadão toma para si.¹¹⁵

É importante lembrar que outrora o nacionalismo cívico se complementava com o nacionalismo étnico, quando se pensa os Estados Unidos de fins do século XIX como nação que propunha o *melting pot*¹¹⁶. Em sua formação, a expressão, consiste na metáfora da heterogeneidade étnico-racial e de culturas; de maneira literal, significa um caldeirão de culturas, dando a entender que os povos europeus em uma espécie de coesão compartilhada forjam o homem americano, que possui traços ancestrais de uma cultura principalmente oeste europeia, no entanto dotado de características distintas pela renovação nos Estados Unidos.

No entanto, muitos homens do século XIX que pensaram a formação da nação e refletiram a ancestralidade que originou o homem americano não levou em conta nesta equação que havia povos que estavam no espaço geográfico da América, bem como aqueles que foram trazidos, e não são pensados no *melting pot*, como fora o caso dos índios e negros. Os primeiros, que foram exterminados em massa e devestados em séculos de guerra e políticas discriminatórias, são lembrados por ter legado a bravura e

¹¹⁴ LIMONCIC, Flávio. *A grande transformação da economia americana: o New Deal e a promoção da contratação coletiva do trabalho*. In: LIMA, João Gabriel; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. (Org.) *A Grande Depressão: Política e economia na década de 1930 – Europa, América, África e Ásia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

¹¹⁵ GERSTLE, Gary. *Raça e Nação nos Estados Unidos, México e Cuba, 1880-1940*. In: DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹¹⁶ Em 1908 Israel Zangwill estreou sua peça chamada *Melting Pot* que tratava dos problemas da imigração, de preconceitos raciais, religiosos e culturais e defendia a formação de um novo americano a partir da união das diferenças. Com um grande otimismo foi elogiada na época pelo presidente Theodore Roosevelt. Ver: OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos. Representações da identidade Nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 175

por serem destemidos, características que são marcantes no homem da fronteira e lembrada no mito do oeste. No segundo caso, os negros foram associados à escravidão¹¹⁷, a subserviência, ausência de autogoverno, características que não são associadas ao homem americano.

Tomando como itinerário o pensamento de Theodore Roosevelt, presidente entre 1901-1909 e Nobel da Paz, que foi um homem que viveu a virada do século e que pensou a nação pelo prisma do nacionalismo étnico, a formação desta aconteceu pelo embate racial e superação do homem branco, descendente do europeu e anglo saxão que dotava de características notáveis como a autonomia, ode a liberdade e democracia, espírito empreendedor, comunitário e senso de justiça. Podemos entender como o hibridismo da expansão da nação era pensado estritamente entre os homens brancos, seu pensamento assim pautava-se inicialmente em um nacionalismo étnico com leves traços cívicos.¹¹⁸

Segundo Cecília Azevedo, Theodore Roosevelt acreditava que para evitar a falência do espírito que presidira a fundação e expansão da nação, seria preciso que todos pensassem, trabalhassem e vivessem “exclusivamente como Americanos”, o que significava que os imigrantes, além de esquecer antigas lealdades e vínculos, deveriam aderir aos princípios do individualismo liberal e da ética puritana do trabalho. Para Roosevelt, os anarquistas, pela perversão que procuravam promover nas relações de trabalho, e as “raças resistentes à assimilação” não se qualificariam como verdadeiros americanos.¹¹⁹ Com o passar do tempo, o seu pensamento toma contornos mais cívicos, exaltando o hibridismo, mas com a possibilidade de coexistência de raças, religiões e etnias distintas, porém com ressalvas, e hierarquizando, bem como levando em conta que os não-brancos viria a ter maiores dificuldades em alcançar os atributos políticos e morais dos cidadãos, fica claro que essa mudança foi de influencia do reformismo progressista que alcançava resultados notáveis em seu governo.

Dialogando com os movimentos sociais, reformadores e negros, Roosevelt acabou com os testes que avaliavam raça, orientação política e religião para os que aspiravam utilizar os serviços governamentais quando esteve no cargo de comissário de serviços civis. Enquanto governador de Nova Iorque aprovou medidas que proibiam a

¹¹⁷ MORGAN, Edmund S. *Escravidão e liberdade: o paradoxo americano*. In: Estudos Avançados. Vol. 14, n. 38, São Paulo, jan/abr 2000.

¹¹⁸ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 20.

¹¹⁹ AZEVEDO, Cecília. *Amando de olhos abertos Emma Goldman e o dissenso político nos EUA*. p. 19.

discriminação racial nas escolas públicas, e revogou a lei que permitia que cidades pequenas alocassem as crianças negras e brancas em escolas separadas.¹²⁰ É importante ressaltar que os movimentos sociais por mais que não tivessem a projeção como se verá na segunda metade do século XX, fizeram neste período forte resistência e contestaram avanços através de políticas públicas.

Em 1910, logo após seu governo enquanto presidente, Roosevelt propôs seu “novo nacionalismo” inspirado nas ideias e no termo de Herbert Croly, autor de obra seminal do reformismo progressista - que também foi editor da revista *A nova República*, que incumbe ao Estado um programa de reformas sociais e morais. *The Promise of American life*¹²¹, publicado em 1909 difundiu algumas das bandeiras dos reformadores progressistas e conduziu Roosevelt a pensar na importância da regulação, para que os detentores do poder, bancos, e magnatas da indústria não usassem de sua força para corromper os cidadãos e o Estado em prol de seu interesse.

Segundo Roberto Moll, Roosevelt sugeriu que o governo deveria interferir nas condições econômicas e sociais do país regulando as ferrovias, as fábricas de alimento, as refinarias de petróleo e as companhias de carvão. Também acreditava que o governo deveria cobrar mais impostos das grandes empresas, garantindo que os recursos naturais da nação fossem utilizados em prol de todas as pessoas e não dos monopólios.¹²² Encorajando os trabalhadores a associarem-se aos sindicatos para negociar seus contratos de forma que alcançassem melhores condições de trabalho; e assumindo maior responsabilidade sobre o bem estar geral através da regulação das horas de trabalho, promoção do seguro contra acidentes nas fábricas e melhoria das escolas públicas.¹²³

Sean Purdy chama a atenção que a postura progressista de Theodore Roosevelt mais do que estava preocupada com as condições dos cidadãos mais pobres, tinha interesse em sanar as disparidades do capitalismo, evitando convulsões sociais.¹²⁴ Desta forma, era necessário à vigilância dos interesses das grandes corporações, bem como das vias tidas como radicais, e para tanto uma classe trabalhadora forte e em equilíbrio

¹²⁰ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação: Mestrado em História - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. p. 30.

¹²¹ DEXTER, Byron. *Herbert Croly and the Promise of American Life*. In: *Political Science Quarterly*, Vol. 70, Nº. 2 (Jun., 1955), pp. 197-218

¹²² MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 31.

¹²³ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 68.

¹²⁴ PURDY, Sean. *O Século Americano*. p. 192.

social e articulada aos sindicatos seria a solução, para Roosevelt estes últimos tinham que respeitar a propriedade privada, posicionamento que afasta vias radicais.

É imprescindível colocar que a historiografia não trata o progressismo como um período de um todo positivo, havendo leituras que na verdade o descredenciam enquanto tal. Um dos primeiros a trilhar o caminho foi Richard Hofstadter com o livro *The American Political Tradition and the Men Who Made It*¹²⁵ e, posteriormente, *The Age of Reform: From Bryan to F. D. R.*¹²⁶ Segundo o autor, personagens como Theodore Roosevelt eram conservadores e suas realizações tidas progressistas foram fracas e não surtiram significativos efeitos. Nessa linha de raciocínio que tratou os chamados progressistas mais como um grupo conservador, George E. Mowry, primeiro em *The California Progressives*¹²⁷ e depois em *The Era of Theodore Roosevelt and the Birth of Modern America, 1900-1912*¹²⁸, descreveu os integrantes do movimento progressista como indivíduos de classe média que se sentindo ameaçados, por um lado, pelas grandes corporações e, por outro, pelo movimento trabalhista organizado, procuraram restaurar o individualismo do século XIX no século XX.

Provavelmente, Peter G. Filene tenha desenvolvido a interpretação mais controversa sobre o intervalo de tempo descrito como Era Progressista. No artigo, sugestivo, *An Obituary for "The Progressive Movement"*, Filene procurou demonstrar que nenhuma uniformidade existiu para que o período fosse caracterizado como um movimento. Após apresentar uma definição sobre quais seriam as principais características de um movimento segundo os sociólogos, Filene chega à conclusão que os diversos pontos de vista existentes entre os membros ditos progressistas, impossibilitam uma definição coerente.¹²⁹ Há uma gama de leituras que aqui não foram arroladas, mas que em determinado caso se compõem em um discurso unilateral, como aquelas em que criticam o avanço realizado nas áreas norte e nordeste do país e um certo esquecimento do sul que ainda possuía uma simetria agrária.

Todavia, na segunda década do século XX houve dois grandes fenômenos que mostraram as ambivalências da trajetória progressista: a primeira guerra mundial e a

¹²⁵ HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition and the Men Who Made It*. New York: Vintage Books, [1948] 1989.

¹²⁶ HOFSTADTER, Richard. *The Age of Reform: From Bryan to F. D. R.* New York: Alfred A. Knop, [1955] 1965.

¹²⁷ MOWRY, George E. *The California Progressives*. Chicago: Quadrangle Books, [1951] 1963.

¹²⁸ MOWRY, George E. *The Era of Theodore Roosevelt and the Birth of Modern America, 1900-1912*. New York: Harper & Row, [1958] 1962.

¹²⁹ NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o "Novo" Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis: 1910-1920*. p. 44.

revolução russa. O primeiro inibiu de certa forma o nacionalismo cívico devido a grande xenofobia que se viu na sociedade e que teve como um de seus reflexos a dura Lei de imigração de 1924 que diminuiu quantitativamente bem como qualitativamente a entrada de estrangeiros, em especial asiáticos e do leste europeu.¹³⁰ No caso específico da revolução russa, houve uma política antissocialista do governo e da classe dominante, personificado nas acirradas regulações políticas e culturais dos reformadores de uma vertente mais conservadora.

Com a Lei de Imigração de 1924, a entrada de imigrantes nos Estados Unidos passou a ser regulada desde fora do país, com a exigência dos vistos, que só poderiam ser conseguidos nos consulados antes do embarque nos portos, e, mais tarde, nos aeroportos. Nesse contexto a criação do passaporte como documento para viagens transnacionais, é mais um elemento que traz complexidade a migração, bem como representa o recrudescimento das fronteiras na conjuntura do pós I guerra mundial e que foram personificadas na Lei de 1924. A universalização do passaporte como documento de identidade internacional aconteceu em circunstâncias na qual a vigilância sobre os movimentos transnacionais atingiu novos ápices.¹³¹

Essa nova onda de imigração vai provocar nos Estados Unidos, não apenas o clima de xenofobia, mas discussões político-filosóficas sobre o “verdadeiro americanismo”, que envolverão discussões sobre o papel dos Estados Unidos no mundo e as contradições entre seu proclamado ideário de defesa da paz, da liberdade e da democracia e o belicismo crescente de sua política externa, a partir da guerra hispano-americana, a primeira travada fora do continente.¹³² Esta última que levou os Cubanos a independência, logo ao fim dos conflitos, teve intervenção americana que tratou em transformar a ilha em protetorado americano. A atuação dessa forma persistiu até 1933, quando Franklin D. Roosevelt assumiu seu primeiro mandato e lançou a política da boa vizinhança, no intuito de acabar com a intervenção armada na região. Contudo, desde

¹³⁰ NGAI, Mae. *Impossible Subjects: illegal aliens and the making of modern America*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2004.

¹³¹ TORPEY, John. *The Invention of Passport: surveillance, citizenship and the state*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2000. p. 08-09.

¹³² AZEVEDO, Cecília. *Amando de olhos abertos Emma Goldman e o dissenso político nos EUA*. Ver também: AZEVEDO, Cecília. *Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do ‘século americano’: William James e o Pragmatismo*. *Diálogos*. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v.7, p.25-36, 2003.

então, América Central e Caribe são considerados como zona de segurança estadunidense.¹³³

Num outro sentido, Louis Brandeis, juiz da Suprema Corte durante a presidência de Woodrow Wilson (1913-1921), apontava que a “americanização” dos imigrantes dependeria não de sua disposição para dominar o inglês e absorver os costumes locais, mas da capacidade do sistema para estender a esses recém-chegados os direitos e as condições de vida e trabalho compatíveis com as promessas da democracia liberal. Brandeis integraria, assim, uma corrente heterodoxa em relação ao liberalismo clássico que impeliu inúmeros intelectuais que, desde então, rejeitaram teorias racialistas e passaram a defender a associação entre americanismo e pluralismo cultural.¹³⁴ Todavia, essa corrente foi composta por uma minoria, que viu a década de 1920 ser composta pela apatia ao estrangeiro, e um contínuo ostracismo para com o negro.

Por outro lado, os intelectuais e reformadores concatenados à esquerda progressista se desfizeram das políticas culturais e étnicas que encaravam algumas limitações da cidadania vividas por minorias como oriundas ou relacionais a este ponto, por questões estritamente econômicas, afetando a face cívica deste nacionalismo, que foi também fragilizada pelo afastamento da crítica de nação fomentada por parâmetros de raça, religião e etnia. Houve ainda nesta década uma descrença no papel do Estado em sanar desigualdades através da promoção de direitos.¹³⁵

Segundo Tatiana Poggi, a administração do republicano Herbert Hoover, (1929-1932) essencialmente liberal, não cogitava maiores intervenções no mundo da produção, limitando-se a elevar os direitos alfandegários, reduzir as taxas de desconto bancário e a estimular o consumo e o armazenamento por meio de créditos, ou seja, aquisição de empréstimos. Mas estes só fizeram agravar o problema. Entre 1929 e 1932, registraram-se 85.000 falências de empresas; mais de 5.000 bancos suspenderam suas operações; o valor das ações na Bolsa de Nova Iorque caiu de 87 bilhões de dólares para 19 bilhões de dólares; e 12 milhões de pessoas ficaram desempregadas. Muitos agricultores foram à falência, engrossando as fileiras já compostas por dezenas de milhares de trabalhadores rurais desempregados e juntando-se ao fluxo migratório campo-cidade.

¹³³ LENS, Sidney. *A fabricação do Império Americano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. p. 310.

¹³⁴ AZEVEDO, Cecília. *Amando de olhos abertos Emma Goldman e o dissenso político nos EUA*.

¹³⁵ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 78.

Profundamente desgastado com efeitos da crise, o Partido Republicano perdeu as eleições de 1933 para o democrata Franklin Delano Roosevelt.¹³⁶

A administração de Herbert Hoover foi marcada ainda pelos tumultos raciais no sul dos Estados Unidos. O presidente foi o primeiro republicano a ser eleito com o forte apoio dos eleitores dos estados do sul, que desde a conclusão da guerra civil se inclinavam ao conservadorismo dos candidatos democratas.¹³⁷ Por outro lado, foi justamente nesse período que os eleitores negros deixaram de apoiar os republicanos, reconhecidos como defensores da causa abolicionista e da integração do negro desde Abraham Lincoln.¹³⁸ De maneira abatida o liberalismo progressista e as ações de caráter cívico persistiram com ação de médicos, assistentes sociais, professores, enfermeiros, e tantos outros profissionais, que mesmo com baixos salários, trouxeram mudanças em locais mais pobres, se mostrando como uma esperança em meio a uma década de crise e de austeridade para pobres e minorias.

1.2 - O New Deal e o legado de promoção social

O programa de promoção social e soerguimento da nação batizado de New Deal é via de regra associado ao nome do político democrata Franklin Delano Roosevelt, primo do então ex-presidente Theodore Roosevelt.¹³⁹ Seu projeto foi uma esperança para diversos setores da sociedade, compôs-se de uma alternativa para a fome e convulsões que se tornaram cada vez mais comum no contexto do final dos anos 1920, bem como inibia a mobilização radical de trabalhadores, notadamente as frentes de esquerda.

Franklin Delano Roosevelt estabeleceu uma rede de contatos com o alto empresariado que lhe fez apoio no governo, todavia seu programa político terá um perfil mais social, que se propõe resolver a conjuntura de crise econômico-social do início dos anos 1930. Muito mais do que uma crise financeira de grandes proporções ou ainda uma crise econômica inerente ao sistema capitalista, a crise de 1929, e o subsequente período

¹³⁶ POGGI, Tatiana. *Os Opositores conservadores do New Deal*. In: Revista Eletrônica da ANPHLAC: Número 7, Página 27-56, São Paulo. 2008. p. 23.

¹³⁷ SMITH, J. Douglas. *Managing White Supremacy: race, politics, citizenship in Jim Crow Virginia*.

¹³⁸ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. p. 108.

¹³⁹ LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal: a construção do sistema norte-americano de relações de trabalho nos anos 1930*. In: *Transit Circle: Revista Brasileira de Estudos Americanos*. Vol 2, Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

chamado de Grande Depressão estabelece um novo contexto na história americana.¹⁴⁰ Eric Hobsbawm avalia o período como desarticulador do liberalismo econômico que se construía com traços particulares no país. Para o autor, a Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado. Os perigos implícitos em não fazer isso foram à radicalização da esquerda e, como a Alemanha e outros países agora o provavam com regimes totalitários, da direita, eram demasiado ameaçadores.¹⁴¹

Interpretações distintas tentaram definir os meandros da Grande Depressão: autores como Irving Fisher e Lionel Robbins asseveraram que a grande depressão foi resultado direto da instável estrutura de crédito da década de 1920. O excesso de crédito e especulação aliados à fraca e mal estruturada rede bancária teriam causado o colapso do mercado financeiro iniciado com a quebra da bolsa em 1929.¹⁴² Em crítica a tal perspectiva Michael Bernstein ao tratar da crise argumenta que a quebra da bolsa em 1929 fora invariavelmente menos importante do que outros desenvolvimentos econômicos de característica mais estrutural, geradores, de impactos desastrosos durante o período entre guerras.¹⁴³

A tão clamada prosperidade industrial também não veio sem um preço. Trabalhadores da indústria do aço cumpriam jornadas de doze horas por dia, em algumas fábricas sete dias por semana. O abismo social e racismo deflagrado eram reforçados pelo desvalorizado trabalho feminino e infantil, intensificados com o esforço da guerra, gerando desde já questionamentos sobre quem exatamente se beneficiava e usufruía do dito *american way of life*. As desigualdades cresceram na década de 1920, pois cerca de 60% das famílias americanas viviam com rendas anuais abaixo de dois mil dólares, portanto, num patamar abaixo da subsistência.¹⁴⁴

O novo projeto nacional teve que incluir as demandas dos trabalhadores desempregados, dos setores tradicionais da produção e de boa parte dos reformadores liberais capitalistas que ressurgiram diante da crise. Na presidência de Franklin Roosevelt, progressistas liberais importantes como Frances Perkins, Harry Hopkins,

¹⁴⁰ LIMONCIC, Flávio. *A grande transformação da economia americana: o New Deal e a promoção da contratação coletiva do trabalho*.

¹⁴¹ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 99.

¹⁴² POGGI, Tatiana. *Os Opositores conservadores do New Deal*. p. 02.

¹⁴³ BERNSTEIN, Michael. "The Great Depression as historical problem". *OA H magazine of history*. Vol.16. Nº1. Fall, 2001. p. 03.

¹⁴⁴ ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A crise do capitalismo liberal*. In: AARÃO, Daniel Et. all. *O século XX*. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 25.

Henry Wallace e Harold Ickes, que participaram do governo de Theodore Roosevelt, voltaram a Washington. Junto com eles, Franklin Roosevelt trouxe de volta a crença de que o capitalismo precisava ser regulado e controlado, e a ideia de que as mazelas sociais deveriam ser resolvidas através de políticas que incentivassem a igualdade econômica, mas sem levar em consideração as especificidades étnicas e culturais.¹⁴⁵

Analogamente à socialdemocracia em suas conformações europeias originais, a proposta do Partido Democrata também apostava em um Estado intervencionista que se fizesse presente na economia e criasse condições favoráveis para que pudessem ser garantidas qualidades mínimas de vida à população em geral. Diferentemente daquela, contudo, o Partido Democrata e a maioria dos que compunham sua base de apoio na sociedade civil não estavam inclinados à construção de um projeto de reformas graduais que levassem ao socialismo. Tampouco podem ser percebidos, na maioria deles, os intensos debates em torno do marxismo ou um conjunto significativo de membros adeptos de tal ideologia, a exemplo da socialdemocracia austríaca e alemã na virada do século XIX para o XX.¹⁴⁶

Mais próximo do liberalismo do século XX do que seu primo Theodore, o projeto de nação representado por Franklin Roosevelt não apontou nenhum inimigo da nação que merecesse exclusão. Segundo Gary Gerstle, Franklin Roosevelt indicava que a depressão era o maior inimigo que a nação poderia enfrentar e não apontava os agentes humanos por traz dela. Através do rádio, o mesmo enfatizou os valores de cooperação, sacrifício e comunidade mais do que desvalorizou qualquer inimigo. Gerstle acrescenta ainda que Roosevelt buscou fortalecer os ideais de compaixão e compreensão para oferecer socorro aos que precisavam.¹⁴⁷

De certa forma, o projeto político de Roosevelt recuperou o Novo Nacionalismo corporativista de Herbert Croly apregoado por Theodore Roosevelt, mas rejeitou o exclusivismo étnico que norteou parte da vida do seu primo. Se Franklin Roosevelt rejeitava as diferenças étnicas em termos exclusivistas, também o fazia evitando discriminações positivas em termos de raça ou etnia. Como os reformadores liberais de seu tempo, Roosevelt entendia que as respostas para as mazelas sociais não deveriam levar em conta as especificidades étnicas e raciais, mas precisariam ser tratadas

¹⁴⁵ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 137.

¹⁴⁶ POGGI, Tatiana. *Os Opositores conservadores do New Deal*. p. 10.

¹⁴⁷ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 137.

exclusivamente através da economia.¹⁴⁸

Nos primeiros 100 dias de governo, a administração Franklin Roosevelt teve que começar a transformar as estruturas do governo federal e elaborar soluções para socorrer banqueiros à beira da falência, governos estaduais, desempregados, fazendeiros endividados e uma temerosa elite que, diante da convulsão social, não sabia o que fazer. Para isso, a administração Roosevelt desenvolveu estratégias como a ampliação dos postos de trabalho no setor público federal, regulações das condições de trabalho dos trabalhadores das empresas contratadas pelo governo federal, regulação ao comércio interestadual e outras iniciativas, nos limites da ação do executivo.¹⁴⁹

O primeiro programa da administração de Franklin Roosevelt para lidar com a crise foi o Federal Emergency Relief Administration (FERA – Gestão Federal de Socorro Emergencial), de maio 1933.¹⁵⁰ O FERA distribuiu seus recursos através de compensações por trabalhos prestados e de socorro direto aos necessitados. Os trabalhos prestados normalmente eram pagos em dinheiro. Enquanto o socorro direto era pago em forma de alimentos ou vale alimentação. O FERA não obteve o sucesso esperado como solução para as mazelas da crise, mas ajustou as estruturas do governo e mudou o federalismo. As regulações federais do programa forçaram os estados e o próprio governo federal a expandir e melhorar as estruturas de auxílio aos necessitados.¹⁵¹

Outros programas importantes foram desenvolvidos nos primeiros anos da administração Roosevelt para lidar com a crise. O Civilian Conservation Corps (CCC - Corpos Cívicos de Conservação), estabelecido em março de 1933, tinha como objetivo colocar jovens sem experiência ou treinamento em postos de trabalho, majoritariamente nas áreas rurais. Três anos mais tarde, o governo lançou o National Youth Administration (NYA - Gestão Nacional de Jovens) para colocar jovens estudantes em trabalhos de meio período próximos às suas residências. Esses dois projetos, além de dar oportunidades de trabalho e treinamento aos jovens, tinham uma função educacional voltada para o mercado de trabalho. O Public Works Administration (PWA – Gestão de Trabalho Público) foi implantado em junho de 1933 para financiar projetos de trabalho público dos governos locais, estaduais e do setor privado, entretanto não estimulou o

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁹ Idem, p. 138.

¹⁵⁰ LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal: a construção do sistema norte-americano de relações de trabalho nos anos 1930*.

¹⁵¹ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*, p. 36.

emprego de forma rápida. O Civil Works Administration (CWA – Gestão de Trabalhos Cíveis) foi lançado em novembro de 1933 para cobrir as ineficiências do FERA, com a intenção de criar postos de trabalho para os desempregados. O programa assumiu a responsabilidade de elaborar os projetos, recrutar os trabalhadores e alocá-los de acordo com suas habilidades profissionais. O CWA foi o maior programa de trabalho público da história dos Estados Unidos.¹⁵² Em meio a estas ações foram aumentados os salários dos operários de modo a elevar seu poder aquisitivo, fixou-se um salário mínimo e as jornadas de trabalho, além de abolir o trabalho infantil. Em novembro do mesmo ano é lançado o programa de grandes obras públicas com intuito de absorver a gama de desempregados.

Segundo Tatiana Poggi, em 1935 fora o ano de aprovação do *Social Security Act* que, ao fornecer bases mais sólidas para a constituição de um Estado, pelo menos até a eclosão do segundo conflito mundial, afinando políticas de bem-estar social, completava o pacote de proteção ao trabalhador proposto pelo *New Deal*.¹⁵³ Desta forma, o New Deal, como ficou conhecida a faceta econômica do projeto de nação de Roosevelt, acabou reforçando a retórica do nacionalismo cívico nos Estados Unidos ao associar a cidadania e o pertencimento da nação ao direito de participar dos programas sociais, exigindo em troca um esforço coletivo quase universal para superar a crise. A retórica nacionalista que ressurgia construiu-se sobre a reconfiguração dos mitos e das tradições estadunidenses e, muitas vezes, foi utilizada por aqueles que exigiam transformações sociais ainda mais profundas.

Por meio do New Deal estavam garantidos entre outros: a previdência social, assegurando aposentadoria, os seguros desemprego e acidentes de trabalho; programas de proteção e assistência financeira à criança desamparada; auxílio financeiro a portadores de necessidades especiais; assistência financeira federal aos Estados, condados e distritos para o estabelecimento e manutenção de um serviço público de saúde adequado; a criação de imposto deduzido em folha como forma para financiar muitos desses programas e benefícios oferecidos.¹⁵⁴

Segundo a teoria keynesiana, a crise de consumo e investimento deveria ser solucionada com participação ampla e direta do governo, arrecadando fundos ainda que

¹⁵² Idem. p. 37.

¹⁵³ POGGI, Tatiana. *Os Opositores conservadores do New Deal*. p. 11.

¹⁵⁴ LIMONCIC, Flávio. *A grande transformação da economia americana: o New Deal e a promoção da contratação coletiva do trabalho*. p. 10.

por meio de empréstimos para a promoção de projetos de utilidade social. Os investimentos não seriam mais direcionados para a ampliação da capacidade produtiva, mas nem por isso deixariam de ser feitos. Keynes propunha que esses investimentos públicos fossem destinados à ampliação da infraestrutura nacional, ou seja, na promoção de grandes obras públicas como estradas, escolas, hospitais, parques, etc. O principal objetivo, seria então, criar meios de se restabelecer o pleno emprego, aumentar a renda do trabalhador para que este se tornasse um consumidor em potencial dos estoques encalhados. Para além de um plano de ação econômica emergencial, o argumento keynesiano em favor dos benefícios da supressão do desemprego em massa era também político, já que se acreditava que este poderia vir a ser política e socialmente explosivo.¹⁵⁵

O movimento sindical ganhou lugar privilegiado na sociedade civil e política e muitas das vitórias relacionadas ao bem-estar social podem ser atribuídas à luta sindical e aos acordos fechados com a administração central. As greves, método clássico de pressão, proliferaram durante as décadas de 1930 e 1940.¹⁵⁶ Para mencionar algumas de impacto nacional, temos já em 1935 a greve dos United Automobile Workers (UAW) seguida das famosas greves de ocupação entre 1936 e 1937. Sobre esta última, vale destacar o caso da cidade de Flint, onde após 44 dias de paralisação a General Motors finalmente reconheceu o sindicato *United Auto Workers* (UAW).¹⁵⁷ No período, o CIO (Congresso das organizações industriais) já unia diversos sindicatos pelo país e arregimentava a causa trabalhista, formado em meio à década de 1930 foi essencial para garantir direitos dos trabalhadores.

Gary Gerstle chama a atenção que o discurso do nacionalismo cívico de Franklin Roosevelt apoiou e reconheceu movimentos sociais como o de negros¹⁵⁸. Porém, Sean Purdy chama a atenção para a complexidade do processo, salientando que muito do apoio dado por Roosevelt foi fruto das tensões e pressões de grupos trabalhadores sindicalizados que ameaçavam a iminência de grandes greves.¹⁵⁹

O cinema em diversos momentos debruçou-se sobre a atmosfera da grande depressão para compor melodramas sobre o sofrimento da classe trabalhadora, maior

¹⁵⁵ HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. p. 100.

¹⁵⁶ DENNING, Michael. *The Laboring of American Culture in the Twentieth Century*. Nova York: Verso, 1998.

¹⁵⁷ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 152.

¹⁵⁸ Idem. p. 157.

¹⁵⁹ PURDY, Sean. *O Século Americano*. p. 212.

publico acometido pela crise, bem como de histórias de superação, como a do pugilista James J. Braddock, campeão dos pesos pesados em 1928, que em uma luta quebrou a mão, lhe obrigando a se afastar do esporte. Braddock viveu junto à família a austeridade da Grande depressão, tendo grande dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, passando fome, e procurando lutas amadoras para minimamente suprir a alimentação dos filhos. Soerguendo sua carreira com muito esforço, o pugilista vive sua história de superação junto à nação que via o New Deal trazer dias melhores para tantas outras famílias.¹⁶⁰

O final da década de 1930 trouxe outros desafios ao New Deal de Roosevelt, além do grande empresariado que clamava por seus lucros, conservadores sulistas acusaram os movimentos sociais e seus correligionários de estarem afinados com o comunismo, naquele momento, o governo concatenava já uma investigação da propaganda nazista que foi implementada a uma caçada comunista. Martin Dies Jr. que ficou a frente do Comitê Especial da Câmara para Atividades Anti-Americanas (House Special Committee on Un-American Activities- HUAC) estendeu ao New Deal a crítica de que este havia cultivado uma burocracia cara e antidemocrática, além de usurpar as funções do congresso e dos Estados. Ele argumentava ainda que a obsessão do New Deal com a segurança econômica e com o fim do desemprego não levaria oportunidade e liberdade para as pessoas, mas ditadura e pobreza. De acordo com Gerstle, Dies utilizou a linguagem do nacionalismo cívico para afirmar um americanismo conservador que valorizava os direitos dos Estados, a supremacia do congresso e as liberdades individuais em contraposição aos liberais do New Deal, construídos a seu ver como antiamericanos.¹⁶¹

Roosevelt de certa forma cedeu a pressões dos sulistas conservadores, negligenciando uma possível contenção da forte segregação nessa região, e no país, bem como recusando dar apoio a projetos de lei que tornariam o linchamento crime federal.¹⁶² Isso pôde ser visto ainda na limitação de alguns programas do New Deal que não contemplavam uma significativa parcela de negros por questões burocráticas como, por exemplo, o fato de serem trabalhadores rurais ou ainda domésticos em sua maioria, uma vez que a pauta dos programas eram urbanas. Por outro lado, os anos entre 1930 e

¹⁶⁰ *A luta pela Esperança* (Cinderella Man 2005). Direção: Ron Howard. Roteiro: Cliff Hollingsworth. Gênero: Drama, 144 min. EUA.

¹⁶¹ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 159.

¹⁶² Idem. p. 163.

1940 assistiram uma profunda transformação e expansão da atividade governamental. Em 1913, o governo gastava em torno de 21 milhões de dólares em ajuda pública. Em 1932, os gastos com ajuda pública alcançaram um montante de 208 milhões de dólares. Em 1939, havia chegado a 4.9 bilhões de dólares. Por todo país ampliou-se o comprometimento com o bem estar e a seguridade social. Em 1932, o Wisconsin era o único estado com um sistema de seguro desemprego, mas em 1935 oito estados tinham programas de seguro desemprego.¹⁶³

Nos anos seguintes, durante a Segunda Guerra Mundial, homens negros e mulheres constituíam a maior parte da mão de obra que não estava servindo as forças armadas. Os homens negros logo passaram a perceber a vital importância do papel que exerciam para o esforço nacional de guerra e o quão importante era a oposição dos Estados Unidos a um tipo de regime abertamente racista, como o nazismo, para causa negra. Dessa forma, os trabalhadores negros alimentaram as expectativas quanto à melhoria das condições de vida e a redução da discriminação racial. É significativo neste sentido que o número de membros da NAACP aumentou de 50 mil para 400 mil durante a guerra.¹⁶⁴

Todavia, dada à baixa estimativa de negros incorporados ao exército e ainda a aparente decisão de tratar os mesmos de forma inferior, não é de se surpreender que os militares dos Estados Unidos se recusaram a atribuir muitos negros para combater em unidades, existindo números esmagadores relegados para batalhões de trabalho e de serviços. Dos mais de 70 milhões de negros servindo no exército em 1944, apenas cerca de 86 mil, ou 12 %, estavam servindo na infantaria, artilharia, blindados e divisões de força. O restante trabalhou na construção civil, transporte e unidades de abastecimento. Em 1945 havia soldados negros responsáveis por 20% do corpo de engenheiros, 33% do corpo de transporte, e um escalonamento de 44% do corpo de intendência.¹⁶⁵

Para David Chapell, na década posterior à Segunda Guerra Mundial, os liberais se viram cada vez mais constrangidos e pressionados com a oposição ao racismo dos movimentos sociais por não declarar uma postura de apoio. Graças ao surgimento crescente da militância negra durante a guerra ao lado da revolta contra o racismo nazista e a necessidade política de garantir o voto negro no Norte e para os aliados no

¹⁶³ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 43.

¹⁶⁴ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 195.

¹⁶⁵ Idem. p. 214.

mundo em processo de descolonização.¹⁶⁶ Para Gerstle, os liberais reconsideraram a ideia de que as discriminações raciais e étnicas deveriam ser combatidas somente através de programas de reformas sociais, como haviam estabelecido desde a década de 1920, pensando desta forma na difusão de uma cultura da tolerância e da diversidade.¹⁶⁷ Para as fabricas estabelecidas em sua maioria no norte do país, o governo aprovou o Fair Employment Practices Act (Lei de Práticas Trabalhistas Justas - FEPA), que, em tese, proibia discriminações raciais e religiosas nas empresas que mantinham contratos com o governo federal.

Sean Purdy chama a atenção que estes acontecimentos se deram em um campo de dissenso onde as conquistas só foram possíveis quando sindicalistas negros, como A. Philip Randolph, e os ativistas no Congresso pela Igualdade Racial (CORE), grupo fundado em 1942 como uma alternativa mais radical à NAACP, promoveram manifestações para pressionar o governo federal a investigar práticas de discriminação racial nas indústrias de guerra. Muitas indústrias foram forçadas a contratar negros e rever classificações ocupacionais discriminatórias tendo do contrario, como retaliação as greves e boicotes deste grupo.¹⁶⁸

Chapell chama de *surgimento crescente* (*rising wind*) os acontecimentos como o movimento da marcha parcialmente bem sucedida de A. Philip Randolph em Washington, que reuniu 100 mil simpatizantes e teve o mérito de forçar Roosevelt a publicar uma Ordem Executiva (número 8.802, 15 de junho de 1941), terminando com a discriminação racial na indústria militar; o aumento de 900% no número de associados à NAACP, o aumento de 355 para 1.073 sedes regionais, durante a guerra; e, sobretudo, o aumento da migração negra do sul rural para as cidades do norte, onde, de repente, homens e mulheres de cor negra passaram a ter direito ao voto. Talvez mais importante ainda, a entrada de negros nos dois partidos políticos, em que eleições apertadas fizeram com que ambos os partidos tivessem de competir pelo “bloco negro”. A Suprema Corte banuiu as eleições primárias brancas em 1944 e em 1948, e Harry Truman – um dos menos liberais dos líderes Democratas – ordenou a dessegregação das Forças Armadas.

¹⁶⁶ CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. In: Tempo – Revista da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008. p. 84.

¹⁶⁷ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 196.

¹⁶⁸ PURDY, Sean. *O Século Americano*. p. 225.

Esse último foi o avanço mais radical na política de direitos civis desde a Reconstrução, e até hoje o mais bem-sucedido.¹⁶⁹

Em 1943 e 1944, conflitos raciais explodiram em cidades como Detroit, um dos centros da indústria de massa estadunidense. Ex-combatentes negros, acreditando que seriam aceitos devido à participação na guerra e aos projetos habitacionais do governo para os veteranos, buscaram se estabelecer nos bairros destinados aos veteranos, mas enfrentaram oposição racial em todo país. No sul, veteranos liberais Democratas do Mississippi que venceram as eleições para o senado estadual, imbuídos pelo ideal nacional cívico, propuseram a extensão do New Deal e a melhoraria das condições dos negros. Tais propostas não significavam o fim da segregação, mas a manutenção da discriminação sob condições econômicas mais igualitárias.¹⁷⁰

Durante a Guerra Fria, devido ao medo/perigo vermelho, indivíduos e grupos que poderiam desestabilizar, na visão dos conservadores, o arranjo político estadunidense, foram acusados de nutrir simpatias pelos comunistas. Esses grupos foram identificados e estigmatizados como inimigos da nação. Líderes do Partido Comunista foram presos e simpatizantes do comunismo que trabalhavam nas organizações midiáticas, em instituições educacionais e em cargos públicos foram expostos e demitidos.¹⁷¹ Esse imaginário se perpetuou tornando-se um estereótipo para todo aquele que era crítico a posturas conservadoras ou ainda imperialistas de seu país. Iremos ver isso se personificar em cena emblemática da narrativa de *Nascido em 4 de julho* quando Ron Kovic é expulso da convenção republicana nos anos 1970.

A literatura especializada no tema atribui à figura do Senador Republicano Joseph McCarthy um dos principais nomes desta cruzada, desta forma, a prática é chamada por seu nome: Macarthismo¹⁷². Segundo Ellen Schecker, o período do Macarthismo tem uma duração de cerca de dez anos e teria se iniciado pouco após o final da Segunda Guerra Mundial. Em decorrência da notoriedade da figura do senador,

¹⁶⁹ CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. p. 84.

¹⁷⁰ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 44.

¹⁷¹ SCHRECKER, Ellen. *The Age of McCarthyism: A Brief History with Documents*. New York: Bedford books, 1994.

¹⁷² SCHRECKER, Ellen. *The Age of McCarthyism: A Brief History with Documents*. Ver também: VALIM, Alexandre Busko. *Imagens vigiadas: uma história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*. Tese de Doutorado, UFF, Niterói, 2006; ESPINOSA, Nanci. *Hollywood e a contenção do “mal”: Propaganda e legitimação das ações de repressão ao comunismo na Era McCarthy, 1947-1954*. Dissertação de mestrado em Historia Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2015.

o macarthismo é muitas vezes identificado com os quatro anos de sua carreira no início de 1950. Porém, observando que “não há outro termo que evoca tão especificamente todas as atividades que tiveram lugar em nome de eliminar o comunismo nacional durante esse período” o imaginário acerca do momento é sempre lembrado por esta denominação.

Diversas narrativas fílmicas tomaram o período obscuro de perseguição como itinerário, uma delas é a recente narrativa de *Trumbo*¹⁷³, que representa a história de vida do roteirista Dalton Trumbo, renomado por ter escrito roteiros como “A princesa e o plebeu” (1953), mas que recusou cooperar com o Comitê de Atividades Anti-americanas do congresso e acabou sendo preso, mesmo após ter cumprido sua pena Trumbo teve grande dificuldade de encampar projetos no meio cinematográfico, uma vez que teve seu nome listado na famigerada “lista negra”. Notável narrativa que também se debruça sobre o período é “*Boa noite, e Boa Sorte!*”¹⁷⁴ (Good night, and good luck 2005) de George Clooney, utilizando da prática do cinema fragmentário (mosaico de obras distintas, desde a documentos e ficção), Clooney recorreu a documentos de época, junto a ficção do cotidiano de um jornal onde um âncora enfrenta e denuncia as práticas do senador, o título da obra faz referência as palavras finais do jornalista em sua transmissão.

A conjuntura da segunda metade da década de 1950 não era também favorável aos trabalhadores e aos sindicatos. O nacionalismo cívico construído sobre as bases da Era Progressista e do New Deal foi transformado pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Fria, sendo, por vezes, conduzido por um caminho conservador, com Harry Truman e Dwight Eisenhower, mas ainda assim deu margem para que os negros lutassem pela igualdade política, social e legal nos Estados Unidos.¹⁷⁵

1.3 - A Grande Sociedade como grande projeto político nos anos 1960

Para Eric Hobsbawm os anos pós II guerra e o primeiro decênio da guerra fria vieram com a preocupação das gestões estadunidenses de evitar uma segunda

¹⁷³ *Trumbo: a lista negra*. (Trumbo 2016). Direção: Jay Roach. Gênero: Biografia/drama. EUA, 124min.

¹⁷⁴ “*Boa noite, e Boa Sorte!*” (Good night, and good luck 2005). Direção: George Clooney. Gênero: Docudrama. EUA; UK; FRAN; JAP. 93 min.

¹⁷⁵ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 45-46.

depressão.¹⁷⁶ Junto a isso, a propagação de um projeto de nação mais cívico, que adotasse cada vez mais a coexistência pacífica com as minorias, tendo como seu antípoda, as referências de uma União Soviética que estabelecia limites à liberdade individual. Nesse contexto “A Grande Sociedade”, como foi chamado o projeto de nação da administração de Lyndon B. Johnson, buscou estabelecer o combate à pobreza através de um programa ousado, que foi intitulado “Guerra à Pobreza”.

O argumento do presidente era o de que, diante da crescente prosperidade econômica que o país vivia, impunha-se à consciência nacional atacar a pobreza e a injustiça racial, obstáculos à igualdade de oportunidades e à melhoria das condições de vida de todos os cidadãos.¹⁷⁷ As áreas da saúde e da educação, com ênfase na educação infantil e na qualificação para o trabalho, foram eleitas como primordiais, ao mesmo tempo em que se contemplava também a necessidade de aprimorar a qualidade de vida. A quantidade e diversidade de programas aprovados sob a tutela da Grande Sociedade são impressionantes. A administração Johnson enviou 200 projetos ao congresso de 1964 até 1966 e 181 foram aprovados, desde direitos civis à assistência à saúde.¹⁷⁸

A Guerra contra a pobreza declarada pela administração Johnson não eliminou as causas da pobreza ou exterminou o racismo. Contudo, os programas estabelecidos pelo governo ampliaram o acesso dos pobres e negros às oportunidades de emprego, à assistência à saúde, à moradia, à educação e à seguridade social. A educação era vista como a chave para aliviar as imperfeições do capitalismo tornando os americanos mais iguais diante das oportunidades e da competição. Em 1964, o governo Johnson lançou o Economic Opportunity Act (Lei de Oportunidade Econômica) que deveria ser dirigido pelo Office of Economic Opportunity (Secretaria de Oportunidade Econômica - OEO) a fim de ampliar as oportunidades econômicas para jovens negros e pobres. É preciso deixar claro que seu orçamento representou apenas entre 10% a 20% do conjunto de investimentos do governo Johnson no combate à pobreza. O OEO foi criado com apoio de Sargent Shriver, cunhado de Kennedy e idealizador dos Corpos da Paz – agência nascida no calor da campanha presidencial que se tornou a tradução do espírito da Nova Fronteira, mobilizou um número significativo de voluntários que em diversos países do

¹⁷⁶ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. p. 232.

¹⁷⁷ YOUNG, James P. *Reconsidering American Liberalism: the troubled odyssey of the liberal idea*. Boulder: Westview Press, 1996.

¹⁷⁸ AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. In: *Revista brasileira de história*, São Paulo. V. 153, n°. 2/2005, 2006. p. 310.

terceiro mundo atuaram em missões humanitárias.¹⁷⁹

Assim, até 1965, o OEO, após identificar as comunidades com maiores níveis de pobreza, determinava que os moradores das comunidades pobres indicassem, através de voto direto, os representantes, que participariam das ações comunitárias e influenciariam a gestão dos programas sociais.¹⁸⁰ Cecília Azevedo assevera que as ações comunitárias tinham três objetivos: coordenar os programas federais, estaduais e locais de assistência; elaborar projetos para os pobres; e promover mudanças institucionais em favor da comunidade carente. Manuais elaborados pelo OEO indicavam as formas de ativação e elaboração dos projetos sociais e do fortalecimento político dos pobres. Os programas de ações comunitárias apresentaram uma nova perspectiva acerca dos programas sociais e das políticas urbanas estadunidenses e foram os principais responsáveis pela mobilização política dos negros e pobres nos Estados Unidos.¹⁸¹

Cecília Azevedo acrescenta ainda que os programas impulsionados pela Lei de Oportunidades Econômicas foram elaborados pela OEO e administrados pelas ações comunitárias visando combater a delinquência juvenil, promover os direitos civis, prover treinamento para o mercado de trabalho e ampliar a educação. Os Corpos de Jovens dos Bairros (Neighborhood Youth Corps), os Corpos de Trabalho (Jobs Corps) e uma série de pequenos programas tinham o objetivo de incentivar o trabalho e treinamento para juventude.¹⁸² Esses programas tiveram resultados modestos, embora satisfatórios. Entretanto, os programas para área de educação obtiveram resultados melhores.

A Lei de Oportunidade Econômica (Economic Opportunity Act) impulsionou a criação de programas como o Operation Headstart (Operação Avanço) destinado a melhorar a educação das crianças carentes na pré-escola; o Operation Follow Through (Operação Siga Adiante) que visava manter o nível educacional dos alunos em idade escolar; o *Job Corps*, que se dedicava ao treinamento de jovens das periferias urbanas com formação escolar incompleta; o programa de requalificação de desempregados; o *Legal Services*, destinado a ampliar o acesso ao sistema jurídico; o programa Upward Bound (Ascender ao Limite) que obteve bastante sucesso em preparar e financiar os estudos de alunos pobres que tinham interesse em entrar para as universidades; e a Lei

¹⁷⁹ AZEVEDO, Cecília. *Em nome da "América": os corpos da paz no Brasil (1961-1981)*. p. 54.

¹⁸⁰ YOUNG, James P. *Reconsidering American Liberalism: the troubled odyssey of the liberal idea*.

¹⁸¹ AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. p. 309.

¹⁸² Idem, *ibidem*.

de Educação Superior (Higher Education Act), de 1965, que facilitou a aquisição de bolsas de estudos, expandiu os programas de trabalho e os empréstimos com juros baixos para estudantes pobres que sonhavam com o ensino universitário.¹⁸³

Cecília Azevedo nos alerta ainda que as lideranças eleitas para participar dos programas de ações comunitárias frequentemente mobilizavam as comunidades a fim de elaborar ações públicas que resguardavam os direitos civis e sociais dos negros e dos pobres. Os centros de saúde comunitários, semelhantes aos da década de 1920 na era progressista, facilitaram o acesso à saúde e foram consideradas as ações estratégicas mais eficazes da Guerra Contra a Pobreza. No âmbito da saúde, e fora do programa da Guerra à Pobreza, os programas de saúde como o *Medicare* e o *Medicaid* promoveram uma revolução nos serviços de saúde dos Estados Unidos. O Medicare, administrado diretamente pelo governo federal, foi criado para cobrir as necessidades médicas de idosos e deficientes. O Medicaid, administrado de forma conjunta pelo governo federal e estadual, assegurou a assistência médica e hospitalar, além de cuidados médicos em domicílio, às famílias e indivíduos pobres com menos de 65 anos.¹⁸⁴

Michael Katz salienta que entre 1965 e 1972, os gastos do governo federal com o programa de nutrição Food Stamps (Vale Alimentação) que garantia subsídios alimentares à população carente aumentou de 36 milhões de dólares para 1,9 bilhões. Acrescentou-se ainda refeição escolar e assistência alimentar a gestantes e crianças de colo que aumentaram de 870 milhões para 1.8 bilhões. O Food Stamps foi elaborado ainda no New Deal, entretanto era apenas um pequeno programa alimentar pensado mais como forma de aumentar a renda de pequenos produtores agrícolas do que como meio de alimentar a população pobre. Nos anos Kennedy o programa foi revigorado e destinado a complementar a nutrição das famílias pobres. A população pobre poderia adquirir tíquetes alimentares a preços subsidiados pelo governo. Na administração Johnson, o número de famílias pobres habilitadas a participar do programa aumentou consideravelmente, bem como os subsídios do governo.¹⁸⁵

Em 1965, a administração Johnson promoveu o maior programa de habitação desde o New Deal através das Leis de Habitação e Desenvolvimento Urbano (Housing and Urban Development Acts) que criou o Departamento de Habitação e

¹⁸³ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 50

¹⁸⁴ AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. p. 311.

¹⁸⁵ KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. New York: Basic Books, 1996. p. 274.

Desenvolvimento Urbano (Department of Housing and Urban Development). A secretaria elaborou programas para subsidiar financiamentos de moradias para famílias de baixa renda como o Model Cities (Cidades Modelo).¹⁸⁶ Este programa foi elaborado a fim de desenvolver as áreas urbanas pobres e combater a formação de guetos e favelas onde supostamente proliferavam o crime e a delinquência juvenil. Os programas de ação comunitária (CAPs), que tanto desconforto trouxe em inúmeras municipalidades, perseguindo seu objetivo de fomentar, no jargão do OEO, “*the maximum feasible participation*”, ou seja, o maior envolvimento, a maior participação possível dos integrantes das comunidades carentes na concepção e gestão dos programas financiados pelo governo federal.¹⁸⁷

Velhos programas como o Aid to Families with Dependent Children (Ajuda as Famílias com Crianças Dependentes – AFDC), programa que complementava a renda de famílias pobres com filhos, que teve origem no New Deal, e a seguridade social cresceram de modo significativo e se transformaram. Em 1961, a seguridade social e o AFDC assistiam a 7,1 milhões de estadunidense. Em 1974, os programas atendiam a 14, 4 milhões de pessoas. A ampliação do AFDC aconteceu devido ao número de mulheres, que passaram a poder requisitar o auxílio depois que o programa deixou de ser restrito a mães viúvas e foi estendido, em 1960, às mães solteiras e divorciadas; ao AFDC-UP, que garantia auxílio a famílias de crianças com pai desempregado no Norte; aos Estados que aumentaram o valor dos benefícios e a gama de beneficiários; e principalmente ao aumento do número de famílias que requisitaram o benefício. Em 1960, apenas 33 % das famílias elegíveis se beneficiavam do programa; em 1971, 90% das famílias elegíveis recebiam o auxílio.¹⁸⁸

Entre 1963 e 1973, o sistema de seguridade social aumentou em 135% o valor do benefício mínimo e aumentou em 270% o benefício máximo, em contraste com um aumento de 45% no índice de inflação do mesmo período. Em 1972, o Congresso aumentou o piso dos benefícios, aumentou as pensões pagas às viúvas, estendeu o Medicare aos incapacitados de trabalhar por motivos de saúde, combinou os programas de assistência pública em um único programa federal e estabeleceu um valor mínimo nacional para o benefício.¹⁸⁹

¹⁸⁶ YOUNG, James P. *Reconsidering American Liberalism: the troubled odyssey of the liberal idea*.

¹⁸⁷ AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. p. 311.

¹⁸⁸ KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. p. 275-276.

¹⁸⁹ Idem, *ibidem*.

Os programas governamentais, mais do que o crescimento econômico, reduziram a pobreza, a má-nutrição, a fome e as doenças nos Estados Unidos. A expansão dos programas de Bem Estar Social não retardou o crescimento econômico, não exacerbou problemas sociais ou desestimulou o trabalho, ao contrário do que pregaram os ideólogos conservadores.¹⁹⁰ Entre 1960 e 1980, o número de estadunidenses que viviam abaixo da linha da pobreza foi reduzido em 60%. A seguridade social reduziu significativamente a pobreza entre os idosos. Durante o período de expansão dos programas de Bem Estar Social, o número de estadunidenses empregados cresceu rápido. Para a maioria das famílias assistidas por programas sociais o auxílio era temporário e não permanente.¹⁹¹

Michael Katz faz um balanço e enfatiza que a expansão dos programas sociais do governo entre os anos 1960-70 teve um impressionante impacto em cinco áreas: 1): aumentou a proporção de estadunidenses pobres assistidos pelo governo; garantiu uma dieta minimamente adequada, ampliou o acesso a serviços de saúde; e tirou uma considerável porção de idosos da pobreza; 2) ajudou a reduzir a discriminação, aumentou o acesso das minorias raciais e étnicas ao mercado de trabalho; 3) redesenhou as políticas urbanas e impulsionou uma nova geração de líderes políticos no governo e nos serviços sociais através da ênfase nas ações comunitárias; 4) alterou as relações entre cidadãos e Estado aumentando a importância do governo federal, que se tornou uma importante fonte de auxílio à renda para boa parte da população; estendeu os canais de comunicação com grupos locais; e usou a autoridade pública para monitorar e cumprir as leis anti-discriminatórias em locais públicos, programas sociais e locais de trabalho; e 5) finalmente e mais importante provou que o governo federal tinha recursos e capacidade administrativa para estimular e sustentar mudanças sociais. Contudo, o próprio autor aponta que a expansão dos programas de Bem Estar Social apenas tirou indivíduos da absoluta pobreza e não tornou os cidadãos estadunidenses mais iguais, sobretudo por uma questão de falta de vontade e não de condições estruturais ou administrativas.¹⁹²

Cecília Azevedo em seu balanço sobre a Grande Sociedade acredita que Johnson permaneceu fiel ao *New Deal* em termos de sua visão do Estado como ator providencial,

¹⁹⁰ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 51.

¹⁹¹ MATUSOW, Allen. *The Unraveling of America: a history of Liberalism in the 1960s*. New York: Harper & Row Publishers, 1984.

¹⁹² KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. p. 280.

fiador de oportunidades econômicas, responsável por restringir excessos das grandes corporações e garantir condições dignas de sobrevivência para os trabalhadores, a partir do uso dos instrumentos jurídicos, fiscais e tributários para estimular a economia. Johnson assumiu ardorosamente a aliança entre liberalismo e ativismo governamental que o *New Deal* cimentara.¹⁹³ No entanto, para seus críticos, os resultados tão decepcionantes da Grande Sociedade, trabalhava com a hipótese equivocada de que o direcionamento do Estado para a redenção dos pobres não seria sentida como sacrifício ou perda pelos demais segmentos da sociedade.¹⁹⁴ A percepção da classe média branca foi a de que a Grande Sociedade beneficiava basicamente os negros que, apesar disso, desenvolviam uma disposição crescentemente violenta expressa nos *riots* que se multiplicavam nas grandes cidades do norte na segunda metade da década de 1960.

Em 1960, 22% dos americanos viviam abaixo da linha de pobreza oficial. No final do governo Johnson, em 1969, esse índice caiu para 13%. A mortalidade infantil caiu de 26 por 1000, em 1963, para 10 por 1000, em 1983. Mesmo que a melhoria desses índices possa ser atribuída a outros fatores, muitos autores admitem que a Grande Sociedade representou, apesar de tudo, talvez o último momento em que se realçou a utilização do poder do Estado para mitigar as perversidades criadas pelo mercado, abrindo brechas para o idealismo social em detrimento da autoproteção, que hoje se traduz em isolamento social, falta de contato entre classes e grupos étnicos.¹⁹⁵ Na década de 1980 os princípios fundantes do *New Deal* foram declarados esgotados pela *Reaganomics*, especialmente a ideia de que o Estado deveria ser o principal agente da prosperidade econômica e da distribuição de renda.¹⁹⁶

No entanto, o fim dos anos 1960 assistiu ao crescimento de uma crise que cindiu o partido democrata, que até então representava o liberalismo do *New Deal*, e um projeto de promoção social desde os progressistas, este se fracionou em três frentes ideológicas nas eleições de 1968. Uma primeira representada por George Wallace defendia os valores conservadores sulistas; a segunda por George McGovern representava alguns setores tradicionais do capital e a classe média alta liberal defensora da abordagem heterodoxa das questões sociais, das ações afirmativas; e a terceira com Hubert Humphrey que representava os trabalhadores liberais organizados em sindicatos,

¹⁹³ AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. p. 310.

¹⁹⁴ Idem. p. 311.

¹⁹⁵ Idem. p. 322.

¹⁹⁶ Idem. p. 321.

favoráveis ao Estado de Bem Estar Social como solução para as mazelas sociais.¹⁹⁷

Tanto a ala representada por McGovern quanto a ala representada por Humphrey ainda acreditava no papel do Estado diante dos principais problemas sociais, mas de formas diferentes. Para os primeiros o Estado ainda tinha o papel importante de garantir os direitos políticos e sociais dos cidadãos. Em relação à Guerra do Vietnã, o Partido Democrata também estava dividido. McGovern foi um dos primeiros a se posicionar abertamente contra o envolvimento militar estadunidense no Vietnã e criticar os crescentes gastos militares. Ao contrário, Humphrey apoiava a atuação militar dos Estados Unidos no sudeste asiático. Este último tornou-se o candidato Democrata nas eleições de 1968, enfrentando o Republicano Richard Nixon.¹⁹⁸

Diante da ebulição social e da eminente crise econômica, os discursos de Richard Nixon em 1968 enfatizaram a necessidade de se restabelecer a lei e a ordem contra os “baderneiros e radicais”. Este tipo de discurso seduziu os brancos conservadores no sul, parte dos trabalhadores sulistas e dos católicos. Nas eleições daquele ano, Nixon bateu Humphrey.¹⁹⁹ O projeto nacional dos conservadores representado por Nixon visava impor mais limites e restringir as políticas sociais e raciais elaboradas no período da Grande Sociedade. Nixon se elegeu representando os anseios da reação conservadora à abordagem das questões sociais implementada pelos Democratas nos anos 1960 e com uma proposta de campanha intitulada “*Law and order*”²⁰⁰ em combate a criminalidade, bem como anunciando sua adesão a uma suposta guerra às drogas. Em 1969, diante dos primeiros indícios que a crise econômica se aprofundaria mais tarde, o governo Nixon adotou uma política econômica monetarista sob a consultoria do famoso economista neoconservador Milton Friedman. Mas, paradoxalmente, frente às demandas dos movimentos sociais, o presidente Republicano teve que apoiar políticas de tratamento preferencial de empregabilidade para minorias e impedir o bloqueio das políticas de quotas raciais.²⁰¹

¹⁹⁷ PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*. Dissertação de mestrado, UFF, Niterói, 2013. p. 23.

¹⁹⁸ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 61.

¹⁹⁹ BROWN, Wendy. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism and De-Democratization. In: *Political Theory*. vol. 34, n. 690, 2006.

²⁰⁰ PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*. p. 08.

²⁰¹ BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994. p.10.

Como aponta Pedro Pinheiro²⁰², com a retirada das tropas do Vietnã, casos de corrupção, e notadamente o escândalo Watergate, o cenário de crise se instalou em Washington e nas eleições de 1976 se esperava um candidato que trouxesse o discurso da transparência e compromisso com a verdade. Neste contexto o *outsider* Jimmy Carter ascendeu e ganhou às eleições de 1976, ao conquistar correligionários de movimentos sociais difusos, como LGBT, feminista, negros e ecologistas, bem como sindicalistas ainda afinados com o pacto do New Deal. O fracasso em coadunar tantas culturas políticas e não sanar a crise que se perpetuava deu espaço para ascensão do projeto neoconservador nas eleições de 1980. Todavia entender como se comportaram essas culturas políticas nos permite compreender algumas dinâmicas referentes aos movimentos sociais, que simultâneos aos projetos do governo liberal redesenhavam a concepção de cidadania e de participação política, bem como pressionaram estes por avanços. A noção conjunta para nós é imprescindível para entender como os anos de 1980 foi um rompimento com um projeto que permeou boa parte do século XX.

²⁰² PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*.

2. Capítulo - Culturas Políticas em efervescência por Direitos Civis

2.1 - Nacionalismo e cultura política negra nos Estados Unidos dos anos 1960-70

Pensar formas de nacionalismo e culturas políticas diz respeito a refletir como determinados indivíduos e grupos imaginam, defendem e forjam seu projeto de nação. Pensar também como o contexto político pode amalgamar grupos ou mesmo distanciarlos mediante um interesse em particular. O conceito de cultura política tem sua origem na Ciência política americana, a partir das ponderações de Gabriel Almond e Sidney Verba em seu livro *The civic culture*. Os autores pensavam três modalidades de cultura política: uma paroquial, comum à estrutura política tradicional, quando os papéis que compõem o sistema político são demarcados e os indivíduos e grupos não detêm o alcance da sua inserção no sistema. Segundo, uma cultura política da sujeição comum aos Estados autoritários que se caracteriza pela passividade às decisões emanadas do sistema e a aceitação da impossibilidade de nele intervir. Por último, uma cultura política de participação, chamada também de cultura cívica onde é comum a um sistema de tipo liberal-democrático, marcada pela participação de indivíduos e grupos no sistema político. Quando o conceito de cultura política foi apropriado pela Nova história política francesa, possuía distinções das ideias seminais, abordando em escalas diferentes, como grupos que se organizam e defendem seus interesses, é daí que pensar interesses de grupo entre partidos, sindicatos, escolas de pensamento tornam-se objeto dos estudos de culturas políticas ou mesmo de uma cultura cívica.²⁰³

Para Serge Bernstein o conceito de culturas políticas diz respeito a um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento de sua história. Jean-François Sirinelli propôs considerá-la “uma espécie de código e (...) um conjunto de referências, formalizados no seio de um partido ou mais largamente difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política”.²⁰⁴

²⁰³ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PAQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12º Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

²⁰⁴ BERSTEIN, Serge. *Culturas políticas e historiografia*. In: Cultura política, memória e historiografia. (Org.) Cecilia Azevedo et al. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2009.

Para Cecília Azevedo, a noção de cultura política, refere-se às expectativas das pessoas a respeito das realidades políticas e aos ideais compartilhados em termos do que a vida pública deve ser, constituindo um padrão coerente que se reforça mutuamente e que concede alguma previsibilidade ao processo político.²⁰⁵ Para Ângela de Castro Gomes, a cultura política foi definida como um ‘sistema de representações, complexo e heterogêneo’, mas capaz de permitir a compreensão de sentidos que um determinado grupo (cujo tamanho pode variar) atribui a uma dada realidade social, em determinado momento do tempo. É um conceito capaz de possibilitar a aproximação com uma certa visão de mundo, orientando as condutas dos atores sociais em um tempo mais longo, e redimensionando o acontecimento político para além da curta duração.²⁰⁶

O conceito nos parece oportuno quando na segunda metade do século XX irá se acirrar culturas políticas dentro de diversos movimentos em prol da cidadania, entre eles o negro, procurando reconhecimento, direito de voto/representação²⁰⁷, bem como o fim das Leis Jim Crow e a crença no liberalismo. Houve o pessimismo junto à ideia de incompatibilidade racial que fará com que o movimento de negros em seu seio tome rumos distintos, ora próximo da desobediência civil vistas nas ações de Martin Luther King Jr., ou ainda o nacionalismo negro mais próximo de Malcolm X antes deste acreditar na coexistência racial²⁰⁸, que pregava o orgulho negro, todavia com o separatismo. Os preceitos religiosos também deram simetria a essas culturas políticas no movimento negro, uma vez que King era um representante do protestantismo e Malcolm fazia parte da nação do Islã. A década de 1950 trouxe ventos de progresso, que os anos seguintes iriam fazer crer em muitos corações, que os direitos conquistados desde o pós-guerra de secessão iriam de fato serem gozados.

Em 17 de maio de 1954, a batalha judicial travada na Suprema Corte dos Estados Unidos no caso *Brown v. Board of Education* contou significativamente com a participação da NAACP com destaque para a atuação do advogado Thurgood Marshall que defendeu a questão. Dentre os diversos mecanismos utilizados pelos advogados da

²⁰⁵ AZEVEDO, Cecília. *Em nome da “América”: os corpos da paz no Brasil (1961-1981)*. Tese de doutorado – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

²⁰⁶ GOMES, Ângela de Castro. *História, historiografia e culturas políticas no Brasil: algumas reflexões*. SOIHET, Rachel. BICALHO, Fernanda B. GOUVÊA, Maria de Fátima S. *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

²⁰⁷ OMI, Michael; WINANT, Howard. “Racial Formations”. *Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s*, Routledge, 1994.

²⁰⁸ MARABLE, Manning. *Malcolm X: Uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

associação, a participação de psicólogos foi considerada de extrema serventia ao apresentarem como argumentos, os danos psicológicos causados pelos efeitos da segregação sobre a autoestima de crianças negras o que, contribuiu para fortalecer a ideia de que a igual proteção em relação às leis, não estava sendo almejada. Em vários outros casos de combate à segregação, contaram com a participação de psicólogos tornando inconstitucional a segregação em escolas públicas norte-americanas.²⁰⁹ Através de um permanente ataque legal contra as práticas e leis *Jim Crow*, o corpo de advogados da instituição, procurou demonstrar o quão custoso era manter instalações que eram destinadas a servir brancos e negros de forma separada, tornando evidente para a opinião pública que a “*separate but equal*” doctrine (doutrina dos “separados mas iguais”), estabelecida na decisão *Plessy v. Ferguson* em 1896 contribuía para promover a desigualdade social.²¹⁰

No ano seguinte o movimento de negros no sul do país conquistou mais uma batalha, no episódio do boicote aos ônibus do distrito de Montgomery, quando uma mulher negra, a costureira Rosa Parks se negou a ceder seu lugar no ônibus causando sua prisão e motivando um movimento de boicote que em dias ganhou proporção e conquistou a revogação da lei que separava estes espaços. De fato o boicote trouxe também projeção ao pastor batista Martin Luther King Jr.²¹¹

Em 1957, King juntou-se a um grupo de pastores negros fundando a Southern Christian Leadership Conference (Conferência das Lideranças Cristãs do Sul – SCLC) na expectativa de organizar milhões de negros cristãos sulistas e convencê-los a lutar contra a segregação racial promovendo marchas e boicotes. Em 1960, estudantes de universidades que abrigavam um grande número de negros fundaram o Student Nonviolent Coordinating Committee (Comitê de Coordenação Estudantil sem Violência – SNCC) para lutar contra a segregação por meio de estratégias combativas, mas não violentas como ocupações e incursões a prédios e transportes segregacionistas.²¹²

O SNCC organizou voluntários para registrar os negros como votantes das eleições em cidades como Greenwood no Mississippi, onde 80% da população

²⁰⁹ KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement*: abridged edition of “From Jim Crow to civil rights: the Supreme Court and the struggle for racial equality”. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

²¹⁰ PACKARD, Jerrold M. *American Nightmare: the history of Jim Crow*.

²¹¹ MOSES, Greg. *Revolution of Conscience: Martin Luther King, Jr., and the Philosophy of Nonviolence*. New York: The Guilford Press, 1997.

²¹² RORTY, Richard. *Para realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*. Rio de Janeiro: DP & A Editora.

constituíam-se de negros americanos, mas só aproximadamente 1% votava.²¹³ Em 1963, o CORE - Congress of Racial Equality - fundado por um pequeno grupo de ativistas na década de 1940, rapidamente conquistou aproximadamente um milhão de afiliados interessados em participar de protestos em prol dos direitos civis em várias cidades no sul e no norte dos Estados Unidos. Os ativistas negros organizaram uma marcha sobre Washington em agosto de 1963, “March for Jobs and Freedom” (Marcha por Trabalho e Liberdade), com objetivo de convencer os estadunidenses que uma reforma econômica profunda era necessária para o progresso dos negros. O objetivo dos organizadores e daqueles que deram apoio à marcha era demonstrar e convencer os estadunidenses acerca da necessidade de novos programas de emprego e da regulação do trabalho e do mercado.²¹⁴

Gerstle acrescenta que King acreditava em uma congregação mundial a partir de uma ética religiosa baseada em uma determinada leitura do Novo Testamento que enfatizava a igualdade entre os homens e criticava a excessiva preocupação com o capital. Portanto, imerso na tradição do nacionalismo cívico, King imaginava que a nação deveria ser constituída de homens com direitos políticos, econômicos, sociais e legais iguais. Assim, diante de alguns grupos negros que propunham o retorno à África, como defendeu o militante Marcus Garvey no primeiro quarto de século, King alegava que esta era apenas uma forma de fugir do problema e os negros como cidadãos americanos mereciam os mesmos direitos que a nação oferecia. Segundo King, os militantes pelos direitos civis, ao enfatizarem a liberdade e a igualdade em todas as suas esferas, estavam reerguendo as bases democráticas da nação tal como os pais fundadores fizeram na formulação da constituição e na declaração de independência, desta forma King fazia uma nova leitura da narrativa da nação. Nos anos 1960, este clima catalisou o apoio de boa parte dos estadunidenses ao movimento pelos direitos civis e os esforços para desmantelar a segregação legal e política no país.²¹⁵

Até então, o governo federal não havia encarado a defesa da vida dos negros no sul como prioridade, mas, poucas semanas depois da Marcha Sobre Washington e dos confrontos entre brancos e negros em Birmingham no Estado do Alabama, o presidente John Kennedy pediu ao congresso um projeto de lei de direitos civis. O projeto deveria

²¹³ FARBER, David. *The Age of Great Dreams: America in the 1960s*. Hill and Wang, 1994.

²¹⁴ PAMPLONA, Marco Antonio. *Revendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995. p. 16.

²¹⁵ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 274

proibir a discriminação em locais públicos, garantir o direito de voto aos negros e permitir o governo federal utilizar seus poderes para garantir a igualdade racial. Grupos racistas logo começaram a declarar a inconstitucionalidade dos projetos de lei que começaram a ser elaborados e acusaram o governo federal de infringir ilegalmente o direito dos Estados e romper com o federalismo.²¹⁶ O quadro de tensões sociais se refletiu dentro do Partido Democrata, aonde uma ala conservadora e racista, liderada pelo governador do Alabama George Wallace, tentou impedir o avanço das questões raciais e sociais.²¹⁷ Kennedy foi assassinado três meses depois da Marcha Sobre Washington e Johnson assumiu a presidência em meio a tensões exacerbadas no país e no Partido Democrata. Em 1964, Johnson assinou o Civil Rights Act (Lei de Direitos Civis) que foi desenhado de acordo com o pedido de Kennedy. Mais do que isso, diante da mobilização de trabalhadores e negros organizados, Johnson elaborou um projeto político que refletia as demandas de negros e brancos pela igualdade racial e por melhores condições de vida, contudo sem ter a intenção de ultrapassar os limites estabelecidos pelas forças do capitalismo estadunidense.²¹⁸

Para David Chapell naquela ocasião, poucos tinham esperança de que o importante projeto de lei de direitos civis, sendo debatido no Congresso naquele ano, pudesse ser aprovado. Era o primeiro projeto de lei sério e agressivo sobre direitos civis desde a Reconstrução. Mesmo os principais assessores do presidente John Kennedy, que haviam recentemente decidido apoiar inteiramente a lei, não tinham esperanças de que ela passasse. Mas King afirmava que ele ia de volta para o Sul com esperança de que seu povo seria capaz de retirar “uma pedra de esperança de uma montanha de desespero”. Tal imagem – traduzida de forma mais ou menos livre do hebraico bíblico *ebenezer* – resume bem a filosofia do movimento de direitos civis. Comumente traduzida por “pedra da esperança”, *ebenezer* era o nome de muitas igrejas afro-americanas, incluindo a igreja de Martin Luther King Sr. em Atlanta.²¹⁹

A fé que levou milhares de manifestantes negros do sul a vitórias incomuns em meados dos anos 1960 surgiu a partir de um entendimento realista das possibilidades de justiça social neste mundo. King e outros seis líderes importantes dos direitos civis

²¹⁶ YOUNG, James P. *Reconsidering American Liberalism: the troubled odyssey of the liberal idea*.

²¹⁷ COONEY, Robert; MICHALOWSKI, Helen. *The Power of the People: Active Nonviolence in the United States*. Culver City: Peace Press, 1977. p. 54.

²¹⁸ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 278-280.

²¹⁹ CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. p. 76

entenderam que geralmente essas possibilidades eram mínimas. O desespero equivalia à montanha. A esperança era, em comparação, difícil de achar. Como uma canção de liberdade da época dizia: “A liberdade não é de graça: você tem de pagar um preço, você tem de se sacrificar, por sua liberdade”. King afirmou, em outro sermão em 1963, que as crianças negras presas em Birmingham estavam cavando um “túnel de esperança” na montanha de desespero. Esta filosofia – esta visão decididamente negativa da natureza humana e da história – emergiu como um tema dominante do movimento.²²⁰ Os sermões de King sempre retornavam à mensagem: “Sofrimento não merecido é redentor”. O sacrifício era a chave de sua estratégia de ativismo.²²¹

Bayard Rustin exerceu uma forte influência oculta sobre King e vários líderes de protestos depois dele. Rustin tinha sido um membro da Liga Comunista da Juventude antes de rejeitar os comunistas e se filiar aos pacifistas na Fellowship of Reconciliation (FOR) [Sociedade de Reconciliação], sendo preso por resistir ao serviço militar obrigatório durante a Segunda Guerra Mundial.²²² Em 1942, ele vislumbrou a crise que iria acontecer nas relações raciais: “O cidadão negro, em geral, perdeu a confiança nos brancos da classe média”, ele escreveu. “Em sua hora de aflição, ele não procura ‘conversa’ e sim ação dinâmica. Ele vê com medo e desconfiança a ideia da classe média de educação e de mudanças culturais a longo prazo.”²²³

Ao adotar a não-violência, Rustin não demonstrava purismo moral ou fé na consciência do opressor. A ação não violenta, para ele, era uma espécie de força – com frequência a única força prática disponível – para obrigar os inimigos a fazerem concessões contra sua vontade.²²⁴ E ela era perigosa: “A não-violência como método tem embutida a exigência de sacrifício terrível e sofrimento longo, mas, como Gandhi disse, ‘a liberdade não cai do céu’. Tem-se que lutar e querer morrer por ela”.²²⁵ King fora influenciado ainda pelo pensamento de Henry Thoreau no que diz respeito a desobediência civil, bem como as ações de Gandhi lhe serviram de exemplo. Sua perspectiva de futuro e de nação unificada podem ser identificadas em seu discurso mais famoso, do ano de 1963 em que dizia “ter um sonho”. King ceta a promessa de um novo

²²⁰ Idem. p. 76-77.

²²¹ Idem. p. 91.

²²² FARBER, David. *The Age of Great Dreams: America in the 1960s*.

²²³ CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. p. 92.

²²⁴ FARBER, David. *The Age of Great Dreams: America in the 1960s*.

²²⁵ CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. p. 92.

futuro, onde a segregação não mais exista.²²⁶

Loic Wacquant acrescenta que King promoveu uma Campanha da liberdade no verão de 1966 em Chicago. Ele buscava aplicar ao gueto as técnicas de mobilização coletiva e desobediência civil usadas com sucesso no ataque ao Jim Crow no sul, revelar a vida à qual os negros estavam condenados na metrópole do norte e protestar contra ela. A campanha para transformar Chicago em cidade aberta foi rapidamente esmagada por uma repressão formidável, comandada por 4 mil guardas Nacionais²²⁷ e a raiva racista de uma parte significativa da população branca de Chicago.

O movimento negro possuiu uma vertente mais radical que acreditava na incompatibilidade entre as raças. O nome de Malcolm X é emblemático como representante desta vertente. Registrado com o nome de Malcolm Little, ao converter-se ao islamismo foi chamado de Al Hajj Malik Al-Shabazz, mas ficou mais conhecido como Malcolm X. Ele era líder da Nação do Islã, um movimento religioso que defendia a segregação racial e a negação da narrativa da nação. Malcolm defendeu por algum tempo que o elemento branco era por excelência o opressor, até sua viagem a Meca onde começou a acreditar na coexistência²²⁸. Sua morte, todavia, fez com que seu pensamento em fim de vida não tivesse tantos adeptos.²²⁹

Com o assassinato de King no verão de 1968 muitas esperanças foram encerradas para continuação de um movimento de desobediência civil.²³⁰ A resposta dos movimentos negros às frequentes investidas dos conservadores contra os direitos civis se organizou desde 1966.²³¹ Como aponta Gerstle, 1966 marcou o momento em que significativa parcela dos militantes pelos direitos civis declaradamente abandonou o nacionalismo cívico e a estratégia de não violência. Muitos militantes negros acreditavam que os Estados Unidos eram uma nação excessivamente apegada as

²²⁶ COONEY, Robert; MICHALOWSKI, Helen. *The Power of the People: Active Nonviolence in the United States*.

²²⁷ WACQUANT, Loïc. *Da escravidão ao encarceramento em massa: repensando a “questão racial” nos Estados Unidos*. p. 19.

²²⁸ MARABLE, Manning. *Malcolm X: Uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

²²⁹ ISSERMAN, Maurice & KAZIN, Michael. *America divided: The civil war of the 1960s*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 142.

²³⁰ Em biografia tratando da trajetória política de Martin Luther King Jr. e Malcolm X a historiadora Britta Nelson defende que o contexto final dos anos 1960 levaria King a ter um postura mais combativa, se afastando da desobediência civil, bem como sua aproximação de Malcolm na luta por direitos civis. A autora chega a conclusão que o quadro de supressão do movimento seria elementar para o repensar de estratégias que foi finalizada com a morte do pastor. Ver: WALDSCHMIDT-NELSON, Britta. *Dreams and Nightmares: Martin Luther King Jr., Malcom X, and the Struggle for Black Equality in America*. Gainesville, FL: The University Press of Florida, 2012.

²³¹ FARBER, David. *The Age of Great Dreams: America in the 1960s*.

tradições raciais para aceitar que negros fossem incluídos na nação em grau de igualdade aos brancos.²³² A SNCC e o CORE expulsaram os membros brancos de seus quadros neste momento. Para alguns, a ideia de nação era uma metáfora para a construção de uma identidade cultural e étnica comum entre os negros estadunidenses.²³³

Movimentos como os Panteras Negras, fundado por jovens negros influenciados pelo marxismo e nacionalismo negro como Huey Newton e Bobby Seale em Oakland, Califórnia, inicialmente tinham o objetivo de patrulhar os guetos para proteger os residentes dos atos ostensivos da polícia. A autodefesa foi um objetivo inicial, pois o grupo tornou-se posteriormente uma organização marxista tendo como objetivo, a luta contra o sistema que os oprimia. Neste momento, o armamento de todos os negros era incentivado, a isenção de impostos e de quaisquer sanções que viessem dos brancos.²³⁴ Movimentos radicais como os Panteras Negras não se constituíam como maioria no movimento negro, mas tais ideias influenciaram muitos negros estadunidenses²³⁵, bem como conquistou empatia de muitos cidadãos.²³⁶

Em 1966, o número de militantes filiados aos Panteras Negras, SNCC, CORE e outras organizações nacionalistas negras não ultrapassava os 50.000. Entretanto essas organizações mantinham contatos em todos os guetos pobres das cidades do norte e do oeste estadunidense; influenciavam milhões de pobres e negros e ganharam destaque em noticiários e documentários assistidos em todo o país.²³⁷ O Governo Federal criou programas de inteligência para monitorar, interromper e neutralizar organizações negras como SNCC, CORE e Panteras Negras.²³⁸

O universo esportivo por conter um caráter fortemente cívico deu projeção a atletas negros que se engajaram na causa dos direitos civis.²³⁹ Talvez o exemplo mais famoso seja o pugilista Cassius Marcellus Clay que ao converter-se ao islamismo muda

²³² GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 298.

²³³ DIGGINS, John Patrick. *The Rise and Fall of the American Left*. New York & London: W. W. Norton & Co., 1992.

²³⁴ ISSERMAN, Maurice & KAZIN, Michael. *America divided: The civil war of the 1960s*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 185-186.

²³⁵ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 299.

²³⁶ FARBER, David. *The Age of Great Dreams: America in the 1960s*.

²³⁷ GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. p. 300.

²³⁸ WALDSCHMIDT-NELSON, Britta. *Dreams and Nightmares: Martin Luther King Jr., Malcom X, and the Struggle for Black Equality in America*.

²³⁹ COONEY, Robert; MICHALOWSKI, Helen. *The Power of the People: Active Nonviolence in the United States*.

seu nome para Muhammad Ali Haj²⁴⁰, que além de divulgar o Pan Africanismo, bem lembrado em sua luta no Zaire contra George Foreman, tem seu engajamento lembrado também pela negativa de ir à guerra do Vietnã.²⁴¹

É importante lembrar também, no âmbito esportivo, da premiação dos 200 metros rasos no atletismo das Olimpíadas de 1968 na cidade do México quando dois atletas negros norte americanos vão ao pódio, Thomas Smith e John Carlos, descalços, com meias pretas e de punhos cerrados – símbolo que ficou consagrado como representação do *Black Power*. Eles denunciaram ao mundo a segregação, os atletas defenderam seu país dando ênfase ao orgulho negro, bem como demarcaram nos jogos a necessidade de igualdade perante os protestos que aconteciam no âmbito nacional, Smith ficou conhecido pelo celebre discurso em que falou: “Se ganho sou americano, não um americano negro. Mas se fizer alguma coisa má, dirão que sou 'um preto'. Somos pretos e temos orgulho disso”.²⁴²

O período de efervescência²⁴³ dos direitos civis tornou-se tema de inúmeras narrativas fílmicas e de projetos liberais de diretores, produtores e atores nos anos de 1980.²⁴⁴ As culturas políticas que ensejavam o alargamento dos direitos civis de negros, mesmo que idealizando caminhos diferentes, foram exemplares para as gerações que viram nos anos 1980 e 90, a ascensão do neoliberalismo e a negação dos projetos liberais que junto à pressão desses grupos conquistaram avanços inegáveis.

²⁴⁰ PURDY, Sean. *O Século Americano*. p. 252.

²⁴¹ A trajetória da luta entre Ali e Foreman é representada no documentário *When We Were Kings* (*Quando Éramos Reis*) de 1996, color., 89 min., EUA, dirigido por Leon Gast, que cobriu a luta entre os pugilistas no Zaire, mas por questões de financiamento só terminou a produção mais de vinte anos depois. Existe também o filme estrelado por Will Smith representando Ali.

²⁴² COONEY, Robert; MICHALOWSKI, Helen. *The Power of the People: Active Nonviolence in the United States*.

²⁴³ A entonação do orgulho negro pode ser identificada também na musica. O compositor e interprete James Brown gravou “*Say It Loud – I’m Black and I’m Proud*”. Um dia após o assassinato de King, Brown realizou um show em Boston que, para muitos evitou uma grande revolta. O evento é representado em dois filmes: “*The Night James Brown Saved Boston*”, que pode ser acessado no Box: “*I Got The Feelin’: James Brown in the ‘60s*” e no recente “Brown” onde em uma narrativa On; em primeira pessoa Brown apresenta a trajetória de sua vida e aspectos do período. A interprete Nina Simone é talvez um dos maiores bastiões da musica militante da causa negra gravou canções como *Mississippi Goddam* fazendo menção ao assassinato de Medgar Evers e a explosão de uma igreja em Birmingham, Alabama. Gravou também *Old Jim Crow* criticando as leis segregacionistas. Ver: FELDSTEIN, Ruth. “I Don’t Trust You Anymore”: Nina Simone, Culture, and Black Activism in the 1960s. Disponível em: <http://jah.oxfordjournals.org/content/91/4/1349.short>. Acesso: 10/08/15.

²⁴⁴ BROWN, Wendy. *American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism and De-Democratization*. In: *Political Theory*. vol. 34, n. 690, 2006.

2.2 - Cultura política e dissenso; movimento gay e feminista nos anos 1960-80

O movimento gay teve uma guinada em busca de seus direitos em fins dos anos 1950 junto à efervescência dos movimentos em prol dos direitos civis negros, para tanto, lutavam para o reconhecimento da homossexualidade como estilo de vida, pois até então era tida como uma patologia, só no ano de 1973 que o conselho de psiquiatria reconhece a homossexualidade como uma opção sexual retirando-a da categoria de distúrbio mental. Até então, muitas pessoas viviam-na como uma vida paralela, na maior parte dos casos escondendo, só a vivendo em nichos e locais específicos que eram mais comuns nos grandes centros urbanos americanos, ou mesmo a reprimindo, muitas vezes amparados também em aporias religiosas. Desta forma, a primeira conquista desse grupo é alcançar sua legitimidade.²⁴⁵

O cuidado que muitos tinham quanto à exposição da sua sexualidade se dava basicamente em três campos, não restringir-se a oportunidades de trabalho, bem como privar-se de participar de diversos círculos sociais, além da questão familiar, por uma não aceitação de um estilo de vida alternativo que ia de encontro à visão tradicional. Houve casos em que submetiam seus congêneres a tratamentos corretivos, o que para muitos consistia na “cura gay”. Diversos bares e clubes nas grandes metrópoles se tornaram assim espaços privilegiados por receberem um público homossexual e se consagraram como espaços para a liberdade dessas pessoas.²⁴⁶

As leis em torno da homossexualidade eram rígidas, com exceção de Illinois, todos os Estados americanos consideravam atos homossexuais como ilegais nos idos de 1969.²⁴⁷ Desta forma, um homem vestido de mulher, era considerado alguém que cometia crime de atentado ao pudor, neste mesmo ano, com o advento da eleição, a repressão a homossexuais se intensificou, gerando mortes. No auge das perseguições em Nova Iorque até 500 pessoas eram presas por ano, por crimes contra os costumes. De 3.000 a 5.000 mil pessoas por ano eram presas por prostituição e vadiagem.²⁴⁸

São Francisco e Nova Iorque tornaram-se locais que possuíam uma concentração maior de homossexuais, a dinâmica se dava por dois motivos, São Francisco, além de

²⁴⁵ SEIDMAN, Steve. *Embattled Eros: Sexual politics and ethics in contemporary America*. New York: Routledge, 1992.

²⁴⁶ DENNENY, Michael. *Gay politics: sixteen proposition*. In: BLASIUS, M; PHELAN, S. We are everywhere: a historical sourcebook of gay and lesbian politics. New York: Routledge, 1997. P. 485-497.

²⁴⁷ DAVIS, Kate; HEILBRONER, David. *A revolta de StoneWall*. Documentário baseado em filme de David Carter: The riots that Sparked the gay revolution. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=cxSBW79yxjQ. Acesso: 30/11/14.

²⁴⁸ Idem, ibidem.

ser uma metrópole, foi cidade base para envio de militares para teatros de guerra como a II Guerra e a posterior Guerra da Coreia nos idos dos anos 1950, tendo sido dois conflitos temporalmente próximos, aglutinou um montante de militares no local. Muitos que foram dispensados do serviço por baixa desonrosa, em alguns casos, atribuído a sua sexualidade, além de problemáticas outras, tornavam a ficar nestes grandes centros por medo de represálias da família, bem como da não aceitação em locais que possuíam uma postura mais tradicional e conservadora, além do espírito de comunidade que se viu surgir pelas redes que se estabeleciam entre essas pessoas tidas pela visão conservadora como excêntricas. Nova Iorque de fato, é a maior metrópole do país e aglutinava assim uma perspectiva de maior aceitação ao diferente.²⁴⁹

Para alguns historiadores os levantes no bar *Stonewall Inn* em Nova Iorque tornou-se um divisor de águas deste movimento. Em 28 de junho de 1969 um grupo que estava no local, se negou a obedecer às ordens e acatar a truculência dos policiais, o que gerou uma revolta de seis dias no bairro de Greenwich. O evento trouxe efervescência para criação de instituições em defesa dos interesses gays, bem como maior visibilidade para algumas já existentes como a sociedade Matachine²⁵⁰ presidida por Dick Leitsch e a Daughters of Bilitis, que articulava a luta e tinha o âmbito da organização dos homossexuais. No ano seguinte, no dia 4 de julho, dia da independência, a sociedade Matachine organiza um piquete na Filadélfia em frente ao hall da independência. Daí por diante diversos segmentos do movimento viabilizaram passeatas para levar a público sua demanda, no ano seguinte, comemorando a aurora do movimento e relembrando os eventos de Stonewall Inn²⁵¹ que aconteceram em junho, organizou-se a primeira marcha do orgulho gay que se consagrou como símbolo da luta por

²⁴⁹ TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. 2010. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 92.

²⁵⁰ A Sociedade Matachine foi fundada em 1950 pelo ativista comunista gay, Harry Hay. Ver HUREWITZ, Daniel. *Bohemian Los Angeles and the Making of Modern Politics*. Berkley: University of California Press, 2007.

²⁵¹ Os levantes de Stonewall In são fundamentais para caracterização do movimento gay, bem como para o imaginário do orgulho gay que ele aglutina. Quatro documentários foram produzidos no intuito de difundir a importância do evento e de como ele trouxe uma guinada para o movimento gay, são eles; *Before Stonewall* (Antes de Stonewall), produção de 1984 de Greta Schiller e Robert Rosenberg, *After Stonewall* (Depois de Stonewall), produção de 1999 de John Scagliotti. Ambas as produções possuem financiamento de instituições em prol da causa homossexual. Existe ainda o *Stonewall*, produção de 1995 dirigida pelo britânico Nigel Finch – que morreu logo após as filmagens de AIDS, o diretor era militante e assumidamente gay, o filme retrata os eventos através de uma ficção e o *Stonewall Uprising* documentário que faz um balanço do movimento e suas conquistas a partir de fotos, documentos, entrevistas, este foi lançado recentemente, produção de 2010 e que utilizamos neste trabalho.

emancipação deste grupo, a marcha ganhou espaço em demais cidades²⁵² e trouxe inspiração para que diversos outros países organizassem seu movimento.²⁵³

É imprescindível acrescentar que as demandas das primeiras marchas alertavam para a necessidade de aceitação da homossexualidade como estilo de vida, e que para tanto, aqueles que se sentiam reprimidos, deveriam levar para suas vidas públicas sua opção, essa perspectiva ficou famosa na política do “*sair do armário*”, junto ao amor livre - que ia de encontro com a visão cristã da monogamia e consequentemente da família. Nos anos de 1970 o movimento gay conquistou uma visibilidade mais positiva em relação ao movimento, que mediante seu sucesso viram a situação como uma grande festa, associada à libertação da sexualidade que muitos reprimiam.²⁵⁴

O balanço da década trazia também conquistas em âmbito político concreto; leis que asseguravam direitos para homossexuais, bem como a eleição de uma representação declaradamente gay, o conselheiro do bairro Castro, Harvey Milk que trouxe propostas de trabalho que atendiam demandas de seu grupo, bem como enfatizando a mulher e o idoso, isso se reflete na aprovação que Milk obteve para além da comunidade gay do Castro.²⁵⁵

Em 1979 é descoberta uma grande epidemia que até meados de 1984 a comunidade médica não soube diagnosticar como se dava a dinâmica da doença e lançar vias de cuidado, bem como de prevenção, falamos do HIV e da AIDS que foi uma grande prova de fogo para o movimento que se formou, que o obrigou a repensar suas bandeiras e práticas que até então pareciam ser conquistas inabaláveis.²⁵⁶ O número de mortos sob o ataque da nova epidemia era altíssimo, que de início, fora associada ao “Sarcoma de Kaposi”, comum a idosos, que possui formação de feridas na pele e na mucosa como efeito visível.²⁵⁷ De fato, hoje se sabe que o vírus da AIDS minimiza a imunidade do indivíduo, *abrindo o corpo* para diversas doenças como a tuberculose, a pneumonia, levando o portador a ter cuidados diversos, sabe-se também que há uma

²⁵² Inicialmente aconteceram em Los Angeles e Chicago, no ano seguinte além destas cidades, em Boston, Dallas, Milwaukee nos Estados Unidos. Em Londres, Paris, Berlim Ocidental e Estocolmo. Em mais um ano, nos Estados Unidos acrescenta-se Atlanta, Buffalo, Detroit, Miami, Filadélfia, Washington D. C., além de São Francisco.

²⁵³ DUGGAN, Lisa; HUNTER, Nan D. *Sexual Wars: sexual dissent and political culture*. New York: Taylor & Francis, 2006.

²⁵⁴ DENNENY, Michael. *Gay politics: sixteen proposition*.

²⁵⁵ TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. p. 90.

²⁵⁶ GALVÃO, J. *1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA, 2002. (Coleção ABIA. Políticas públicas, 2).

²⁵⁷ MINTZ, Beth; PALMER, Donald. “Business and Health Care Policy Reform in the 1980s: The 50 States”. *Social Problems*, Vol. 47, No. 3 (Aug., 2000), pp. 327-359.

diferença entre ser portador do vírus e tê-lo agindo de maneira ativa, e mais importante, as formas de sua transmissão.²⁵⁸

Essas compreensões que humanizam o trato com os indivíduos que portam o vírus, de início não existiu, abrindo espaço para todo tipo de estigma, que teve nos grupos gays sua maior vítima, a acrescentar, que a tipologia de “grupo de risco” fora atribuída a eles por ser largamente nas estatísticas o grupo mais acometido pela epidemia.²⁵⁹ O papel de celebridades que abraçaram a causa foi elementar, a citar a princesa Diana que abriu um hospital para o tratamento da doença, e diante da mídia cumprimentou pacientes sem o uso de luvas. A associação da AIDS a doenças sexualmente transmissíveis foi feita de início, perante o alto índice de contaminação de indivíduos que possuíam um número elevado de parceiros. Mediante estas estatísticas que cresciam, a comunidade médica chegou a chamar a epidemia de câncer gay, que endossada pela mídia, trouxe um olhar negativo para o gay, que até então vinha conquistando espaço diante da opinião pública.²⁶⁰ Até o ano de 1982 quando a comunidade médica revela que a AIDS consiste em uma síndrome, e assim a nomeia – Síndrome da imunodeficiência adquirida se pensou em diversas possibilidades, o que era necessário daí por diante era frear este mal que assolava predominantemente homens homossexuais.²⁶¹

Estando assim relacionada majoritariamente aos homossexuais a epidemia da AIDS gerou um debate no interior do movimento gay e de suas organizações, tanto da produção de manifestos que cobravam do governo uma atenção maior, alegando que cidadãos estavam morrendo, bem como repensando algumas bandeiras que se consagraram como vitórias anos antes. É claro que isso trouxe atritos no seio do movimento, mas o acúmulo atrelado à procura do saber e uma clara demonstração de que o movimento teria de ser mais unido pensando aqui não só sua preservação enquanto iniciativa ideológica, de compartilhamento de ideias, mas de suas vidas.

Intelectuais como Larry Kramer²⁶² tiveram papel essencial, trazendo a público que a comunidade médica não conhecia ainda os pormenores da epidemia que crescia vertiginosamente em número de vítimas, atrelando aqui também o papel desta última

²⁵⁸ HOADLEY, John F. Health Care in the United States: Access, Costs, and Quality. PS, Vol. 20, No. 2 (Spring, 1987), pp. 197-201.

²⁵⁹ DUGGAN, Lisa; HUNTER, Nan D. *Sexual Wars: sexual dissent and political culture*.

²⁶⁰ SEIDMAN, Steve. *Embattled Eros: Sexual politics and ethics in contemporary America*.

²⁶¹ TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. p. 95.

²⁶² Larry Kramer foi representado em filme recente que narra sua trajetória como ativista gay, a narrativa *The Normal Heart* (2014) tem como inspiração o roteiro de sua peça teatral escrita em 1985.

para resolução da problemática, bem como a negligência do governo com um problema de saúde pública grave. Kramer associou o número de contágios a bandeira do amor livre, ou sexo sem compromisso, asseverando que esta postura foi um dos difusores da epidemia, muitos homossexuais chegavam a ter mais de 1.000 parceiros em sua vida sexual, é daí que uma vertente do movimento decidiu rever algumas de suas propostas.²⁶³

Gabriel Rotello que estudou o fenômeno, acrescenta que a prevalência nesse grupo alcançou 35% em 1981, 46% em 1982 e 57% em 1983. Os números de 1984 mostram 67% de infectados na legião. Quando a saturação foi alcançada, a maior parte dos indivíduos suscetíveis estava infectada, sendo que o índice aumentou mais lentamente, chegando ao pico de 73,1% em 1985. Em 1984, 42,7% da legião de Nova York estava infectada. Em 1984, a prevalência entre grupos de gays alcançou 41% em Chicago, 49% em Boston, 50% em Los Angeles. Chegou a 58% num grupo gay em Denver, em 1985, e a 58% em Seattle em 1986. Em 1987, tinha alcançado 60% do núcleo gay em San Diego e 70% em outro núcleo, na Filadelfia.²⁶⁴

Em São Francisco, cidade que se destacou pelo clima de liberdade e de uma maior concentração da comunidade gay entre os anos de 1970 e os anos 1980 possui o percentual mais alto de vítimas, tanto no que diz respeito a novos pacientes identificados, bem como em relação ao número de mortos. Entre 1980 e 1983 o percentual de mortalidade na comunidade gay cresce de 12% para 86%. O número de pacientes infectados cresce de 5% aproximadamente no final dos anos 1970, para 12% em 1980, perfazendo quase o triplo de novos casos identificados em apenas um ano, no ano seguinte esse percentual dobra, chegando a ter 24%, no ano seguinte aproxima-se dos 47%, quase o dobro, chegando a seu ápice em 1983 com 57%.²⁶⁵

Houve uma clara divisão daí por diante dos grupos que eram acometidos pela AIDS, existiam os que se contaminavam por estar fazendo algum tipo de tratamento, como os hemofílicos, ou diversos outros tratamentos de sangue, ou mesmo através de simples transfusões. Havia os usuários de drogas, que aqui se viam acometidos de duas formas. Acrescente-se o acesso aos serviços de saúde, que eram daí estigmatizados pela famigerada política de guerra às drogas. E os indivíduos gays que eram acometidos pela

²⁶³ TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. p. 96.

²⁶⁴ ROTELLO, Gabriel. *Comportamento sexual e AIDS: a cultura gay em transformação*. São Paulo: Summus, 1998. p. 96

²⁶⁵ Idem, *ibidem*.

síndrome, pelo preconceito moral e como os demais, pela falta de uma resposta significativa que trouxesse alguma esperança.²⁶⁶

Até o ano de 1983 a comunidade gay vivia uma crise crescente de saúde, mas foi nesse período que a comunidade médica descobre a dinâmica da doença e desenvolve medicações que atenuam o efeito do vírus, dando mais fôlego e diminuindo as estatísticas de morte, além é claro, da participação ativa dos grupos organizados que implementaram uma campanha em prol do uso do preservativo, do controle do número de parceiros, bem como de sensibilização dos cidadãos que tinham convívio com pessoas que foram acometidas.²⁶⁷

A produção cinematográfica tem narrado episódios vividos por cidadãos que foram acometidos pela AIDS, em sua maioria histórias de vida de homens e mulheres gays, *Filadélfia* (1992), estrelado por Tom Hanks e Denzel Washington, ganhador do Oscar em 1993, traz em sua trama a luta por reconhecimento social de um homem gay em estágio terminal. *Meu querido companheiro* (1989) também se debruça em história de vida de um grupo de amigos acometidos pela doença. O magistral *Milk* (2008) estrelado por Sean Penn, também ganhador do Oscar traz luz à trajetória do político do bairro Castro. Recentemente *Clube de compras Dallas* (2013) do canadense Jean Marc-Valée, ganhador do Oscar, traz luz a temática ao narrar à história verídica de Ron Woodroff, eletricitista texano que descobriu ser portador no início dos anos 1980. Bem como o já citado filme que representa a trajetória de Larry Kramer; *The Normal Heart* (2014). Trazendo luz ao universo gay e as questões militares vale lembrar o magistral trabalho de Robert Altman *O exército inútil* (1983) muito bem analisado por Flavio Trovão em sua tese.²⁶⁸

As mulheres

O movimento de mulheres possui uma história que se remete aos fins do século XIX nos Estados Unidos, com célebres nomes como Ema Goldman, todavia, por ser uma identidade de gênero, é fluida nos parâmetros de raça e origem social, é daí, que um tanto da história que contamos até aqui foi protagonizada por mulheres. Configurando-se como uma cultura política com seus interesses em particular, vale lembrar que o voto foi uma demanda do que se chama hoje de primeira onda do feminismo. Boa parte dos historiadores convencionou chamar o movimento que se

²⁶⁶ HOADLEY, John F. Health Care in the United States: Access, Costs, and Quality.

²⁶⁷ GALVÃO, J. 1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo.

²⁶⁸ TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política* (1983).

organiza na segunda metade do século XX por demandas de representação, pelo fim do patriarcalismo, pela liberdade sexual, do divórcio e do aborto como uma agenda que estava inserida na efervescência dos movimentos por direitos civis e da segunda onda do feminismo.²⁶⁹

Além do desenvolvimento da pílula anticoncepcional e desta forma, da liberdade sexual, o direito de aborto talvez seja uma das maiores conquistas deste período.²⁷⁰ A crítica a este estado de coisas já era realizada desde o pós II guerra, a ativista Betty Friedan já defendia em sua obra “*Mística feminina*”²⁷¹ que com o fim do conflito e o retorno dos homens, a mulher fora reconduzida ao lar e teve seu papel reforçado de esposa e mãe zelosa, que para a autora são associados a uma mística. Desta forma, a educação feminina visava um papel coadjuvante. Seu estudo ponderava que mulheres de sua geração por viverem essa vida coadjuvante, tinham “um mal que não tem nome”; as desigualdades no tratamento e nas oportunidades seriam compensadas pelo consumo, em uma economia em expansão.

O movimento negro também teve vozes femininas em seu seio; Kathleen Cleaver Neal, Ericka Huggins, Modjeska Simkins e talvez a mais conhecida delas; a filósofa comunista Angela Davis, que há pouco teve produzido um magistral documentário que narra seu contexto de formação intelectual, sua empatia com o movimento negro nos Estados Unidos, bem como sua associação ao partido comunista, seus dias de exílio após ser acusada de ser dona de uma arma utilizada em um atentado, evento este que gestou uma mobilização a nível internacional para a libertação de Angela.²⁷² O papel destas mulheres negras diz respeito à tomada de poder de um feminismo que ultrapasse a categoria de raça, estando simultâneo aos movimentos por direitos civis foram oportunos por denunciar arestas.²⁷³

Em 1970 um fenômeno de suma importância foi quando duas advogadas do Texas de nome Linda Coffee e Sarah Weddington, entraram com um processo de representação para Norma L. McCorvey, esta alegava estar gestante e a criança viria a ser fruto de um estupro, o Estado do Texas, representado na figura de seu fiscal Henry Wade, do condado de Dallas, se opunha a este direito, em audiência o tribunal de

²⁶⁹ ZINN, Howard. *A people's History of the United States*. Harperperrenial: New York, 2005.

²⁷⁰ PURDY, Sean. *O Século Americano*. p. 252.

²⁷¹ FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

²⁷² *Libertem Angela Davis* (Free Angela e All political prisoners). Direção: Shola Lynch. Imovision, Estados Unidos/ França, 2001.

²⁷³ CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. p. 92.

distrito decidiu a favor de McCorvey, não estabelecendo uma restrição contra a legislação que regia o trato com aborto. O caso teve desdobramentos, devido a não aceitação de Wade da possibilidade de legalização do aborto, com as apelações, que fizeram o caso chegar à suprema Corte de justiça do país, houve um dos casos mais famosos da década.²⁷⁴

Tomando o texto da constituição como referencia, foi significativo o numero de leis relacionadas ao aborto que tiveram de ser modificadas, por violarem o direito constitucional a privacidade, de fato McCorvey que ficou famosa pelo nome Jane Roe – e daí a descrição ao caso *Roe vs. Wade*²⁷⁵, não teve uma resposta afirmativa a tempo de sua gestação, tendo dado a luz ao bebe que foi conduzido para adoção, porem trouxe significativas mudanças para as políticas publicas e direitos das mulheres que estavam em efervescência no período.²⁷⁶

É representativo que esta efervescência feminina levou o presidente Jimmy Carter a eleger mulheres como força coesiva em seu governo, elegendo diversas lideranças para assumir cargos em seu gabinete, como dito, seu interesse em atender diversas culturas políticas que no processo eleitoral se uniram por um dito projeto mais democrático não deram certo²⁷⁷, e dentro de um contexto de crise se tornaram difusas e antagônicas, a década de 1980 será também uma prova de fogo para as mulheres pelo ataque das forças conservadoras a suas conquistas.²⁷⁸

A título de referencia e como reflexão de autocrítica, nossas fontes de analise para o período estudado compõe-se de quatro narrativas que delegam papeis coadjuvantes as mulheres, esta reflexão foi tida também pelo *New York Film Academy* que produziu pesquisa onde quantifica o quanto à mulher é exclusiva na indústria de cinema hollywoodiana. Apesar de mulheres serem responsáveis por comprar 50% dos ingressos em sessões nos EUA, apenas 10,7% dos filmes analisados possuíam um elenco equilibrado de homens e mulheres – a proporção média encontrada foi de 2,25 atores para cada atriz. Ao se considerar toda a indústria, a proporção fica ainda mais

²⁷⁴ ZINN, Howard. *A people's History of the United States*. Harperperrenial: New York, 2005.

²⁷⁵ Disponível em: <http://caselaw.lp.findlaw.com/scripts/getcase.pl?court=us&vol=410&invol=113>. Acesso em 13/10/14.

²⁷⁶ GREENHOUSE, Linda. SIEGEL, Reva B. *Before Roe vs Wade: Voices that shaped the abortion before the Supreme Court's rule*. (In) Yale Law School, 2012.

²⁷⁷ PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*.

²⁷⁸ FINGUERUT, Ariel. *Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos*. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins. (Org.). *Uma Nação com alma de Igreja. Religiosidades e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

desigual: são 5 homens para cada mulher trabalhando no cinema. Em 2012, apenas 9% dos filmes foram dirigidos por mulheres, e só 15% foram escritos por elas. Entre os produtores, 25% eram mulheres.²⁷⁹

2.3 - Percurso fílmico: Mississippi em Chamas

*Mississippi em chamas*²⁸⁰ (Mississippi burning) foi dirigido pelo diretor, produtor, escritor e ator britânico Allan William Parker, que teve uma boa parte dos seus filmes feitos nos Estados Unidos, em Hollywood. Entre suas obras mais famosas estão *O expresso da meia noite* de 1978, o musical *Pink Floyd – The Wall* de 1982, *Evita* de 1996 e *A vida de David Gale* de 2003. *Mississippi em chamas* possui roteiro de Chris Gerolmo e Frederick Zollo que adaptaram os eventos acontecidos em 21 de junho de 1964, quando os judeus Michael Schwerner de 24 anos e Andy Goodman de 20 e o jovem negro James Chaney de 21, foram detidos numa delegacia sob acusações falsas e, depois de serem liberados à noite, foram assassinados por membros da Ku Klux Klan e da polícia. Os corpos dos três jovens, espancados e crivados de balas, foram encontrados 44 dias depois numa represa depois de uma intensa busca por parte do FBI (Federal Bureau of Investigation).

Em notícia do ano de 2005, o caso foi lembrado pelo julgamento do suspeito que na época não tinha sido punido, Edgar Ray Killen, de 80 anos, ex-líder da Ku Klux Klan (KKK). Ele foi condenado a 60 anos de prisão por um tribunal da Filadélfia, Mississippi, sul dos Estados Unidos. Um dos jurados condenou Killen por "homicídio culposo" (sem premeditação) no julgamento chamado "Mississippi em Chamas".²⁸¹

O filme teve uma crítica muito positiva que refletiu sobre a importância do tema, a permanência da segregação e o quanto ela é velada. Judith Moore publicou crítica no jornal *The New York times* alertando de seu medo sobre o quanto o americano pode ser mesquinho quanto ao tema. A autora enfatizou em sua crítica trechos do filme em que o diretor Alan Parker faz um movimento narrativo de entrevista com os autóctones brancos perguntando sobre a vivência com o negro no Mississippi. Desta forma sinalizou que mesmo depois de vinte anos dos eventos que o preconceito ainda era

²⁷⁹ Disponível em: www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film. Acesso 18/05/15.

²⁸⁰ O filme teve uma arrecadação de US\$ 34, 603,000 dólares nas salas de cinema estadunidense, e obteve valor igual para venda de cópias no mundo. Dados disponíveis em: www.thenumbers.com/search?searchterm=mississippi+burning. Acesso em 24/05/15.

²⁸¹ Disponível em: www.noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2005/06/23/ult34u128712.jhtm. Acesso em 23/05/15.

chocante naquela sociedade.²⁸² A crítica da autora enfatiza pontos significativos na análise, tanto a perspectiva da permanência, que nos impõe um movimento até o século XIX para entender alguns meandros do filme, desde o Jim Crow, as migrações para o norte e as ideias de supremacia branca.

Analisando o filme como uma grande narrativa, que traz espaço aos negros e um dado papel ao FBI, mas cumprindo seu papel em mostrar o que o título propõe, “estar em chamas”, George Nelson²⁸³ escreveu que o filme de Parker mereceu as ótimas críticas que teve por seu perfil político e crítico a segregação no local. Nelson ressalva a crítica negativa, trazendo sua visão de que não ter respeitado todos os elementos reais da história na representação não faz dela uma narrativa menor. A colocação do autor converge com a nossa leitura, pelo envolvimento de Parker, Dafoe e Heckman em uma espécie de projeto liberal que mobilizou diversas personalidades em Hollywood nos anos 1980.

Pamela Steele²⁸⁴ ressalta elementos positivos do filme, como a representação do FBI e seus agentes. Porém, chama a atenção para ausência de um personagem negro como protagonista, e de quantos nomes de homens e mulheres os direitos civis proporcionaram que não foram representados no filme. A crítica acrescenta ainda que o filme possui um poder em trazer as telas o tema da segregação, mesmo utilizando o que para ela foi uma tática de marketing racista. Ao nosso ver, a análise de Pamela toma um tom mais crítico por sua militância, sendo também uma mulher negra que enxerga no cinema um palco de batalhas políticas.

O historiador Howard Zinn foi autor de uma das críticas que cobrava do diretor uma representação mais próxima dos fatos, uma vez que deu protagonismo a elementos brancos quando na verdade foi à mobilização de negros que pressionou o governo para realização das investigações.²⁸⁵ Neste mesmo sentido, Sean Purdy acrescenta que nada pode estar mais longe da verdade. Os irmãos Kennedy eram altamente acautelados,

²⁸² MOORE, Judith. *MISSISSIPPI BURNING; Far From the Promised Land*. In: The New York times. Disponível em: www.nytimes.com/1989/02/12/movies/l-mississippi-burning-far-from-the-promised-land 494389.html. Acesso em 23/05/15.

²⁸³ NELSON, George. *MISSISSIPPI BURNING; After Silence, Too Much Noise*. In: The New York times. Disponível em: www.nytimes.com/1989/01/22/arts/l-mississippi-burning-after-silence-too-much-noise 884389.html. Acesso em 23/05/15.

²⁸⁴ STEELE, Pamela. *MISSISSIPPI BURNING; Blacks and The Box Office*. In: The New York times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1989/02/05/movies/l-mississippi-burning-blacks-and-the-box-office> 566389.html. Acesso em 23/05/15.

²⁸⁵ ZINN, Howard. History is a Weapon. Disponível em: www.historyisaweapon.com/defcon1/zinnfbi.html. Acesso: 12/07/15.

desprezando os movimentos militantes e seus líderes, inclusive King, e relutantemente oferecendo poderes federais para proteger os ativistas no Sul, geralmente tarde demais e com forças insuficientes.²⁸⁶

O consagrado crítico Vincent Canby acrescenta em sua crítica²⁸⁷ que o filme possui um papel de peso na denuncia da segregação no sul. Canby evoca a verdadeira história que inspirou o roteiro do filme de Parker, mas assevera que o fato do diretor ter realizado uma estória e não seguido os fatos como o foram não diminui o peso da narrativa. Canby acrescenta que toda violência representada em todas as esferas da vida dos negros da fictícia cidade respeitam o sofrimento daquele povo e traz assim um elemento de peso ao filme, que para o crítico o faz ser um excelente trabalho.

Betty Freedman em sua crítica destaca que *Mississippi em chamas* tem o peso de filmes como *Glória feita de sangue*, e acrescenta que o filme tem o papel de mostrar uma história para jovens das gerações seguintes, que estão lá e não sabem o que se passou em um passado próximo.²⁸⁸ A colocação da autora é reafirmada em nossa proposta de pensar a narrativa como um produto cultural que se propõe a trazer luz ao paradoxo da segregação.

Ademais, em datas seguintes que o jornal americano The New York Times publicou críticas acerca do filme, possuíam argumentos similares, elogiando o caráter político do filme, e ora chamando atenção em uma chave negativa por ele não ter respeitado a história real, ora colocando este elemento como algo menor ou mesmo insignificante perante o papel que o filme exerce. Todavia, atribuímos nosso olhar concordando com os críticos que veem o filme como uma obra significativamente política, sem de fato respeitar os fatos reais. Como colocou Robert Rosenstone, o filme histórico não tem o compromisso com a verdade, e mais ainda, ele possui uma linguagem distinta de outros meios difusores de informação, cabendo assim ao historiador desta modalidade de fonte, encarar o filme como um novo documento, com suas especificidades²⁸⁹.

²⁸⁶ PURDY, Sean. O Século Americano. p. 232

²⁸⁷ CANBY, Vincent. *Review/Film; Retracing Mississippi's Agony, 1964*. In: The New York times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1988/12/09/movies/review-film-retracing-mississippi-s-agony-1964.html>. Acesso em 23/05/15.

²⁸⁸ FREEDMAN, Betty. *F.B.I. Played Real Role in Civil Rights in 60's; Judge It as a Movie*. In: The New York times. Disponível em: www.nytimes.com/1989/02/11/opinion/1-fbi-played-real-role-in-civil-rights-in-60-s-judge-it-as-a-movie-586389.html. Acesso em 23/05/15.

²⁸⁹ ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes. Os filmes na história*.

Mississippi em Chamas começa sua narrativa com uma cena em plano próximo com cores fortes entre o preto e o tom acinzentado, onde vemos dois bebedouros demarcando seu uso por placas. A demarcação é uma clara referencia do diretor as leis Jim Crow, o primeiro para brancos e o segundo para “pessoas de cor”. Logo em seguida, ao som de uma canção típica do sul do país, interpretada por uma voz negra, vemos um homem branco beber água no bebedouro que lhe é reservado, para em seguida uma criança negra se dirigir ao bebedouro seguinte e fazer o mesmo. Ao vermos uma igreja ser incendiada no plano seguinte, somos indicados estar no Mississippi, cidade sulista dos Estados Unidos com um passado fortemente segregacionista.

Figura 1: Mississippi em chamas - Jim Crow



Em um plano seguinte, vemos um carro se deslocar a noite em uma estrada íngreme com três rapazes em seu interior, três jovens militantes dos direitos civis. Um comboio segue os rapazes os obrigando a sair da estrada onde são surpreendidos e se dão conta que estão sendo perseguidos pela polícia. Ao estacionar são interrogados de maneira ostensiva, e daí o diretor já utiliza estereótipos consagrados em meios segregacionistas para compor o clima de racismo. O dito policial chama o rapaz de “judeuzinho” uma vez que o Mississippi possui uma maioria religiosa cristã, e logo em seguida, ao identificar o rapaz negro no carro, chama o rapaz de “amante de negro”, uma expressão pejorativa onde intenciona dizer que abolicionistas e apoiadores de direitos civis iguais eram amantes de negros no sentido sexual. Sem prosseguir o dialogo, o homem empunha uma arma na cabeça do rapaz, e daí o diretor utilizasse do

recurso da tela escura com os sons de sua continuação para denotar o brutal assassinato dos três.

Seguindo a narrativa, já em tom claro nos é mostrado à mão de um observador que analisa fotos, estas que captaram eventos da conhecida Ku klux Klan, e da violência contra negros. Dois investigadores se dirigem ao Mississippi, um deles, mais senil interpretado por Gene Hackman, é o investigador Rupert Anderson, se mostra com um senso de humor maior ao folhear seu material e encontrar um cartaz da NAACP. Em seguida um cartaz da KKK onde possui grafada uma canção segregacionista, com concepções religiosas, que ele canta em tom jocoso, seu colega Alan Ward (Williem Dafoe), se mostra alguém fechado, de poucas palavras, desta forma somos apresentados aos investigadores que possuem perfis distintos.

Ao chegarem ao centro da cidade, e estando na delegacia, eles já se defrontam com a morosidade e o descaso com o caso de “desaparecimento”, uma vez estando envolvido um negro no caso. Os investigadores leem no carro a descrição do caso, onde descrevem que os rapazes eram do escritório dos direitos civis, e que foram detidos e soltos a noite, levados até os limites da cidade e de lá não foram mais vistos. Enquanto Ward acredita que as informações foram distorcidas, Rupert acredita que não há problemas na descrição. O diretor apresenta a simetria distinta do pensamento dos dois investigadores, que será visto logo em seguida ao se dirigirem para almoçar, estando o restaurante lotado, eles são indicados a esperarem que clientes saiam, quando Ward sinaliza que aos fundos haviam lugares, todavia entre os negros, Rupert tenta impedi-lo, a cena é contida de uma carga melodramática maior quando a sonoridade é retirada, restando apenas os sons de pessoas comendo e os olhares reprovando a atitude do homem branco que se senta ao lado de um negro não respeitando as Leis Jim Crow. Ward tenta dar início a sua investigação, todavia encontra o medo na fala do rapaz que lhe diz não ter o que dizer. Bem como na fala da senhora que teve o marido agredido e nem sequer quis prestar queixa a polícia local.

Ward acrescenta que os rapazes foram à cidade para resolver o problema do cadastro de negros para a eleição local, Rupert questiona-o: “Eles nem sabiam que podiam votar”. É válido de nota que o direito de voto; o sufrágio dos negros foi alcançado com a promulgação da 15ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos de 1870. As marchas do movimento por direitos civis nos anos 1960 foram na verdade uma

contestação por usufruto de direitos que lhes eram garantidos há quase 100 anos, mas eram desrespeitados.

Parker mais uma vez coloca em prismas distintos a visão de mundo dos dois investigadores, enquanto Ward se mostra idealista, dizendo acreditar que dar a vida por uma causa é válido, entre elas os direitos civis, Anderson mostra ressalvas. Ward com uma fotografia em mãos onde um negro é agredido por um homem branco pergunta, de onde vem tanto ódio? Anderson inicia uma narrativa onde conta a história de Monroe, segundo ele, um negro que era seu vizinho na infância e comprou uma mula. O ângulo de câmera em Anderson é em contra-plongee, valorizando seu corpo e expressão. Ele diz ao sentar-se e ficar de frente a Ward que todos os demais vizinhos ironizavam com seu pai, e surgiu daí o sentimento que ninguém, e neste caso, um homem branco, pode ficar aquém de um negro, ou com menos sorte, como disse Anderson, a mula apareceu morta, colocaram veneno em sua água. Anderson conta que ninguém ironizou mais com seu pai, bem como Monroe foi embora, segundo ele talvez para o Norte. E fecha sua narrativa dizendo que um homem com ódio não sabia que seu problema era a pobreza. Desta forma coloca uma experiência pessoal para explicar a Ward o possível ódio em relação aos negros. A cena se fecha com um tiro na janela, um atentado aos investigadores, Ward tenta seguir os infratores, mas só encontra uma cruz em chamas no pátio do hotel onde junto a Anderson observam em um ângulo de câmera em plongeé.

Figura 2: Mississippi em chamas - Detetives



A descrição de Anderson faz jus a um estado de coisas que tornou o sul uma realidade penosa para os negros, e com as notícias de experiências mais brandas, bem como a oportunidade de inserção no prospero mercado de trabalho produzido pela indústria em constante crescimento no norte, incentivou o fenômeno que levou negros esperançosos a migrarem para as grandes metrópoles.

Na conversa na barbearia, Parker compõe sua cena com o contraste de visão de mundo, aqui Anderson não representa o inverso do idealismo de Ward ou justifica as praticas segregacionistas, o investigador desconstrói a leitura da vida idílica no Mississippi e que os negros viviam em paz com os brancos até a chegada dos militantes dos direitos civis como coloca seus interlocutores, Anderson exclama: eles não reclamavam, por que não ousavam. O prefeito contemporiza alegando que os rapazes estarão em Chicago tomando cerveja, enquanto eles investigam seu desaparecimento. Anderson encerra a conversa já em tensão perguntando o placar do jogo de beyseboll, e diz que: é a única oportunidade onde um negro levanta um taco para um homem branco e não começa uma revolta.

Em um plano seguinte Parker compõe a cena com os trabalhos da investigação e com um jornalista compondo o caso e dizendo que os olhos da nação estão por sobre eles, ele também entrevista moradores do local que dizem que os rapazes dos direitos civis procuraram por esse destino, ele interpela cidadãos brancos, nenhum negro é entrevistado. O investigador Anderson junto a Ward vão até a casa de um dos suspeitos, o policial assistente do xerife, a aproximação de Anderson da esposa deste e seu retorno a casa trazem um tom melodramático da opressão sofrida pela mulher em uma sociedade que além de segregacionista é machista, fica claro no tom de ordem que o esposo trata a mulher.

Parker desenvolve a tópica dos dois investigadores mostrando Anderson como um experiente homem que por ter crescido no sul sabe lidar de maneira melhor com as situações. Eles encontram uma reunião religiosa de negros, que simbolicamente se estabelecem nas cinzas de sua igreja incendiada. Analogamente, em outra igreja o mesmo grupo reza e ao sair de seu culto, é atacado por homens encapuzados, a cena é composta pela violência a homens e mulheres ao som de um cântico religioso, Parker enfatiza seu melodrama quando um dos agressores agride a criança do grupo.

Figura 3: Mississippi em chamas - Investigação



Em um plano seguinte, diurno, utilizando a narrativa do estilo documental, com entrevista, é feita a pergunta a uma senhora branca que é enquadrada em um ângulo de câmera em plongeé, *Como são tratados os negros no Mississippi?* Esta responde, bem, como deveria ser. Em seguida um senhor que é posto em plano próximo responde a mesma pergunta, respondendo: os negros foram por muito tempo mal-tratados, sendo discordante das vozes até aqui, todavia este homem é enquadrado em primeiro plano, onde em um segundo vemos porcos em um celeiro, é significativo perceber que logo em seguida, os agentes se atrapalham na investigação e caem entre os porcos, em seguida mais um homem é entrevistado, alegando que Martin Luther King é o motivador daquele caso, que o Hoover falou que ele era comunista, citando Edgar J. Hoover, o diretor do FBI, para o prefeito, que tem sua fala em seguida, aqueles agentes não foram capazes de proteger um presidente, quem dirá um numero de negros.

Figura 4: Mississippi em chamas - Supremacia branca



Seguindo a narrativa em cena de destaque, Parker dá voz a Clayton Townley, enquadrado em plano próximo, onde seu busto toma uma proporção considerável da tela, que diz ser um negociante local, acusado de ser um dos líderes da célula local da KKK. Ele diz está cansado em como a mídia vem representando a imagem do sul, coloca que como ele, os sulistas “*Não aceitam judeus, por terem rejeitado Cristo*”, alegando que o controle dos cartéis que estes possuem são a raiz do comunismo, algo que ele também rejeita. Não aceitam papistas por que reverenciam um ditador romano. Não aceitam turcos, tártaros, mongóis, orientais ou os negros. Uma vez que estão ali para proteger a democracia anglo-saxônica e a América. Clayton fecha sua fala em tom contundente, sem medo algum de esconder seu ódio. A cena se compõe de um argumento tão forte, que o próximo plano tem um desenrolar mais lento para proporcionar uma compreensão melhor ao observador.

Figura 5: Mississippi em chamas - KKK



A narrativa segue com uma passeata de negros pedindo liberdade, de forma amistosa caminham, levando a crer que já conhecem os preceitos de Martin Luther King em torno da desobediência civil. Algumas lideranças falam para mídia, todavia, são desrespeitados por parcelas de brancos racistas que os observa, as bandeiras do país que empunham são tomadas, como se estes não fossem parte do país ou mesmo não pudesse porta-las. Atentados contra a comunidade negra aumentam o clima de tensão, após um julgamento onde alguns dos infratores são julgados, é dado o veredito de que por causas externas eles foram levados a impetrar aquela atitude, causando a revolta de negros. A

tensão aumenta, mais um atentado é realizado e quando um enforcamento acontece ao som de uma canção em voz negra, faz com que os investigadores vejam seu trabalho como motivador. Em cena seguinte Clayton que dispôs um discurso racista, o faz mais uma vez para uma grande plateia, que o aplaude, é interessante à câmera em panorâmica captando as famílias do local que já educam seus filhos mediante os preceitos da supremacia branca e a defesa do ódio em relação aos negros.

Figura 6: Mississippi em chamas - Protestos



Anderson procura a esposa do xerife Pell, que também é suspeito, e ela produz um discurso que toma a forma da proposta da narrativa, afirma que racismo e ódio não é algo inato, mas que é aprendido, acrescenta que na escola, diziam estar na bíblia, em *Gênesis 9, versículo 27*. Chorando, ela admite saber que o esposo estava envolvido no desaparecimento dos rapazes dos direitos civis, que eles foram mortos, e onde estão. Parker intensifica o ritmo de sua narrativa, com perseguição aos envolvidos e um círculo que se fecha.

Figura 7: Mississippi em chamas - Prisões



Em uma sequência de prisões, os policiais envolvidos e seus cúmplices são presos e julgados, com penas que variaram de 10 a 3 anos, apenas um dos xerifes é absorvido. Parker dispõe mais uma cena onde cidadãos negros se reúnem em um ato religioso, só que agora acompanhados de elementos brancos. Ward e Anderson observam e deixam um Mississippi com o prefeito tendo cometido suicídio, no que nas palavras de Ward, seria a culpa que eles também carregavam pela segregação, em um ângulo de câmera panorâmica vemos o cemitério, com uma lapide escrita “*não foi em vão*” e com o ano de 1964, ano ao qual se passa à narrativa e os eventos reais ao qual ela se inspirou.

Parker fecha sua narrativa, deixando a reflexão da validade de todos os esforços realizados pelos atores dos direitos civis, além de se tornar um documento de seu tempo a narrativa lança a reflexão dos limites dos progressos ao qual os negros conquistaram, estando em voga em relação à política dos anos 1980 que para muitos foi um retrocesso. Acreditamos que o papel de uma narrativa fílmica como *Mississippi em Chamas* é similar ao que a imprensa negra promoveu na primeira metade do século XX, descortinar uma série de elementos e problematizar as perdas que a segregação traz e trouxe, e o quanto a supressão do negro é culpa de todos que se propõem a viver em uma comunidade imaginada que produz a exclusão.

Uma das mais contundentes consequências negativas que uma política pública pode trazer é a exclusão social. No que diz respeito às condições de vida dos negros nos Estados Unidos isso trouxe estimativas dramáticas. Loïc Wacquant acrescenta que a região sul da cidade de Chicago (com grande maioria negra) no ano de 1981, possuía um índice de 100 homicídios para cada 100 mil habitantes, enquanto a porcentagem nacional estava na casa de 10 homicídios para os correspondentes 100 mil habitantes. O inchamento explosivo da população carcerária, e de maioria negra, o recurso maciço às formas mais variadas de pré e pós-detenção, a eliminação dos programas de trabalho e de educação no interior das penitenciárias, a multiplicação dos instrumentos de vigilância tanto a montante quanto a jusante da cadeia carcerária: a nova penologia que se instalou não tem por objetivo “reabilitar” os criminosos, mas sim “gerenciar custos e controlar populações perigosas”.²⁹⁰ Wacquant destaca ainda o tipo de relação que se desenvolveu no âmbito do cárcere, onde no ano de 1982 cerca de dois terços dos 41 mil

²⁹⁰ WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. A onda punitiva*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 32.

presidiários do Estado do Illinois eram negros que estavam tutelados e sob controle de 8 mil funcionários, destes, aproximadamente 80% eram brancos.²⁹¹ O encarceramento tornou-se assim uma verdadeira indústria – e uma indústria lucrativa.

O imaginário do modelo prisional com as categorias Negro x latino x gangues, está estabelecido nas porcentagens, bem como possui fluidez na indústria de cinema, não são poucas as produções que tocam na questão da prisão e ao representar esse espaço sempre recorre a esta tríade. É comum ver o *White Guy* como o protagonista da narrativa que está ali por engano, bem como vem a ser um policial cumprindo uma difícil missão. É comum ver construções de personagens onde negros e latinos são vilões ou pertencentes a gangues. A narrativa de “*Efeito borboleta*” discute uma teoria da causalidade, todavia traz em uma de suas tomadas o ambiente carcerário e o personagem que mais interage com nosso protagonista é um latino de crença católica. Em “*A outra história americana*” é discutido o neonazismo e representa-se o cárcere pela perspectiva da segregação que é também reproduzida neste ambiente. O thriller de ação “*Corrida mortal*” traz o ambiente carcerário utilizado para promoção de corridas onde o ganhador alcança sua liberdade, por mais que o filme seja de ação, com tomadas eletrizantes, ele toma como partida a polarização econômica para justificar a hipertrofia carcerária. O novo fenômeno que também extrapolou as fronteiras americanas, as séries, também recorreram ao sistema carcerário e reproduzem essa formula; “*Prision break*”, “*Oz*” e “*Orange is the new Black*” são bons exemplos.

O filme “*Colors*” representa bem essa atmosfera da condição onde negros, hispânicos e brancos pobres que veem suas possibilidades cerceadas, encontram nas gangues de bairro uma forma de alcançar um status e uma condição de vida na Los Angeles dos anos 1980. Com conteúdo diegético, o filme contrasta a dita realidade, com dois modelos nodais de policial, o “*good cop*” Hodgers, experiente, que vê limitações no sistema policial, utilizando métodos próprios onde não ficha pequenas infrações, em troca de favores, como informações, além de aconselhar os jovens para que busquem outras alternativas para suas vidas, e o seu antipoda “*bad cop*” Danny, também chamado de Pac man por ser impetuoso e fichar todas as ocorrências para que os meliantes ao cometerem uma infração grave não saiam facilmente. As tomadas para produzirem um tom realista, são em maioria externas, e condensam o cotidiano da unidade *C.R.A.S.H.* de Los Angeles, que combatem as gangues de bairros pobres e marginalizados.

²⁹¹ Idem, p. 31.

“Colors” pode ser visto como uma boa radiografia da polarização econômica e étnica em uma Los Angeles deteriorada pelas crises econômicas e por falta de políticas inclusivas.

Este debate vem se desdobrando em reflexões de fôlego, em entrevista ao portal Opera Mundi, a professora da Universidade de Washington e autora do livro *“Invisible Men: Mass Incarceration and the Myth of Black Progress”*, Becky Pettit, argumenta que os progressos sociais alcançados pelos negros nas últimas décadas são muito pequenos quando comparados à sociedade norte-americana como um todo. É a “estagnação social” que acaba trazendo as comparações com a época da escravidão. Para a pesquisadora: “Quando Obama assumiu a Presidência, alguns jornalistas falaram em “sociedade pós-racial” com a ascensão do primeiro presidente negro. Veja bem, eles falaram na ocasião do sucesso profissional do presidente como exemplo que existem hoje mais afrodescendentes nas universidades e em melhores condições sociais. No entanto, esqueceram de dizer que a maioria esmagadora da população carcerária dos EUA é negra. Quando se realizam pesquisas sobre o aumento do número de jovens negros em melhores condições de vida se esquece que mais que dobrou o número de presos e mortos diariamente. Esses não entram na conta dos centros de pesquisas governamentais, promovendo o “mito do progresso entre nos negros”.”²⁹²

O cientista político Chris Kirkham concedeu entrevista ao portal Huffington Post²⁹³ e ao tratar da dinâmica das prisões particulares nos EUA, que possui como um de seus maiores públicos negros pobres, acrescenta que: “Prender pessoas virou um negócio absolutamente lucrativo para a iniciativa privada em especial para os lobistas que vão até Washington para garantir que as leis e a legislação do país funcionem para garantir que os pobres continuem sendo enviados ao cárcere”. Com a implantação da dinâmica de mercado às prisões, a população carcerária dos EUA teve um crescimento de mais de 500% - valor que representa 2,2 milhões de pessoas nas prisões norte-americanas. Os EUA, aliás, abrigam 25% da população carcerária do mundo. Assim como Kirkham, ativistas sociais e grupos ligados aos Direitos Humanos acusam o

²⁹² *Sem tempo para sonhar: EUA têm mais negros na prisão hoje do que escravos no século XIX.* Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30858/sem+tempo+para+sonhar+eua+tem+mais+negros+na+prisao+hoje+do+que+escravos+no+seculo+xix.shtml>. Acesso 15/09/15.

²⁹³ *Penitenciárias privadas batem recorde de lucro com política do encarceramento em massa.* Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30857/penitenciarias+privadas+batem+recorde+de+lucro+com+politica+do+encarceramento+em+massa.shtml>. Acesso 15/09/15.

governo e a iniciativa privada de promover uma “máquina”, que “gera pobres e marginalizados” para serem enviados à prisão mais tarde. “É um sistema de encarceramento massivo. Ou seja, você precisa promover a pobreza e não oferecer suporte – como educação de qualidade. Então, não resta outro caminho a não ser a criminalidade e, depois, a prisão. É um círculo que ajuda a manter as penitenciárias privadas lucrando”, afirma o ativista norte-americano Michael Snyder. Os EUA gastaram cerca de 300 bilhões de dólares desde 1980 para expandir o sistema penitenciário. A justificativa oficial de Washington para a utilização de prisões privadas, reiterada ao longo dos anos, é que compensa pagar uma quantia per capita às penitenciárias por preso a ter que arcar pelos custos de manutenção das prisões.²⁹⁴

Recentemente casos de violência contra sujeitos negros tomaram projeção internacional e reacendem o debate em torno da condição de vida dos negros, como o ocorrido em Ferguson no Estado do Missouri, em agosto de 2014, onde um policial branco matou com seis tiros o jovem negro Michael Brown, o policial que alegou legítima defesa, declarou que o jovem tentava tomar seu armamento nas dependências de uma loja de conveniência, o caso trouxe mobilização da comunidade local com protestos e saques, após o júri de Saint Louis decidir não indiciar o policial.²⁹⁵

Em State Island o comerciante negro Eric Garner, foi detido por um policial que o acusara de vender cigarros avulsos, algo proibido por lei municipal, para conte-lo e pedir reforços o policial imobilizou o comerciante impedindo sua respiração. Garner conseguiu falar repetidas vezes que “Não conseguia respirar” (I can’t breathe), a descrição foi registrada em vídeo, e mostra quando Garner ficou desacordado, ao ser socorrido, chegou ao hospital sem vida, gerando uma onda de protestos em julho de 2014.²⁹⁶

Na cidade de Charleston, Carolina do Sul em julho de 2015 outro caso de violência chocou a opinião pública, um jovem branco entrou nas dependências de uma Igreja de maioria negra, a Igreja Africana Metodista Episcopal de Emanuel, e abriu fogo matando oito pessoas, a nona vítima não resistiu aos socorros, vindo a óbito, à época fora associado o rapaz a KKK e sua postura como crime de ódio. Nas palavras do

²⁹⁴ Idem, ibidem.

²⁹⁵ *Júri rejeita indiciar policial por morte de jovem negro nos EUA*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/11/1552709-juri-rejeita-acusacao-criminal-contra-policial-que-matou-jovem-negro-nos-eua.shtml>. Acesso: 15/09/15.

²⁹⁶ Disponível em: <http://www.theguardian.com/us-news/video/2014/dec/04/i-cant-breathe-eric-garner-chokehold-death-video>. Acesso: 15/09/15.

prefeito da cidade Joe Riley: “A única razão que pode levar alguém a entrar numa igreja e atirar em pessoas rezando é estar transbordando de ódio. É o maior ato de covardia.”²⁹⁷

Neste contexto de recrudescimento a obra de Allan Parker se mostra atual, e reverbera com força seu conteúdo no que diz respeito a inclusão cidadã do negro nos Estados Unidos. O filme dialoga com diversas narrativas atuais que possuem papel similar; conscientizar as novas gerações sobre o passado de luta e as conquistas sociais e políticas alcançadas. Narrativas como “*O mordomo da Casa branca*” (2013); *Selma: Uma luta pela igualdade* (2014); *Dear White people* (2014) discutem, e neste sentido, com um protagonismo negro muito maior, os percalços vividos e a tomada de consciência de sujeitos que ampliaram o usufruto da cidadania.

2.4 - Percurso fílmico: Nascido em 4 de julho

Tratar de *Nascido em 4 de julho* como uma narrativa que remonta a representação da guerra do Vietnã traz a necessidade de um breve apontamento do contexto da guerra. Encerrada no dia trinta do mês de abril de 1975, na cidade de Saigon, no sul do Vietnã que fora ocupada por tropas do Vietnã do Norte, apoiados por guerrilheiros do sul, os chamados *Vietcong*. O conflito no Vietnã ficaria registrado por fotografia e por filme, transmitidos aos telejornais estadunidenses para um público chocado. Naquele mês, os vietnamitas, após cerca de trinta anos de combates – primeiro contra os franceses e depois contra os Estados Unidos – encerravam “oficialmente” a Guerra do Vietnã, e com seu fim alcançavam o objetivo que políticos, militares e populares perseguiram por tanto tempo e a um preço na maior parte do tempo alto: o Vietnã se tornava a partir de então um país unificado, sem as divisões artificiais em norte e sul, com o nome de República Democrática do Vietnã e com um modelo político que seguia a orientação comunista. Dois anos antes, em 1973, o grosso das tropas dos Estados Unidos havia se retirado do sudeste asiático deixando ao governo do Vietnã do Sul a tarefa de defender por conta própria o enclave dos ataques do norte comunista e da guerrilha, ainda que mantivessem o apoio a seus correligionários.²⁹⁸

²⁹⁷ Atirador mata nove em igreja afro-americana nos Estados Unidos. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/18/internacional/1434603566_610899.html. Acesso 15/09/15.

²⁹⁸ LENS, Sidney. *A fabricação do Império Americano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. p. 410

Depois de praticamente dez anos de envio de tropas, bombardeios e massacres, os norte-americanos realizaram com grande dificuldade a auto-imposta tarefa de “conter a ameaça comunista” na Ásia, chegando ao início dos anos de 1970 apenas a um impasse que custou a vida de milhares de jovens norte-americanos e de milhões de vietnamitas nos dois lados envolvidos. O impasse, afinal, soava mais como uma derrota, ainda mais acentuada pelo triunfo comunista em 1975, e a busca de uma “paz com honra”.²⁹⁹

Terminado o envolvimento dos Estados Unidos naquela guerra o país começou a se engajar, gradualmente, numa nova e longa guerra, não envolvendo o emprego de meios materiais e humanos na conquista de objetivos estratégicos e táticos de forma convencional. Mas uma guerra em torno das ideias, valores, significados, concepções, memórias que em conjunto formariam o objetivo final dessa “batalha”, determinar o *legado* da guerra do Vietnã para os Estados Unidos.

Passados esses momentos conhecidos como a *Vietnamnésia* ou *Síndrome do Vietnã*, a situação muda dramaticamente. No fim da década de 1970 e no decorrer da década de 1980 viu-se o Vietnã na pauta de discussões em toda a sociedade norte-americana. A batalha em torno do legado do Vietnã toma corpo e a guerra no sudeste asiático se torna, juntamente com a efervescência política e cultural da década de 1960, ponto fundamental para se entender a história recente dos Estados Unidos.³⁰⁰

Isso se reflete especialmente no volume de produções acadêmicas sobre o tema, no lançamento de diversas memórias escritas por veteranos sobre sua presença nos combates, pelas discussões políticas acerca do papel dos Estados Unidos no plano internacional, no processo de reformulação da estrutura das forças armadas estadunidenses depois da guerra, na expressiva produção cinematográfica sobre o tema. A raiz do problema do legado da guerra do Vietnã está em responder perguntas como: “Por que perdemos?”, “A guerra podia ter sido evitada?”, “A guerra podia ter sido lutada de outra forma?”, “Que erros e acertos cometemos?”³⁰¹

A produção fílmica do gênero guerra em Hollywood toma um novo contorno quando falamos das representações do conflito no Vietnã. É lugar comum para aqueles que refletem o tema, tratarem as narrativas ficcionais que representaram o evento, como

²⁹⁹ HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*.

³⁰⁰ ROLLINS, Peter C. *The Vietnam War: Perceptions Through Literature, Film, and Television*. In: *American Quarterly*, Vol. 36, No. 3 (1984), pp. 419-432.

³⁰¹ MESQUITA, Luciano Pires. *A “Guerra do pós Guerra: O cinema norte Americano e a Guerra do Vietnã”*. Dissertação de mestrado, UFF – Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2004.

pro guerra, bem como as anti guerra. Portanto, aqueles filmes que apoiaram e legitimaram a intervenção estadunidense, trazem consigo uma gama de simbolismos que tanto enaltecem a nação em sua hegemonia, a contenção do comunismo e constroem a imagem do *vietcong* como inimigo-vilão, muitas vezes sem um código de conduta. Destacando a produção contemporânea à intervenção, existe a narrativa “*Os boinas verdes*”³⁰² de 1968 dirigido e com atuação de John Wayne, ator conservador filiado ao partido republicano, que ficou famoso com o gênero *Western* pela imagem de virilidade de seus personagens. A produção que possui um perfil panfletário, narra uma missão atribuída ao grupo de elite estadunidense que vai até o Vietnã sequestrar um general vietnamita, destaca-se o patriotismo dos soldados na empreitada que superam todos os percalços da missão na Ásia.

Com o fim do conflito e após a consternação que foi chamada de trauma do Vietnã vieram os filmes que tratam do penoso retorno a pátria, e aí se inscrevem as narrativas de *Amargo regresso* e *O franco atirador*³⁰³ de 1978, estes já inscritos em uma dinâmica anti guerra representam o conflito como ambivalente e devastador na vida daqueles atores envolvidos. No ano seguinte temos o filme de Francis Ford Coppola que é uma exemplar radiografia deste imaginário. Sucesso de bilheteria *Apocalypse Now*³⁰⁴ traz em sua narrativa a representação de militares com distúrbio psicológico, que se perderam nas florestas do Laos e Camboja e deserdaram da sua real missão na Ásia.

O afastamento do liberalismo como forma de condução das políticas públicas em 1980 se caracterizou como postura marcante, bem como o caráter belicista que se fez presente nos altos orçamentos e projetos. Nas telas de cinema Ronald Reagan encontrou uma narrativa que personificava seu ideal. A trilogia estrelada por Sylvester Stallone; *Rambo*³⁰⁵, que inicialmente pode ser visto em uma chave crítica, quando o veterano retorna a pátria e é hostilizado, mas acreditando ser uma máquina de guerra, aceita a missão de retornar a Ásia e fazer uma missão de resgate.

³⁰² *Os Boinas Verdes* (The Green Berets). Direção: Ray Kellogg, John Wayne, Mervyn Le Roy. Roteiro: James Lee Barrett e Robin Moore. Gênero: Ação/Drama/Guerra. Origem: Estados Unidos. Duração: 142 minutos. Colorido, 1968.

³⁰³ *O Franco Atirador* (The Deer Hunter). Direção: Michael Cimino. Roteiro: Deric Washburn. Distribuição: Universal Pictures. Gênero: Guerra/drama. Origem: Estados Unidos. Duração: 182 minutos, Colorido, 1978.

³⁰⁴ *Apocalypse Now*. Direção e Produção: Francis Ford Coppola. Roteiro: John Millius e Francis Ford Coppola. Fotografia: Vittorio Storaro. Edição: Lisa Fruchtman, Gerald B. Greenberg, Richard Marks, Walter Murch e Randy Thom. Baseado no livro *Heart of Darkness* de Joseph Conrad. Los United Artists, Duração: 148 minutos. Color., 1979.

³⁰⁵ *Rambo* é uma série de filmes inspirada no romance *First Blood* de 1972, escrito por David Morrell.

Estudiosos do assunto asseveram³⁰⁶, que o contexto em que são produzidos essas narrativas – pós guerra, com um retorno para tratar de assuntos não resolvidos, toma como itinerário a grande lacuna entre o numero de soldados enviados e aquelas baixas notificadas. Suscitando que muitos soldados tornaram-se prisioneiros de guerra, os P.O.W. (prisoner of war). É nestas circunstâncias que o soldado viril e solitário vence exércitos opressores e retorna para salvar todos. Esse tipo de narrativa se viu em combate com outro perfil de filmes, que traziam a experiência de veteranos com participações na guerra com sanidade, credenciando aqui o governo como grande vilão do que foi o Vietnã.

Douglas Kellner dedica uma boa discussão sobre ideologia e o papel que os filmes da serie Rambo possuem. Ele associa Rambo a Rocky, no sentido em que as altas de desemprego fizeram com que muitos Rocky se tornassem Rambo. Mais ainda, ressalta a virilidade que é posta em uma chave positiva que tem o papel de soterrar a imagem de fragilidade que outras narrativas construíram acerca do veterano do Vietnã, entre vários elementos que possam parecer naturalizados pelos conservadores, o fato do retorno para salvar compatriotas, o altruísmo contido nesse melodrama faz com que o filme se consagre em uma chave conservadora.³⁰⁷

Robert Burgoyne citando Alison Landsbergh define “prosthetic memory” – (memórias postiças) que aqui iremos chamar de “Memórias protéticas”, para descrever como a memória popular pode ser moldada por tecnologias de massa que possibilitam ao espectador incorporar como experiência individual eventos históricos não vivenciados.³⁰⁸ O termo resume bem a influencia que ícones e imagens podem passar a exercer no imaginário coletivo. Apesar de a produção e a disseminação destas memórias não estarem organicamente relacionadas com a experiência pessoal do individuo, o que pode viabilizar uma certa alienação, elas também possibilitam um engajamento com fatos passados que podem servir como “uma base mediadora para uma identificação coletiva.”

Correntes de pensamento também atribuíam a estes mesmos veteranos a alcunha de traidores, alegando que a geração que foi a guerra, se drogou e matou inocentes – é

³⁰⁶ ROLLINS, Peter C. *The Vietnam War: Perceptions Through Literature, Film, and Television*. In: *American Quarterly*, Vol. 36, No. 3 (1984), pp. 419-432. Ver também: ROSSI, Samuel. *Reagan, Rambo, and the Red Dawn: The Impact of Reagan's Presidency on Hollywood of the 1980's*. Dissertação: Mestrado em artes e ciências. University of Ohio, Columbus, 2007.

³⁰⁷ KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001. p. 90.

³⁰⁸ BURGOYNE, Robert. Prosthetic memory. Disponível em: tlweb.latrobe.edu.au/humanities/screeningthepast/ . Acesso 12/07/15.

daí que surge a expressão geração *baby killer*, e que esta guerra fora perdida em casa. Esta leitura, além de generalizar a culpa, muitas vezes não atribui falhas ao governo e mais significativamente, não reconhece a resistência dos vietnamitas que já vinham travando um conflito desde os idos de 1950 com a França, em uma guerra por independência. Entre esse combate por lugar de memória diretores e roteiristas como Oliver Stone, Stanley Kubrick, Robert Altman, David Rabe e tantos outros proporcionaram uma produção que traz em contraste um outro olhar sobre a guerra. Nosso esforço é identificar como uma dessas narrativas pode reforçar um lugar de memória para os veteranos serem tidos como portadores de um discurso da experiência da guerra como equivoco.

Nesta perspectiva percorrer a trajetória de produção da obra se faz necessário, conhecendo quem é o portador deste discurso. Oliver Stone é um diretor e roteirista de cinema hollywoodiano, nascido em Nova Iorque, em 15 de setembro de 1946. Realizou filmes de terror de baixo orçamento, bem como criou roteiros para dramas criminais, tornando-se conhecido por seus filmes históricos, como seu curta metragem *Ultimo ano no Vietnã* de 1971 e pelos longas ficcionais *Platoon* de 1986, *Nascido em 4 de julho* de 1989, *JFK – a pergunta que não quer calar* de 1991, *Nixon* de 1995, *Alexandre* de 2004 e *As torres gêmeas* de 2006, que traz em seu enredo os acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Recentemente o diretor mostrou interesse em dirigir uma narrativa que se debruçasse na história de vida de Edward Snowden, ativista político estadunidense que expôs seu país por violar informações privadas de outros países, entre eles o Brasil.

Nitidamente Stone possui um projeto de representar eventos e ícones do imaginário político estadunidense. A guerra do Vietnã possui atenção especial, marcadamente pela experiência pessoal de Stone que serviu no exercito em fins dos anos 1960 em dois regimentos recebendo um Coração púrpura e uma Estrela de bronze por bravura, se tornando posteriormente, como tantos outros veteranos, ativista anti guerra. O diretor se destaca ainda por fazer parte de um seleto grupo - de diretores vivos que receberam mais de um Oscar por sua produção. Notadamente as obras são representações que fecham sua trilogia sobre o Vietnã – o *Platoon* e *Nascido em 4 de julho*.

A trajetória de *Platoon*³⁰⁹ é considerada de tom autobiográfico, uma vez que a construção do personagem é inspirada na experiência pessoal de Stone. O filme narra a história de Chris Taylor, rapaz branco da classe média, que enxerga na guerra a possibilidade de viver algo diferente daquilo que está traçado para ele, da reprodução da família e da vida pacata. A ida ao Vietnã não é uma simples transgressão, é visão de oportunidade dentro da nação democrática em que vive. Stone recorre a alguns clichês para apresentar Taylor – notadamente colocando-o como um inocente idealista que pensa que irá tirar vantagens da guerra. Ao chegar a um Vietnã com imagens cruas de sofrimento, homens mutilados, fome, o protagonista percebe que seu empreendimento torna-se um inferno.

Taylor se vê comandado por dois homens que formam uma dualidade, duas personalidades que irão forjar a sua, são eles os sargentos Barnes e Elias. Barnes possui um tom grosseiro, com uma cicatriz no rosto; é viril, enquanto Elias por ser magro traz uma ideia de fragilidade. O desenrolar da trama com evolução dos personagens irá construir a maturidade de Taylor, o desequilíbrio de Barnes que comete crimes de guerra, e a descrença de Elias nesse evento. Barnes assassina Elias e é contido por Taylor, que ao retornar de sua missão no conflito se vê como resultado da personalidade daqueles dois homens. O filme recorre a recursos estilísticos do documentário dando um tom realista a suas imagens, sendo reconhecido assim como a voz equilibrada do veterano.

Entender a construção de *Platoon* traz muitas pistas para nossa análise, uma vez que a trama se encerra com o retorno de Taylor com uma experiência construída na guerra, mostrada aqui como negativa e que pode ser intercambiada no sentido da conscientização daqueles que viam a guerra como dever cívico. Nesse sentido, a mensagem de Stone é: essa guerra não é como as outras, mas ainda assim, esta experiência é tida como rito, pois ela traz um saber. Stone depois de ter produzido uma narrativa autobiográfica, com grande bilheteria e ganhadora do Oscar³¹⁰ visualizou a possibilidade de filmar naquele momento do fim dos anos 1980 o projeto de dez anos anteriores com seu amigo e também veterano Ron Kovic. Devido a um financiamento que não foi obtido, o filme não foi realizado logo após o lançamento do livro de Kovic

³⁰⁹ *Platoon* (Platoon). Direção: Oliver Stone, Roteiro: Oliver Stone, Produção: MGM, Gênero: drama, EUA, Colorido, 120 min., 1986.

³¹⁰ *Platoon* ganhou o Oscar nas categorias de melhor filme, melhor diretor, melhor música e melhor edição. Obteve bilheteria de U\$ 137, 963, 328, sendo a segunda maior bilheteria de filme de guerra dos anos 1980, ficando atrás apenas de *Rambo*.

que serviria como roteiro. Ao nosso ver, *Nascido em 4 de julho* operacionaliza em suas imagens a atividade anti guerra do veterano e tem um perfil metanarrativo sobre a postura anti guerra. É construído também no turbilhão de dissensos que a guerra e a cultura da mídia produziram. Para tanto, o percurso analítico do filme poderá erigir essas questões de maneira mais clara.

*Nascido em 4 de julho*³¹¹, que tem seu roteiro escrito por Oliver Stone junto a Ron Kovic, foi inspirado em obra biográfica homônima escrita por Kovic. O filme começa com um plano de câmera aberto, e panorâmicas bem iluminadas em uma floresta, com sequencias de planos ambientando o local. O tom aclarado traz a cena uma textura de rememoração; logo em seguida, duas crianças caracterizadas como soldados são postas enquadradas em plano médio, com capacetes, brincam, e estão à procura de seus supostos inimigos, em uma emboscada são pegos pelos demais, nos é dito em legenda que se trata do ano de 1956 e estão em Massapequa, pequena cidade do sul de Long Island em Nova Iorque.

Com narrador em *off*, em tom de *flash back*, é dedutível que o próprio Ron Kovic narra que em sua infância ia ao bosque Sally com os amigos da rua brincar de guerra. A cena toma espaço para apresentar o militarismo desde cedo na vida de Ron e de tantos jovens de sua geração. Em um contra-plano, vemos uma bomba de festim estourando e com um plano aberto, surge o cortejo de um desfile cívico, no 4 de julho, aniversário da independência americana e de nosso protagonista. São nos apresentados elementos da cultura americana em fins da década de 1950, o Rock and roll, o entusiasmo dos jovens com o consumo, e dos demais cidadãos que demonstram felicidade no compartilhar do momento festivo.

Em novo plano, Ron aparece com seu pai que ao juntar-se a mãe do garoto prestigiam o desfile com diversas atrações da cidade, até que todos veem com pesar os veteranos, alguns mutilados devido a sua participação em conflitos como a II guerra na Europa. É notável a retração dos veteranos as bombas de festim, que passam despercebidas aos demais, como que aqueles pequenos fogos de artifício os remetessem as bombas nos campos de batalha, mostrando um trauma da experiência da guerra. Ao passar dos veteranos, uma penumbra advinda dos fogos os tomam, mas Ron os fita com um olhar de admiração, vendo nos mesmos, cidadãos que cumpriram seu dever para

³¹¹ *Nascido em 4 de julho* (Born on the Fourth of July). Direção de Oliver Stone, com roteiro e livro de Ron Kovic. EUA. Drama. Distribuição: Universal Pictures. Colorido, 145 min., 1989.

com a pátria.

A seguir, Ron joga beisebol e se mostra um ótimo jogador, ao fazer uma jogada que traz a vitória de seu time, o garoto ganha a atenção de todos, notadamente a felicidade de seu pai, que o coloca no braço como um herói. É interessante notar, que ao se por em perfil na cena, antes da jogada, Ron ao mostrar as costas tem na camisa o nome de Stone gravado, a metáfora serve aqui para a semelhança da criança vinda de uma realidade idealista ao qual também veio o diretor de cinema, além da trajetória de ativista anti guerra.

Figura 8: Nascido em 4 de Julho - A infância de Ron



Adiante, é mostrado os arredores da casa dos Kovic, e a partir daqui, Ron será apresentado em uma chave familiar, com seus irmãos, e com o chamado da mãe, que acompanha um discurso do presidente J. Kennedy na televisão. Em uma projeção de cinema fragmentário, uma produção que se utiliza do corpus de imagem de outras obras, nesse caso com uso de imagens documentais da época. Este diz, que há: “um chamado para suportar uma longa luta. Uma luta contra os inimigos comuns do homem: a tirania, a pobreza, as doenças e a própria guerra. (...) Não recuso tal responsabilidade. Aceito de braço abertos. Saibam todos que a tocha foi passada a uma nova geração de americanos nascidos neste século. Que todas as nações saibam que pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer fardo, ajudaremos qualquer amigo, nos oporemos a qualquer inimigo, para assegurar a sobrevivência, e o êxito da liberdade.”³¹²

³¹² No governo Kennedy a ação estadunidense no Vietnã se deu no envio de tropas que prepararam os vietnamitas do sul para lutar contra os vietcongs do norte, bem como forneceram armas. Com sua morte, no governo de seu vice, Johnson, foi quando os Estados Unidos promovem uma ação efetiva e declarada de intervenção na Ásia. Ver: MESQUITA, Luciano Pires. *A “Guerra do pós Guerra: O cinema norte Americano e a Guerra do Vietnã”*. Dissertação de mestrado, UFF – Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2004. Uma ótima referência ao fato está contida no documentário *Sob a névoa da guerra* de 2003, que reflete as 11 lições de Robert McNamara sob sua experiência como secretário de defesa no período da guerra do Vietnã e dos governos Kennedy e Johnson, realizado por Errol Morris. Ver: *Sob a*

Em um ângulo de câmera em plano médio em que Ron aparece em primeiro plano e sua mãe em segundo, ela diz: “Tive um sonho outra noite, Ronnie. Você falava para uma multidão, tal como ele (se referindo a Kennedy). Você dizia coisas importantes”. A fala da mãe terá sintonia direta com a cena final, onde Ron terá feito toda sua trajetória, modificado sua perspectiva quanto a guerra e a nação, e dentro de uma outra atmosfera política, na Convenção democrata de 1976 será lembrado como o portador de um discurso a nação. Fica claro aqui o posicionamento do diretor, dando a seu filme além de uma ênfase anti belicista, e que procura outro lugar de memória ao veterano, emparelhando a possibilidade de aceitação do discurso anti guerra no seio da política democrata e reafirmando que veteranos possam voltar e trazer a lição da guerra como equivoco, autenticando sua reinserção na sociedade.

Figura 9: Nascido em 4 de Julho - A guerra como missão



Fechando a cena, ouve-se em *off*, a voz de Kennedy dizer: “E por isso, compatriotas, não perguntem. O que seu país pode fazer por vocês, mas o que vocês podem fazer pelo seu país”. É daí que somos apresentados ao olhar de Ron em sua infância, com imagens cambiantes e do útero nacionalista em que ele cresce. Filho de um croata e uma irlandesa, de família católica, que será posta em toda narrativa em uma chave da fé, família e nação, corroborando que a guerra remonta a um passado mítico da nação. Na leitura de Robert Burgoyne³¹³ que vê a narrativa de Stone como uma metáfora dos Estados Unidos, como uma mulher, desde seu título, que remete ao

névoa da guerra (The fog of war). Direção: Errol Morris, Produção: Errol Morris, Michael Williams e Julie Ahlberg, Gênero: documentário, EUA, colorido, 95 min., 2003.

³¹³ BURGOYNE, Robert. *A nação do filme: Hollywood examina a história dos Estados Unidos*. Trad. René Loncan. Brasília: Editora da Unb, 2002.

nascimento de Ron e sua ligação com a mãe pátria, e de seu papel de salvador, não como combatente, mas como aquele que traz sua experiência enquanto consciência, para que seus irmãos não morram por uma causa equivocada e assim é o portador da redenção. O filme de Stone, diz o autor, preza pela evolução do personagem através da representação de sua criação e dos percalços que irá passar e que colocarão em cheque todas as suas convicções, com figurações femininas, inicialmente sua mãe que autentica a guerra, a puta, em seu estado de degeneração, e a mãe do amigo morto como redentora do trauma de ter tirado uma vida.

Na cena seguinte já damos um salto, e Ron já é um adolescente que treina arduamente na escola para *ser o melhor*, com frases de efeito de seu treinador até mesmo em narrativa *off*, enfatizando a importância daqueles conselhos ao rapaz. Ao chegar em casa o discurso é corroborado por sua mãe que o toma como exemplo para os demais filhos, que o inibe de ver pornografia julgando a ação como pecado. Em seguida, já vemos Ron em um campeonato de luta, onde ele perde, uma frustração que é estampada não só em seu rosto, mas da mãe. Stone opta inicialmente na ambientação do jovem em situações de vida binária, entre o bem e o mal, entre o pecado e bom caminho, entre ser um vencedor e um perdedor, sempre com a permissão de Deus, e é a partir dessa concepção de mundo que Ronnie acredita que sua missão pode estar na guerra.

Em um dia, em que fuzileiros navais visitam sua escola e falam do dever do militar e que só os melhores podem fazer parte, Ronnie se vê imbuído desta missão. A conversa a seguir, de maneira casual com os amigos, já traz no discurso do jovem o sentido daquele que quer combater o comunismo, alertando dos mísseis em Cuba, e que vê na iminente guerra do Vietnã, sua oportunidade de fazer parte da história de seu país, e de cumprir seu dever cívico. Um dos amigos o apoia, enquanto outro demonstra ter uma visão de que Massapequa não corre perigo, e logo ele pode ir tranquilamente à faculdade.

Ron em casa, vai ao encontro dos pais na sala, e vê uma entrevista de um militar que fala das capacidades técnicas dos estadunidenses. Curiosamente o entrevistador é encenado pelo próprio Stone, que em fala questiona a ação no sudeste asiático e tem nas palavras do pai concordância. Ronnie coloca enfaticamente que caso seja necessário dará sua vida ao país pelo ideal de liberdade. Relembrando as palavras de Kennedy e de seu papel, e com o apoio da mãe, em seguida o jovem em seu quarto reza, e expõe sua

duvida em relação à guerra e de seu papel, a câmera em ângulo plongeé³¹⁴ enfatiza a pormenorização do jovem e seu medo. Ele decide em seguida ir ao baile, ao encontro de Donna, e assim Stone fecha a apresentação da vida de Ronnie até a experiência da guerra. As imagens são cambiantes, claras, com ternura e inocência.

Figura 10: Nascido em 4 de Julho - A escolha de Ron



A seguir já somos ambientados no Vietnã, perto do Rio Cua Viet, em Outubro de 1967. A ambientação do local é outra, confusa, vermelha, com planos fechados e close-ups nos militares, com enquadramentos de câmera objetiva que captam sua aflição, que empreendem uma ação de ataque catastrófica, atacando civis. Ao entrar na choupana de uma família, os soldados se deparam com civis brutalmente mortos e um bebe vivo chorando, desencadeando a aflição e reação de alguns pedirem desculpas pelo erro, enquanto outro diz não ter culpa, pois eles estavam no caminho, montando uma dualidade quanto a quem faz parte da guerra. Esta cena forte, metaforicamente lembra muito o Massacre de My Lai, evento que sensibilizou a opinião publica americana, quanto aos crimes cometidos por soldados contra civis no Vietnã.

Figura 11: Nascido em 4 de Julho - O front no Vietnã



³¹⁴ Ângulo de câmera em que ela é colocada em uma espécie de mergulho no objeto ou personagem a qual se observa. Seu nome vem do francês – mergulho, no sentido da linguagem cinematográfica ela enfatiza a pormenorização do personagem ao qual se observa, dando ênfase ao seu oposto, no caso da cena, o crucifixo na parede. Do contrário, a câmera em contraplonge valoriza o indivíduo ou objeto ao qual observamos.

Tendo o evento grande carga simbólica e possuindo semelhança com a composição da cena, mas aqui o episódio é apresentado em outra chave. Não se restringe ao caráter denunciativo, mas traz a textura da ação como um erro inocente, uma vez que alguns chamam o corpo médico para atender os feridos, um dos soldados entra após no local e questiona onde estariam os rifles dos inimigos. A cena se compõe assim de uma incerteza, de um olhar desfocado e do choque dos soldados com a ação equivocada. A seguir os soldados fogem com o choro do bebê ecoando, e com um ataque Ron acidentalmente mata um companheiro, o Wilson. A morte de Wilson possui uma importância significativa na trama e na apresentação das memórias e imaginário social quanto à guerra.

Seguindo a trama, Ron tenta se retratar explicando a um superior como se passou a ação que ocasionou a morte de Wilson, mas é sentenciado a calar-se sobre o assunto. Stone critica mais uma vez a ação da guerra, colocando a desumanidade na instituição militar, aqui representada em um de seus superiores. Em um novo front, Ron foi machucado e ficou paraplégico, quem o salva do cerco é um negro de fala duvidosa, que há pouco dizia ter o desejo de matar, estando aí como aquele que representa o militar vilão que nos anos 1970 foram bem representados no cinema.

Ron daí por diante viverá um suplício, desde o hospital improvisado vendo mortes e recebendo a extrema unção – sacramento católico para ser perdoado dos pecados, trazendo aqui a religião como justificadora, e mais a frente, de volta aos Estados Unidos, no hospital de veteranos no Bronx que é ambientado como um local esquecido e insalubre. Kovic passa por provações cotidianas, vê através da televisão os jovens protestarem em Chicago contra a guerra e queimarem a bandeira americana. Vê a oposição de um enfermeiro negro sob a importância da guerra, Willie, que lhe diz: “Você é doido Kovic. Não sabe nada do que acontece nesse país. (...) Não se trata de queimar a bandeira, do Vietnã. Não se trata de lutar por direitos que nem aqui temos? Trata-se de racismo, cara. De como não há empregos. A guerra do Vietnã é de ricos. (...) Falo sério, leia mais. Temos uma revolução. Se você não é parte da solução, então é parte do problema.”

É válido de nota que é majoritário o número de negros trabalhando no hospital, representados como coadjuvantes da guerra, um deles se droga no expediente de trabalho. E quando somos postos a ver um médico, ele é branco e uma pessoa serena e esclarece a Ron que a escassez de equipamentos para o atendimento dos veteranos está

diretamente ligada a operacionalização das verbas para a guerra. A fala do médico denuncia a postura do governo que ignorou não só os veteranos, mas levaram em conta outros fatores para justificar a posterior crise financeira em que viveu o país, colocando a culpa nos programas de assistência social que em sua visão eram quem afundaram a economia.

Figura 12: Nascido em 4 de Julho - O suplicio no hospital



Mas o diálogo de Ron e Willie remonta a outro debate simultâneo aos protestos dos jovens contra a guerra do Vietnã, que possui relação, mas com outra tessitura. A sua fala não se constrói tomando como referencia as transmissões diárias de televisão que trouxeram no auge da participação americana os crimes de guerra cometidos por soldados, o abuso de poder, os distúrbios e uso de drogas que matizaram o veterano.³¹⁵ Willie está falando da efervescência da luta por direitos civis que na década de 1960 tiveram notáveis avanços, com figuras emblemáticas como o pastor protestante Martin Luther King, Malcolm X, Rosa Parks, Huey Newton e Bobby Seale.

Partindo dessa premissa, houveram negros que não reconheceram na guerra do Vietnã um dever cívico, enxergando a guerra como uma guerra de brancos³¹⁶, ou como coloca Willie no diálogo do filme com Ron, de ricos.³¹⁷ Gary Gerstle enfatiza porem

³¹⁵ GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. In: Tempo – Revista da UFF, Departamento de História, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008, Rio de Janeiro.

³¹⁶ É valido lembrar-se do dialogo em que um negro questiona Taylor na narrativa de *Platoon* do por que ele está servindo, ele responde que se alistou de maneira voluntária, o soldado negro diz a ele que só os ricos querem ser heróis. Cabendo ao negro a participação na guerra como forma de inserção na sociedade americana.

³¹⁷ Na cinematografia sobre a guerra do Vietnã dos anos 1980, uma narrativa com um personagem negro que compõe sua fala com esse argumento é *O Exército inútil* de Robert Altman. O personagem Carlyle diz a um amigo de caserna que o negro que não teve oportunidade de instrução só teria duas saídas, ser inserido no contexto da guerra, e assim ser aceito através das demandas da política externa, ou iria para a prisão devido à falta de oportunidades. Um bom trabalho que analisa a obra como um todo é: TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. 2010. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

que a guerra do Vietnã teve uma maior adesão de negros, no que diz respeito ao alistamento: eles perfaziam 30% da população, enquanto o percentual de homens brancos aproximava-se dos 18%. Ainda a respeito ao realistamento, os negros tornavam essa proporção mais significativa.³¹⁸

Willie coloca uma situação binária para o esclarecimento de Ron, “*se você não é parte da solução, você faz parte do problema*” asseverando que se o veterano não reconhecesse essa causa, era ele também um opressor. Este tipo de postura trouxe um enorme dissenso, que pôde ser visto mais na chave da incompatibilidade, pois algumas das minorias que fizeram parte da efervescência dos anos 1960 e 70, em alguns casos, não se reconheciam como semelhantes em lutas, e muitas vezes lutando por causas em comum, devido a concepções outras que os distanciavam. Penso aqui, que a religião, gênero e a condição étnica muitas vezes delimitou esse tipo de apoio e reconhecimento. Uma vez que uma mulher negra protestante, por exemplo, não se via contemplada pelas bandeiras de luta feministas, pois estas defendiam além da ampliação dos direitos, o aborto e o divórcio, isso pode ser visto também entre os homossexuais e o homem negro. Muitas vezes esse último não reconhecia o primeiro enquanto minoria por que sua opção ia de encontro a um bem sagrado caso este fosse religioso, a família.

Seguindo a narrativa, Ron se recupera e retorna para Massapequa, encontrando uma cidade bem diferente. Stone mostra o contraste no âmbito familiar com um irmão que não acredita na guerra e a vê como erro e um amigo que foi a universidade e está faturando em um negócio, e reconhecendo que fez a escolha certa. Mais um 4 de julho chega, e agora Ron faz parte do desfile, e percebe que há dissensões entre o público, muitos não reconhecem os militares e seus discursos, alguns chegam a se sublevar e são reprimidos. Há o reencontro com Timmy seu amigo de infância que se expõe como um veterano com traumas, que usa drogas e os dois lembram quando viam a guerra do ponto de vista heroico desejando ser como John Wayne.³¹⁹

Simultaneamente sua mãe ignora na televisão protestos em Washington contra a guerra. Stone compõe assim o papel fundamental que a mídia teve na guerra do Vietnã,

³¹⁸ GERSTLE, Gary. *Civil rights, White Resistance, and Black Nationalism, 1960 – 1968*. In: *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. Princeton and Oxford, Princeton University Press, p. 268 – 310.

³¹⁹ Aqui o ator de filmes western e militares, sempre representado como herói é visto em uma chave positiva, mas foi comum ser citado na cinematografia como um interprete de papeis conservadores, sua colaboração em relação ao Vietnã é vista no filme *Os Boínas Verdes* em que dirige e atua. Já na narrativa de *Nascido para matar* de Stanley Kubrick o personagem Joker o cita em uma chave negativa questionando se seu interlocutor seria um conservador reacionário.

em produzir uma opinião de negação da guerra. É importante lembrar que nos conflitos pós Vietnã a mídia já possuiu outro perfil quanto à difusão de informações. Neste sentido, é notável nos filmes anti guerra o reconhecimento do papel desta para a negação do país no conflito.

A narrativa se compõe daqui por diante do contraste das convicções de Ron e da indignação e negação que permeia significativa parcela da sociedade. Ele reencontra Donna, sua namorada da adolescência, a vê articulada com o movimento estudantil anti guerra, junto com as feministas e hippies, vê o depoimento de veteranos como ele, negando a guerra, participa de seu primeiro protesto e visualiza de perto a truculência da polícia repressora. Nesse momento, o personagem se revolta e se percebe como enganado pelo discurso do governo, chega em casa bêbado e em uma cena em plano fechado, escura, labiríntica, como aquelas da guerra, Ron discute com sua mãe e diz que sua vida foi furtada pela guerra, que a Igreja autenticou o desejo do Estado alertando que eles iriam para Ásia conter o comunismo, mas o que fizeram foi matar mulheres e crianças.

Ron viaja ao México para um local com praias e mulheres que lhe olham, vai a um prostíbulo que recebe veteranos paralíticos onde tem sua primeira relação sexual e consome bebidas com larvas em um mescal. A questão estética na representação de Ron é notável: ele deixa a barba crescer, está perdido, latentemente é um veterano que se vê enganado e com perspectivas encerradas. Como uma euforia, aquele lugar aparece como uma redenção hedonista. Estando representado em uma escuridão, o veterano procura a família do amigo que acidentalmente ele matara, Stone aqui cria um quadro bem conhecido, ao chegar à casa dos Wilson, Ron é informado de que aquela família participou de todas as guerras da nação³²⁰, e que se fosse necessário enviaria mais um soldado. Em uma câmera objetiva o filho do soldado falecido já empunha uma arma de brinquedo, a mãe do rapaz perdoa Ron, que carregava consigo o trauma e a culpa da vida que tirou e de maneira mais aguda encena o trauma da guerra.

Stone encerra aí a trajetória de autoconhecimento com o ideal que Ron irá defender. Logo a seguir ele já está acompanhado de outros veteranos na convenção

³²⁰ Em sua tese, Ana Paula Spini traz versões e visões divergentes da guerra, trazendo exemplificações através de entrevistas, da imagem matizada do veterano desajustado, de um grupo, que contesta a partir de uma pesquisa que existem muitos bem sucedidos e daqueles que vinham de famílias que lutaram em episódios anteriores de guerra, que são representados no filme de Stone com a visita de Ron a família de Wilson. Ver: SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana*. Tese de Doutorado, orientadora: Cecília Azevedo, UFF, Niterói, 2005.

Republicana de 1972, com variações de planos e contra-planos entre a ficção e imagens documentais de época, o diretor dá fala a Richard Nixon, que diz que não permitirá filosofias que tentem dividir a nação. Kovic quando interpelado fala que foi enganado, e que os vietnamitas são um povo resistente que lutam por sua liberdade ao contrário do que dizem a eles. A fala de Ron, rompe com um imaginário acerca do Vietcong construído como inimigo impiedoso. Reprimido com o grupo que estava acompanhado, com gritos que pediam o fim da guerra, Ron é detido, e aqui Stone faz menção a trajetória do protagonista que foi preso doze vezes em protestos contra a guerra. O diretor contrabalanceia a ação mostrando quatro anos após uma nova convenção, agora, a convenção democrática de 1976, mas os tempos agora são outros. Entre esses quatro anos, o próprio Nixon retirou as tropas americanas da Ásia, se envolveu em um escândalo, o Watergate, e trouxe as possibilidades para que na eleição seguinte os democratas, com o discurso da verdade e transparência chegassem ao poder.

Figura 13: Nascido em 4 de Julho - O ativismo de Ron



Pedro Pinheiro em sua dissertação³²¹ alerta que o período do governo Carter pode ser considerado como um fenômeno, devido à rápida ascensão do candidato a Washington, pelo escândalo em Watergate, pela proposta de uma agenda política que atendessem todas aquelas agremiações heterogêneas como negros, feministas e

³²¹ PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*. Dissertação de mestrado, UFF, Niterói, 2013.

homossexuais que se viram melhor contemplados naquela conjuntura, pelo partido democrata, isso pode ser visto nas imagens no discurso universalista do homem negro que fala na convenção, na citação a feminista que terá sua fala, e do já experiente Ron Kovic que diz ir lá para falar a verdade, e enfatiza, estar se sentindo em casa agora. Stone dramatiza seu fechamento, trazendo um *flash back* da trajetória de Ron, e enfatiza a fala de sua mãe que diz que ele um dia falará coisas importantes.

Figura 14: Nascido em 4 de Julho - Ron e os liberais



A narrativa assim está contida em uma dinâmica que anuncia em seu desfecho a possibilidade de superação de uma recessão política conservadora, a qual Stone via naquele momento contribuir com sua crítica, contrapondo sua narrativa com todos os resultados da política Reaganista. Stone traz assim uma mensagem final de esperança, colocando o veterano/herói indo a seu discurso levando a verdade sobre a guerra, e enfatizando a necessidade de paz para as gerações futuras.

A crítica à época do lançamento de *Nascido em 4 de julho* foi muito positiva³²², destacaria aqui a leitura de Robert Rosenstone que levou para o âmbito acadêmico o potencial dos filmes de Stone. O autor escreveu um texto chamado “Cineasta/historiador”, onde traça as simetrias do ficcional e do documental que o cineasta percorre para descrever sua experiência, chegando à conclusão que Stone produz um trabalho historiográfico uma vez que ele defende que o cinema possui uma linguagem própria para narrar a história. Nas publicações do *The New York Times*, o filme de Stone se destacou tanto pelas observações da atuação magistral de Tom Cruise

³²² Tanto nos jornais, bem como no âmbito acadêmico, o filme de Stone foi bem recebido pela abordagem histórica e diegética aos acontecimentos no Vietnã e o retorno do veterano ativista. Ver: MCKINNEY, Devin. *Born on the Fourth of July by Oliver Stone*. In: *Film Quarterly*, Vol. 44, No. 1 (Autumn, 1990), pp. 44-47.

como Kovic³²³, bem como da utilização de imagens de época e do forte discurso anti-guerra.³²⁴ Cabe-nos ressaltar que o filme de Stone é elucidativo tanto para pensar o movimento de veteranos contra a guerra e por assim dizer de intelectuais próximos do projeto liberal, bem como das culturas políticas do período. A próxima trilha se compõe do contexto político e social em que estes filmes foram produzidos para assim pensarmos em dois movimentos, o que eles representam, e em que circunstâncias (produção) representam.

³²³ CANBY, Vincent. Film: Born on the Fourth of July (1989) Review/Film; HowanAll-American Boy Wentto War and Lost His Faith. The New York Times, Nova Iorque, 20 dec. 1989. Disponível em: <http://www.nytimes.com/movie/review?res=950DE6DA1F38F933A15751C1A96F948260>. Acesso 07/15.

³²⁴ EBERT, Roger. Born on the Fourth of July. rogerebert.com, 20 Decr. 1989. Disponível: http://www.rogerebert.com/reviews/the-deer-hunter-1979#disqus_thread. Acesso em: 25/07/2015.

3. Capítulo - Cinema, Ideologia e Representação – (Neo) conservadorismo, resistência(s) e nacionalismo(s) nos anos 1980

3.1 - A formação do pensamento Neoconservador e a Política no limiar de 1980

Simultâneo aos projetos de caráter cívico e de promoção social encampados pelos liberais, se desenvolveu um pensamento avesso a esta filosofia que teve como um dos maiores meios difusores a revista *National Review*, fundada por William Buckley Jr. em 1955.³²⁵ Buckley, junto a intelectuais afinados com o conservadorismo foram os principais autores de uma determinada reinterpretação e reconstrução da ideologia conservadora que ficou conhecida como nova direita ou neoconservadorismo.³²⁶ Buckley foi um dos fundadores do movimento juvenil conservador *Young Americans for Freedom* em 1960, foi candidato a prefeito de Nova Iorque pelo partido conservador em 1965, publicou em diversos jornais no país, participou de diversos programas de televisão e difundiu amplamente as ideias do neoconservadorismo.³²⁷

Os intelectuais neoconservadores realizaram releituras de ideias já antigas acerca do tema, entre elas: o velho conservadorismo e o libertarianismo. Todavia, existia uma dicotomia entre essas formas de pensar o conservadorismo, desde o caráter que cada uma atribuía ao Estado, ao capital, bem como a postura na política externa que fazia com que as duas correntes diferissem bastante. Esses autores promoveram uma leitura do conservadorismo onde coexistiam traços das duas correntes, amalgamando concepções que em determinados aspectos até mesmo se confrontavam.³²⁸

O antigo conservadorismo defendia valores identificáveis em três perspectivas históricas gerais: entre elas a tradição antirrevolucionária, consagrada nas obras do irlandês Edmund Burke que defendeu a ordem tradicional contra o ímpeto revolucionário da Revolução Francesa. De fato, uma reação à revolução industrial e o tradicionalismo fundado na teologia cristã que ressurgiu no final da década de 1940.³²⁹

³²⁵ SCHNEIDER, Gregory L. *Conservatism in America since 1930: a reader*. New York and London: New York University Press, 2003.

³²⁶ VAUGHAN, Samuel. *Buckley: the Right Word*. Mariner Books, 1998. p. 73.

³²⁷ SOUSA, Rodrigo Farias de. *William F. Buckley Jr., A National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos Estados Unidos, 1955-1968*. Tese de doutorado em História social. UFF, Niterói, 2013. p. 152

³²⁸ WOLFE, Gregory. *Right minds: a sourcebook of American conservative thought*. Foreword by William F. Buckley Jr. Chicago & Washington: Regnery Books, 1987. p. 43.

³²⁹ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 66.

Nos Estados Unidos os velhos conservadores que posteriormente serão chamados também de paleocons foram conhecidos por sua postura isolacionista em relação à política externa. Foram representados por figuras como Irving Babbitt, considerado fundador do neo-humanismo conservador e o principal defensor da moral humanista, da ordem tradicional e do passado contra impulsos revolucionários. Outro representante foi o historiador Russel Kirk que defendia uma ordem divina e a necessidade da divisão social em classes que marcassem as distinções naturais dos homens, a propriedade, a fé nos costumes tradicionais e o reconhecimento de que as inovações devem ser atreladas a tradições e aos valores políticos tradicionais.³³⁰ Os libertários por outro lado, se caracterizaram como os principais críticos do New Deal nas décadas de 1930 e 1940, quando o austríaco Friedrich Von Hayek lançou o clássico *The road to serfdom (O caminho da servidão)* em 1944, onde trazia as preocupações de alguém que viveu a supressão totalitária, alegando que o controle centralizado da economia levaria ao totalitarismo.³³¹ Ele se tornaria uma referencia para pensadores simpatizantes a esta leitura de mundo.

Para os libertários, o problema central do mundo moderno era a perda de liberdade, entendida primeiramente no sentido negativo, como ausência de coerção sobre a vida, o corpo e a propriedade. A liberdade fundamental, neste sentido, é aquela que não limita a venda da própria força de trabalho, o uso individual do dinheiro e o direito à propriedade privada.³³² Na visão libertária, a sociedade nada mais é do que uma associação de indivíduos na qual somente os homens, individualmente, podem definir seus interesses e seus objetivos. A sociedade como entidade não existe e a ela não podem ser imputados objetivos, interesses ou direitos. Para os libertários, imputar objetivos à sociedade significa destruir a democracia e diminuir a individualidade, pois objetivos planejados de forma centralizada levam ao controle do governo sobre o consumo e a produção.³³³

Na visão de mundo libertária, qualquer esforço para definir interesses comuns da sociedade mina a liberdade individual e promove o coletivismo, lido como homogêneo, determinista, limitador, ao contrario de comunidade imaginada. Segundo a lógica

³³⁰ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 67.

³³¹ SOUSA, Rodrigo Farias de. *William F. Buckley Jr., A National Review e a critica conservadora ao liberalism e os direitos civis nos Estados Unidos, 1955-1968*. p. 153.

³³² SCHNEIDER, Gregory L. *Conservatism in America since 1930: a reader*.

³³³ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 68.

libertária, não existem padrões morais gerais, pois os valores morais são próprios dos indivíduos; assim sendo, o discurso coletivista só pode conter uma falsa visão moral, uma vez que foi gerada a partir do Estado.³³⁴ O capitalismo puro, sob a ótica libertária, é uma forma de organização superior, capaz de promover avanços sociais, progresso material, produção de riquezas, realização pessoal e felicidade. Por isso, o capitalismo puro é o mecanismo ideal para conter o avanço do coletivismo estatal sobre as liberdades, uma vez que o mercado não dá espaço ao crescimento do Estado, a iniciativa individual não dá espaço ao corporativismo burocrático e a competição não deixa espaço para o monopólio. Desta forma a superação não é interrompida pelo ímpeto de igualdade na sociedade.³³⁵

Segundo Jerome Himmelstein, William Buckley Jr. e seus companheiros Frank Meyer e M. Stanton Evans, intelectuais ligados a *National Review*, foram os principais arquitetos da difícil tarefa de fundir a linguagem libertária e a linguagem conservadora tradicional.³³⁶ Segundo o autor, para esses três intelectuais, a liberdade, no sentido libertário, era impossível sem uma prerrogativa moral e um objetivo transcendental, bem como a virtude moral era impossível sem a liberdade, pois sem a possibilidade de escolha, o Estado imporia suas virtudes e seus objetivos. Neste sentido, Buckley Jr. e seus companheiros consideravam que o Estado de bem estar social violava a liberdade econômica, a liberdade de escolha e por consequência destruía a moral, a dignidade e a autonomia dos homens.³³⁷ Em síntese, os intelectuais que construíram as bases ideológicas do neoconservadorismo resgataram do tradicionalismo a ênfase moral que, a partir da década de 1960, serviu para atacar moralmente o Estado intervencionista e os movimentos sociais liberais.

Do libertarianismo, os pensadores que irão formar o neoconservadorismo utilizaram a concepção de que a sociedade era uma relação contratual entre indivíduos e não um organismo que guarda interesses e objetivos coletivos. Desta forma, não se justificava projetos estatais que interferissem na vida das pessoas e limitassem as liberdades individuais, sobretudo a econômica. Neste sentido, o Estado deveria se

³³⁴ PELLIS, Richard H. *The liberal mind in a conservative age: American Intellectuals in the 1940 and 1950*. Middleton, Connecticut: Wesleyan University Press, 1985.

³³⁵ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 66

³³⁶ HIMMELSTEIN, Jerome L. *To the right: the transformation of American conservatism*. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 14.

³³⁷ WOLFE, Gregory. *Right minds: a sourcebook of American conservative thought*. Foreword by William F. Buckley Jr. Chicago & Washington: Regnery Books, 1987.

restringir a zelar pela constituição e pelo sistema federal de divisão dos poderes. Do ponto de vista econômico, portanto, defendiam o livre comércio e a redução do Estado sob a justificativa de que a liberdade individual era um valor americano fundamental e moral, responsável pela produção e pela riqueza da nação.³³⁸ Para esses conservadores, o maior perigo do século XX era o crescente papel do Estado como organizador e interventor da vida social. Para eles, o comunismo, o fascismo, o nacionalismo no terceiro mundo, a social democracia, o liberalismo do New Deal e a grande sociedade eram todos estatistas ou coletivistas.³³⁹

Ao final da década de 1960, a crescente rejeição ao governo liberal, visto como corrupto, ineficiente, representante de negros, minorias e fraco diante do comunismo, potencializou os neoconservadores.³⁴⁰ Muitos liberais que rejeitaram o liberalismo reformista dos anos 1960 abraçaram e contribuíram para o neoconservadorismo, sobretudo Irving Kristol.³⁴¹

Kristol e outros ex-liberais e ex-socialistas passaram a acreditar no capitalismo desregulado como único sistema capaz de promover a liberdade e o crescimento econômico. Para neoconservadores como Kristol, o capitalismo nos Estados Unidos padecia de uma excessiva regulação ética que o limitava, sobretudo devido a influencia liberal.³⁴² Para Kristol os liberais se afastaram do compromisso estabelecido no New Deal de criar oportunidades para os indivíduos e prover meios de proteção para todos os americanos. Segundo Kristol, os liberais passaram a perseguir um igualitarismo pervertido e abstrato promovido por intelectuais e burocratas.³⁴³

Nos idos dos anos 1960 até 1970, já havia um movimento de pensadores neoconservadores com influencia na política. Todavia, não existia na visão destes, significativos quadros na direita estadunidense e não havia também coesão entre nomes afinados com o conservadorismo. Richard Nixon, importante quadro do partido Republicano, que havia concorrido à eleição no final dos anos 1960, ao chegar ao posto

³³⁸ BRINKLEY, Allan. "The problem of American conservatism". *American historical review*. Vol. 99, Nº 2 (Apr. 1994), pp. 409-429.

³³⁹ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 68.

³⁴⁰ SMITH, Robert C. *Conservatism and racism: and why in America they are the same*. Albany, New York: Sunny Press, 2010.

³⁴¹ FINGUERUT, Ariel. *A influencia do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*. Dissertação em Sociologia defendida na UNESP. Araraquara, São Paulo, 2008.

³⁴² SCHNEIDER, Gregory L. *Conservatism in America since 1930: a reader*. New York and London: New York University Press, 2003.

³⁴³ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 68.

de presidente não se mostrou muito propenso a atacar as políticas de bem estar, e desagradou parte dos neoconservadores por não mostrar uma postura mais firme frente ao conflito do Vietnã. George Wallace foi governador democrata do Alabama, próximo ao segregacionismo sulista, mas cedeu a esforços e ampliou programas de bem estar social e apoiou na sua campanha presidencial nas prévias do partido o aumento dos gastos em seguridade, assistência médica, programas para o trabalho e legislação trabalhista.³⁴⁴

Ainda de acordo com Jerome Himmelstein, a mudança desta apatia para a ascensão desta corrente estava intimamente ligada a três fenômenos: a mobilização conservadora dos grandes empresários, a ascensão da nova direita religiosa e a recuperação do Partido Republicano. A crise da década de 1970 criou o ambiente ideal para o florescimento da mobilização neoconservadora e a construção intelectual de um novo projeto político nacional.³⁴⁵ Os empresários da nova direita organizaram fundações para reunir capital para apoiar e financiar universidades, pesquisas e centros de estudo que ficaram conhecidos como *Think Tanks*³⁴⁶, a fim de elaborar projetos políticos nacionais.

De acordo com Craig Jenkins e Craig Eckert³⁴⁷, as elites empresariais que dominavam os conselhos desses centros definiam quais problemas deveriam ser abordados, quais especialistas deveriam ser recrutados e quais propostas deveriam ser promovidas, embora os intelectuais tivessem uma autonomia negociada. Jenkins e Eckert definem esses centros neoconservadores ligados às empresas como Organizações Políticas Empresariais (Business Policy Organizations - BPOs).

Dentre as organizações neoconservadoras se destacam a *Business Roundtable*, fundada em 1972 a partir da união de três organizações, a *March Group*, *Construction Users Anti-Inflation Roundtable* e a *Labor Law Study*. Essa última estava preocupada com os custos do trabalho, com o poder dos sindicatos e com o declínio da competitividade internacional organizando um forte lobby contra regulações, como as leis de proteção ao consumidor, leis trabalhistas e legislação *antitrust*. Também apoiou cortes de impostos para empresas e a desregulamentação dos preços do gás natural.

³⁴⁴ SCHNEIDER, Gregory L. *Conservatism in America since 1930: a reader*.

³⁴⁵ HIMMELSTEIN, Jerome L. *To the right: the transformation of American conservatism*. p. 14.

³⁴⁶ WOLFE, Gregory. *Right minds: a sourcebook of American conservative thought*. Foreword by William F. Buckley Jr. Chicago & Washington: Regnery Books, 1987. p. 54.

³⁴⁷ JENKINS, Craig J. & ECKERT, Craig M. *The Right turn in economic policy: business elites and the new conservative economics*. In: Sociological Forum, Vol.15, Nº2. jun, 2000, p. 329.

Outra organização era a *American Enterprise Institute*, também conhecido por sua sigla (AEI), que foi fundada em 1947, ganhando notoriedade na década de 1970 quando a instituição tinha mais de 50 pesquisadores, contava com a parceria de muitos outros em várias universidades. A instituição foi amplamente financiada por mais de 600 empresas.

A *Heritage Foundation* foi criada em 1973 por Paul Weynrich e Edward Feulner com o incentivo financeiro de Joseph Coors, proprietário de uma das maiores empresas do ramo de bebidas, a Coors Brewing Company. A organização publicou diversos materiais de pesquisa, assessorou políticos conservadores no Congresso e foi uma das maiores responsáveis por promover a candidatura de Ronald Reagan. O *Hoover Institution* teve grande projeção nos idos de 1970, possuindo ligação à Universidade de Stanford, na Califórnia, tendo no seu corpo intelectuais de nomes conhecidos do neoconservadorismo como Allan Greenspan, Irving Kristol e Milton Friedman. Este último ocupou importante cargo no governo Carter. O Hoover Institution chegou a ter um orçamento anual de 8,4 bilhões de dólares no final dos anos 1970.³⁴⁸

Estas instituições financiavam e formavam intelectuais que compactuavam com a ideia de que os liberais e suas políticas sociais eram culpados pela crise, uma vez que promoviam gastos exorbitantes do governo, vistos nos impostos, aumento nos custos da produção, encarecendo insumos e fortalecendo sindicatos e com a intervenção e regulação do governo federal. Nestas organizações políticas empresariais, o Estado de bem estar de caráter Keynesiano era visto como principal gerador do déficit e da *estagflação* (inflação junto à estagnação econômica).³⁴⁹ Os neoconservadores percebiam na estagflação uma limitação à iniciativa privada, ao emprego e o desenvolvimento da criatividade, enquanto os programas sociais aumentavam a dependência e leniência das pessoas em relação ao Estado, sobretudo desempregados e negros. Como consequência, a estagflação e os programas sociais, para os neoconservadores, diminuía a liberdade individual e reforçavam o autoritarismo do governo federal.³⁵⁰

Todas essas teorias, de uma maneira ou de outra, estabeleciam que a redução dos gastos públicos, a diminuição dos impostos e a desregulamentação combateriam a

³⁴⁸ Idem. p. 330.

³⁴⁹ HIMMELSTEIN, Jerome L. *To the right: the transformation of American conservatism*. p. 47.

³⁵⁰ SMITH, Robert C. *Conservatism and racism: and why in America they are the same*. Albany, New York: Sunny Press, 2010.

inflação, a estagnação e resgatariam a lucratividade.³⁵¹ O contexto de crise também pautou um discurso conservador religioso, que deu espaço no final dos anos 1970 a uma contundente crítica à liberalização que as décadas anteriores trouxeram. Movimentos como o gay e feminista foram extensamente atacados, junto à justificativa de um revigorar com alento na fé. Diversos líderes religiosos tiveram projeção com um discurso caracterizado na Jeremiada, e na aproximação de uma visão pós-milenarista, que atribuía a vinda de Cristo para dar a redenção ao mundo pecador. Essa leitura encontrou muitos adeptos, notavelmente pelo sucesso editorial de obras pós-milenaristas e da projeção de autores como Hal Lindsey. A filosofia pós-milenarista esteve próxima da reforma social, do ecumenismo e de uma reinterpretação da Bíblia.³⁵²

Roberto Moll acrescenta que ainda nos anos 1960, o Pastor Jerry Falwell dizia que os pregadores não deveriam ser políticos, aproveitando-se assim para atacar os clérigos liberais como Martin Luther King Jr. e outros pastores que defenderam os direitos civis dos negros. Mas, quando questões como aborto, o homossexualismo, a pornografia e o ERA (*Equal Rights Emendment* – Emenda de Direitos Iguais) vieram à tona, Falwell passou a atuar ativamente na política contra elas. Por trás das questões políticas, morais e sociais que os religiosos, como Falwell, defendiam, estava em jogo a preservação da isenção de impostos para escolas religiosas que não atendiam os programas de cotas estabelecidos nas políticas afirmativas.³⁵³

Muitos americanos viram a crise econômica dos anos 1970 como consequência da “degeneração social” resultante da corrupção, do escândalo Watergate, do New Deal, da Grande Sociedade, da guerra do Vietnã, dos movimentos sociais e das transformações dos anos 1960. Esta visão convergiu com o fundamentalismo religioso e neste contexto o aborto tornou-se uma questão central para a nova direita religiosa e foi o ponto de aliança entre protestantes e católicos da direita.³⁵⁴

³⁵¹ WAPSHOT, Nicholas. *Ronald Reagan and Margaret Thatcher: a political marriage*. New York: Sentinel, 2008.

³⁵² MEDEIROS, Sabrina Evangelista. *Reflexões sobre a evolução da New Right nos Estados Unidos Contemporâneo*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MATTOS, Hebe; FRAGOSO, João. *Escritos sobre história e educação: homenagem a Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001.

³⁵³ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 76.

³⁵⁴ FINGUERUT, Ariel. *Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos*. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins. (Org.). *Uma Nação com alma de Igreja. Religiosidades e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 113.

As bandeiras tradicionais dos neoconservadores atraíram os conservadores religiosos. A relação entre os neoconservadores e a nova direita religiosa ficou mais estreita na medida em que ambas cresciam. Em 1979, Jerry Falwell se encontrou com líderes da nova direita, como Paul Viguerie e Paul Weyrich, a fim de levantar a questão do aborto para atrair os Democratas conservadores no sul. Neste encontro surgiu a *Moral Majority* (Maioria Moral), fundada por Falwell e Paul Weyrich, enraizada nas igrejas batistas independentes. Ariel Finguerut acrescenta que esta tomou grandes proporções de participantes, com mais de 300 mil pastores evangélicos – dos quais alguns eram políticos influentes – e que, no início dos anos 1980, respondiam por aproximadamente 60 milhões de fieis, equivalente a 25% do eleitorado naqueles anos.³⁵⁵

Fundada em 1979 na Califórnia, na efervescência do conservadorismo religioso, a *Christian Voice* obteve apoio de católicos e se apresentava como anti-gay, anti-pornografia, e pró-família. A *The Religious Roundtable*, fundada por Ed McAteer, também em 1979, recrutou seus fieis entre evangélicos conservadores, sendo seus diretores líderes seculares e religiosos conservadores. Esse grupo de interesse junto aos empresários neoconservadores que financiavam os BPOs tinham mais do que nunca logística para eleger representações. Todavia, o momento dispunha aos democratas a chance de chegar ao posto mais alto do poder da nação, e Carter conseguiu correligionários conservadores por sua postura anti-aborto, no entanto, por não atender todas as culturas políticas que apoiaram sua candidatura seu governo fracassou.³⁵⁶

A convergência das demandas econômicas com uma leitura moral das questões sociais foi estopim para autenticar o projeto nacional neoconservador perante o seu público alvo: trabalhadores pouco especializados, brancos sulistas, católicos e evangélicos.³⁵⁷ A redução dos programas sociais, além de ser apresentada como solução econômica contra o desemprego para os trabalhadores pouco especializados, foi legitimada a partir de valores morais enraizados no imaginário de nação dos brancos sulistas e de parte dos evangélicos e católicos, a cultura trabalhista, do esforço, e da conquista. Os trabalhadores brancos pobres e em sua maioria pouco especializados também se identificavam com o ataque as políticas afirmativas pelo fato de não se

³⁵⁵ Idem. p.115.

³⁵⁶ PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*.

³⁵⁷ SAXE-FERNÁNDEZ, John. *Os fundamentos da “direitização” nos Estados Unidos*. In: CUEVA, Augustin (Coord.). *Tempos conservadores*. São Paulo: Hucitec, 1989.

verem inseridos, junto a isso, a promessa de emprego era defendida perante o afastamento do Estado e sua política que feria o individualismo.³⁵⁸

O processo de crise está também contido dentro de uma dinâmica da globalização, vistas na migração de parques industriais do norte que foram se instalar no sul do país e majoritariamente em outros países, procurando incentivos, bem como uma mão de obra mais barata e trabalhadores não sindicalizados. Portanto, a classe operária branca do norte se defrontou com o desemprego e com a flexibilização do trabalho. A direita neoconservadora se tornou a força ideológica mais importante no Partido Republicano e o Sunbelt (sul e sudoeste que recebeu parques industriais a procura de redução de custos) era sua principal base de apoio com sua economia a pleno vapor.³⁵⁹

A Convenção Republicana de 1980, que decidiu o representante do partido na disputa presidencial, consagrou a candidatura de Ronald Reagan. Até os anos 1960, Reagan era ator, presidente do Sindicato dos Atores de Cinema e Televisão (Screen Actors Guild), porta voz da *General Electrics* e membro do Partido Democrata. Em 1962, Reagan deixou o Partido Democrata e se filiou ao Partido Republicano por não concordar com as políticas dos Democratas que, diante da crescente influência dos trabalhadores e dos negros dentro do partido, se viram constrangidos a ampliar os direitos sociais e estabelecer os direitos civis dos afro americanos, sobretudo no sul do país.³⁶⁰

Representando o partido republicano, Reagan foi governador da Califórnia na década de 1960 e nesta época estreitou laços com a nascente elite neoconservadora do Sunbelt e dos intelectuais de seus BPOs. Reagan tentou sem sucesso ser o candidato à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano em 1968 e em 1976. O pleito de 1980 foi o momento em que apoiado pelo empresariado neoconservador, junto à nova direita religiosa levou Reagan ao posto mais alto do país. Em 20 de janeiro de 1981, Reagan tomou posse como quadragésimo presidente dos Estados Unidos. Para Sally Totman, em sentido simbólico a eleição de Reagan era a elevação de Hollywood a Casa Branca³⁶¹, no entanto, no sentido político sua ascensão toma proporção inversa

³⁵⁸ SMITH, Robert C. *Conservatism and racism: and why in America they are the same*.

³⁵⁹ CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

³⁶⁰ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 90.

³⁶¹ TOTMAN, Sally Ann. *How Hollywood projects Foreign Policy*. New York: Palgrave Macmillian St. Martin's Press. 2009. p. 22

quando houve um amplo projeto liberal em Hollywood neste período que denunciou o conservadorismo e a polarização econômica na sociedade oriunda deste projeto.

Com a promessa de atender um empresariado que ensejava aumento de sua produtividade, reduzir impostos e inflação, bem como a uma agenda conservadora religiosa, o projeto Republicano venceu e tornou seus planos as diretrizes do país.³⁶² Para tanto, Reagan anunciava que a intervenção governamental causava dependência, destruía as oportunidades e a realização pessoal, na medida em que o Estado regulava o mercado e competia em condições desiguais em alguns setores da economia.³⁶³

William Berman acrescenta que significativa parte dos eleitores que levaram Reagan ao poder em 1980 acreditava que ele propôs um projeto convincente, que prometia combater a inflação, a baixa produtividade, o desemprego, balancear o orçamento e reduzir os déficits. Prometia também combater a pobreza, os pesados tributos, a decadência da nação, as ameaças externas e os “vagabundos” que se apoiavam nos programas de seguridade e bem estar social.³⁶⁴

Ao chegar ao governo em 1981, Reagan defendia a ideia de que a prosperidade, o emprego e a lucratividade só seriam possíveis através de significativas reformas que trariam de volta o ímpeto americano. O projeto neoconservador que Reagan representava estava firmemente calcado com os interesses das elites empresariais do Sunbelt e nos setores financeiros da nação, mas alcançou trabalhadores, religiosos protestantes tradicionalistas no sul, católicos, pobres, desempregados e a classe média.³⁶⁵

3.2 - *Reaganomics* e a desarticulação do Liberalismo

Para superar a crise, o governo apresentou um programa econômico que estabeleceu cinco medidas estratégicas: cortes nos gastos governamentais; transferência de programas sociais para a iniciativa privada, governos estaduais e governos locais que ficou conhecida como Neofederalismo; redução drástica de impostos, sobretudo para as empresas, seguido da ampliação da base de arrecadação; fim das regulações federais

³⁶² MESSADIÉ, Gerald. *A crise do mito americano. Réquiem para o super- homem*. São Paulo: Ática, 1989.

³⁶³ BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. p. 88.

³⁶⁴ Idem. p. 78.

³⁶⁵ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 92.

sobre a atividade econômica; e estabilização monetária através dos juros.³⁶⁶ Esse programa econômico, batizado por seus críticos de “*Reaganomics*”, foi gestado através das concepções teóricas e dos interesses financeiros dos BPOs que patrocinaram a candidatura de Reagan e ocuparam setores importantes no seu governo e ademais promoveram uma releitura do liberalismo³⁶⁷ resgatando a ideia de afastamento do Estado, esse escopo de ideias irá formular o neoliberalismo.³⁶⁸

Os cortes nos gastos governamentais eram metas tão importantes quanto à redução dos impostos. Os programas sociais e a seguridade social deveriam ser reduzidos, extintos ou transferidos para a iniciativa privada ou para os governos estaduais e locais.³⁶⁹ Essas medidas, segundo a concepção neoconservadora e neoliberal, equilibrariam o orçamento; reduziriam a inflação; incentivariam a entrada da iniciativa privada em setores da economia que o Estado, tido como burocrático e ineficiente, dominava ou era um grande competidor; e estimulariam o trabalho, na medida em que dificultaria o “parasitismo” daqueles que viviam à custa dos programas sociais e da seguridade.³⁷⁰

Para por em prática o projeto de recuperação econômica da nação, o governo Reagan estabeleceu no orçamento do primeiro mandato a seguinte distribuição de recursos: 34% destinado aos gastos militares, em 1980 eram 25%; 41% dedicados aos programas para os “verdadeiramente necessitados”, 5% a mais do que o último orçamento; 9% para gastos com juros, a mesma porcentagem dos anos anteriores; e, apenas, 16% estariam comprometidos com os programas sociais federais, ao invés dos 30% que vinham sendo reservados até aquela data. O orçamento previa ainda mais cortes nos gastos através da consolidação do Novo Federalismo. Neste primeiro momento a administração Reagan planejava unificar 40 programas em 2 blocos administrados pelos Estados que receberiam as verbas federais. Os conselheiros de Reagan alegavam que esta estratégia poderia significar uma economia de milhões de dólares em custos administrativos e com pessoal. De acordo com o orçamento, o

³⁶⁶ DWECK, Ruth Helena. *O federalismo norte-americano: questão fiscal – “Reaganomics”*. In: Transit Circle, Revista Brasileira de Estudos Americanos, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003. p.23.

³⁶⁷ A acepção de Neoliberalismo possui relação com o liberalismo econômico clássico, distinto daquele que estudamos no primeiro capítulo deste trabalho, onde intelectuais tentaram moldar o liberalismo para que este sanasse convulsões sociais.

³⁶⁸ WAPSHOT, Nicholas. *Ronald Reagan and Margaret Thatcher: a political marriage*. New York: Sentinel, 2008.

³⁶⁹ DWECK, Ruth Helena. *O federalismo norte-americano: questão fiscal – “Reaganomics”*. p.12-13.

³⁷⁰ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 97.

governo pretendia economizar 3.7 bilhões de dólares em gastos com funcionalismo público, revisando salários e promovendo demissões, sobretudo nas agências reguladoras.³⁷¹

Para promover o emprego, a administração Reagan prometia incentivar e subsidiar programas de treinamento da iniciativa privada. Em contrapartida, o orçamento previa a eliminação de 300.000 postos de trabalho dos programas públicos de emprego, que eram ocupados por trabalhadores desempregados à espera de trabalho no setor privado. O presidente propunha ainda um corte de US\$1.15 bilhões no programa de auxílio aos trabalhadores que tinham perdido seus empregos em decorrência das importações, boa parte deles no setor automobilístico e metalúrgico.³⁷²

Em relação à seguridade dos aposentados, o orçamento previa um corte de US\$2.3 milhões para o ano seguinte. Através da eliminação dos benefícios mínimos concedidos sem contribuição e da correção inflacionária apenas uma vez ao ano, e não duas como anteriormente. Esse corte afetaria a vida de aproximadamente 3 milhões de trabalhadores aposentados que teriam seus pagamentos mensais reduzidos.³⁷³

Na área da saúde, o governo federal pretendia limitar e impor padrões rígidos ao *Medicaid*, o programa de saúde pública para os mais pobres. Nos anos seguintes, o programa receberia apenas mais 5% de recursos do governo federal; em média, as verbas aumentavam 15% de um ano para outro. O orçamento previa, também para o ano de 1982, menos US\$500 milhões para o *American For Dependent Children* (AFDC). Além disso, visando reduzir os gastos e o número de beneficiários, o governo federal passaria a exigir que os Estados levassem em conta a renda dos padrastos e madrastas para decidir sobre a elegibilidade e os benefícios que as crianças, filhas de mães solteiras teriam direito.³⁷⁴

Na área tributária, o governo planejava reduzir os impostos de renda em aproximadamente 30%. Esta medida significava uma redução da carga tributaria em torno de US\$6.4 bilhões para o ano de 1981 e US\$162.4 bilhões até 1986. Em relação às empresas, Reagan propôs reduzir a taxaço sobre os ganhos do capital. Até então,

³⁷¹ BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994. P. 99-100.

³⁷² ST. PIERRE, Maurice. *Reaganomics and its implication for African-American family life*. In: Journal of black studies. Vol. 21, Nº3. Mar 1999. p. 09.

³⁷³ CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have feared under Reagan*. In: Journal of black studies. Vol. 17, Nº2. Dec 1986.

³⁷⁴ ST. PIERRE, Maurice. *Reaganomics and its implication for African-American family life*. In: Journal of black studies. Vol. 21, Nº3. Mar 1999. p. 12.

60% dos ganhos de capital eram dedutíveis do imposto de renda, os 40% restantes seriam taxados normalmente, em uma alíquota que chegaria a 70%. Na proposta orçamentária para os três anos seguintes, a administração Reagan almejava taxar os ganhos de capital não dedutíveis em no máximo 50%.³⁷⁵

Os Estados Unidos precisavam aumentar a produtividade através da modernização e da tecnologia que inventaram. Isto, segundo o presidente, colocaria os trabalhadores estadunidenses de volta ao trabalho. Desta forma, aumentar a produtividade significava reduzir o desemprego e, conseqüentemente, melhorar a vida. O argumento do presidente foi convincente para alocar boa parte da verba que direcionou para os programas militares, para desenvolver seu programa espacial e bélico que ficou conhecido popularmente por *Star Wars*, devido ao recente sucesso dos filmes de George Lucas que possui o mesmo nome.³⁷⁶

Em seu primeiro governo Reagan já controlava a crise econômica que assolava o país, todavia as parcelas sociais que eram mais assistidas pelos programas sociais já mostravam alguma fragilidade frente aos cortes dos ditos programas. Para a eleição de 1984 Reagan arregimentou um discurso para conquistar parcelas maiores de votantes sulistas, desenvolvendo daí uma crítica das comunidades negras que se viam prejudicadas por seu neofederalismo.³⁷⁷

Reagan formalizou uma postura contundente em relação à política externa, tanto apoiando conflitos no Oriente médio que serão estendidos no governo presidencial de seu sucessor e vice presidente George Bush, bem como uma postura intervencionista forte na América central, notadamente na Nicarágua.³⁷⁸ Os anos na presidência de Reagan tiveram assim vasta filmografia contemporânea que criticaram uma série de valores que foram erigidos em seu governo, escolhemos um itinerário marcante da época para pensar a representação da cidadania.

³⁷⁵ Idem, *ibidem*.

³⁷⁶ SCHLESINGER Jr., Arthur. *A Crise de Confiança: ideias, poder e violência nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

³⁷⁷ BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994. p. 112

³⁷⁸ LEOGRANDE, William. *Our Own Backyard: The United States in Central America, 1977 – 1992*. The University of North Carolina Press, 1998.

3.3 - A crise dos programas de assistência social e as consequências para as comunidades negras

O resultado das *Reaganomics* para as comunidades negras pode ser verificado entre tantos elementos, na desarticulação dos programas de Assistência Social. A renda média das famílias negras, considerando a inflação, havia caído 5.3% desde 1980; nenhum outro grupo perdeu tanto. Boa parte das famílias negras integrava os 40% mais pobres dos Estados Unidos, três vezes mais do que as famílias brancas. O rendimento anual médio das famílias negras era de US\$ 15.432. Este era, US\$ 12.542 menor do que o rendimento médio das famílias brancas no mesmo período, que era de US\$ 27.686; e US\$ 11.001 menor do que o rendimento médio anual das famílias do país, que era de US\$ 26.433 em 1984.³⁷⁹

Aproximadamente 36% das famílias negras, ou 9.9 milhões de afro-estadunidenses, eram considerados pobres. Este era o maior número de negros na pobreza desde que os estadunidenses começaram a recensear a pobreza no país, em 1968. No mesmo ano de 1984, apenas 11.5% dos brancos estavam abaixo da linha da pobreza. De 1980 até 1984, quase duas vezes mais famílias negras entraram na linha de pobreza. A pobreza cresceu de 10.2% para 12.1% entre as famílias brancas e de 32.5% para 35.7% entre as famílias negras. Neste período, entre as famílias que entraram na linha de pobreza 22% eram composta por negros e 12% eram compostas majoritariamente por brancos.³⁸⁰

Em 1982, o desemprego alcançava 20.5% dos negros. Dois anos mais tarde, no final de 1984, 16% dos negros continuavam desempregados. Isto significou uma redução de 22% no número de negros desempregados. Entre os brancos, 9.6% estavam desempregados em 1982.³⁸¹ 36% de todos os americanos negros, e quase a metade de todas as crianças negras ficaram abaixo da linha de pobreza oficial do governo em 1983.³⁸² No final de 1984, apenas 6.4% dos brancos estavam desempregados. Isto significou uma redução de 33% no número de brancos desempregados. Quando Reagan assumiu a presidência o desemprego entre os negros era 2.15 vezes maior do que entre

³⁷⁹ ST. PIERRE, Maurice. *Reaganomics and its implication for African-American family life*. In: Journal of black studies. Vol. 21, Nº3. Mar 1999. p. 13.

³⁸⁰ Idem, ibidem.

³⁸¹ Idem, ibidem.

³⁸² FEAGIN, Joe. *Slavery Unwilling to Die: The Background of Black Oppression in the 1980s*. In: Journal of Black Studies, Vol. 17, No. 2, The Economic State of Black America (Dec., 1986), pp. 173-200. P. 188

os brancos. No final do seu primeiro mandato o desemprego entre os negros estava 2,50 vezes maior do que entre os brancos.³⁸³

Enquanto o número de negros desempregados continuava alto, os direitos dos desempregados estavam sendo reduzidos drasticamente. Até 1981, mais da metade dos desempregados recebiam os direitos da seguridade social. Em 1986, depois da redução das verbas destinadas à seguridade e aos programas sociais, apenas 30% dos desempregados recebiam seguro desemprego. O impacto deste quadro entre os afro estadunidenses foi significativamente maior do que entre qualquer outro grupo nos Estados Unidos, visto que a quantidade de negros desempregados era significativamente maior do que o número de desempregados de qualquer grupo social do país. Além disso, os negros ficavam desempregados por mais tempo do que qualquer outro grupo dos Estados Unidos.

Os programas sociais que tiveram as verbas reduzidas desde 1980 auxiliavam, sobretudo, a sobrevivência dos estadunidenses que tinham renda baixa ou moderada. O número de estadunidenses negros que se valiam do direito de participar dos programas sociais eram três vezes maior do que qualquer outro grupo estadunidense. Os negros nos Estados Unidos, em 1988, eram aproximadamente 12% da população total. Entretanto, em torno de 35% dos negros requisitavam o direito de participar dos programas sociais. Isto, claramente, estava relacionado com o fato de mais de um terço dos negros viverem na pobreza e não acomodados, como acusavam os neoconservadores.³⁸⁴

Entre os jovens e as crianças a diferença entre negros e brancos era ainda mais aguda. 46.5% dos negros com menos de 18 anos de idade eram pobres. Entre os jovens e crianças brancas, 16.5% eram pobres. No final do primeiro mandato de Reagan, 51.7% das famílias negras chefiadas por mulheres estavam abaixo da linha da pobreza. A pobreza atingia 57% das famílias negras chefiadas por mulheres que tinham dois filhos e alcançava 75.6% das famílias negras chefiadas por mulheres com três crianças. Entre as famílias brancas chefiadas por mulheres, 27.1% eram consideradas pobres. A pobreza atingia 42.3% das famílias brancas chefiadas por mulheres com dois filhos e 58.6% das famílias chefiadas por mulheres que tinham três filhos. Se considerarmos que 48.6% das famílias negras eram chefiadas por mulheres e em média essas famílias tinham 2.36 filhos (não muito maior do que a média de 2.01 filhos nas famílias brancas,

³⁸³ CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have fared under Reagan*. In: Journal of black studies. Vol. 17, Nº2. Dec 1986.

³⁸⁴ Idem, ibidem.

diferente do que imaginavam os neoconservadores), aproximadamente três entre quatro crianças negras estavam vivendo na pobreza.³⁸⁵

O governo Reagan reduziu significativamente as verbas destinadas aos programas de ajuda às famílias pobres com filhos. O principal programa deste tipo era o AFDC, que durante os anos Reagan teve uma redução de aproximadamente US\$ 1 bilhão por ano. Em outras palavras, 5.000 mães e filhos perderam o direito a participar do programa e as mães, que continuaram a participar do AFDC tiveram entre US\$ 1.400 e US\$ 2.000 a menos anualmente em suas contas. Em alguns Estados, as mães que conseguissem trabalho, com até três filhos, que tivessem uma renda anual de apenas US\$ 6.000 perderiam o direito ao programa depois do quarto mês no emprego. Também em vários Estados, mas nem todos, as famílias que perderam o direito de participar do AFDC perderam também o direito ao Medicaid que era associado ao programa. Em todo o país, a administração Reagan reduziu em um terço as verbas destinadas ao programa de incentivo ao trabalho que treinava as mães ligadas ao AFDC para que elas conquistassem um emprego e deixassem o programa.³⁸⁶

O *Food Stamps*, programa que auxiliava a alimentação e a nutrição dos estadunidenses, teve as verbas reduzidas em aproximadamente US\$ 2 bilhões por ano. Um milhão de estadunidenses perderam o direito a participar do programa e os que continuaram a poder requisitar o *Food Stamps* tiveram os benefícios reduzidos. Em 1987, os estadunidenses que participavam deste programa recebiam apenas US\$ 0,47 de ajuda por refeição. 7.5 milhões de negros nos Estados Unidos se valiam do direito de participar do programa e foram afetados pelos cortes nas verbas destinadas a ele. Nas escolas, de 1981 até 1987, as verbas para os programas de nutrição e alimentação escolar foram reduzidas em 28%. Neste mesmo período, aproximadamente 3,5 milhões de crianças perderam o direito ao subsídio completo do governo que garantia o almoço ou o café da manhã nas escolas. As famílias de até quatro integrantes com rendimento anual entre US\$13.000 e US\$ 19.000 pagavam parcialmente pela alimentação escolar, que em parte o governo subsidiava com verbas oriundas dos impostos. Mas de 1981 até 1987 os preços dobraram. Mais de 4 milhões de crianças negras sentiram os efeitos da

³⁸⁵ ST. PIERRE, Maurice. *Reaganomics and its implication for African-American family life*. In: Journal of black studies. Vol. 21, Nº3. Mar 1999. p. 14.

³⁸⁶ Idem. p. 15.

degradação do programa de nutrição e alimentação escolar, que o governo, até então, subsidiava parcialmente ou completamente com verbas advindas de impostos.³⁸⁷

Ainda nas escolas, a redução nas verbas para a educação atingiu significativamente o bem estar dos negros estadunidenses. A administração Reagan alocou 45 programas destinados à educação elementar e secundária em dois blocos para os governos estaduais e locais administrarem. Através dessa estratégia, o governo federal, sob a tutela neoconservadora de Reagan, reduziu as verbas para todos os programas voltados para educação, especialmente aqueles que se destinavam às crianças com déficit de aprendizagem e a educação de adultos.³⁸⁸

Os programas destinados a subsidiar o ensino superior dos negros estadunidenses, como o Pell Grants, sofreu igual revés. As verbas destinadas a esses programas foram reduzidas em um sexto. Mais de um terço de todos os estudantes que recebiam subsídios do governo para a educação superior eram negros. Antes da redução das verbas, 43% dos negros secundaristas entravam nas universidades. Depois de 1982, quando esses programas começaram a sofrer cortes nas verbas destinadas a eles, o número de negros estadunidenses que entraram nas universidades caiu para 36%. Em 1986, cada estudante que participava dos programas educacionais recebiam em média, apenas, US\$ 4.000 por ano em subsídios para educação superior. Por outro lado, o governo federal incentivou algumas escolas e universidades privadas voltadas historicamente e exclusivamente para os negros, a fim de reeditar, indiretamente, a segregação racial na educação. Mesmo assim, as políticas educacionais do governo Reagan atingiram não só os estudantes negros, mas também muitas instituições educacionais particulares voltadas historicamente para os negros estadunidenses, pois estas também viram o número de discentes diminuir significativamente.³⁸⁹

A redução dos investimentos nos programas de habitação também afetou a vida dos negros estadunidenses. O custo das moradias aumentou para dois milhões de negros estadunidenses, devido à redução das verbas do governo destinadas às residências públicas e aos subsídios dos aluguéis. Antes de 1981, os estadunidenses, em especial os negros, não pagavam mais de 25% de aluguel em casas na qual a locação era subsidiada pelo governo. Depois de 1981, os subsídios do governo federal para moradia

³⁸⁷ ST. PIERRE, Maurice. *Reaganomics and its implication for African-American family life*. In: Journal of black studies. Vol. 21, Nº3. Mar 1999. p. 15.

³⁸⁸ CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have feared under Reagan*. In: Journal of black studies. Vol. 17, Nº2. Dec 1986.

³⁸⁹ Idem, ibidem.

diminuíram e os alugueis aumentaram. Em 1987, os estadunidenses que viviam nas casas com aluguel subsidiado pelo governo gastavam 30% do seu orçamento com a moradia. Ademais, desde 1983, o fundo federal para construção e reforma de casas para a população de renda baixa foi reduzido em dois terços. Como resultado dessas políticas, mais de 300.000 famílias moravam em casas inadequadas e de baixa qualidade em 1985. Boa parte dessas famílias era negra.³⁹⁰

As verbas destinadas aos programas que ofereciam serviços legais para os estadunidenses que não poderiam pagar por advogados particulares foram reduzidas em 27% de 1981 até 1987. Por todo o país, 365 escritórios públicos que proviam serviço legal para a população pobre foram fechados. O número de advogados que prestavam serviços de assistência legal pública caiu 30%. Um quarto dos estadunidenses que utilizavam os escritórios de serviços legais públicos era constituído por negros. Como já demonstramos nesta dissertação, as políticas fiscais adotadas desde 1980 significaram mais gastos com impostos para as famílias pobres e para as famílias de classe média baixa e menos gastos deste tipo para as famílias ricas.³⁹¹

Consequentemente, a renda das famílias pobres diminuiu enquanto a renda das famílias ricas aumentou em virtude das políticas fiscais neoconservadoras. Para uma família de quatro integrantes abaixo da linha da pobreza ficou praticamente impossível fazer todas as refeições, pagar serviços médicos e pagar as contas de aluguel e os outros encargos de moradia, além dos impostos. 40% das famílias estadunidenses, justamente as mais pobres, estavam pagando mais impostos sobre a renda em 1984 do que em 1980, dentre elas muitas eram compostas majoritariamente por negros. Dessa maneira o impacto do aumento de impostos e a consequente redução da renda foi significativamente maior entre os negros. 63% das famílias negras, que recebiam até US\$ 20.000 anuais, perderam aproximadamente US\$ 20 bilhões ao todo, considerando o aumento do imposto de renda para essa categoria e a redução dos direitos sociais. 36% das famílias brancas sofreram as mesmas perdas, sob as mesmas condições. Por outro lado, apenas 1% das famílias negras, que estavam entre as famílias que recebiam mais do que US\$ 80.000 anuais, experimentaram uma significativa redução de impostos e

³⁹⁰ Idem, *ibidem*.

³⁹¹ ST. PIERRE, Maurice. *Reaganomics and its implication for African-American family life*. In: *Journal of black studies*. Vol. 21, Nº3. Mar 1999. p. 15.

consequentemente ganhos na renda líquida anual. Como resultado, a carga tributária mudou dos brancos para os negros, bem como mudou dos ricos para os pobres.³⁹²

3.4 - A perpetuação do Neoconservadorismo no Governo George Bush

Em 20 de janeiro de 1989, George Herbert Walker Bush foi empossado como o quadragésimo primeiro presidente dos Estados Unidos, com apoio de Ronald Reagan e tendo realizado uma campanha que defendia um continuísmo na gestão, bem como amparado no alto índice de aceitação de seu correligionário, Bush defendeu em seu discurso corrigir arestas que os oito anos anteriores republicanos não tinham resolvido.³⁹³ De fato o país estava em uma crescente crise oriunda dos crescentes gastos militares para atuação no cenário internacional, notadamente no Oriente médio.³⁹⁴ Por outro lado, os diversos índices das condições sociais do país mostraram que as políticas neoconservadoras e neoliberais na verdade promoveu uma restituição às parcelas mais ricas, ao custo de onerar os mais pobres e os privar paulatinamente do acesso aos programas sociais do Estado de Bem Estar Social.³⁹⁵

Antes de sua ascensão à presidência, George Bush já tinha uma proeminente carreira política. Na década de 1970, ele ocupou diversos cargos durante a administração Richard Nixon e Gerald Ford incluindo o de Presidente do Comitê Nacional Republicano, foi também embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, o enviado dos EUA para a China, e diretor da CIA. Ele foi também membro do conselho da Comissão do Perigo Presente, além de ter servido como vice-presidente por oito anos durante a administração Reagan. Bush descreveu sua presidência como sendo continuidade do governo Reagan, todavia, com ênfase crescente na guerra as drogas, combatendo o aborto, e promovendo a educação na América.³⁹⁶

O presidente prometeu não aumentar os impostos ou instituir novos, mas o fez em 1990, o que provocou um aprofundamento da desconfiança pública em sua gestão. Muitos viram isso como um fator que contribui para a sua derrota na eleição de 1992

³⁹² CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have feared under Reagan*. In: Journal of black studies. Vol. 17, Nº2. Dec 1986. Conclusão similar pode ser encontrada em: BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994. p. 110.

³⁹³ NYE, Joseph. *O paradoxo do poder americano. Por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*.

³⁹⁴ BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*.

³⁹⁵ KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*.

³⁹⁶ BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*.

para Bill Clinton, que estava firmemente focado na fixação da economia. Construía-se, naquele momento, a esperança na resolução de questões estagnadas ao longo da bipolaridade, no estabelecimento de fóruns e práticas multilaterais de resolução de controvérsias e no controle da violência ao redor do globo — em muito influenciados pelo sucesso na Guerra do Golfo de 1991.

O presidente George Bush denominou o pós-1991 de *Nova Ordem Mundial*. Ascendeu, em substituição a anterior polarização, houve a preocupação com o terrorismo, com conflitos nacionais com motivações étnicas, religiosas ou por disputas de poder, com a defesa do meio ambiente e dos direitos humanos e o combate ao tráfico de drogas e armamentos. E com isso ampliavam-se as preocupações e os cenários conflagrados. Descobriu-se, pois, que o contexto internacional pós-1991 também poderia ser caracterizado por crises, visto a eliminação do sistema de alinhamento automático e autopropulsado da Guerra Fria. Pensava-se na morte da história e a perpetuação da hegemonia ocidental, no choque inevitável de civilizações contra civilizações³⁹⁷ e até mesmo na retomada da ideia do *fardo do homem branco*, de acordo com a qual o Ocidente seria dotado de “responsabilidades especiais com seu próprio funcionamento sadio como interesse de todos os países”.³⁹⁸

Em 1990, os gastos com Defesa dos Estados Unidos chegavam à casa dos US\$ 376 bilhões, enquanto os índices sociais seguiam em declínio. A inflação, índice de preços ao consumidor, atingia a marca dos 5,4%; o déficit fiscal o montante de US\$ 350 bilhões; os gastos com o sistema nacional de saúde um pouco mais de US\$ 690 bilhões; e o número de cidadãos desempregados a dez milhões de pessoas.³⁹⁹

Por mais que tivesse uma proeminente imagem depois dos sucessos das guerras do Golfo, Bush teve em seu processo de reeleição um grande entrave, o contexto de polarização que os quase doze anos de governo republicano trouxe, que puderam ser vistos de maneira geral nas fontes que consultamos e aqui expomos em parte. Esse quadro possibilitou uma acirrada eleição no início dos anos 1990 com um ressurgimento liberal na imagem do advogado Bill Clinton.

No que diz respeito ao campo cinematográfico, Nestor Canclini chama a atenção para o predomínio mundial do cinema estadunidense que se converteu em oligopólio a

³⁹⁷ HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de civilizações*.

³⁹⁸ AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 265.

³⁹⁹ OITO anos: A gloriosa e conturbada Era Clinton (1992-2000). *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Internacional, p. 6.

partir da década de 1980, ao controlar simultaneamente a produção, a distribuição e a exibição em mais de uma centena de países. Numa operação mais expansiva do que em qualquer outro campo cultural, Hollywood impôs um formato de filmes quase único: produções de mais de 10 milhões de dólares - nas quais mais da metade do orçamento destina-se a *marketing* -, com preferência pelos “gêneros de ação” (thrillers, policiais, aventuras, catástrofes, guerras) e com temas de fácil repercussão em todos os continentes.⁴⁰⁰

Enquanto os Estados Unidos exigem absoluta liberação dos mercados, sem cotas de exibição e sem nenhuma política de proteção para os seus filmes, o sistema de distribuição e exibição estadunidense combina vários fatores para assegurar um rígido favoritismo aos filmes do seu país. Na década de 1960, circulavam no mercado dos Estados Unidos cerca de 10% de filmes importados. Na atualidade, não passam de 0,75%. A pouca diversidade mostrada nas telas deve-se a vários fatores: a organização corporativa da exibição; o aumento nos custos das salas e da promoção para distribuidores e exibidores; a generalizada auto-satisfação dos estadunidenses com sua sociedade, sua língua e seu estilo de vida.⁴⁰¹

Importante circunstância para o predomínio do cinema estadunidense são dispositivos como o *block booking* (compra de pacotes de filmes). Significa que as distribuidoras para vender grandes produções, obrigam as salas a comprar 30 filmes de baixo interesse e qualidade, por exemplo, e a programar este repertório durante os meses de maior público. Isto reflete na imponente destas produções nas salas mundo afora, bem como a minimização do espaço para produções nacionais e de difusão de outras indústrias que não a americana, podendo com a revelia ser privado dos êxitos de bilheteria gerados por Hollywood.⁴⁰²

O seu formato de produto cultural é um fator importante, nos anos 1980 com a introdução do filme *high-concept*, que pode ser definido como a fórmula para se lançar o *blockbuster* e construir sua estrutura narrativa. O cinema *high-concept*, ou roller coaster-movies (filmes montanha russa), opta por um formato narrativo com histórias mais condensadas, pela mistura de gêneros e uma sinergia comercial.⁴⁰³ Segundo Rodrigo Candido os *roller coaster movies* possuem um formato de edição cujas cenas

⁴⁰⁰ CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. p. 245-246.

⁴⁰¹ Idem. p. 246.

⁴⁰² Idem. p. 249.

⁴⁰³ JORDAN, Chris. *Movies and the Reagan presidency: success and ethics*. Praeger. Westport: Praeger Publisher, 2003.

de ação são editadas com cortes rápidos e sucessivos, sobrecarregando o olhar e a audição do espectador com imagens rápidas e sons intensos, que aumentam a “adrenalina” e a expectativa do espectador ao assistir a sequência. A introdução de inúmeros efeitos especiais e elementos fantasiosos também contribuem no sentido de criar cenas “eletrizantes” ou “de tirar o fôlego”.⁴⁰⁴

Junto a estas mudanças estéticas, a incorporação da indústria cinematográfica em um mercado mais amplo, composto por corporações multinacionais, passa a ser uma saída bastante lucrativa para os grandes estúdios de Hollywood e acelera o processo de integração do cinema com outras mídias. Produções que atuavam de forma sinérgica com outros produtos associados ao entretenimento tiveram um papel fundamental nessa integração. Os próprios filmes passaram a introduzir textos multimídia na estrutura narrativa. Isso teve um peso enorme nas produções hollywoodianas e na solidificação do modelo *high-concept* de produção, a partir dos anos 1980.⁴⁰⁵

Os anos 1980 tiveram além dos filmes já analisados, narrativas como *Curtindo a vida adoidado* (1986), que pode parecer uma comédia despretensiosa, mas se compõe de uma crítica a vida do trabalho, da produção e faz uma ode ao ócio dos jovens. Diversos filmes do gênero distópico, que continuaram a fazer uma crítica contundente a sociedade utilizando o argumento de um futuro apocalíptico foram marcantes, em 1984 é lançado o primeiro *Exterminador do futuro* do diretor James Cameron, também em 1985 a segunda narrativa do australiano “Mad Max” que foi sucesso mundial em 1979. O grande sucesso dos anos 1970 *Nos embalos de sábado a noite* tem sua continuação, mas foi um fiasco, talvez pela produção de Sylvester Stallone que tentou utilizar a mesma fórmula de seus filmes másculos no musical. A filmografia de terror ganha espaço e uma filmografia direcionada em peso para um público adolescente, com o fim de movimentos como a *Nova Hollywood* e seus filmes autorais, os anos 1980 se configuraram por ser uma década de contrastes, com filmes críticos ao contexto de crise e uma extensa produção de narrativas que fizeram muitos acreditarem que o cinema padecia de qualidade.⁴⁰⁶ Em meio a essas questões pensamos em erigir a representação do contexto de crise que a narrativa *Um dia de fúria* dispõe.

⁴⁰⁴ SILVA, Rodrigo Candido. *Programados para matar: Rambo, Reagan e a emergência da nova guerra fria (1981-1988)*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.p. 76.

⁴⁰⁵ JORDAN, Chris. *Movies and the Reagan presidency: success and ethics*.

⁴⁰⁶ PRINCE, Stephen. *A new pot of gold: Hollywood under the eletronic rainbow, 1980-1989*. University of California Press: Berkley, 2000.

3.5 - Percurso fílmico: Um dia de fúria

Joel Schumacher possui além de *Um dia de fúria* outros trabalhos reconhecidos em Hollywood, com produção difusa entre gêneros como o terror, ação e suspense. A narrativa de “Tempo de matar” (*A time to kill* – 1996) possui um destaque para nós, por erigir um tema complexo nos Estados Unidos, sua longa história de segregação racial. Schumacher produziu em sua maioria, filmes de baixo orçamento. E tem nas duas obras citadas maior reconhecimento pelo conjunto de seu trabalho, bem como de representação de temas políticos. Em *Um dia de fúria*, o diretor dá luz a uma profusão de problemáticas que naquele período de crise tornavam a ser prova de fogo para várias minorias.

O percurso de *Um dia de fúria*⁴⁰⁷ se passa em um único dia. O filme inicia com um enquadramento de câmera em *close up*. O rosto do personagem toma proporção de quase toda tela e somos apresentados a William Foster, um homem de meia idade, que até então trabalhava em uma indústria bélica que supria o país, em meio à findada guerra fria. No trânsito engarrafado, Foster que possui aparência de executivo, corte de cabelo militar, camisa, gravata e maleta em mãos deixa seu carro e sai caminhando. Quando interpelado por outro motorista diz “Ir para casa”. Vertiginosamente a narrativa do filme começa com enquadramentos de câmera objetiva que situam nosso personagem em meio ao caos metropolitano, em um dia de muito calor, com crianças em um ônibus escolar em balburdia, obras na pista e insensibilidade entre as pessoas. Tudo isto é visto em um ritmo frenético que tira o fôlego de nosso protagonista que sai de seu carro, em uma espécie de libertação. Em sua placa de carro está inscrito D-fens (D-fesa), aludindo a uma postura militar.

Em outro plano, somos apresentados a nosso segundo personagem, o policial, que está no último dia de trabalho, Martin Prendergast, veterano, que no fim de sua carreira decidiu se aposentar antes do tempo, que conseqüentemente lhe trazia olhares atravessados no trabalho, sendo visto como um covarde devido ao alto índice de criminalidade. Prendergast está também no trânsito, ajuda um colega a tirar o carro da pista ao qual fora deixado para trás por Foster. Logo em seguida Prendergast recebe um telefonema de sua esposa que é representada na trama como uma mulher insegura e frágil, que possivelmente possui um trauma. Fica tácita no pedido que faz ao esposo

⁴⁰⁷ *Um dia de Fúria* (*Falling down*, 1993). Direção de Joel Schumacher, Roteiro: Ebbe Roe Smith. EUA/França. Gênero: Drama/policial/suspense. Distribuição: Warner Bros. Colorido, 113 min.

para que ele retorne o quanto antes para casa, pois ela ansiava viajar para a nova cidade que possui pontes inspiradas na cidade de Londres. Daí que Prendergast canta a canção antiga que faz alusão à ponte do lago Havasu no Arizona⁴⁰⁸ e que tem como refrão o nome da narrativa. Ao final, ambos olham a foto de uma criança, que leva o espectador a imaginar que seja filha deles. O diretor se preocupa em introduzir a narrativa com a apresentação dos personagens tensionados com uma relação em comum, à família.

Foster foi demitido de seu trabalho e com problemas psicológicos por não aceitar o fim de seu casamento e de não ser um cidadão ideal motivado por seu desemprego, perambula pela cidade até retornar para casa. Em seu dia atípico, ele liga para a ex-esposa, mas não fala ao telefone. É para esta casa que ele deseja retornar; o aniversário de sua filha é um momento oportuno para tanto. Ao percorrer um caminho que o faz chegar a uma mercearia que tem como atendente/dono um asiático, que de antemão lhe nega o favor de trocar dinheiro para ligações no telefone público, colocando enquanto condição, o consumo em sua loja. Foster retira um refrigerante do refrigerador, mas ao interpelar o preço, é surpreendido com a cobrança de “U\$ 0,85 centavos”, além de retrucar a pronuncia errada da palavra U\$ 0,85 centavos (cents), diz que o mesmo ao cobrar um valor abusivo pelo produto, não permite assim que ele tenha moedas suficientes para a ligação, acrescentando que a América investiu considerável quantia em seu país, ensejando assim que minimamente ele possua uma postura coerente e neste sentido, que seja justo com o preço.

Questionando o atendente se ele era chinês, e se na China não se usava a letra C de Cents, o atendente responde que é coreano, fazendo com que o mesmo retruque mais uma vez, alertando que ainda assim, seu país gastou muito com o lugar de onde ele veio e motivava que minimamente ele deveria aprender o inglês. Foster toma o taco de beisebol do vendedor coreano que o expulsara, agredindo-o e mostra uma espécie de fúria, que se torna maior quando o coreano lhe diz que leve o dinheiro do caixa. Não aceitando ser visto como um ladrão, Foster diz ser ele o ladrão, que além de preços abusivos, não reconhece o papel que o seu país (EUA) desempenhou em solidariedade ao seu, a Coréia. A cena possui dois elementos de constituição que devem ser salientados: o vendedor é colocado em um enquadramento de câmera em segundo

⁴⁰⁸ A canção possui diversas referências, desde as míticas, com sacrifícios feitos com crianças para sustentação da ponte, a jogos e canções com outra composição, mas sempre com referencia as pontes, em Londres a aquela que corta o rio Tâmesa, e nos Estados Unidos a ponte no Arizona. A canção é famosa desde o século XIX em países de língua inglesa.

plano, tendo como primeiro plano um porco onde se poupa moedas, fazendo com que vendedor e porco fiquem justapostos em plano com profundidade, conotando o espectador a ver o coreano com avareza. Em um plano seguinte, ao início do conflito corporal entre os dois homens, eles derrubam um pote com bandeiras dos Estados Unidos que cai e quebra ao lado do corpo do atendente coreano, que representaria a quebra da ordem multicultural, bem como do referencial dos Estados Unidos.

Figura 15: Um dia de fúria - Vendedor Coreano



Foster propõe então uma volta no tempo. O ano de 1965 lhe servirá de referência para uma sondagem dos preços que o coreano vem cobrando em sua mercearia. Com o taco nas mãos, ele destrói ensandecido tudo aquilo que para ele esteja sendo vendido de maneira abusiva. Ao final, tendo destruído diversos produtos, ao questionar o preço do refrigerante, que vendido a U\$ 0,50 centavos, tornaria ser possível que ele tivesse as moedas para a ligação telefônica e pagando o produto. O mesmo deixa a loja como se ambos tivessem realizado uma negociação harmônica, onde negociante e consumidor estivessem satisfeitos.

Figura 16: Um dia de fúria - Crise do multiculturalismo



A referência de Foster ao ano de 1965 não é posta de maneira gratuita pelo diretor. O período que pode ser tido como auge de uma prosperidade econômica,

compreendeu o governo do presidente Lindon B. Johnson, e foi marcado pelo grande projeto de promoção social que foi gestado inicialmente no governo de John F. Kennedy. A Great Society (Grande sociedade) tinha como uma de suas metas a Guerra à pobreza, que nas palavras de Kennedy, tinha como grande missão equacionar a riqueza do país como já discutimos.

Todavia, os anos após 1965, além de terem assistido estes projetos de promoção social malograrem, junto à perspectiva keynesiana de gestão do Estado com a ascensão do neoliberalismo. Para David Harvey em torno da década de 1970, a classe dominante e o Estado nos países desenvolvidos adotaram o projeto neoliberal, que se tornou dominante nas décadas de 1980 e 1990. Para o autor o neoliberalismo pode ser definido como “uma teoria de práticas econômicas e políticas que propõe que o bem estar humano pode avançar melhor pela liberação das liberdades individuais empreendedoras e habilidades dentro de um arcabouço institucional caracterizado por direitos à propriedade privada, mercados livres, e livre comércio”.⁴⁰⁹

O dialogo fracassado na cena, com uma plena expressão de xenofobia, pode ser pensado também pelas limitações do multiculturalismo no país. Projeto que não vingou em meio à efervescência por direitos civis dos anos 1960 e a defesa do alargamento da concepção de cidadania. O multiculturalismo se propõe a orquestrar as diferenças, estipulando cotas, quando muitas vezes provoca a segregação. As reflexões do antropólogo Néstor Garcia Canclini⁴¹⁰ são essenciais para perceber os impasses contidos na narrativa do filme e entender o multicultural. Para ele “sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação”.⁴¹¹

Compreendendo o fenômeno como uma teia de tessituras complexas, Canclini adverte “que as possibilidades de convivência multicultural tem certa analogia com a construção de projetos interdisciplinares.”⁴¹² Estando muito mais próximo da perspectiva da interseção, estaria também, o multiculturalismo, “como formulação que em alguns países chegou a funcionar como interpretação ampliada da democracia”⁴¹³.

⁴⁰⁹ HARVEY, David. *Breve história do Neoliberalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

⁴¹⁰ CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

⁴¹¹ Idem. p. 17.

⁴¹² Idem. p. 22.

⁴¹³ Idem. p. 26.

“O multiculturalismo, entendido como programa que prescreve cotas de representatividade em museus, universidades e parlamentos, como exaltação indiferenciada das realizações e misérias daqueles que compartilham a mesma etnia ou o mesmo gênero, entrincheira-se no local sem problematizar sua inserção em unidades sociais complexas de ampla escala.”⁴¹⁴

Schumacher condensa na cena uma série de questões sociais, como a xenofobia do cidadão que se sente enganado pelo “outro” tido como inferior, que não reconhece as benesses trazidas pelo país acolhedor, bem como, traz o contexto de crise que outrora, com o Estado de Bem Estar Social ensejava-se a coexistência pacífica entre os diferentes. Isso ficará muito claro na cena seguinte, quando se deslocando até um morro para descansar, Foster é contrastado com duas visões, uma casa humilde com uma criança que o fita, e atrás dele um conglomerado de prédios que representam a prosperidade em meio à recessão. Ao rasgar parte de um jornal com classificados de emprego e tentar recompor o solado de seu sapato aberto, é surpreendido com a chegada de dois rapazes hispânicos que o questiona do por que de ele estar ali, em seu território, alertando que o mesmo é demarcado. Mais uma vez vemos a xenofobia de nosso personagem, que responde que não viu o aviso, que por ventura estaria demarcado em um grafite, que, por não estar em inglês, não seria inteligível para ele.⁴¹⁵

Figura 17: Um dia de fúria - O pico da crise



Atentando que o contato inicial fora realizado com atrito, Foster propõe um recomeço, ao explicar que estava ali no ápice de sua frustração, utilizando o título do filme para explicitar seu estado emocional. *Falling down* seria de forma literal uma

⁴¹⁴ Idem. p. 26-27.

⁴¹⁵ A cena quando se inicia a conversa entre Foster e os rapazes hispânicos é composta por ângulos de câmera panorâmica e enquadramentos contra-plongé em Foster e de enquadramentos Plongé nos rapazes.

queda abrupta. Ele só queria sair do espaço dos rapazes em paz, perguntando se era o local um ponto de gangue e salientando que concorda com eles, uma vez que teria animosidade se os visse em seu quintal. Aqui, a ideia de propriedade privada estabelece o limite entre os diferentes. Os rapazes situam que para sua saída após ter infligido seu território seria necessário deixar sua mala. Foster simula apanhar a pasta, mas toma em mãos o taco que pegou do coreano, agredindo os rapazes e tomando agora o canivete de um deles, alertando que iria para casa.

Os impasses mostrados nas duas cenas possuem relação com o que Loïc Wacquant chama de resposta sociológica à compacta violência estrutural. Atentando que tais mudanças resultaram em uma polarização de classes que, combinada com a segregação racial e étnica, produziu uma dualização da metrópole, que ameaça não apenas marginalizar os pobres como condena-los à redundância social e econômica direta. Essa violência “vinda de cima” tem três componentes principais: 1) Desemprego em massa, persistente e crônico, representando para segmentos inteiros da classe trabalhadora a desproletarização que traz em seu rastro aguda privação material; 2) Exílio em bairros decadentes, onde escasseiam os recursos públicos e privados à medida que a competição por eles aumenta, devido à imigração; e 3) Crescente estigmatização na vida cotidiana e no discurso público, tudo isso ainda mais terrível por ocorrer em meio a uma escalada geral da desigualdade.

Longe de representar um subproduto periférico da terceiro-mundialização ou reversões a formas sociopolíticas pré-modernas de conflitos, essa volta das realidades reprimidas de pobreza, violência e divisões etnorraciais, ligadas a seu passado colonial, no coração da cidade do Primeiro mundo, deve ser entendida como resultado da transformação desigual e desarticuladora dos setores mais avançados das sociedades ocidentais. Portanto, suas manifestações não parecem passíveis de amainar tão cedo.⁴¹⁶

Da década de 1960 em diante, o número de imigrantes legais nos Estados Unidos cresceu 50%, passando de 3.3 milhões na década de 1960 para 4.5 milhões nos anos 1970. O número de estrangeiros morando nos Estados Unidos, o que inclui os imigrantes ilegais, também cresceu 50%, passando de 9.7 milhões, na década de 1960,

⁴¹⁶ WACQUANT, Loïc. *O retorno do recalcado: violência urbana, “raça” e dualização em três sociedades avançadas*. In: *Os condenados da cidade – estudos sobre marginalidade avançada*. Trad. João Roberto Martins Filho, Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001. p. 29

para 14.1 milhão, no ano de 1980.⁴¹⁷

A onda migratória iniciada em 1965 influenciada por uma legislação que fazia jus as demandas dos direitos civis, culminou com quatro grandes transformações na sociedade estadunidense. Primeiro, a necessidade de mão de obra nas indústrias caiu vertiginosamente como reflexo da revolução tecnológica, enquanto o número de postos de trabalho no setor de serviços cresceu. Segundo, os Estados do Sunbelt experimentaram um espetacular crescimento da atividade econômica. Terceiro, os sindicatos perderam força. Quarto, o fosso entre os trabalhadores especializados com ensino universitário e não especializados cresceu abruptamente.⁴¹⁸

Junto à lei de imigração de 1965 que impulsionou um fluxo maior de migrantes, foi notável o deslocamento de asiáticos que fugiam de conflitos e períodos de convulsão e fome, e latinos que fugiam da crise econômica vivida por muitos países, bem como convulsões promovidas por ditaduras militares, muitas dessas apoiadas pelos Estados Unidos. A agroindústria-exportadora foi incentivada como forma de equilibrar as balanças comerciais e a agricultura presente no sul dos Estados Unidos recebeu em peso trabalhadores que se viram sem oportunidades em suas realidades.⁴¹⁹ Esses fenômenos orquestrados com a crise do capitalismo ao qual vivia o país proporcionou uma profusão de cidadãos xenófobos que enxergava o outro como invasor, como alguém que estava ali para tomar o que é seu.

O quadro toma simetrias mais sombrias com o afunilamento da participação do Estado na vida dos cidadãos. Sean Purdy chama atenção que na área de habitação pública, políticas neoliberais resultaram em um corte drástico no orçamento do governo federal nos Estados Unidos que diminuiu por 60% entre 1980 e 1990, de US\$ 25 bilhões a US\$ 10 bilhões. A partir do governo do presidente republicano Ronald Reagan, a construção de novos conjuntos habitacionais foi congelada e o uso de chamados “*Section 8 vouchers*” (“cupons” dados pelo governo federal para subsidiar o aluguel no mercado privado e dispersar a concentração de moradores pobres) aumentou

⁴¹⁷ MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. p. 200.

⁴¹⁸ Idem. p. 201.

⁴¹⁹ NGAI, Mae. *Impossible Subjects: illegal aliens and the making of modern America*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2004.

até ultrapassar a quantidade de pessoas vivendo em conjuntos habitacionais com aluguel subsidiado.⁴²⁰

O tema da coexistência étnico-social e dos limites do multiculturalismo ganharam diversas outras representações fílmicas. A título de ilustração podemos citar *Gran Torino* (2008), com Clint Eastwood, filme que dramatiza os dilemas de um senhor que vive em um bairro com a presença de hispânicos, negros advindos do gueto, bem como orientais. Em *Escritores da liberdade* (2007) a trama que representa a história verídica de uma experiência escolar de uma professora que estabelece a escrita de diários entre outros métodos para sensibilizar seus alunos e desenvolver uma trajetória com emancipação. Não obstante, uma das suas grandes dificuldades é a tensão entre os grupos ali existentes, com experiências de ódio e exclusão. *Crash – no limite* (2005) é uma narrativa que estabelece como forma narrativa a tensão entre as possíveis relações que pessoas comuns e desconhecidas constroem em Los Angeles no natal. O filme tem como argumento a capacidade holística nas relações, mostrando que o contato pode ser positivo/redentor ou via atrito/incompatibilidade. A diversidade coexistindo de forma problemática, portanto, é bem representada nestas narrativas.

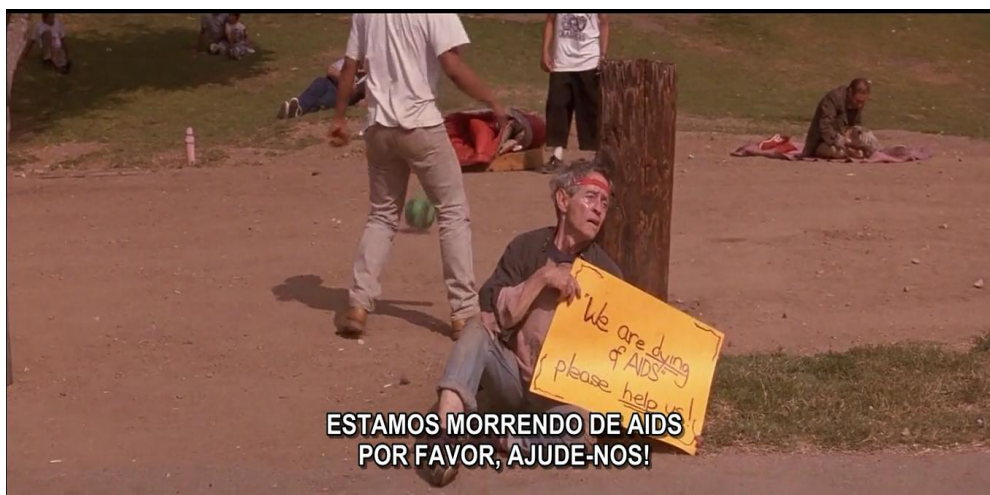
A narrativa segue e a trama se volta para Prendergast, em seu local de trabalho. Aqui é mostrado um ambiente misto quanto a etnias: ele possui como colega de trabalho um japonês, dois negros e dois latinos, e um deles, Sandra, é bem próxima afetivamente. Seu colega japonês traz para ser atendido Mr. Lee, o coreano que Foster agrediu, e é daqui que a trajetória de ambos se enlaça, pois ele estranha que um homem branco, esteja percorrendo áreas de minorias, agrida um homem asiático e ao destruir sua loja, pague pelo produto. Prendergast questiona: “Ele roubou seu taco de beisebol, mas pagou o refrigerante. Esse cara é preconceituoso!”

A representação da polícia da Califórnia, e especificamente de Los Angeles como mistas não é fortuita. Foi um esforço advindo do governo no final dos anos de 1980 para democratizar o espaço que tinha hegemonicamente brancos, recrudescendo cada vez mais o cotidiano de trabalho policial, uma vez que a maioria dos infratores eram negros e latinos. Loïc Wacquant salienta que para estes grupos o encarceramento lhes é familiar no sentido próprio do termo, pois mais da metade tem ou teve um parente próximo na prisão (30% um irmão, 16% o pai e 10% uma irmã ou a mãe). Desta forma

⁴²⁰ PURDY, Sean. *Falsas Promessas: Neoliberalismo e a Reforma da Habitação Pública na América do Norte, 1990-2007*. Outubro (São Paulo), v. 18, p. 46-68, 2009. p. 08.

o encarceramento tornou-se assim uma verdadeira indústria – e uma indústria lucrativa. Pois a política do ‘tudo penal’, estimulou o crescimento exponencial do setor das prisões privadas, para o qual as administrações públicas perpetuamente carentes de fundos se voltam para melhor rentabilizar os orçamentos consagrados à gestão das populações encarceradas. Elas eram 1.345 em 1985; serão 49.154, dez anos mais tarde, faturando dinheiro público contra a promessa de economias ridículas.⁴²¹

Figura 18: Um dia de fúria - Crise de saúde

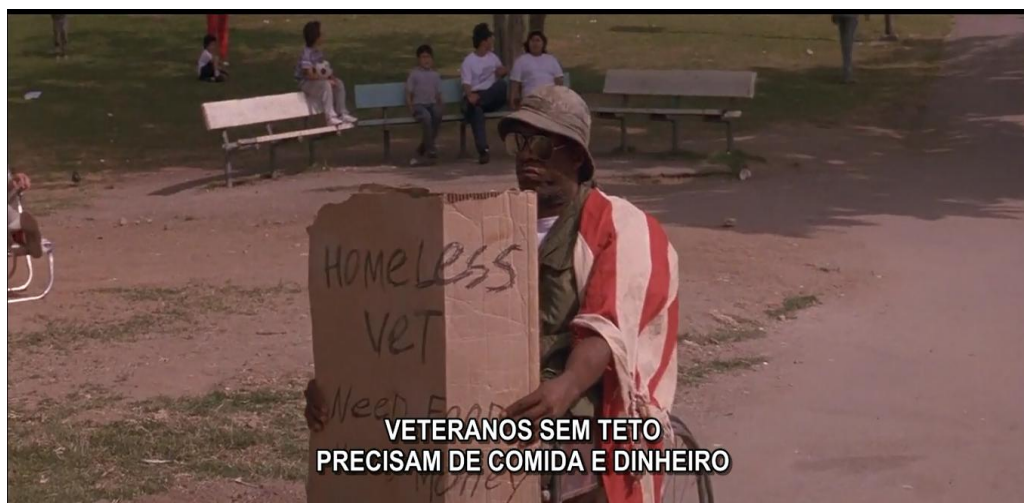


Schumacher segue a narrativa e com um ângulo de câmera panorâmica vemos um parque público onde diversos grupos ali estão reunidos, negros e latinos. Um senhor com aparência de doente sentado no chão com uma placa que diz “Estamos morrendo de Aids, por favor ajude-nos!”, logo adiante um senhor negro, em uma cadeira de rodas adornado com a bandeira americana e também com um cartaz com os dizeres “Veteranos sem teto precisam de comida e dinheiro”. Enquanto observava tudo isso, Foster é surpreendido por um rapaz que lhe pede dinheiro. O que nos chama atenção neste plano são as referências a questões atreladas aos movimentos sociais que viveram uma prova de fogo nos anos 1980. É representado na cena uma alusão aos homossexuais e os veteranos do Vietnã. O homem de aparência doentia potencialmente representa os homossexuais pela trajetória deste grupo entre os anos 1970 e 80. No que diz respeito ao veterano que pede ajuda financeira e comida, ele faz jus a uma das memórias criadas sobre este cidadão, que se viu excluído perante a sociedade, devido ao saldo negativo da guerra perdida no Vietnã. Elemento que também deve ser observado

⁴²¹ WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. A onda punitiva*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 31.

na imagem é a representação do veterano como um cidadão negro, erigindo a história de segregação nos Estados Unidos, bem como a maior adesão desse grupo racial a esta guerra.

Figura 19: Um dia de fúria - Veterano de guerra



Após assassinar uma gangue de latinos a sangue frio, Foster não contém mais seu descontrole e desejo de fazer justiça com as próprias mãos. Isso é visto no curso da narrativa quando ao não se ver como semelhante ao dono da loja a qual entrou para comprar botas, que além de homofóbico é neonazista, ao discordar deste e defender seu direito de liberdade de expressão, ele chega ao fim último, tirando a vida do homem que para ele é radical. Em seguida Foster liga para sua ex-esposa e a ameaça, lhe alertando que está indo a seu encontro. O diretor enfatiza deste ponto em diante que a sede de justiça de Foster fará ele destruir uma cabine telefonica, bem como questionar seu direito como consumidor na lanchonete fast-food, pondo em cheque as falsas propagandas. No seu “caminho para casa”, ele vê a desigualdade por outro prisma, daqueles que vivem do frívolo, como os senhores no campo de golf, questionando como tamanho espaço poderia ser melhor aproveitado se fosse de usufruto público, ao invés de meia dúzia de ricos que privam todos. O diretor problematiza a divisão espacial pondo as atitudes de Foster como uma espécie de retaliação pela desigualdade que este grupo social provoca, porém, dando um caráter autêntico a suas atitudes, gerando empatia com seus atos violentos.

Seu percurso não é inteligível para boa parte dos policiais. Todos estranham o por que de um homem branco, de camisa e gravata, estar andando em espaços de minorias. O que o diretor problematiza é a crise do homem WASP que se vê em rota de

colisão em uma sociedade que não reconhece seus atributos ou sua contribuição. Essa visão de mundo que guia Foster em sua revolta é vista na sua empatia com um outro trabalhador desempregado que ao ter um pedido de empréstimo negado, protesta em frente ao banco, se auto declarando economicamente inviável, dando a entender que a realidade em que estão inseridos possui criterios inclusivos tão somente por viabilidade ou não dos sujeitos. Foster toma para si essa leitura, ao reproduzi-la quando invade a casa de um medico cirurgião e refletir que quem oferece este tipo de serviço é quem pode gozar de privilégios. Neste sentido, o diretor já encena a critica a um elemento que se fará presente em muitos filmes criticos a dinamica de vida americana nos anos 1990, como *Beleza americana* (1999), ou ainda *Clube da luta* do mesmo ano.

Figura 20: Um dia de fúria - Economicamente inviável



No caminho que segue Foster julga ainda a improbidade de uma obra pública. Para composição da cena Schumacher se utiliza de recursos comicos, como o não conhecimento do manuseio de uma bazuca por Foster, sendo instruido por uma criança que brincava. Pensava que ele estava filmando uma tomada de uma narrativa de ação, aqui o diretor lembra da grande quantidade de longas que à epoca autenticavam a perspectiva do presidente Reagan e da efetiva ação na politica externa com incentivo a um forte aparato belico.

Figura 21: Um dia de fúria - Belicismo reaganista



Por outro lado, a época era também recente aos Levantes de Los Angeles em 1992, motivado depois da absolvição em julgamento de três policiais brancos e um hispânico por terem espancado o motorista negro Rodney King. A ação foi filmada e utilizada como prova em julgamento, gerando a grande revolta que duraram seis dias e trouxe prejuízos catastróficos aos cofres públicos da cidade, perda de casas e estabelecimentos, além dos diversos feridos e mortos. O sociólogo Loïc Wacquant associa ao evento não somente uma revolta de negros por sua supressão de direitos, alegando que os saques cometidos também por pessoas latinas e brancas pobres notabiliza o evento como uma revolta da fome, devido à diminuição dos programas de *welfare* oferecidos no governo Reagan e Bush.⁴²²

Foster no desfecho de seu dia chega à conclusão de que estudou muito, se especializou, mas os novos tempos o tornaram obsoleto. Ele não aceita ser agora o vilão, diante de sua visão binária, uma vez que ele relegava esta condição a todos os párias que por ventura ele encontrou naquele dia, que deveriam ser limpos da cidade. A narrativa se mostra com conteúdo diegético, todavia peca “ao fazer o espectador se identificar com William Foster sem qualquer tipo de distanciamento crítico - que seria conseguido se houvesse a ruptura da coerência da visão de mundo do personagem”.⁴²³ Joel Schumacher se utiliza deliberadamente de um “roteiro que faz desaparecer qualquer sobra de problematização sobre a sua ação em si e o que resta, então, para o espectador (o público alvo é indubitavelmente norte-americano) é a contaminação

⁴²² WACQUANT, Loïc. *O retorno do recalcado: violência urbana, “raça” e dualização em três sociedades avançadas*. In: *Os condenados da cidade – estudos sobre marginalidade avançada*. Trad. João Roberto Martins Filho, Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.

⁴²³ VIANNA, Alexander Martins. *Neonazismo e Neoliberalismo – o enlace esquecido*. História & Ensino, Londrina, v. 8, p. 121-142, out. 2002.

afetiva direta com Foster e a sensação de que, se estivesse em seu lugar, faria o mesmo”.⁴²⁴

Sobre a pertinência do filme, o crítico de cinema Vincent Canby salienta que: *Falling Down* é um filme que não poderia ter sido feito em qualquer outro lugar no mundo de hoje. Ele exemplifica um tipo essencialmente americano de filme pop fazendo que, com habilidade e inteligência, se manda atitudes estereotipadas e ao mesmo tempo explora-se com efeito insidioso. *Falling Down* é chamativo, casualmente cruel, quadril e sombrio. Às vezes é muito engraçado, e muitas vezes desagradável na forma como ele manipula os sentimentos mais obscuros de cada um.⁴²⁵

Neste sentido, a narrativa de Schumacher representa uma série de problemáticas que o neoconservadorismo e o neoliberalismo trouxeram aos Estados Unidos dos anos 1980 e início de 1990, com uma política que polarizou a sociedade em níveis gritantes, invisibilizando grandes parcelas desta. Schumacher evoca a representação de grupos de interesse que se viram acuados com a dinâmica dos anos 1980, mas que não obstante resistiram em seu percurso. O cinema foi, e tem sido, uma forma de registro destas mobilizações por mais direitos sociais.

⁴²⁴ Idem.

⁴²⁵ "Falling Down" is a movie that couldn't possibly have been made anywhere else in the world today. It exemplifies a quintessentially American kind of pop movie making that, with skill and wit, sends up stereotypical attitudes while also exploiting them with insidious effect. "Falling Down" is glitzy, casually cruel, hip and grim. It's sometimes very funny, and often nasty in the way it manipulates one's darkest feelings. CANBY, Vincent. **Falling Down (1993)** Review/Film; Urban Horrors, All Too Familiar. Disponível em: www.nytimes.com/movie/review?res=9F0CE0DC113FF935A15751C0A965958260. Acesso: 23/10/13.

4. Capítulo - Cinema, Ideologia e Representação – Belicismo, política intervencionista e nacionalismo nos anos 1990

4.1 - Esperança de mudança; O Governo Bill Clinton e uma agenda popular

William Jefferson Clinton até o início dos anos 1990 era um político pouco conhecido e de projeção tímida. Sua ascensão aconteceu nas prévias do Partido Democrata para as eleições, com propostas que faziam nítidas referências a resolução da situação econômica do país naquele momento. Bill Clinton chamou atenção para a crise que se instalou no país com os gastos astronômicos relativos à política externa, notadamente com a área militar. Daí a necessidade de supressão do déficit, ampliação das exportações, bem como uma reforma do governo.⁴²⁶ A experiência política do advogado formado pela Universidade de Oxford e pela Yale Law School, junto a um programa voltado a ênfase na política interna, o levou às eleições de 1992 como candidato do então partido democrata que desde o governo Jimmy Carter não chegara ao posto mais importante do país. Clinton fora governador do Estado do Arkansas por dois mandatos, todavia este era seu Estado natal e de uma projeção menor no cenário político nacional. Seu vice-candidato foi o jornalista Albert Arnold Gore Jr., mais conhecido como Al Gore, notadamente popular pelo seu engajamento em causas pró-meio ambiente e de democratização da internet.

Os custos oriundos da guerra fria pautados no aumento de zonas de influência foram bastante onerosos para os Estados Unidos, certamente inferiores à crise econômica da União Soviética.⁴²⁷ Assim, ainda que o presidente na época, George Bush, reunisse os sucessos de ter liderado o país “rumo à vitória” na Guerra Fria e na primeira guerra do Iraque (1991), a situação econômica nos primeiros anos da década de noventa era preocupante.⁴²⁸ Clinton por outro lado na corrida eleitoral apresentou uma plataforma que atendia às principais reivindicações do povo. Sua falta de experiência e interesse em política externa ficava desimportante diante de promessas de diminuição dos gastos com defesa,⁴²⁹ redução da carga tributária, geração de empregos e, dentre

⁴²⁶ TOTMAN, Sally Ann. *How Hollywood projects Foreign Policy*. New York: Palgrave Macmillian St. Martin's Press. 2009. p. 27.

⁴²⁷ HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de civilizações*.

⁴²⁸ VISENTINI, José William. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2001.

⁴²⁹ NYE, Joseph. *O paradoxo do poder americano. Por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 34-35.

outros pontos, uma reforma no sistema de saúde.⁴³⁰

Na prática, a grandiosidade bélica internacional estadunidense fora mantida ao redor do mundo, sustentando bases militares e satélites com a finalidade de enfrentar as novas ameaças e mostrar-se comprometido com a agenda ética.⁴³¹ Sem prejuízo de ação, parte do Produto Interno Bruto, PIB, destinada à Defesa, após oito anos de governo, chegou à metade, numa média de 3% ou US\$ 280 bilhões.⁴³²

Com habilidade para gestão pública e firme no cumprimento das propostas de campanha, comprometido com os problemas domésticos concomitantemente ao aumento de interesse em política externa, Clinton e Gore concluíram um bom primeiro mandato não se afastando dos compromissos domésticos firmados durante as duas campanhas e os resultados foram aparecendo.⁴³³ Como colocou o presidente: “Quando assumi a função, o déficit para 1998 foi projetado em US\$357 bilhões e crescente. Este ano nosso déficit está projetado em US\$10 bilhões e decrescente. Durante três décadas, seis presidentes vieram diante de vocês avisar dos danos representados pelos déficits para a nossa nação. Esta noite, venho diante de vocês anunciar que o déficit federal — tão incompreensivelmente grande que tinha 11 zeros - será, simplesmente, zero. Apresentarei ao Congresso para 1999 o primeiro orçamento equilibrado em 30 anos”.

⁴³⁴ Ao fim de seus dois mandatos, os Estados Unidos tiveram transformados seus índices socioeconômicos. Assim, os gastos com o sistema de saúde, em 1999, chegaram à casa de US\$ 1,3 trilhão, assistindo um numero significativo de cidadãos.⁴³⁵

De acordo com René Garcia Jr., o governo Clinton, em oito anos, conseguiu aumentar as receitas do governo em 15%, reduziu as despesas públicas em aproximadamente 24%, dos quais 52% só com os cortes nos gastos com o orçamento militar, tendo expandido as despesas com programas sociais (principalmente saúde) em 32%; as despesas com o encargo da dívida pública diminuíram 16% no total, e o

⁴³⁰ KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. p. 311.

⁴³¹ VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A vida após a morte: breve história mundial do presente pós- “fim da história”*. Tempo. N. 16, Jan./Jun. 2004. p. 35-57.

⁴³² OITO anos: A gloriosa e conturbada Era Clinton (1992-2000). Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Internacional, p. 7.

⁴³³ Idem. p. 08.

⁴³⁴ LIMA, Barbara. *Entre Ruanda e Kosovo: A Política Externa dos Estados Unidos e a Questão do Direito de Ingerência durante a gestão Bill Clinton (1994 e 1999)*. Dissertação de mestrado em História. Rio de Janeiro UFRJ, 2008. p. 45. Para os discursos presidenciais de Bill Clinton podem ser consultados no domínio: www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=46366. Acesso em 26/02/15.

⁴³⁵ Idem, ibidem.

comércio internacional dos Estados Unidos cresceu em média 7% ao ano no período.⁴³⁶ Dito isso, é natural acreditar que Bill Clinton tivesse governado sob grande aprovação, tanto que sua popularidade chegava aos 72% em janeiro de 1999. Porém o presidente sofreu duas crises que prejudicaram enormemente sua popularidade: os escândalos *Whitewater* e *Lewinsky*. No primeiro, o casal Hillary e Bill Clinton foi acusado de operações imobiliárias ilegais, entre 1970 e 1980, enquanto o presidente ainda governava o Estado de Arkansas, junto a já falida *Whitewater Development Corporation*. Já no escândalo Lewinsky, mais famoso, o presidente foi acusado de perjúrio por omitir uma relação extraconjugal com a estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky.⁴³⁷

Ambos enfraqueceram a imagem do presidente e renderam processos no Congresso, mobilização contrária da opinião pública e ameaça de *impeachment*. De acordo com Francisco Teixeira da Silva, o caso Lewinsky “transformou-se rapidamente num teste de força para a direita e da direita fundamentalista contra a política do Partido Democrata no poder”.⁴³⁸

O governo atuou diretamente no controle da inflação, na aplicação de fundos na educação, geração de empregos e na área da saúde, sendo essa historicamente carente de investimentos. Nesse sentido, a amplitude dos investimentos na área de saúde, que ao fim do mandato equivaleu 14,3% do PIB estadunidense, gerou um superávit nesse setor cuja previsão, naquele momento, era de que manteria equilibrado o orçamento pelos 15 anos seguintes.⁴³⁹ A inflação, um dos índices mais explosivos à época da campanha eleitoral, foi reduzida sensivelmente, conforme 5,4% para 2,2%.⁴⁴⁰ Todavia, o índice apresentou expressivo aumento no ano de 1999. Isso se deveu, segundo especialistas, aos gastos com armamentos decorrentes da intervenção em Kosovo.⁴⁴¹

Os programas sociais e de combate ao desemprego foram outra prioridade dessa gestão, especialmente com investimentos na qualificação de mão-de-obra. Em 1999,

⁴³⁶ GARCIA Jr., René. *Uma economia passada a limpo. Internacional*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Internacional.

⁴³⁷ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *Monica Lewinsky, O caso*. In: _____. et alli (org). *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita. Ideias, Instituições e Personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2000, p. 311-312.

⁴³⁸ Idem, ibidem.

⁴³⁹ OITO anos: A gloriosa e conturbada Era Clinton (1992-2000). Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Internacional, p. 09.

⁴⁴⁰ Idem. p. 10.

⁴⁴¹ LIMA, Barbara. *Entre Ruanda e Kosovo: A Política Externa dos Estados Unidos e a Questão do Direito de Ingerência durante a gestão Bill Clinton (1994 e 1999)*. p. 45.

portanto, o presidente pode ressaltar: “Hoje venho diante de vocês declarar que a América criou a mais longa expansão econômica em paz na nossa história — com quase 18 milhões de novos postos de trabalho, salários aumentando a mais que o dobro da taxa de inflação, e o mais baixo índice de desemprego em tempos de paz desde 1957”.⁴⁴² O desemprego decresceu consideravelmente em relação aos índices apresentados no início da década, foi de 5,6 em 1990 para 3,9 no ano de 2000. Tanto que em 2000, despedindo-se do poder, Clinton afirmou: “Começamos o novo século com mais de 20 milhões de novos empregos; o mais rápido crescimento econômico em mais de 30 anos; as mais baixas taxas de desemprego em 30 anos; as mais baixas taxas de pobreza em 20 anos”.⁴⁴³

Verifica-se uma recuperação e um crescimento econômico consistente dos Estados Unidos ao logo dos oito anos de gestão Clinton – Gore, o qual parecia o passaporte ideal para que o Partido Democrata se mantivesse no poder. Todavia, as eleições seguintes deu luz a uma grande questão no sistema eleitoral americano, que é o sistema de contagem de votos, que deu a George W. Bush a presidência do país e o retorno dos republicanos.

Os primeiros anos do governo Clinton foram destinados à solução das questões domésticas mais urgentes que afligiam os Estados Unidos e à adaptação a uma conjuntura internacional de retração da União Soviética.⁴⁴⁴ Sob o impacto da “vitória”, fazia-se necessário optar pelo isolacionismo, tal qual no pós-1ª Guerra Mundial (1914-1918), ou pelo Internacionalismo, e liderar as relações internacionais de acordo com seus interesses e valores.⁴⁴⁵ Contudo, para Clinton não havia como optar pelo isolacionismo, pois não era possível recuar. A opção pelo Internacionalismo deu aos Estados Unidos o status de líder do sistema internacional. O que acarreta, segundo o Secretário Warren Christopher, “alvos e desafios a longo prazo, como a não-proliferação de armamentos nucleares, a prevenção de crises, o meio ambiente, a demografia, a preservação e a expansão da democracia; a manutenção de alianças políticas e econômica produtivas com os outros Estados poderosos, como Japão, China,

⁴⁴² Para os discursos presidenciais de Bill Clinton podem ser consultados no domínio: www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=46366. Acesso em 26/02/15.

⁴⁴³ Idem, *ibidem*. Ver também: KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*.

⁴⁴⁴ LAFEBER, Walter. *The American Age: United States foreign policy at home and abroad*. New York: W.W. Norton & Company, 1994.

⁴⁴⁵ AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: UNESP, 2002.

Rússia, União Europeia e o Leste Europeu; a adaptação e a construção de instituições duradouras favorecendo o respeito às leis internacionais e a cooperação regional e global.⁴⁴⁶

Para Cristina Pecequilo, entre 1993-1997 os Estados Unidos encontrava-se em fase de renovação. Nos primeiros momentos, incapaz de reverter rapidamente às crises domésticas e patinando em termos de política externa, com posturas oscilantes e falta de clareza nos objetivos, os Estados Unidos contribuíram com as turbulências internacionais. Devido a isso, buscou-se consolidar uma nova percepção do cenário internacional e da atuação do país no Pós-Guerra Fria através da concepção de *Engagement and Enlargement*.⁴⁴⁷

O governo Clinton sofre sim um salto entre os dois mandatos, mas essa “virada” e renovação de agenda que se aprofundou no primeiro ano do segundo mandato de Clinton foi percebida pela maioria dos autores como uma mera correção de rumos e administração dos fracassos acumulados anteriormente. Ela não era vista como uma prova do sucesso do engajamento e da expansão, mas sim como uma superação de suas premissas idealistas e pouco seletivas. Nesse sentido, os Estados Unidos aparecem atuando de forma consistente. Com base na negociação em fóruns multilaterais, na Organização das Nações Unidas ou na Organização do Tratado do Atlântico Norte, os Estados Unidos atuaram na Somália, Bósnia, Oriente Médio, Irlanda, Haiti, Guatemala, dentre outros exemplos, ainda no primeiro mandato de Clinton e Gore, invalidando a noção de um comprometimento com política externa apenas no segundo mandato.⁴⁴⁸

Para Henry Kissinger, a gestão Clinton representa uma tentativa de modelar a ordem internacional através da ampliação dos valores domésticos americanos para todo o mundo.⁴⁴⁹ Por conta disso, a defesa de princípios democráticos, dos direitos humanos, e das liberdades individuais, bem como, a expansão da liberdade econômica capitalista ampliou significativamente o caráter intervencionista da política externa estadunidense.⁴⁵⁰

⁴⁴⁶ LIMA, Barbara. *Entre Ruanda e Kosovo: A Política Externa dos Estados Unidos e a Questão do Direito de Ingerência durante a gestão Bill Clinton (1994 e 1999)*.

⁴⁴⁷ PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: UFRGS, 2003.

⁴⁴⁸ LIMA, Barbara. *Entre Ruanda e Kosovo: A Política Externa dos Estados Unidos e a Questão do Direito de Ingerência durante a gestão Bill Clinton (1994 e 1999)*. p. 43.

⁴⁴⁹ KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

⁴⁵⁰ ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. *Bill Clinton: um presidente para que século?* Política Externa. Vol.1, n.4, Março de 1993.

Desmistificando porcentagens quanto ao potencial que o governo Clinton obteve, o economista Robert Brenner⁴⁵¹ assevera que o período de seu governo de fato assistiu a uma série de progressos, todavia simultâneo a bolhas econômicas que fez com que o país se amparasse em empréstimos realizados com órgãos supranacionais, e dividindo os custos com grandes potências do globo, bem como uma forte crise imobiliária oriunda da venda de títulos feitos no fim dos anos 1990. O autor alerta que mesmo tendo acenado para políticas de bem estar, o governo Clinton continuou a política neoliberal estabelecida nos governos republicanos anteriores.

4.2 - Na sombra do Vietnã; o cinema e os episódios de glória da nação

É sabido que no imaginário político norte-americano, guerra relaciona-se à regeneração e redenção. E enfim, ao célebre sentido de missão, que acompanha a ideia dos Estados Unidos serem portadores de um destino especial no mundo. Tal visão remonta aos primórdios da colonização pelos peregrinos religiosos, mas o uso abundante da metáfora da guerra no discurso político em tempos recentes, aludindo a crises internas, tem reiterado a mitologia da guerra, ao mesmo tempo em que, em alguns casos, provocou o efeito, talvez imprevisto, de ampliar o repúdio à guerra em termos efetivos.⁴⁵² A experiência do Vietnã remodela o olhar para com o veterano de guerra, bem como do papel da guerra na vida da comunidade imaginada, se antes a guerra, unia o povo e nutria o ímpeto por liberdade, constituía-se também de oportunidade para os imigrantes se verem no “nós”, após o conflito do Vietnã a guerra toma além do papel de ode a liberdade, o papel de lição.⁴⁵³

Como acrescenta Gary Gerstle, as guerras do século XX viraram ocasiões para se celebrar a grandeza da América, intensificando a devoção popular aos seus ideais democráticos, e abrindo a nação para grupos que tinham sido marginalizados. As guerras legitimaram a ideia de um Estado liberal, que estava autorizado a remediar as desigualdades econômicas e sociais em nome da justiça e da segurança. As mobilizações, em tempos de guerra, também liberaram instintos repressivos, na medida

⁴⁵¹ BRENNER, Robert. *Novo Boom ou Nova Bolha? A trajetória da economia norte-americana*. In: Contragolpes; seleção de artigos da New Left Review. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006.

⁴⁵² AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. p. 307; Ver também: AZEVEDO, Cecília. “O sentido de missão no imaginário político norte-americano”. In: Revista de História Regional. Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, vol. 3, n.2, 1998, p. 77-90.

⁴⁵³ SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana*. Tese de Doutorado, UFF, Niterói, 2005.

em que os liberais procuravam conter ou eliminar aqueles que rotulavam como ameaças internas. A repressão e a democratização, juntas, uniram o nacionalismo liberal ainda mais à dinâmica política da guerra.⁴⁵⁴

Mas a maioria dos liberais cortou sua ligação histórica com a guerra, nas décadas de 1960 e 1970, quando eles se opuseram ao envolvimento americano no Vietnã. Ao mesmo tempo, muitos deles também repudiaram o nacionalismo, vendo nele agora, principalmente, um avanço na direção do domínio sobre países mais fracos no exterior e a subjugação de grupos “desfavorecidos” – minorias e mulheres – em casa.⁴⁵⁵ Ao invés disso, estes liberais direcionaram suas energias políticas para a promoção do “multiculturalismo”.⁴⁵⁶

O distanciamento dos liberais da guerra e do sonho americano afastou-os do controle do poder político nacional. Muitos americanos de fora do meio liberal associaram este afastamento do nacionalismo ao declínio da nação. O sucesso de Reagan em ganhar duas eleições e em assegurar a eleição de seu sucessor, George H. W. Bush, em 1988, convenceu grupos de liberais influentes que a volta do Partido Democrata ao poder dependia de reabraçar o nacionalismo, retirando seu controle da direita. Segundo Gerstle, esforços liberais para reapropriar o nacionalismo implicavam numa gama de iniciativas: falar a respeito dos americanos de uma forma que demonstrasse orgulho; reconceptualizar o multiculturalismo como uma história de diversidade dentro da unidade americana; repensar, afinal, posicionamentos liberais até então intransigentes – o compromisso com o *welfare state* (estado do bem-estar social), ação afirmativa e investimento a custo de déficit público –, objetivando obter apoio de um país americano imaginado “de grande potencial econômico e estratégico”, e moldar um nacionalismo que fosse inclusivo e tolerante e que não dependesse, para ser atraente, como acontecia com versões anteriores.⁴⁵⁷

Na década de 1990 um pequeno grupo de celebrados nacionalistas, entre eles cineastas, historiadores e jornalistas, viram a possibilidade de através de representações da história, abraçarem uma visão liberal da guerra. As figuras principais – James McPherson, Stephen Ambrose, Ken Burns, Stephen Spielberg, Ted Turner e Tom

⁴⁵⁴ GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. In: Tempo – Revista da UFF, Departamento de História, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008, Rio de Janeiro. p. 48.

⁴⁵⁵ Idem, *ibidem*.

⁴⁵⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

⁴⁵⁷ GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. p. 50.

Brokaw – resolveram, no final dos anos 1980 e nos anos 1990, mergulhar os americanos na história do que foram as duas maiores e mais decisivas guerras na história dos Estados Unidos: a Guerra Civil e a Segunda Guerra mundial. A seus olhos, os liberais poderiam reivindicar outra vez o nacionalismo, pela recuperação do fascínio com as guerras liberais, e para tanto, os episódios de glória seriam a matéria prima para este projeto.⁴⁵⁸

Esses liberais da “guerra e nacionalismo” merecem mais atenção por seu papel em revigorar o nacionalismo liberal do que receberam. Eles dedicaram esforços e se valeram de recursos sofisticados para conceder a suas histórias de guerra um conteúdo liberal. Eles julgaram melhor o valor da guerra para a construção da nação americana do que os liberais que ignoraram a questão. Mais importante, no caráter do soldado cidadão, esses liberais centraram a construção de um americano emblemático que lutava movido não pelo ódio ou por um ímpeto de dominar, mas por um dever patriótico e um compromisso com os valores republicanos. Um nacionalismo tolerante e decente, eles pareciam argumentar, podia ser alcançado por guerras feitas em nome de objetivos justos e por guerreiros altruístas.

Resgatando a figura do soldado cidadão e celebrando suas conquistas, esses liberais chamaram a atenção para um acontecimento crítico embora amplamente ignorado na modalidade de guerra americana que se desenvolveu no pós-Vietnã: o afastamento do soldado cidadão e a adoção, no seu lugar, do guerreiro profissional. Quando a administração Nixon eliminou o alistamento militar obrigatório e criou, como alternativa, uma força inteiramente composta de voluntários, ela pôs fim a uma tradição de serviço militar do cidadão, que tinha começado duzentos anos antes para evitar o estabelecimento do tipo de exército profissional que se tem hoje nos Estados Unidos.⁴⁵⁹

Mas, tal crítica, na verdade, não se efetivou. Os liberais da “guerra e nacionalismo” se mostraram relutantes ou incapazes de lidar com as consequências da Guerra do Vietnã para a sociedade americana.⁴⁶⁰ Aquela guerra levantara questões complicadas e dolorosas sobre o que constitui a obrigação cívica em uma República em tempos de guerra e como os soldados cidadãos deveriam se comportar em uma guerra

⁴⁵⁸ Idem. p. 51.

⁴⁵⁹ GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. p. 51.

⁴⁶⁰ ROLLINS, Peter C. *The Vietnam War: Perceptions Through Literature, Film, and Television*.

que eles julgassem perigosa para o futuro de sua nação.⁴⁶¹ Nenhum tipo de nacionalismo liberal pode ser bem sucedido na América do século XXI sem confrontar as questões cívicas e militares que o Vietnã suscitou. Evitar o tópico do Vietnã não tornou inútil o tipo de nacionalismo que estes liberais estavam tentando criar, mas fez com que suas narrativas nacionalistas ficassem disponíveis para outros grupos no espectro político, particularmente aqueles dispostos a se apropriarem das narrativas para fins conservadores.⁴⁶²

Gerstle defende a ideia de que as representações da guerra no trabalho desses autores, jornalistas e produtores de cinema tinham vários princípios em comum: em primeiro lugar, a guerra é um inferno, e seus horrores físicos e psicológicos têm de ser mostrados vividamente; em segundo lugar, mesmo assim, grandes guerras foram redimidas pelos ideais nobres que as guiaram – a eliminação da escravidão na Guerra Civil e a derrota de Hitler na Segunda Guerra mundial – e pelos grandes líderes, como Abraham Lincoln e Franklin D. Roosevelt, que foram capazes de transmitir aos americanos o que estava em jogo; em terceiro lugar, até mesmo aqueles americanos que estavam do lado errado da Guerra Civil – Generais Robert E. Lee e James Longstreet, em *Gettysburg*, por exemplo – lutaram com virtude e consciência; e, finalmente, e mais importante de tudo, as grandes guerras foram vencidas por soldados cidadãos.⁴⁶³

A figura do soldado cidadão é crucial para o entendimento do liberalismo desse nacionalismo centrado na guerra. Ele não é um guerreiro profissional e não tem o desejo de vir a se tornar um. Esse tipo de figura exemplar pode ser um educador gentil e entregue a seus pensamentos na vida civil: o Capitão James Miller, em *Saving Private Ryan* (*O Resgate do Soldado Ryan*), é um professor de uma escola da Pennsylvania, e o Coronel Joshua Lawrence Chamberlain, em *Gettysburg*, é um professor de uma faculdade no Maine. Nenhum deles é um aventureiro militar. Eles lutam porque sua nação os convocou para o serviço militar e seu dever tem de ser cumprido. Tom Hanks representa Miller na narrativa de Spielberg, bem como desdobra este tipo de representação com outro personagem que se consagrou nos anos 1990 como um soldado cidadão. *Forrest Gump* é um ser humano distinto que viveu a experiência da guerra, com contornos um tanto diferente da proposta destes diretores, mas com uma mesma

⁴⁶¹ SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana*. p. 247.

⁴⁶² GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. p. 52.

⁴⁶³ Idem. p. 54.

finalidade, reconceptualizar a guerra. *Forrest Gump* ao narrar suas histórias traz sua experiência como um soldado cidadão e como poucos, não viu o horror na guerra do Vietnã como a filmografia anterior representava. Seus compatriotas possuem compaixão e coragem, (lembrado em cena emblemática onde ele assim os chama). Forrest possui déficit de inteligência, e isso lhe dá acesso a grandes personagens e acontecimentos históricos.⁴⁶⁴

Se a figura do soldado cidadão servir apenas como uma desculpa para glorificar o espírito belicoso, ela será de pouca valia para os nacionalistas liberais. Ela servirá tão somente àqueles que consideram a guerra como a essência tanto da masculinidade quanto da nacionalidade. Mas, se essa celebração ajuda a iniciar uma discussão sobre a relação adequada entre o serviço militar e o dever cívico, esse pode ser um meio de os liberais recuperarem sua voz nacionalista.⁴⁶⁵

Seria plausível pensar que uma versão mais suave e mais branda de americanismo pudesse florescer. Mas esta tese sofreu um grande baque com os eventos do dia 11 de setembro de 2001. Como consequência daquele dia de terror, o sentimento militante nacionalista nos Estados Unidos emergiu incitado pelas guerras lideradas pelos americanos no Afeganistão e no Iraque. À luz destes novos acontecimentos, a relação do nacionalismo americano com a guerra merece um novo olhar. Acreditamos que o 11 de setembro traz um novo fôlego a narrativa da nação onde projetos como o dos liberais da “guerra e nacionalismo” falharam, e esse novo nacionalismo teve sucesso motivado pela consternação do ataque em casa. A vitimização justificou uma guerra por justiça no Oriente.

A narrativa de *Forrest Gump* (1996) merece ainda atenção por ser simultânea a estes filmes e atender a uma série de prerrogativas que os liberais defendiam neste momento. Se muitos destes intelectuais carregam a memória de na juventude terem acompanhado os crimes de guerra pelas transmissões diárias, eles possuem uma percepção diferenciada da guerra de uma geração que a viveu, como Oliver Stone, David Rabe e Robert Altman, por exemplo, que também a encenaram nos anos 1980. E neste sentido, Forrest ao ir ao Vietnã o vê com uma textura bem diferente. Ele sofre um ataque no qual corajosamente salva um compatriota e descreve em uma missão de rotina que “aqueles homens são a geração mais forte que aquele país já teve”, citando o nome

⁴⁶⁴ HOLMLUND, Chris. *American cinema of the 1990s: themes and variations*. The State University, 2008. p. 120.

⁴⁶⁵ GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. p. 73.

dos compatriotas como nomes de cidades e fazendo alusão que eles nasceram em outros Estados, unificando o cidadão americano no ato heroico, criando assim um discurso inversamente proporcional a crítica que se fez a geração que viveu a guerra nos anos 1980. Se nos anos 1980 a narrativa de Rambo galgou algum sucesso em trabalhar com memórias protéticas da guerra, nos anos 1990 esse papel foi dado a *Forrest Gump*.

Robert Zemeckis compõe Forrest com a tópica de ser o porto seguro de Jeny⁴⁶⁶, de trazer perspectivas ao melancólico tenente Dan, que ficou paraplégico na guerra. A redenção de Dan é composta em dois planos, ele se recompõe utilizando pernas mecânicas e se casa com uma oriental selando a paz consigo mesmo. Mas Forrest, além dos valores de um soldado cidadão é também excepcional. Ele se supera a cada desafio que a vida lhe traz, tem problemas locomotivos na infância e se torna um corredor, motivando milhares de pessoas. Ele possui déficit de inteligência, mas se torna um grande empresário do Alabama e se forma na Universidade. Zemeckis faz com que ele conviva com negros, sem ao menos ter nenhum rastro de racismo. E sua mãe é representada com o tom de um ser angelical, tendo uma carga afetiva que o faz reproduzir suas filosofias.

Como um melodrama muito bem articulado, os momentos fulgurantes de Forrest são embalados por uma canção que tem um viés político *Sweet Home Alabama* da banda de rock, Lynyrd Skynyrd. Esta foi gravada em resposta as canções *Southern Man* e *Alabama* de Neil Young, que pareciam culpar o sul inteiro pelos atos de uma minoria racista. Na canção, os membros do Skynyrd, contrários a segregação e grandes fãs de Neil Young, mas orgulhosos das origens sulistas, chamam a atenção de Young e elogiam o Estado do Alabama.

O fracasso do projeto dos liberais em reconceptualizar a guerra uma vez que seu discurso pôde ser apropriado também por vertentes conservadoras e aventureiras foi simultâneo a produção de narrativas que tinham uma simetria bem distinta. O fim dos anos 1990 trouxe espaço para narrativas de diretores que promoveram acidas críticas a sociedade americana. *Beleza Americana* (American Beauty) do diretor San Mendes é um significativo itinerário. O filme se intitula de uma metáfora: American Beauty é uma rosa que não exala cheiro, levando a crer que o diretor vê a sociedade americana como vazia de sentidos, construindo uma narrativa que representa a família em um contexto

⁴⁶⁶ XAVIER, Ismail N. *O Olhar e a Cena: Hollywood, Melodrama, Cinema Novo*, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 121-124.

de cinismo. *Clube da luta* ao nosso ver possui trilha similar ao erigir uma serie de discussões em torno da crítica contundente ao consumo desenfreado, bem como da ideia de excepcionalismo que esta sociedade defende. Ambos os filmes de 1999 tematizaram elementos que veem a sociedade americana como um engodo no que diz respeito ao tão aclamado *American way of life*. *O Show de Truman* de 1998 já representava os problemas da espetacularização da vida, ao narrar à história de Truman Burbank, um homem que tem sua vida filmada em um *Reality Show* interagindo com atores que simulam ser seu núcleo familiar, bem como sendo condicionado a viver sua vida pacata na cidade em que nasceu e cresceu (um mega estúdio) para gerar lucros contínuos a corporação que o adotou para fazer o show. Neste sentido, o percurso de análise em *Clube da luta* pode nos trazer os elementos constitutivos da agenda de alguns diretores e que percebemos como a crítica de seu tempo em relação à sociedade americana.

4.3 - Percurso fílmico: Clube da luta

*Clube da Luta*⁴⁶⁷ é uma narrativa fílmica de 1999 que possui roteiro inspirado em obra homônima do escritor Chuck Palahniuk publicado em 1996. Palahniuk possui uma escrita minimalista e tem em suas obras traços similares aos de *Clube da luta*, desde as frases curtas e de efeito, bem como uma narrativa não linear, com momentos de revelação e virada na história. David Fincher encampou o projeto de adaptar o livro para o cinema em formato de *Graphic novel*. O diretor que nasceu em Denver, Colorado, nos Estados Unidos, em 1962, teve em 1980 contato com o filme *O Império Contra Ataca* de George Lucas, e foi esta experiência que o fez olhar de outra maneira para o cinema e o ajudou a encontrar o seu próprio estilo. Começando a trabalhar numa empresa de animação, aos 18 anos foi trabalhar para a *Industrial Light and Magic* - ILM de George Lucas, onde permaneceu por vários anos. Como realizador de longas-metragens estreou com *Alien 3* em 1992. Passados três anos e a oportunidade de filmar o argumento de Andrew Kevin Walker para *Seven*, Fincher obteve a aclamação da crítica para se afirmar como diretor de cinema. No ano de 1997, Fincher fez o seu terceiro filme, *Vidas em Jogo*. Em 1999 com *Clube da Luta*, além de amadurecer o seu estilo e suas propostas, o longa-metragem provocou grande polêmica em diversos

⁴⁶⁷ PALAHNIUK, Chuck. *Clube da Luta*. Trad. Vera Caputo. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

países, inclusive no Brasil devido ao seu conteúdo violento⁴⁶⁸, com abordagens a práticas terroristas⁴⁶⁹ e anárquicas, fato que determinou a censura do filme para uma faixa etária maior, restringindo um grande público de ver o filme nos cinemas, afetando o seu resultado de bilheterias,⁴⁷⁰ além de cenas proibidas em alguns países.⁴⁷¹

Fincher vem dirigindo filmes em Hollywood e marcando um estilo próprio, obras que adaptam livros da literatura estadunidense, e com uma forte influência *Noir*⁴⁷², no que diz respeito a cenários obscuros e noturnos, não obstante, elementos vistos também em seus personagens. Diferentemente das narrativas trabalhadas até então, *Clube da luta* teve uma crítica de recepção difusa. Alguns críticos reconheceram o filme como uma grande obra⁴⁷³, salientando em suas análises traços marcantes do

⁴⁶⁸ “A temática de “Clube da Luta” levantou a velha inquietação: filmes muito violentos não incitariam a violência fora das telas? Indagado sobre a questão, antes da estreia do filme nos EUA (15 de outubro de 99), o diretor, David Fincher, declarou: “Violência sempre é colocada da seguinte forma: ‘Isso é moral? Está colocado de uma maneira moral?’”. “Conceitualmente, não acho que a ideia seja ruim. Acho que o filme é satírico o suficiente para dar a entender que não está propondo essa questão. Seria bom esperar pelas repercussões.” *Folha de São Paulo*. Diretor não pretendia discutir moral. Sexta-feira, 05/11/1999. Editoria: COTIDIANO. Página: 3-9. da Redação.

⁴⁶⁹ MENEZES, Thales. “Enquanto “Laranja Mecânica” mostrava a violência física como um estado que a juventude inglesa teria alcançado num futuro não muito distante, “Clube da Luta” é, em essência, mais subversivo. Agora, a confrontação física e o terrorismo são objetivos traçados pelos personagens. O único “fator externo” que leva a moçada a uma espiral de violência é a falta de perspectivas. Todo o trabalho de Palahniuk e Fincher é mostrar que isso é o bastante para a barbárie zen que é estabelecida. ‘Clube da Luta’ bate forte e acerta na alma”. *Folha de São Paulo*. Sexta-feira, 29/10/1999. Editoria: ILUSTRADA. Página: 4-12. da Reportagem Local.

⁴⁷⁰ Segundo o site The Numbers and Movies que difunde resultado dos filmes *Clube da luta* obteve U\$37,030,102 de venda doméstica de cópias do filme. U\$63,823,651 de vendas de cópias no exterior, bem como U\$100,853,753 de vendas pela Internet. Dados disponíveis em: <http://www.the-numbers.com/movies/1999/FIGHT.php>. Acesso: 12/07/15.

⁴⁷¹ “O filme “Clube da Luta”, de David Fincher, estreia amanhã no Reino Unido com 40 segundos a menos de duração do que sua versão original, a mesma que está sendo exibida no Brasil. É o resultado de cortes em duas cenas de violência determinados nesta semana pelo British Board of Film Classification (BBFC), órgão independente que estabelece as faixas etárias autorizadas a assistir a cada filme exibido no país e censura as cenas consideradas inapropriadas. (...) “As cenas que sofreram corte mostram homens que sentem prazer e satisfação em praticar atos de extrema violência contra outras pessoas indefesas”, disse à Folha Sue Clark, representante do BBFC. O filme, que já estreou nos EUA, tem causado protestos porque estaria promovendo um culto à violência”. Ver: ZANINI, Fábio. ‘Clube da Luta’ chega ao Reino Unido em versão com cortes. Quinta-feira, 11/11/1999. *Folha de São Paulo*. Editoria: ILUSTRADA. Página: 5-6. Documento. Filme estreia amanhã com 40 segundos a menos de duração. Ver também: “Clube da Luta” foi classificado no Brasil como impróprio para menores de 18 anos por conter cenas de violência. Nos EUA, o filme foi classificado como R (Restricted), ou seja, menores de 18 anos podem vê-lo, desde que acompanhados dos responsáveis. Fita tem pancadaria, não tiroteio”. Da redação da Folha de São Paulo. Sexta-feira, 05/11/1999. Editoria: COTIDIANO. Documento. Página: 3-9.

⁴⁷² VALIM, Alexandre Busko. *Cinema e Guerra fria: film Noir, Representações da Sociedade Norte-Americana*. As Dimensões da Imagem. Londrina: Ed. UEM, 2002.

⁴⁷³ “Descrito como o “Laranja Mecânica” da década de 90, o filme de David Fincher é, realmente, genial. Assim como na obra-prima de Anthony Burgess e Stanley Kubrick, os personagens manipulam e invertem o sentido das coisas. Se, na obra clássica, o personagem principal se inspira numa obra pacifista (a “Nona Sinfonia”, de Beethoven, conhecida como a sinfonia da “paz e da união entre os homens”) para criar o caos e provocar a violência, em “Clube da Luta” os personagens usam a violência como uma base na busca da coerência e da paz. Pode-se dizer que ambos são filmes de “resistência”, na luta pela

filme para a crítica a qual ele se propõe fazer. Outros críticos conotaram uma série de problemas a narrativa⁴⁷⁴, desde a perspectiva apelativa de suas imagens⁴⁷⁵, com violência gratuita e a incitação à violência e associação de atos terroristas ao filme. No Brasil, especificamente a chacina ocorrida no Morumbi Shopping⁴⁷⁶ em 1999 fez com que o filme tivesse uma recepção limitada em relação às expectativas.

Associado a atos de vandalismo o filme teve nos Estados Unidos um verniz negativo⁴⁷⁷. É importante salientar que muitas das reportagens que mencionam o filme em um contexto pós 11 de setembro de 2001, estão imbuídas pelo recrudescimento em relação à segurança pública nacional. De fato, a experiência do 11 de setembro permitiu que a Doutrina Bush se assentasse em um Estado de exceção.⁴⁷⁸

A narrativa de *Clube da luta* se inicia em um ritmo frenético, em um movimento onde a câmera parece percorrer um cérebro, visualizando sua estrutura. Em um enquadramento de câmera em *close up*, a câmera sai da boca do narrador e percorre o cano de uma arma que nela estava sendo introjetada. Com narrador em *On* ele diz: “As pessoas me perguntam se conheço Tyler Durden.” (interlocutor) “Três minutos. É isso aí. Chegou a hora. Quer dizer alguma coisa para celebrar a ocasião?” (...) (Narrador)

demolição dos valores hipócritas e medíocres, estereotipáveis e desprovidos de memória impostos pelos tempos modernos. “Clube da Luta” é aglomerado de citações e homenagens a uma verdadeira tradição de filmes “rebeldes”. Profético, divertido e engajado, ele dividiu a crítica radicalmente, e sua publicidade não deixou escapar nem algumas das (poucas) opiniões negativas a seu respeito”. THOMAS, Gerald. Filme usa banha humana para descobrir quem somos. *Folha de São Paulo*. Segunda-feira, 25/10/1999. Editoria: ILUSTRADA. Página: 6-1. Este editorial foi inicialmente publicado no The New York Times em 07 de novembro de 1999.

⁴⁷⁴ “Em uma das batidas mais apoplética, Rex Reed, escrevendo no The New York Observer, diz que “é um filme sem uma única qualidade redentora, que pode ter para encontrar a sua audiência no inferno.” Mais de um crítico condenava o filme como um incitamento à violência; vários compararam à propaganda fascista. (“Ele ressuscita o princípio do Führer”, um crítico britânico declarou.)” *The New York Times*. Editorial. Publicado em: 06 de novembro de 1999.

⁴⁷⁵ “A temática de “Clube da Luta” levantou a velha inquietação: filmes muito violentos não incitariam a violência fora das telas? Indagado sobre a questão, antes da estréia do filme nos EUA (15 de outubro de 99), o diretor, David Fincher, declarou: “Violência sempre é colocada da seguinte forma: ‘Isso é moral? Está colocado de uma maneira moral?’”. “Conceitualmente, não acho que a ideia seja ruim. Acho que o filme é satírico o suficiente para dar a entender que não está propondo essa questão. Seria bom esperar pelas repercussões.” *Folha de São Paulo*. Diretor não pretendia discutir moral. Sexta-feira, 05/11/1999. Editoria: COTIDIANO. Página: 3-9. da Redação. Em entrevista para o jornal Frances Le Monde Fincher disse que: “Meu objetivo era zombar das práticas da cirurgia estética e dessas mulheres que se vêem em Beverly Hills e cujos rostos foram refeitos tantas vezes que se tornam irreconhecíveis”. BLUMENFELD, Samuel. Diretor de “Clube da Luta” rebate críticas de violência. *Folha de São Paulo*. Domingo, 07/11/1999. Editoria: COTIDIANO. Página: 3-3. do “Le Monde”.

⁴⁷⁶ SILVEIRA, Julliane. *Prefeitura interdita cinemas do Morumbi Shopping*. Folha de São Paulo. 16/11/1999. Documento - Página 2.

⁴⁷⁷ MOYNIHAN, Colin. *A polícia diz que Clube da Luta inspira atentado*. The New York Times. Publicado em: 15 julho de 2009.

⁴⁷⁸ WILLIS, Susan. *Evidências do real. Os Estados Unidos pós 11 de setembro*. São Paulo: Boitempo, 2008.

“Estamos na primeira fila deste teatro de destruição em massa. (...) O comitê de demolição do Projeto destruição amarrrou as fundações de 12 prédios com explosivos. Em dois minutos, uma cadeia de explosões vai se iniciar, e alguns blocos serão reduzidos a uma pilha de entulho. Eu sei disso por que Tyler sabe.”

A câmera percorre o prédio de vários andares mostrando o que o narrador descrevia, em movimentos rápidos de câmera em panorâmica, bem como em *plongee* e *contraplongee*. O narrador que não anuncia seu nome sentencia que para entendermos como ele chegou até ali temos que conhecer seu breve passado. Com narrativa em *On* em todo filme, este se descreve como um sofredor de insônia que busca uma solução para seu problema. Além de uma forma de conforto para sua vida, o narrador demonstra ser alguém frustrado diante de toda comodidade da vida moderna.

Trabalhando em uma seguradora multinacional bem reconhecida, cujo nome não é citado, nosso narrador, conta um pouco de sua rotina por demais monótona. Nesta cena o diretor se utiliza de diversas referências do imaginário do oeste americano que foram apropriadas pela ficção para falar da fronteira última: o espaço. Todavia, aqui as grandes corporações e empresas estariam dominando galáxias e sistemas com seus produtos, impondo sua marca, e sua forma de consumo. Ele cita a marca de café Starbucks, a de informática IBM, metaforizando a presença na vida de cada vez mais pessoas, criticando o expansionismo romântico que este mito possui.

O narrador conta como se envolveu na prática de frequentar periodicamente grupos de auto-ajuda. Vale salientar que ele não sofria de nenhuma das enfermidades a qual ele supostamente dividia experiências. A ideia de frequentar os grupos parte de seu médico, quando o mesmo menciona que em locais como este existem pessoas com um sofrimento maior que o seu. É inventando nomes que o narrador procura nesses locais emoções suficientes para alcançar seu sono. "Toda noite eu morria. Toda noite nascia de novo. Ressuscitava." Sentencia. O conhecimento dos sofrimentos dos outros se mostra como um escape das emoções pessoais, uma forma paliativa de aliviar os ruídos do seu vazio. Nos vários grupos de autoajuda o narrador se apresenta como uma pessoa que porta uma dor, e é justamente conhecendo uma dor maior que a sua que ele pode ir para casa e dormir tranquilamente, para no dia seguinte encarar sua rotina estressante, que lhe impõe um trabalho e um ritmo que ele odeia, mas que lhe permite um estilo de vida de ostentação, e por isso ele se permite conviver com esse fardo.

Figura 22: Clube da luta - Narrador em sua casa com insônia



As visitas aos grupos de autoajuda se mostram eficazes na vida de nosso narrador, que em significativa parte do filme não é chamado pelo seu nome, apenas é referido por pronomes. Um fato que dá outro rumo a narrativa é a aparição de Marla Singer, que começa a frequentar os mesmos grupos que o narrador. Ele vê destruir-se seu meio de alcançar sua pseudo-paz quando o mesmo relata que “a mentira de Marla refletia a sua, ela era uma turista que estava arruinando seus planos.” Conhecendo-a, e propondo dividir os encontros com a moça, o narrador fica intrigado com sua concepção tanto de mundo como de vida - o pessimismo junto à ideia de que podemos morrer a qualquer instante, evidenciando a banalidade da vida.

Figura 23: Clube da luta - Narrador no grupo de auto-ajuda



Ao conhecer Tyler Durden, um excêntrico vendedor de sabonetes, que em uma de suas viagens de trabalho, dividem a poltrona no avião, o narrador o descreve como uma das companhias mais inteligentes que ele já teve. Em sua narrativa ele situa suas viagens como carregadas da efemeridade da vida moderna. Ao realizar uma autorreflexão ele situa seu ritmo de vida como caótico, mostrando que a vida lhe escapa sem um bom aproveitamento.

Figura 24: Clube da luta - Narrador e Tyler Durden



O narrador chama de “amigos descartáveis” todos aqueles que ele conhece durante as viagens de trabalho, onde conversam futilidades e daí por diante a expectativa é de que nunca mais se encontrem. No entanto, Tyler se mostra alguém que porta todas as qualidades desejadas por ele: ele é bonito, atraente, inteligente, e enxerga mecanismos de manipulação e de disciplinamento, que para ele produz e reproduz milhares de alienados. Tyler “possui uma enxurrada de discursos contra a sociedade de consumo, afirmando ser esta a razão da falta de desafios que compõe as perspectivas do homem moderno.”⁴⁷⁹

O narrador ao acordar de um pesadelo pergunta a Tyler: com o que você trabalha? Este responde: “Sabonete, o Pilar da civilização”. Fincher aqui utiliza como metáfora a ideia em torno do “Fardo do homem branco” que tem o papel na cultura ocidental de esclarecer aqueles que não alcançaram seu grau de progresso, o sabonete, metaforicamente significa a limpidez do homem que é dotado de razão. O que será revelado, é que Tyler trará uma crítica a razão e teleologia que o narrador acredita.

O narrador continua sua fala descrevendo seu dia a dia; Fincher dispõe suas imagens iniciais de maneira bem didática compondo o personagem narrador e sua complexidade. Na cena em seu apartamento ao fazer compras em revistas de catálogo, sua casa mais se parece uma vitrine, e ele demonstra ser um sujeito introspectivo e individualista. “Antes líamos pornografia. Agora é a coleção Hershow”, sentencia. As marcas de grifes famosas ou utensílios raros que ele possui em sua casa, em momento nenhum o faz pensar a que preço, ou mesmo que dinâmica acontece para que ele detivesse aqueles bens e todo conforto que ele dispõe.

⁴⁷⁹RIBEIRO, Paulo Jorge. A era da frustração: melancolia, contra-utopia e violência em Clube da luta. In: *Revista de Antropologia* vol.45 N°. 1 São Paulo, 2002. p. 05.

Para Fredric Jameson, a produção das mercadorias é agora um fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato. Surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre cultura e a economia, e se inclui certamente entre as inúmeras formas da produção estética (ainda que a existência da propaganda possa nos levar a questionar nossas ideias a respeito da estética).⁴⁸⁰ Para o autor, essa força suprema é o consumismo, o ponto central de nosso sistema econômico, e também o modo de vida para o qual somos todos os dias sem cessar treinados por toda nossa cultura de massas e indústria do entretenimento, com uma intensidade de imagens e de mídias sem precedentes na história.⁴⁸¹

Um acontecimento que traz outro sentido para a trama é a explosão do apartamento do narrador, que representava todo um esforço de vida, e pela descrição dele, o motivo dela. É deste evento que há a aproximação dele com o vendedor de sabonetes. Mesmo relutando, ele liga para Tyler e eles marcam um encontro no bar onde conversam, com o narrador lamentando a Tyler todas as suas perdas. É neste momento que vemos um choque de visões de mundo: o materialista do narrador, apegado ao extremo aos objetos, e o de Tyler, deslocado dos valores convencionais de consumismo. “Depois de divagações sobre o sentido da vida - Somos consumidores. Não nos importamos com fome, violência, pobreza. Mas, sim, com marcas de cueca - eles começam a brigar. Depois de exaustos, e repletos de hematomas, eles descobrem que aquilo, sim, conferia algum significante às suas existências”.⁴⁸² Durante a conversa Tyler acusa em vários momentos a mídia, bem como a televisão de formar mentes que vivem na ilusão de uma vida perfeita, além de adotarem como necessidade básica, elementos que na verdade são supérfluos, mencionando as Tv’s à cabo, e a mídia de forma geral, como mecanismos alienantes, e que induzem ao consumismo desenfreado. Tyler questiona o narrador: o que é um edredom? Alegando com a resposta do mesmo que nas sociedades antigas valorizava-se aquilo que era imprescindível para a vida, enquanto os tempos modernos a mídia estipula aquilo que realmente é necessário, difundindo a ideia que determinados consumos são imprescindíveis. Tyler fecha sua

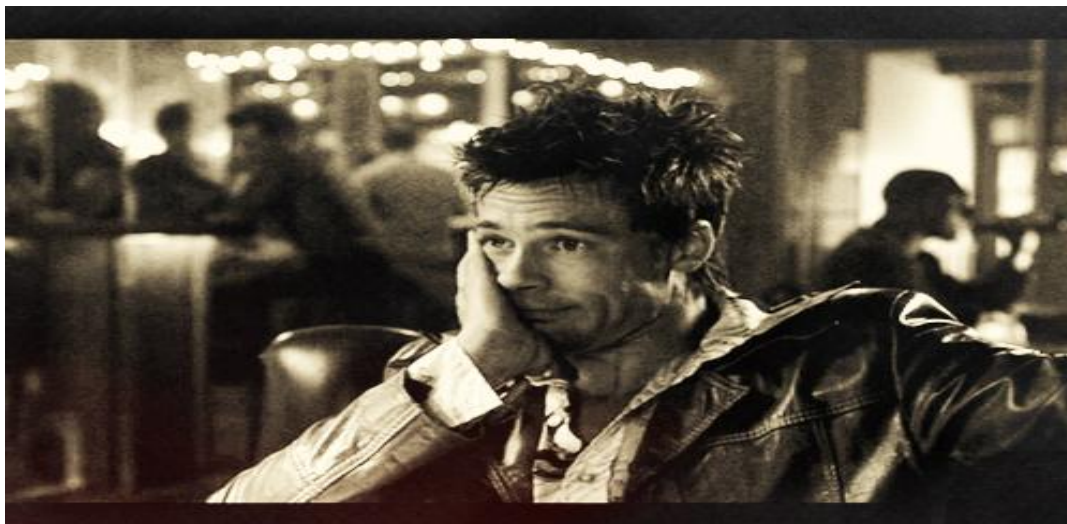
⁴⁸⁰ JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre globalização*. 3º Ed. Trad. Maria Elisa Cevalco e Marcos Cesar de Paula Torres. Vozes, Petrópolis, 2002. p. 22.

⁴⁸¹ Idem. p. 56.

⁴⁸² RIBEIRO, Paulo Jorge. *A era da frustração: melancolia, contra-utopia e violência em Clube da luta*. p. 07.

reflexão com uma frase de efeito: “As coisas que você possui. Acabam possuindo você”.

Figura 25: Clube da luta - Tyler



O narrador modifica substancialmente sua vida, começa a viver com Tyler em um sobrado abandonado e suas seções de luta dão outro sentido à vida do narrador, que se vê cada vez mais distante da imagem que ele tinha descrito de si. Com novos adeptos a pratica da luta que aparece como uma catarse das mazelas pessoais faz com que eles fundem o Clube em um bar. Tyler adverte para as oito regras do Clube da luta: Não comente sobre o Clube da Luta; Nunca, jamais, comente sobre o clube da luta; Quando alguém gritar pára!, sinalizar ou desmaiar, a luta acaba; Somente duas pessoas por luta; Uma luta de cada vez; Sem camisa, sem sapatos; As lutas duram o tempo que for necessário; Se for a sua primeira noite no clube da luta, você tem que lutar!

Figura 26: Clube da luta - "Temos que fazer isso mais vezes"



O clube da luta surge então como uma crítica ao progresso e superação que a tradição americana defende assentada em valores como o trabalho e esforço individual. É justamente recorrendo a instintos primitivos que aqueles homens chegam a catarse de suas vidas. Com as divagações do narrador e Tyler, Fincher disfare uma serie de criticas ao *American way of life*. “Temos que ter o padrão de corpo definido por Calvin Klein, ou Hilfiger?”. “Um homem tem de ser assim?” Marla é inserida no nucleo melodramatico entre o narrador e Tyler, se envolvendo com este ultimo, gerando uma serie de impasses na relação dos dois, e trazendo a mudança de um elemento estrutural na trama: o narrador nunca vê Marla e Tyler juntos, bem como, cada um deles só interage com este estando só.

Em um plano noturno, Tyler e o narrador vão a uma clinica de lipoaspiração e roubam gordura humana escretada em cirurgias. Eles transformam em sabonete de luxo e vendem a uma loja da alta classe média. O narrador descreve que eles transformavam o que aquelas madames escretavam para se adequar a um padrão de beleza e após transformar, vendiam as mesmas. Na casa de Tyler, ao fabricar os sabonetes, ele descreve que os povos antigos sabiam que as roupas ficavam mais limpas se lavadas em certa parte do rio. Alertando que sacrificios humanos foram feitos em parte superiores deste rio. Os primeiros sabões foram feitos com cinzas dos herois. Sem dor ou sacrificio não teriamos alcançado nada, acrescenta. A cena possui uma composição forte pois Tyler faz uma queimadura quimica na mão do narrador. Ele divaga sobre a possibilidade de Deus o odiar, e os planos são cortados por imagens de uma natureza intocada, como o *wilderness*, aqui representado como refugio da dor. As colocações de Tyler podem ser lidas como uma crítica a ideia mitologica de excepcionalismo, e de povo eleito que os americanos carregam, tratando essa leitura de mundo como um equivoco. Em momentos seguintes, Tyler irá enfatizar a condição igual ou inferior que estes homens possuem, quando o Clube dá espaço a uma organização com fins terroristas.

Figura 27: Clube da luta - Queimadura química



A narrativa segue, e ao constatar que o Clube da luta possuía mais participantes, Tyler descreve que eles quebraram as duas primeiras regras do Clube. Seguindo sua fala com um discurso contundente que se compõe como uma espécie de Jeremiada:

“Eu vejo aqui os homens mais fortes e inteligentes que eu já vi. Vejo todo esse potencial desperdiçado. A propaganda põe a gente pra correr atrás de carros e roupas. Trabalhar em empregos que odiamos para comprar merdas que não precisamos. Nós somos a geração sem peso na história, sem propósito ou lugar. Não tivemos Grande Guerra, não tivemos Grande Depressão. Nossa grande guerra é espiritual, nossa grande depressão é a nossa vida. Fomos criados através da TV para acreditarmos que um dia seríamos milionários ou estrelas de cinema. Mas não seremos. Aos poucos tomamos consciência dos fatos. E isso nos deixa muito, muito zangados”...

O discurso de Tyler toca em uma série de elementos do imaginário americano, desde a guerra, como pontuamos, que possui papel de forjar uma identidade, bem como traz o senso de compromisso, de missão, que cada cidadão possui na comunidade imaginada pela defesa da liberdade, a depressão que solicitou o esforço de todos para ser superada. Contrapondo que a guerra espiritual se compõe do vazio em suas vidas, atrelado a falsa promessa do excepcionalismo que está incutido na sua educação, bem como da dinâmica capitalista que forja a ideia de vencedor, mas que por outro lado não comporta quem está fora, produzindo uma geração de homens frustrados e sem sentido. Seu discurso se reafirma quando dá como tarefa para cada participante do Clube sair e procurar uma briga, mas tendo que perde-la, Tyler reafirma sua crítica descredenciando a competitividade que também faz parte do imaginário americano.

Tyler após incitar que um jovem desmotivado volte aos estudos o ameaçando de morte, assevera que a geração a qual eles estão se distanciam cada vez mais dos desafios. Ao mandar o rapaz partir, estando nos fundos de uma loja de conveniência ele grita, “Corre Forrest”, a alusão cabe bem à construção de superação pessoal que a

narrativa de Zemeckins constrói, transitando por estes símbolos, Fincher apresenta os protagonistas em ações praticas onde destroem símbolos da cultura do consumo. Tyler em um enquadramento de câmera em *close up* discursa: “Você não é seu emprego.” “Nem quanto ganha, ou quanto tem no banco.” “Nem o carro que dirige.” A câmera ao fazer um movimento horizontal uniforme de vai e vem, traz a sensação de estar tremendo, quando o protagonista olha como se estivesse interagindo com o publico⁴⁸³ e diz: “você é só a merda ambulante no mundo”.

A trama segue e Tyler da inicio a uma milícia terrorista chamada de projeto Caos: seus participantes são associados a macacos do espaço, fazendo clara alusão à corrida espacial, bem como aos contextos bélicos que estavam acirrados naquele período no Oriente médio e que tiveram recrudescimento anos depois com os atentados de 11 de setembro. Aqui Fincher constrói sua critica ao militarismo, como uma ideologia que coopta seus correligionários pela promessa de uma missão em comum. Com um mega fone nas mãos, Tyler discursa para sua milícia dizendo que eles se compõem da mesma matéria orgânica que todos os outros, que não são em nada especiais. O narrador questiona o por que de Tyler estar construindo um exercito, com que propósito, e responde, “em Tyler confiamos”, fazendo clara alusão a justificativa religiosa de muitas investidas de seu país. O diretor se ampara não só nas ações recentes de seu país, mas em toda história de sua nação.

O diretor mais uma vez toca no tema dos padrões de beleza instituídos pela sociedade. Ao dizer que deseja destruir algo belo, o narrador desfigura em uma luta seu oponente. O grupo daí por diante efetiva ações terroristas e juntos vivem um premeditado acidente de carro. Simbolicamente, o narrador passa pela experiência daqueles que ele sequer se importava quando trabalhava em uma seguradora verificando acidentes. Daí por diante, ele entra em uma busca frenética e melancólica a procura de Tyler que desapareceu. Não tendo nenhuma informação de todos a quem consulta, até que um garçom o diz quem ele é, não acreditando, ele se dirige a um quarto de hotel e liga para Marla que lhe revela sua real identidade. A cena se compõe de uma metanarrativa quando o narrador se dirige ao publico e diz que todos devem posicionar seus assentos como se estivessem em um avião. Fincher recorre a um recurso de

⁴⁸³ Este recurso estilístico é também chamado de a quebra da quarta parede, onde o protagonista que até então encenava, se dirige ao público como se este estivesse em seu cenário, é neste sentido que a metáfora coloca o observador no ambiente, ‘quebrando’ uma das ‘paredes’ que antes colocava o observador fora do contexto de encenação.

reconstrução de uma serie de cenas vistas, mas por outro ângulo. Se antes víamos Tyler como um bastião da critica ao consumismo e ao valores individualistas, vemos o narrador encenar seus atos, pois ele é Tyler Durden. O diretor produz um movimento que faz com que seu espectador se questione se entrou em estado de choque ao descobrir junto ao narrador que ele possuía dupla personalidade.

Tyler em uma busca desenfreada tenta impedir a ação de seu grupo terrorista. É neste contexto que ele chega à sacada do prédio no qual ele explicara que tinha que contar seu breve passado. Em um estado de confusão, ele tem um confronto com Tyler, Fincher coloca em uma sequencia rápida de imagens o protagonista interagindo ora com Tyler, ora sozinho. Na maior ação do Projeto Caos, a milícia pretende colocar em xeque a alienação de sua sociedade; a destruição das centrais financeiras no qual colocaram bombas, representa um novo *status quo* para muitos. Para os grandes empresários um grande desafio: com a queda das centrais estes irão saber lidar com a perda de seus impérios e fortunas invisíveis? Ou farão como muitos empresários que em fins da década de 1920, com a crise da bolsa de Nova Iorque, cometeram suicídio por suas perdas? E para aqueles que eram endividados, tomarão tamanho fato com a perspectiva de um novo começo? Essas são questões que a narrativa nos deixa, ao vermos as *muralhas* caírem.

Tyler criou outra personalidade para canalizar seus desejos antes reprimidos por uma ordem que lhe impunha uma vida regrada por metas a serem cumpridas, onde ele mesmo delineou o seu prazer, sua satisfação, na ideia de chegar a ter o apartamento dos sonhos, o guarda-roupas perfeito e tudo que estaria na dinâmica do sonho americano. Em nossos apontamentos a cena “As muralhas de Jericó” que encerra a narrativa se faz como uma elipse⁴⁸⁴ da primeira, distintamente intriga a sua interpretação, não só pelo fato dela produzir imensos índices de possibilidade para sua leitura como discutimos. Mas por que ser chamada desta forma? Ao contrário de muitas outras cenas que ao serem exibidas chegam de forma simbólica a expressar o porquê de seus respectivos nomes e que mensagem ela passa diante do conjunto de criticas ao qual faz parte, esta difere bem deste contexto.

Em nossas pesquisas vimos que a Cidade de Jericó, que é aludida na nomeação da cena, tem na bíblia grande menção no evangelho de Josué. Neste tempo, do antigo

⁴⁸⁴ Movimento narrativo onde se retorna a uma cena e o espaço de tempo entre sua exposição e sua retomada dá ao observador uma serie de conhecimentos para compreensão da cena.

testamento, Deus viu a necessidade de enviar juízes a terra para que estes guiassem o povo nas práticas religiosas. Ao invés de cometerem sacrifícios com animais, deveriam dar esmolas aos necessitados, por exemplo. É neste sentido que Deus envia Josué à cidade de Jericó, cidade da cobiça, e lhe ordena que mande dois espiões para sondar a cidade. Chegando ao local os enviados são ajudados por uma prostituta que nada tinha, chamada Raab. Estes prometem boas aventuras à mulher por ter ajudado-os em sua missão. A narrativa bíblica nos elucida bem o evento supostamente apropriado pelo diretor.

Conquista de Jericó

1 Jericó, cidade murada, tinha se fechado diante dos israelitas, e ninguém saía dela nem podia entrar. 2 O senhor disse a Josué: “Vê, entreguei-te Jericó, seu rei e seus valentes guerreiros. 3 Daí volta à cidade, vós todos, homens de guerra; contornai toda a cidade uma vez. Assim farás durante seis dias. 4 Sete sacerdotes, tocando sete trombetas, irão adiante da arca. No sétimo dia dareis sete vezes voltas à cidade, tocando os sacerdotes a trombeta. 5 Quando o som da trombeta for mais forte e ouvirdes a sua voz, todo o povo soltará um grande clamor e a muralha da cidade desabarará. Então o povo tomará (de assalto) a cidade, cada um no lugar que lhe ficar defronte.”(...) 15 Mas, ao sétimo dia, levantando-se de madrugada, deram volta à cidade sete vezes, como nos dias precedentes: esse foi o único dia em que fizeram sete vezes a volta. 16 Quando os sacerdotes tocaram as trombetas na sétima volta, Josué disse ao povo: “Gritai, porque o Senhor vos entregou a cidade”. 17 A cidade será votada ao Senhor por interdito, como tudo o que nela se encontra; exceção feita somente a Raab, a prostituta, que terá a sua vida salva com todos os que se encontrarem em sua casa, porque ocultou os espiões que tínhamos enviado. 18 Mas guardai-vos (de tocar) no que é votado no interdito. Se tomardes algo do que foi anatematizado, atraireis o interdito sobre o acampamento de Israel, o que seria uma catástrofe. 19 Toda a prata, todo o ouro e todos os objetos de bronze e de ferro serão consagrados ao Senhor e farão parte do seu tesouro.” 20 O povo clamou e os sacerdotes tocaram as trombetas. E logo que o povo ouviu o som das trombetas, levantou um grande clamor. A muralha desabou. A multidão subiu à cidade, sem nada diante de si. 21 Tomaram a cidade e votaram-na ao interdito, passando a fio de espada tudo o que nela se encontrava, homens, mulheres, crianças, velhos e até mesmo os bois, as ovelhas e os jumentos. 22 Josué disse então aos dois homens que tinham explorado a terra: “Entrai na casa da prostituta e fazei-a sair de lá contudo o que lhe pertence.” 23 Os espiões entraram na casa e fizeram sair Raab, seu pai, sua mãe, seus irmãos e tudo o que lhe pertencia, toda sua parentela, e puseram-nos em segurança fora do acampamento de Israel. 24 Queimaram a cidade com tudo o que ela continha, exceto prata, ouro, e todos os objetos de bronze e de ferro que foram recolhidos aos tesouros da casa do Senhor. 25 Josué conservou a vida de Raab, a prostituta, bem como a da família de seu pai e a de todos os seus, de sorte que ela habitou no meio de Israel até este dia, porque ela havia ocultado os mensageiros enviados a explorar Jericó.⁴⁸⁵

⁴⁸⁵Livro de Josué. Capítulo Seis; Versículos; 1 - 25. *Bíblia Sagrada*. 170ª Ed. São Paulo: Ave Maria. 2006.

A nosso ver, o diretor retoma a história do texto bíblico para construir uma grande metáfora: a Jericó de nossa época, e neste caso, no filme, é a cidade em que Tyler está, e que pode ser qualquer uma outra onde as relações de cobiça, desvirtuadas que a Jeremiada alertava podem ser concretizadas. Os dois espões em nossa narrativa na verdade tratam-se da mesma pessoa. Tyler possuía dupla personalidade. A prostituta Raab é representada por Marla Singer – que nada tinha e ao final foi redimida de sua condição. Na escritura ela esconde o segredo; na moderna Jericó ela é reveladora. As muralhas da cidade consequentemente são as centrais financeiras que trará uma nova condição.

Figura 28: Clube da luta - As muralhas de Jericó



Fincher encerra sua narrativa com uma história aberta como defendia Walter Benjamin⁴⁸⁶, com índices de possibilidade, e traz uma contundente crítica a sociedade americana e seus valores. O contexto político do final dos anos 1990 se encontra no filme pela crítica a visão unilateral que o país vinha defendendo no cenário externo e interno de sua política, intervindo em diversas realidades em um contexto expansionista. É denunciativa dos rumos que a sociedade do progresso e eleita pode alcançar. *Clube da luta* possui grande plasticidade, ao tocar em temas como consumismo, individualismo e crise de identidade e pode ser adequado para diversas realidades, possivelmente daí a grande repercussão do filme em diversos países. Compõe-se também de um documento de seu tempo ao criticar contundentemente valores que compõe o imaginário excepcional americano.

⁴⁸⁶ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo; Brasiliense, 1985.

Considerações finais

Nesta dissertação procuramos investigar como a cidadania foi representada junto ao contexto político dos anos 1980-90 nos Estados Unidos através do cinema. De forma significativa o usufruto da cidadania de pobres e negros sofreu retrocessos no período dos anos 1980, pela ascensão de um projeto de nação neoconservador e neoliberal que ascendeu à Casa Branca e teve como seu representante o presidente Ronald Reagan, que desarticulou as políticas de uma tradição liberal que ao longo do século XX construiu e implementou um projeto que prezava pela promoção social. Esse projeto malgrado se concretizou anteriormente em três grandes movimentos: como colocamos, o progressismo, que teve como intuito gerar um maior equilíbrio entre as classes sociais, bem como sindicatos de trabalhadores e empresariado, posteriormente nos anos 1930 o New Deal que foi o programa de soerguimento da nação após a grande depressão, e nos anos de 1960 a Grande Sociedade que foi a base para os programas do Estado de bem estar social. Julgamos este caminho necessário para entender algumas propostas dos filmes ao qual escolhemos como fontes documentais, uma vez que a agenda de algumas narrativas dos anos 1980 se debruçava em questões das décadas anteriores, neste sentido, as questões que os filmes levantavam.

O contexto de efervescência política liberal na segunda metade do século XX foi simultâneo a uma série de movimentos sociais que em suas lutas pressionaram o governo e forjaram um novo espaço para minorias e trouxeram a público demandas que não vinham sendo respeitadas. Neste cenário tivemos o pano de fundo de duas narrativas que escolhemos analisar. Para tanto, refletir as simetrias do movimento negro foi importante para compreender suas idiossincrasias, bem como uma nova leitura que fizeram da narrativa da nação onde se viam contidos, com alguns fracassos, uma ala partiu para uma prática política radical. Todavia o movimento teve quadros significativos que alcançaram sucessos e a narrativa de *Mississippi em chamas* se propõe a refletir tais questões, evocando um passado de lutas que ruía com o contexto socioeconômico do período ao qual o filme foi produzido.

Na narrativa de *Mississippi em chamas* chamamos atenção para a representação feita dos eventos acontecidos em 1964 que tinham o intuito de expandir os direitos civis de negros arregimentando o potencial de voto desta comunidade em um dos Estados com maior passado segregacionista nos Estados Unidos. Julgamos que a narrativa

colabora para uma compreensão maior de experiências vividas no sul, como as Leis Jim Crow, e reafirma um compromisso liberal com os menos favorecidos, o filme limita-se a fornecer, como alguns críticos de cinema e historiadores colocaram a época de seu lançamento nas salas de cinema, um protagonismo a agentes do FBI, quando na verdade foram as pressões de atores articulados aos direitos civis que promoveram algum progresso ao voto do negro no local. Porém a nosso ver, tal apropriação do diretor da história não enfraquece sua narrativa quando de forma latente sua mensagem é sensibilizar seu espectador para o estado de coisas a qual viveram negros nos anos 1960 e problematizar o período em que esta comunidade se via prejudicada pelo neoliberalismo.

O negro também teve espaço problemático no que diz respeito a sua participação na guerra do Vietnã, com uma adesão significativa, que fazia jus a crise econômica, bem como vislumbrando no sucesso da guerra uma forma de aceitação social abordada de maneira coadjuvante na narrativa fílmica de *Nascido em 4 de julho*. Consideramos que na narrativa de Stone uma série de elementos como o ativismo anti guerra foi erigido, a voraz política externa americana, a política de contenção do comunismo, colocando assim sua participação na guerra como equivoco. O filme do diretor encampa um projeto liberal que foi nos anos 1980 crítico a guerra, trazendo experiências com sanidade que enxergam o conflito como uma postura imperialista de seu país, o filme também protagonizou um combate de memórias com narrativas que representavam a guerra por um viés conservador, sendo assim, discurso de uma cultura política que descredencia o belicismo americano.

O percurso de análise fílmica das duas narrativas possibilitou pensar ambas como projetos políticos que aspiravam conscientizar as novas gerações de um passado de lutas que estava em declínio, vistas na supressão de diversos movimentos sociais, bem como nas porcentagens que traziam um panorama de declínio das condições de vida das comunidades negras e pobres. Na narrativa de Stone, há a crítica da reconfiguração do militarismo na vida americana vistas nos altos investimentos realizados em programas do gênero, e personificados nas novas iniciativas de intervenção bélica, notadamente no Oriente médio, e como seu sucesso serviu para soterrar o que ficou conhecido como trauma do Vietnã.

Em ângulo similar *Um dia de fúria* traz não só o contexto de crise no início dos anos 1990, mas retoma a polarização social que as políticas neoconservadoras e

neoliberais promoveram em doze anos de governo republicano. Trazendo a crise do homem WASP que também se configurou na narrativa de *Clube da luta* com suas fortes metáforas no final da década. Criticando de forma contundente os sentidos do American way of life e os simbolismos de excepcionalismo que os Estados Unidos defendem e divulgam ao mundo através de seus produtos culturais, a narrativa de Schumacher problematiza uma série de dinâmicas como o aumento da violência urbana, o desemprego, e reafirma as consequências negativas das políticas neoconservadoras e neoliberais. Todavia peca por não estabelecer uma crítica a postura do protagonista da trama que julga por conta própria as disparidades frutos do paradoxo da sociedade a qual ele faz parte, o filme ainda assim é um ótimo percurso para entender como diversos grupos tidos como minorias se viram prejudicados e aporias como raça, religião e gênero fizeram com que não houvesse uma união por conquistas em comum.

A crítica ao estilo americano de vida teve espaço também na narrativa de Fincher, que recorreu a um universo de simbolismos para por em cheque uma série de elementos do seu país, o diretor empreende a crítica ao consumismo e ao individualismo que toma plasticidade servindo de crítica para tantas outras sociedades. Todavia a crítica ao militarismo possui um sentido específico quando na política externa o país vinha apresentando uma postura multilateral e intervencionista, com o discurso que levava a liberdade. Fincher trabalha bem com a noção de alienação pelo estilo de vida americano, permitindo que sua narrativa explore o sentido de história aberta, com a possibilidade continua de reflexão para pensar outras trajetórias de uma sociedade que conta sua história através das linhas e entrelinhas de seus filmes.

Os Estados Unidos enquanto objeto de pesquisa consagrou sua importância tanto pela reverberação dos movimentos sociais que ali se desenharam, e influenciaram tantas outras realidades, bem como pelo seu poder geopolítico. Ao tratar da cidadania, tema intrínseco às experiências democráticas, através dos produtos culturais produzidos pela maior indústria de cinema do país, pensamos em mostrar como esse universo é palco de lutas e que são difundidas em sociedades que não conhecem seus códigos a fundo, mas que pela plasticidade podem ser atribuídos a seus respectivos contextos. O tema se mostra extremamente atual, pela longa caminhada que ainda é necessária para um regime social de equidade e com o fim da exploração. Hoje os holofotes se dirigem para a corrida eleitoral que lá acontece, e corações e mentes se dividem a um bilionário excêntrico, com discurso de ódio, direcionado a minorias estrangeiras como o ‘outro’,

que não pode fazer parte do “nós” na figura de Donald J. Trump, com um bordão que pensa em revigorar o presidente Ronald Reagan junto à proposta de “Fazer uma grande América novamente”, que por outro lado é combatido de forma tímida pela figura de Hillary Clinton, que propõe o continuísmo do governo Obama, e em meio a isto surge à figura de Bernie Sanders com propostas radicais e em prol da cidadania, sem está atrelado aos grandes apoiadores de campanhas e sob a insígnia de “Fell the Bernie” criando uma enorme empatia com movimentos sociais e minorias. É bem provável, que mediante as forças políticas, Bernie Sanders não chegue ao posto mais alto dos Estados Unidos, mas sua candidatura já se mostra como uma transgressão ao *status quo*, e uma centelha de esperança para uma sociedade americana mais igualitária.

Referencias Filmograficas

Clube da luta (Fight Club). Direção: David Fincher, Roteiro: Jim Uhls e Chuck Palahniuk. EUA. Drama. Distribuição: 20th Century Fox. Colorido, 1999.

Mississipi em chamas (Mississippi burnig). Direção: Alan Parker, Roteiro: Chris Gerolmo e Frederick Zollo. EUA. Drama. Distribuição: Orion Pictures. Colorido, 1988.

Nascido em 4 de julho (Born on the Fourth of July). Direção de Oliver Stone, com roteiro e livro de Ron Kovic. EUA. Drama. Distribuição: Universal Pictures. Colorido, 1989.

Um dia de Fúria (Falling down). Direção: Joel Schumacher, Roteiro: Ebbe Roe Smith. EUA/França. Drama/policial/suspense. Distribuição: Warner Bros. Colorido, 1993.

Journal of Black Studies

A Report on How Blacks Have Fared Under Reagan: Center On Budget and Policy Priorities. In: *Journal of Black Studies*, December 1986; vol. 17, 2: pp. 148-171.

CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have feared under Reagan*. In: *Journal of black studies*. Vol. 17, Nº2. Dec 1986.

HAYES, Floyd W. *Governmental Retreat and the Politics of African-American Self-Reliant Development: Public Discourse and Social Policy*. In: *Journal of Black Studies*, March 1992; vol. 22, 3: pp. 331-348.

LOWY, Richard. *Yuppie Racism: Race Relations in the 1980s*. In: *Journal of Black Studies*, June 1991; vol. 21, 4: pp. 445-464.

PIERRE, Maurice A. St. Reaganomics and Its Implications for African-American Family Life. In: *Journal of Black Studies*, March 1991; vol. 21, 3: pp. 325-340.

WILLHELM, Sidney M. *The Economic Demise of Blacks in America: A Prelude to Genocide?* In: *Journal of Black Studies*, December 1986; vol. 17, 2: pp. 201-254.

ESTADOS UNIDOS. *Constitution*. Disponível em: <http://www.archives.gov/exhibits/charters/constitution.html>. Acesso 15/09/15.

Jornais

Atirador mata nove em igreja afro-americana nos Estados Unidos. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/18/internacional/1434603566_610899.html. Acesso 15/09/15.

BLUMENFELD, Samuel. Diretor de "Clube da Luta" rebate críticas de violência. *Folha de São Paulo*. Domingo, 07/11/1999. Editoria: COTIDIANO. Página: 3-3. do "Le Monde".

CHOKSHI, Niraj. *The religious states of America, in 22 maps*. In: The Washington Post. 26 de fevereiro. Disponível em: www.washingtonpost.com/blogs/govbeat/wp/2015/02/26/the-religious-states-of-america-in-22-maps/?tid=sm_fb. Acesso 02/03/15.

CANBY, Vincent. *Review/Film; Retracing Mississippi's Agony, 1964*. In: The New York Times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1988/12/09/movies/review-film-retracing-mississippi-s-agony-1964.html>. Acesso em 23/05/15.

CANBY, Vincent. Film: Born on the Fourth of July (1989) Review/Film; How an All-American Boy Went to War and Lost His Faith. The New York Times, Nova Iorque, 20 dec. 1989. Disponível em: <http://www.nytimes.com/movie/review?res=950DE6DA1F38F933A15751C1A96F948260>. Acesso 07/15.

CANBY, Vincent. **Falling Down (1993)** Review/Film; Urban Horrors, All Too Familiar. Disponível em: www.nytimes.com/movie/review?res=9F0CE0DC113FF935A1575C0A965958260. Acesso: 23/10/13.

EBERT, Roger. Born on the Fourth of July. rogerebert.com, 20 Decr. 1989. Disponível: http://www.rogerebert.com/reviews/the-deer-hunter-1979#disqus_thread. Acesso em: 25/07/2015.

Folha de São Paulo. Diretor não pretendia discutir moral. Sexta-feira, 05/11/1999. Editoria: COTIDIANO. Página: 3-9. da Redação.

Folha de São Paulo. Sexta-feira, 29/10/1999. Editoria: ILUSTRADA. Página: 4-12. da Reportagem Local.

FREEDMAN, Betty. *F.B.I. Played Real Role in Civil Rights in 60's; Judge It as a Movie*. In: The New York Times. Disponível em: www.nytimes.com/1989/02/11/opinion/1-fbi-played-real-role-in-civil-rights-in-60-s-judge-it-as-a-movie-586389.html. Acesso em 23/05/15.

GARCIA Jr., René. *Uma economia passada a limpo. Internacional*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Internacional.

Júri rejeita indiciar policial por morte de jovem negro nos EUA. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/11/1552709-juri-rejeita-acusacao-criminal-contra-policial-que-matou-jovem-negro-nos-eua.shtml>. Acesso: 15/09/15.

MOORE, Judith. *MISSISSIPPI BURNING; Far From the Promised Land*. In: The New York Times. Disponível em: www.nytimes.com/1989/02/12/movies/1-mississippi-burning-far-from-the-promised-land-494389.html. Acesso em 23/05/15.

MOYNIHAN, Colin. *A polícia diz que Clube da Luta inspira atentado*. The New York Times. Publicado em: 15 julho de 2009.

NELSON, George. *MISSISSIPPI BURNING; After Silence, Too Much Noise*. In: The New York times. Disponível em: www.nytimes.com/1989/01/22/arts/1-mississippi-burning-after-silence-too-much-noise-884389.html. Acesso em 23/05/15.

OITO anos: A gloriosa e conturbada Era Clinton (1992-2000). *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Internacional.

Penitenciárias privadas batem recorde de lucro com política do encarceramento em massa. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30857/penitenciarias+privadas+batem+recorde+de+lucro+com+politica+do+encarceramento+em+massa.shtml>. Acesso 15/09/15.

Sem tempo para sonhar: EUA têm mais negros na prisão hoje do que escravos no século XIX. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30858/sem+tempo+para+sonhar+eua+t+em+mais+negros+na+prisao+hoje+do+que+escravos+no+seculo+xix.shtml>. Acesso 15/09/15.

STEELE, Pamela. *MISSISSIPPI BURNING; Blacks and The Box Office*. In: The New York times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1989/02/05/movies/1-mississippi-burning-blacks-and-the-box-office-566389.html>. Acesso em 23/05/15.

THOMAS, Gerald. Filme usa banha humana para descobrir quem somos. *Folha de São Paulo*. Segunda-feira, 25/10/1999. Editoria: ILUSTRADA. Página: 6-1. Este editorial foi inicialmente publicado no The New York Times em 07 de novembro de 1999.

ZANINI, Fábio. 'Clube da Luta' chega ao Reino Unido em versão com cortes. Quinta-feira, 11/11/1999. *Folha de São Paulo*. Editoria: ILUSTRADA. Página: 5-6. Documento.

ZINN, Howard. History is a Weapon. Disponível em: www.historyisaweapon.com/defcon1/zinnfbi.html. Acesso: 12/07/15.

Referências Bibliográficas

Relação História & Cinema e Metodologia

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo; Brasiliense, 1985.

BERSTEIN, Serge. *Culturas políticas e historiografia*. In: Cultura política, memória e historiografia. (Org.) Cecília Azevedo et all. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2009.

CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, Jurandir. (orgs). *Representações: contribuição em um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e Inquietude*. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2002.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. In: *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CORSEUIL, Anelise R. *Espaços híbridos e culturas fluidas: os chicanos em “Pão e rosas” e Frontierland*. In: *Diásporas, mobilidades e migração*. São Paulo: Edusp, 2009.

FERRO, Marc. *O filme. Uma contra-análise da sociedade?* In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

FERRO, Marc. *O conhecimento histórico, os filmes, as mídias*. Trad. Gabriel Lopes Pontes In: *Revista eletrônica O Olho da História*, 2004.

FURHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. *Cinema e política*. Trad. Júlio Cezar Montenegro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

GINZBURG, Carlo. “*Representação: a palavra, a ideia, a coisa.*” In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JORDAN, Chris. *Movies and the Reagan presidency: success and ethics*. Praeger. Westport: Praeger Publisher, 2003.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

KORNIS, Mônica Almeida. *História e Cinema: um debate metodológico*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.

KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, televisão e História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAUGNY, Michele. *Cine e história: problemas y métodos en la investigación cinematográfica*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997.

LEBEL, Jean Patrick. *Cinema e ideologia*. São Paulo: Mandacaru, 1989.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MELEIRO, Alessandra. (Org.). *Cinema no Mundo: indústria, política e mercado: Estados Unidos*. São Paulo: Escrituras, 2007.

METZ, Christian. *A significação do cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MESZAROS, Istvan. *O Poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORETTIN, Eduardo. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: CAPELATO, Maria Helena et al. *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Editora Alameda, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *A História depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

NÓVOA, Jorge. *Apologia da relação cinema-história*. In: *Cinema-História: Teoria e representações sociais no cinema*. NÓVOA, Jorge; BARROS, José D' Assunção. (org.) Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

PALAHNIUK, Chuck. *Clube da Luta*. Trad. Vera Caputo. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes. Os filmes na história*. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

SANTIAGO JR., Francisco das Chagas F. *Cinema e historiografia: trajetória de um objeto historiográfico (1971-2010)*. *História da Historiografia*, v. 8, Abril, 2012.

SCHATZ, Thomas. *Hollywood: critical concepts in media and cultural studies*. vol. 3-4 London: Routledge, 2004.

SKYLAR, Robert. *História social do cinema norte-americano*. São Paulo: Editora Cutrix, 1978.

SORLIN, Pierre. *Sociologia del cine. La apertura para la historia de mañana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

VALIM, Alexandre Busko. *Cinema e Guerra fria: film Noir, Representações da Sociedade Norte-Americana*. As Dimensões da Imagem. Londrina: Ed. UEM, 2002.

XAVIER, Ismail N. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

XAVIER, Ismail N. *O Olhar e a Cena: Hollywood, Melodrama, Cinema Novo, Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

XAVIER, Ismail. *John Ford e os heróis da transição no imaginário do Western*. In: NOVOS ESTUDOS Nº 100, São Paulo: Novembro, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem – O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real: Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Lacrimae Rerum: ensaios sobre cinema moderno*. Trad. Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo: Boitempo, 2009.

História do século XX e sociologia

ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. Trad. Julia Elisabeth Levy; Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida; Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, José Augusto Lindgren. *Os Direitos humanos na Pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A crise do capitalismo liberal*. In: AARÃO, Daniel Et. all. *O século XX*. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. Trad. Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BARBALET, J. M. *A cidadania*. Trad. Gonçalves de Azevedo. Lisboa. Editora Estampa, 1989.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BIAGI, Orivaldo Leme. *O Imaginário da Guerra Fria* - Revista de História Regional 6(1): 61-111, Verão 2001.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PAQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12º Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In: DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996.

EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Boitempo, 1997.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Trad. Vera Ribeiro. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FUKUYAMA, Francis. *Fim da história e o ultimo homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GLASSNER, Barry. *Cultura do medo*. São Paulo: Francis, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. 8º Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre globalização*. 3º Ed. Trad. Maria Elisa Cevalco e Marcos Cesar de Paula Torres. Vozes, Petrópolis, 2002.

JANOSKI, Thomas. *Citizenship and society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Zahar, Rio de Janeiro, 1967.

MARSHALL, T. H. *Citizenship, Class and Status*. In: SHAFIR, Gershon (org.) *The citizenship debates*. Minneapolis, University of Minnesota, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

PALTI, Elías José. *Nación; El enfoque genealógico de La nacion y sus descontentos: el dilema hobsbawniano*. In: *Aporias: tiempo, modernidad, historia, sujeto, nacion ley*. 1º Ed. Buenos Aires: alianza, 2001.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Trad. Monique Augras. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, Paulo Jorge. *A era da frustração: melancolia, contra-utopia e violência em Clube da luta*. In: Revista de Antropologia vol.45 Nº. 1 São Paulo, 2002.

ROTELLO, Gabriel. *Comportamento sexual e AIDS: a cultura gay em transformação*. São Paulo: Summus, 1998.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Guerras e cinema: um encontro no tempo presente*. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 16, pp. 93-114.

STERNESHER, B. *Consensus, Conflict and American Historians*. Bloomington: Indiana University Press, 1975.

TAYLOR, John. *O Circo da Ambição: Cultura, riqueza e poder nos anos yuppies*. São Paulo: SCRITTA, 1993.

TORPEY, John. *The Invention of Passport: surveillance, citizenship and the state*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2000.

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema: logística da percepção*. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Boitempo, 2005.

VISENTINI, José William. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2001.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A vida após a morte: breve história mundial do presente pós-“fim da história”*. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 16, pp. 35-57.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

História dos Estados Unidos

AZEVEDO, Cecília. *Regenerando a alma americana: Os Corpos da Paz na América Latina*. In: Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC, São Paulo, 1998.

AZEVEDO, Cecília. *A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos Estados Unidos*. In: Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 6. Nº 11, Rio de Janeiro: 7 letras/Ed UFF, 2002. P. 111 – 129.

AZEVEDO, Cecília. *Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do ‘século americano’: William James e o Pragmatismo*. *Diálogos*. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v.7, p.25-36, 2003.

AZEVEDO, Cecília. *Identidades Compartilhadas: a identidade nacional em questão*. In: ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

AZEVEDO, Cecília. *Guerra à pobreza: EUA, 1964*. In: Revista de História 153 (2º - 2005), 305-323.

AZEVEDO, Cecília. *Amando de olhos abertos Emma Goldman e o dissenso político nos EUA*. In: VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38: p.350-367, Jul/Dez 2007.

AZEVEDO, Cecília. *Culturas Políticas e lugares de memória: batalhas identitárias nos Estados Unidos*. In: Cultura Política, memória e historiografia. (Org.) Cecília Azevedo Et. all. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: UNESP, 2002.

BARITZ, Loren. *Backfire. A history of how American culture led us into Vietnam and made us fight the way we did*. New York: William Morrow & Co, 1985.

BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Wiconsin: University Wiconsin Press, 1978.

BERCOVITCH, Sacvan. *A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América*. In: SACHS, Viola. (Et. All.). Brasil e Estados Unidos: Religião e identidade nacional. Rio de Janeiro: Grall, 1988.

BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.

BERNSTEIN, Michael. "The Great Depression as historical problem". OAH magazine of history. Vol.16. Nº1. Fall, 2001.

BRENNER, Robert. *Novo Boom ou Nova Bolha? A trajetória da economia norte-americana*. In: Contragolpes; seleção de artigos da New Left Review. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006.

BRINKLEY, Allan. "The problem of American conservatism". American historical review. Vol. 99, Nº 2 (Apr. 1994), PP. 409-429.

BROWN, Wendy. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism and De-Democratization. In: *Political Theory*. vol. 34, n. 690, 2006.

BRUNDAGE, W. Fitzhugh. *Lynching in the New South: Georgia and Virginia, 1880-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1993.

BURGOYNE, Robert. *A nação do filme: Hollywood examina a história dos Estados Unidos*. Trad. René Loncan. Brasília: Editora da Unb, 2002.

BURIN, Eric. *Slavery and the Peculiar solution: A history of the American Colonization Society*. Miami: University Press of Florida, 2005.

CHAPPELL, David. *Uma Pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow*. In: Tempo – Revista da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008.

COONEY, Robert; MICHALOWSKI, Helen. *The Power of the People: Active Nonviolence in the United States*. Culver City: Peace Press, 1977.

CRUNDEN, Robert. *Uma breve história da cultura americana*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.

DAVIES, Philip John (org). *Representing and Imagining America*. Cornwall/England, Keele University Press.1996.

DENNING, Michael. *The Laboring of American Culture in the Twentieth Century*. Nova York: Verso, 1998.

DEXTER, Byron. *Herbert Croly and the Promise of American Life*. In: *Political Science Quarterly*, Vol. 70, Nº. 2 (Jun., 1955), pp. 197–218.

DIGGINS, John Patrick. *The Rise and Fall of the American Left*. New York & London: W. W. Norton & Co., 1992.

DWECK, Ruth Helena. *O federalismo norte-americano: questão fiscal – “Reaganomics”*. In: Transit Circle, Revista Brasileira de Estudos Americanos, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003.

EKIRCH JR, Arthur. *A democracia americana; teoria e pratica*. Zahar: Rio de Janeiro. 1963.

ENLOE, Cynthia H. *Ethnic Soldiers: State Security in Divided Societies*. Atlanta: Georgia University Press, 1980.

FARBER, David. *The Age of Great Dreams: America in the 1960s*. Hill and Wang, 1994.

FINGUERUT, Ariel. *Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos*. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins. (Org.). *Uma Nação com alma de Igreja. Religiosidades e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FINGUERUT, Ariel. *Conservadorismo nos Estados Unidos, um conceito fora de lugar?* In: *Sem Diplomacia – Um mundo de equilíbrios precários*. (Org.) AYERBE, Luis Fernando. São Paulo: Ed. da UNESP, 2015.

FONER, Eric. *Nada além da Liberdade: A emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: paz e terra, 1988.

FONER, Eric. *Reconstruction: America’s Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1988.

FREDRICKSON, George M. *The Black Image in the White mind. The debate on Afro-American Character and destiny, 1817 – 1914*. Hanover: Wesleyan University Press, 1987.

GERSTLE, Gary. The protean character of American liberalism. In: *American historical review*, Vol. 99, Nº. 4, Out. 1994.

GERSTLE, Gary. *American Crucible. Race and Nation in the Twentieth Century*. Princeton and Oxford, Princeton University Press. 2001.

GERSTLE, Gary. *Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da Guerra*. In: Tempo – Revista da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008.

GERSTLE, Gary. *Raça e Nação nos Estados Unidos, México e Cuba, 1880-1940*. In: DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GERSTLE, Gary. *Minorities, Multiculturalism, and the presidency of George W. Bush*. In: ZELIZER, Julian E. *The presidency of George W. Bush*. Princeton University Press, 2010.

GORHAM, Eric B. *National Service, citizenship and Political Education*. Albany: State University of New York Press, 1992.

GREGORY, James N. *The southern diaspora: how the great migrations of Black and White Southerners transformed America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005.

GREENE, Jack P. *Identidades dos estados e identidade nacional à época da Revolução Americana*. In: DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GREENHOUSE, Linda. SIEGEL, Reva B. *Before Roe vs Wade: Voices that shaped the abortion before the Supreme Court's rule*. (In) Yale Law School, 2012.

GROSSMAN, James R. *Land of hope: Chicago, Black southerners, and the Great Migration*. Chicago and London: The University of Chicago Press, [1989] 1991.

HIMMELSTEIN, Jerome L. *To the right: the transformation of American conservatism*. Berkeley: University of California Press, 1990.

HOADLEY, John F. Health Care in the United States: Access, Costs, and Quality. PS, Vol. 20, No. 2 (Spring, 1987), pp. 197-201.

HOFSTADTER, Richard. *The Age of Reform: From Bryan to F. D. R*. New York: Alfred A. Knop, [1955] 1965.

HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition and the Men Who Made It*. New York: Vintage Books, [1948] 1989.

HUREWITZ, Daniel. *Bohemian Los Angeles and the Making of Modern Politics*. Berkley: University of California Press, 2007.

ISSERMAN, Maurice & KAZIN, Michael. *America divided: The civil war of the 1960s*. New York: Oxford University Press, 2004.

JENKINS, Craig J. & ECKERT, Craig M. *The Right turn in economic policy: business elites and the new conservative economics*. In: Sociological Forum, Vol.15, Nº2. jun, 2000, P.327-330.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *O Imaginário da Conquista do Oeste e as Representações sobre a América Latina na revista Seleções do Reader's Digest*. In: VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, nº 23, Jul/00, p.97-108.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte americano*. In: MARGEM, SÃO PAULO, Nº 17, P. 163-171, JUN. 2003.

KARNAL, Leandro. Estados Unidos, Liberdade e cidadania. In: PINSKY, Jamie; PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *História da cidadania*. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. New York: Basic Books, 1996.

KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement: abridged edition of "From Jim Crow to civil rights: the Supreme Court and the struggle for racial equality"*. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

LAFFEBER, Walter. *The American Age: United States foreign policy at home and abroad*. New York: W.W. Norton & Company, 1994.

LEOGRANDE, William. *Our Own Backyard: The United States in Central America, 1977 – 1992*. The University of North Carolina Press, 1998.

LENS, Sidney. *A fabricação do Império Americano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LIMONCIC, Flávio. *A promessa da vida Americana: Herbert Croly, as "discriminações construtivas" e a questão do Estado Norte-Americano*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal: a construção do sistema norte-americano de relações de trabalho nos anos 1930*. In: *Transit Circle: Revista Brasileira de Estudos Americanos*. Vol 2, Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

LIMONCIC, Flávio. *A grande transformação da economia americana: o New Deal e a promoção da contratação coletiva do trabalho*. In: LIMA, João Gabriel; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. (Org.) *A Grande Depressão: Política e economia na década de 1930 – Europa, América, África e Ásia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

LOGAN, Rayford. *The Negro in American Life and Thought: The Nadir*. New York: Dial Press, 1954.

MARABLE, Manning. *Malcolm X: Uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARTINOT, Steve and JAMES, Joy. (eds.) *The Problems of Resistance: Studies in Alternate Political Cultures*. In: *Radical Philosophy Today*. v.2. New York: Humanity Books, The Proceedings of the Radical Philosophy Association National Meeting, 1998.

MATUSOW, Allen. *The Unraveling of America: a history of Liberalism in the 1960s*. New York: Harper & Row Publishers, 1984.

McGERR, Michael. *A Fierce Discontent: the rise and fall of the Progressive movement in America, 1870-1920*. New York: Oxford University Press, 2005.

McPHERSON, James M. *The Negro's civil war: how American Blacks felt and Acted during the war for the union*. Nova York: Vintage Civil War Library, 2003.

MEDEIROS, Sabrina Evangelista. *Reflexões sobre a evolução da New Right nos Estados Unidos Contemporâneo*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MATTOS, Hebe; FRAGOSO, João. *Escritos sobre história e educação: homenagem a Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001.

MEIER, August, BRACEY Jr., John H. *The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: "To Reach the Conscience of America"*. In: *The Journal of Southern History*, Vol. 59, n. 1 (Feb., 1993), pp. 3-30.

MESSADIÉ, Gerald. *A crise do mito americano. Réquiem para o super- homem*. São Paulo: Ática, 1989.

MINTZ, Steven; ROBERTS, Randy. *Hollywood's America. United States History Through Its Films*. Nova York: Brandywine Press, 1993.

MINTZ, Beth; PALMER, Donald. "Business and Health Care Policy Reform in the 1980s: The 50 States". *Social Problems*, Vol. 47, No. 3 (Aug., 2000), pp. 327-359.

MORGAN, Edmund S. *Escravidão e liberdade: o paradoxo americano*. In: *Estudos Avançados*. Vol. 14, n. 38, São Paulo, jan/abr 2000.

MOSES, Greg. *Revolution of Conscience: Martin Luther King, Jr., and the Philosophy of Nonviolence*. New York: The Guilford Press, 1997.

MOWRY, George E. *The Era of Theodore Roosevelt and the Birth of Modern America, 1900-1912*. New York: Harper & Row, [1958] 1962.

MOWRY, George E. *The California Progressives*. Chicago: Quadrangle Books, [1951] 1963.

NGAI, Mae. *Impossible Subjects: illegal aliens and the making of modern America*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2004.

NGAI, Mae. *A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921 – 1965*. In: Tempo – Revista da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, Vol. 13, Nº 25, Jul. – Dez. 2008.

NYE, Joseph. *O paradoxo do poder americano. Por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*. São Paulo: UNESP, 2002.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos. Representações da identidade Nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

OMI, Michael; WINANT, Howard. “Racial Formations”. *Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s*, Routledge, 1994.

PACKARD, Jerrold M. *American Nightmare: the history of Jim Crow*. New York: St. Martin’s Press, 2002.

PAINTER, Nell. *Relações Raciais, história e política pública: os casos de fraude eleitoral no Estado do Alabama em 1985*. In: BERLOWITZ, Leslie; DONOGHUE, Denis; MENAND, Louis. *A América em teoria*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1993.

PAMPLONA, Marco Antonio. *Revendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995.

PELLS, Richard H. *The liberal mind in a conservative age: American Intellectuals in the 1940 and 1950*. Middleton, Connecticut: Wesleyan University Press, 1985.

PERSELL, Caroline; COOKSON, Peter. *Internatos de elite ou a doença do poder*. In: LINS, Daniel; WACQUANT, Loïc. (Orgs.). *Repensar os Estados Unidos: por uma sociologia do super poder*. Campinas: Papirus, 2003.

PIVEN, Frances F. CLOWARD, Richard A. *The new class war: Reagan’s attack on the welfare state and its consequences*. New York: Pantheon Books, 1982.

POCOCK, J. G. A. *America’s foundations, foundationalisms, and fundamentalisms*. *Orbis*, 49, Nº 1, 2004.

POGGI, Tatiana. *Os Opositores conservadores do New Deal*. In: Revista Eletrônica da ANPHLAC: Número 7, Página 27-56, São Paulo. 2008.

PRINCE, Stephen. *A new pot of gold: Hollywood under the eletronic rainbow, 1980-1989*. University of California Press: Berkley, 2000.

PURDY, Sean. *O Século Americano*. KARNAL, Leandro. Et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

PURDY, Sean. *Falsas Promessas: Neoliberalismo e a Reforma da Habitação Pública na América do Norte, 1990-2007*. Outubro (São Paulo), v. 18, p. 46-68, 2009.

ROBERTSON, James Oliver. *American Myth, American Reality*. New York: Hill & Wang, 1994.

RODEGUERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/Humanitas, v. 22, n. 44, 2003.

RORTY, Richard. *Para realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*. Rio de Janeiro: DP & A Editora.

SANNEH, Lamin. *Abolitions Abroad: American Blacks and the Making of Modern West Africa*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

SAXE-FERNÁNDEZ, John. *Os fundamentos da “direitização” nos Estados Unidos*. In: CUEVA, Augustin (Coord.). *Tempos conservadores*. São Paulo: Hucitec, 1989.

SCHNEIDER, Gregory L. *Conservatism in America since 1930: a reader*. New York and London: New York University Press, 2003.

SCHRECKER, Ellen. *The Age of McCarthyism: A Brief History with Documents*. New York: Bedford books, 1994.

SCOTT, Donald. *Great Migration*. In: BROWN, Nikki L. M.; STENTIFORD, Barry M. (eds.). *The Jim Crow Encyclopedia*. V. 1: A-J. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2008.

SEIDMAN, Steve. *Embattled Eros: Sexual politics and ethics in contemporary America*. New York: Routledge, 1992.

SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment. The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization 1800-1890*. Nova York, Harper Perennial. 1994.

SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of The American Frontier, 1600-1860*. New York, Harper Perennial, 1996.

SMITH, J. Douglas. *Managing White Supremacy: race, politics, citizenship in Jim Crow Virginia*. Chapel Hill: The University Carolina Press, 2002.

SMITH, Robert C. *Conservatism and racism: and why in America they are the same*. Albany, New York: Sunny Press, 2010.

STARR, Paul. *Freedom's Power: the true force of liberalism*. New York: Basic Books, 2007.

STERNESHER, B. *Consensus, Conflict and American Historians*. Bloomington: Indiana University Press, 1975.

STEPHENS, Judith L. *Racial Violence and Representations: Performance Strategies in Lynching Dramas of the 1920s*. In: *African American Review*, Vol. 33, n. 4 (Winter, 1999), p.655-671.

STOUT, Mary. *Native American Boarding Schools*. Santa Barbara: Greenwood, 2012.

SYRETT, Harold C. (org.). *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980.

TOTMAN, Sally Ann. *How Hollywood projects Foreign Policy*. New York: Palgrave Macmillian St. Martin's Press. 2009.

TURNER, Frederick Jackson. *O Significado da Fronteira na História Americana*. In: Oeste Americano; Quatro ensaios de História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner. Trad. Paulo Knauss e Ina de Mendonça. EDUFF: Niterói, 2004.

VAUGHAN, Samuel. *Buckley: the Right Word*. Mariner Books, 1998.

YOUNG, James P. *Reconsidering American Liberalism: the troubled odyssey of the liberal idea*. Boulder: Westview Press, 1996.

WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade – estudos sobre marginalidade avançada*. Trad. João Roberto Martins Filho, Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.

WACQUANT, Loïc. *Crime e castigo nos Estados Unidos: de Nixon a Clinton*. In: Revista de Sociologia Política. Dossiê Cidadania e violência, Curitiba, 13, p. 39-50, nov. 1999.

WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. A onda punitiva*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WACQUANT, Loïc. *Da escravidão ao encarceramento em massa: repensando a “questão racial” nos Estados Unidos*. In: Contragolpes; seleção de artigos da New Left Review. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006.

WACQUANT, Loïc. *West Side Story: um bairro de alta insegurança em Chicago*. In: Margem esquerda; ensaios marxistas, Nº 8. São Paulo: Boitempo, 2006.

WALDSCHMIDT-NELSON, Britta. *Dreams and Nightmares: Martin Luther King Jr., Malcom X, and the Struggle for Black Equality in America*. Gainesville, FL: The University Press of Florida, 2012.

WAPSHOT, Nicholas. *Ronald Reagan and Margaret Thatcher: a political marriage*. New York: Sentinel, 2008.

WEINSTEIN, Barbara. *A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural*. In: Revista brasileira de historia, 1998, vol. 18, Nº 35.

WINITZ, Cary D. *African American Political Thought, 1890-1930*: Washington, Du Bois, Garvey, and Randolph, Armonk, NY: M. E. Sharpe, 1996.

WOLFE, Gregory. *Right minds: a sourcebook of American conservative thought*. Foreword by William F. Buckley Jr. Chicago & Washington: Regnery Books, 1987.

WOODWARD, C. Vann. *The Strange Career of Jim Crow*. New York: Oxford University Press, 1974.

Artigos e Críticas de filmes

HACKER, Andrew. "Liberal Democracy and Social Control". In: American Political Science Review, 1957, vol. 51.

LAGON, Mark P. *The International System and the Reagan Doctrine: Can Realism Explain Aid to 'Freedom Fighters'?* In: Reviewed work(s): Source: British Journal of Political Science, Vol. 22, No. 1 (Jan., 1992), pp. 39-70.

MCINERNEY, Peter. "Straight" and "Secret" History in Vietnam War Literature. In: Contemporary Literature Vol. 22, No. 2 (Spring, 1981), pp. 187-204.

MCKINNEY, Devin. *Born on the Fourth of July by Oliver Stone*. In: Film Quarterly, Vol. 44, No. 1 (Autumn, 1990), pp. 44-47.

SAUNDERS, Frances Stonor. *The cultural Cold War: the CIA and the world of arts and letters*. New York: The New Press, 1999.

STUDLAR, Gaylyn & DESSER, David. *Never Having to Say You're Sorry: Rambo's Rewriting of the Vietnam War*. In: Film Quarterly, Vol. 42, No. 1 (Autumn, 1988), pp. 9-16.

STURKEN, Marita. *Reenactment, Fantasy, and the Paranoia of History: Oliver Stone's Docudramas*. In: History and Theory, Vol. 36, No. 4, Theme Issue 36: Producing the Past: Making Histories Inside and Outside the Academy (Dec., 1997), pp. 64-79.

VAUGHN, Stephen. *Ronald Reagan and the Struggle for Black Dignity in Cinema, 1937-1953*. In: The Journal of African American History, Vol. 87, The Past before Us (Winter, 2002), pp. 83-97.

VIANNA, Alexander Martins. *Neonazismo e Neoliberalismo – o enlace esquecido*. História & Ensino, Londrina, v. 8, p. 121-142, out. 2002.

VIANNA, Alexander Martins. 'Colors', o gênero policial e a crítica distópica. Disponível em: espacoacademico.wordpress.com/2013/06/26/colors-o-genero-policial-e-a-critica-distopica/. Acesso: 07/10/13.

REGAN, Patrick M. *War Toys, War Movies, and the Militarization of the United States, 1900-85*. In: Journal of Peace Research, Vol. 31, No. 1 (Feb., 1994), pp. 45-58.

ROLLINS, Peter C. *The Vietnam War: Perceptions Through Literature, Film, and Television*. In: *American Quarterly*, Vol. 36, No. 3 (1984), pp. 419-432.

ŽIŽEK, Slavoj. *Dictatorship of the Proletariat in Gotham City*. Disponível em: blogdaboitempo.com.br. Acesso: 22/07/15.

WILLIAMS, Douglas E. *Ideology as Dystopia: An Interpretation of "Blade Runner"*. In: *International Political Science Review / Revue internationale de science politique*, Vol.9, No. 4 (Oct., 1988), pp. 381-394.

Teses e Dissertações

AZEVEDO, Cecília. *Em nome da "América": os corpos da paz no Brasil (1961-1981)*. Tese de doutorado – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BRITO, Luciana da Cruz. *Impressões Norte-americanas sobre a escravidão, abolição e Relações raciais no Brasil escravista*. Tese de doutorado em História Social – FFLCH-USP, São Paulo, 2014.

CARDOSO, Mauricio. *História e Cinema: Um estudo de São Bernardo (Leon Hirszman, 1972)*. Dissertação de mestrado em História Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2002.

CARDOSO, Maurício. *O cinema Tricontinental de Glauber Rocha: política, estética e revolução (1969-1974)*. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2007.

ESPINOSA, Nanci. *Hollywood e a contenção do "mal": Propaganda e legitimação das ações de repressão ao comunismo na Era McCarthy, 1947-1954*. Dissertação de mestrado em História Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2015.

FINGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*. Dissertação em Sociologia defendida na UNESP. Araraquara, São Paulo, 2008.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. Dissertação de mestrado em História Social – FFLCH-USP, São Paulo, 2010.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O NOVO NEGRO EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL; Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese de doutorado em História Social – FFLCH-USP, São Paulo, 2014.

GUERRA, Fábio Vieira. *Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos Estados Unidos (1961-1981)*. Dissertação de mestrado, UFF – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970)*. Tese de doutorado, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LIMA, Barbara. *Entre Ruanda e Kosovo: A política externa dos Estados Unidos e a questão do Direito de Ingerência durante a gestão Bill Clinton (1994-1999)*. Dissertação de mestrado UFRJ, Programa de Pós graduação em História comparada, Rio de Janeiro: 2008.

MESQUITA, Luciano Pires. *A “Guerra do pós Guerra: O cinema norte Americano e a Guerra do Vietnã”*. Dissertação de mestrado, UFF – Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2004.

MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação: Mestrado em História - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “Novo” Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis: 1910-1920*. Dissertação de mestrado em História Social – FFLCH-USP, São Paulo, 2015.

RAMOS, Alcides Freire. *Canibalismo dos Fracos. Cinema e História do Brasil*. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

REIS, Rossana Rocha. *Construindo fronteiras: políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998)*. Tese de doutorado no Programa de Pós Graduação em Ciências Políticas, FFLCH-USP, São Paulo, 2002.

ROSSI, Samuel. *Reagan, Rambo, and the Red Dawn: The Impact of Reagan's Presidency on Hollywood of the 1980's*. Dissertação: Mestrado em artes e ciências. University of Ohio, Columbus, 2007.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *Guerra das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin Delano Roosevelt (1933-1945)*. Dissertação: Mestrado em História – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PINHEIRO, Pedro Portocarrero. *Para entender o fenômeno Carter: Governo, Partido e Movimentos sociais num contexto de crise*. Dissertação de mestrado, UFF, Niterói, 2013.

SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Não diga que não somos Brancos: Os projetos de colonização para Afro-americanos do governo Lincoln na Perspectiva do Caribe, América Latina e Brasil dos anos 1860*. Tese de doutorado em História Social, FFLCH – USP, São Paulo, 2013.

SILVA, Rodrigo Candido. *Programados para matar: Rambo, Reagan e a emergência da nova guerra fria (1981-1988)*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SILVA, Michelly Cristina. *Cinema, Propaganda e Política: Hollywood e o Estado na construção de representações da União Soviética e do Comunismo em Missão em Moscou (1943) e Eu Fui um Comunista para o FBI (1951)*. Dissertação de mestrado em Historia Social, FFLCH – USP. São Paulo, 2013.

SOUSA, Rodrigo Farias de. *William F. Buckley Jr., A National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos Estados Unidos, 1955-1968*. Tese de doutorado em História social. UFF, Niterói, 2013.

SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana*. Tese de Doutorado, orientadora: Cecília Azevedo, UFF, Niterói, 2005.

TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política (1983)*. 2010. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VALIM, Alexandre B. *Imagens vigiadas: uma história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*. Tese de Doutorado, UFF, Niterói, 2006.

Filmografia citada

Amargo regresso (1978)

A luta pela Esperança (2005)

A outra história americana (1998)

Apocalypse Now (1979)

Batman O cavaleiro das trevas ressurge (2012)

Beleza americana (1999)

Boa noite, e Boa Sorte! (2005)

Brown (2015)

Clube de compras Dallas (2013)

Colors (1988)

Corrida mortal (2008)

Crash – no limite (2005)

Curtindo a vida adoidado (1986)

Dear White people (2014)

Efeito borboleta (2004)
Escritores da liberdade (2007)
Exterminador do futuro (1984)
Filadélfia (1992)
Forrest Gump (1996)
Gran Torino (2008)
Mad Max (1979)
Meu querido companheiro (1989)
Milk (2008)
Nascido para matar (1987)
Nos embalos de sábado a noite (1977)
O Exército Inútil (1983)
Os boinas verdes (1968)
O franco atirador (1978)
O mordomo da Casa branca (2013)
O Nascimento de uma nação (1915)
O Resgate do Soldado Ryan (1996)
O Ultimo dos Moicanos (1992)
Rambo (1982) (1985) (1988)
Selma: Uma luta pela igualdade (2014)
Quando Éramos Reis (1996)
The Normal Heart (2014)
Trumbo: a lista negra (2016)